



Loïc Wacquant

CORPO E ALMA

Notas etnográficas de um aprendiz de boxe

RELUME DUMARÁ

Loïc Wacquant

Corpo e alma

Notas etnográficas de um aprendiz de boxe

Tradução
Angela Ramalho

RELUME DUMARÁ
Rio de Janeiro
2002

Título original: Corps et âme – Carnets
ethnographiques d'un apprenti boxeur
© 2001 – Éditions Agone, Marseille, France
© Copyright 2002
Copyright da tradução com os
direitos cedidos para esta edição à
DUMARÁ DISTRIBUIDORA DE PUBLICAÇÕES LTDA.
www.relumedumara.com.br
Travessa Juraci, 37 – Penha Circular
21020-220 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 2564 6869 Fax: (21) 2590 0135
E-mail: relume@relumedumara.com.br

Revisão
Claudia Rubim

Editoração
Dilmo Milheiros

As fotos deste livro foram tiradas pelo autor, exceto as fotos das páginas: 149, de Michel Deschamps; 257, de Olivier Hermine; 270 e 289, de Jimmy Kitchen; 282, de Mark Chears; 287, de Ivan Ermakoff; 294, de Jim Lerch.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

W119c

Wacquant, Loïc J. D.
Corpo e alma : notas etnográficas de um aprendiz de boxe / Loïc Wacquant / tradução Angela Ramalho – Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2002

Tradução de: Corps et âme : carnets ethnographiques d'um apprenti boxeur
ISBN 85-7316-281-3

1. Boxe – Aspectos sociais – Chicago (Estados Unidos). 2. Wacquant, Loïc J. D. I. Título. II. Título: Notas enográficas de um aprendiz de boxe.

CDD 796.83
02-0868 CDU 796.83

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.988.

A Elisabeth, pelos nossos anos juntos em Chicago

Sumário

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA
O SABOR E A DOR DA AÇÃO 11

PRÓLOGO 19

A RUA E O RINGUE 31
Uma ilha de ordem e de virtude 35
Um templo do culto pugilístico 50
As promessas do boxe 59
Os jovens que "venceram a rua" 60
A lei do *gym* 76
Uma prática sabiamente selvagem 78
O trabalho nos *pads* 83
A iniciação 90
Lógica social do *sparring* 97
1. A escolha do parceiro 100
2. Uma violência controlada 102
3. Um trabalho de percepção, de emoção e físico 107
Sessão de *sparring* com Ashante 108
Uma pedagogia implícita e coletiva 120
O chefe de orquestra 125
Uma aprendizagem visual e mimética 138
Administrar seu capital-corpo 147
Curtis: "Posso ganhar um milhão de dólares numa noite" 152
Butch: "Agora não posso deixar cair a peteca" 155
Algumas figuras da gestão do corpo 166

UMA NOITADA NO STUDIO 104 179
"Você tem medo que eu me ferre, porque
você já se ferrou" 181
A pesagem no Illinois State Building 187
"O boxe é minha vida, minha mulher, meu amor" ... 189
"Você nunca pode subestimar um boxeador" 200
Uma tarde de ansiedade 202
O destino macabro dos companheiros de infância 206
Bem-vindo ao Studio 104 211
"São otários" 215
"Sempre quis ser um artista de palco" 218
"Eles estão tremendo de medo" 224
Preliminares lastimáveis 224
"Aventureiros, malandros e mergulhadores" 226
"Sou como alguém que vende e compra ações
na bolsa" 230
"Eles mesmos se classificam" 236
Strong vence Hannah com nocaute técnico no
quarto assalto 241
Abram alas para as dançarinas exóticas 252
"Você derruba mais dois caras, e eu paro de beber" 259

"BUSY LOUIE" NAS GOLDEN GLOVES 271

Todo grupo de pessoas – prisioneiros, primitivos, pilotos ou pacientes – desenvolve uma vida própria, que se torna significativa, racional e normal assim que nos aproximamos dele.

ERVING GOFFMAN, *Asylum*, 1961

Dificuldades objetivas. Perigo da observação superficial. Não "acreditar". Não acreditar que se sabe porque se viu; não fazer qualquer julgamento moral. Não se espantar. Não se deixar levar. Procurar viver na sociedade indígena. Escolher bem os informantes. [...] A objetividade deve ser buscada tanto na exposição como na observação. Dizer o que se sabe, tudo o que se sabe, nada mais do que se sabe.

MARCEL MAUSS, *Manual d'ethnographie*, 1950

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

O sabor e a dor da ação

Nihil humanum alienum est.
Baruch Spinoza

Espécie de *Bildungsroman* sociológico-pugilístico que retraça uma *experiência* pessoal de iniciação a um ofício do corpo tanto mais reconhecido por sua simbólica heróica – Mohammad Ali sem dúvida alguma, mais do que o próprio Pelé, é o homem vivo mais célebre e celebrado do planeta – quanto desconhecido em sua realidade prosaica, este livro é também uma *experimentação* científica. Ele desejaria fornecer uma demonstração em atos da fecundidade de uma abordagem que leva a sério, tanto no plano teórico quanto metodológico e retórico, o fato de que o agente social é, antes de mais nada, um ser de carne, de nervos e de sentidos (no duplo sentido de sensual e de significante), um "ser que sofre" (*leidenschaftliches Wesen*, dizia o jovem Marx em seus *Manuscritos de 1844*) e que participa do universo que o faz e que, em contrapartida, ele contribui para fazer, com todas as fibras de seu corpo e de seu coração. A sociologia deve se esforçar para capturar e restituir essa dimensão carnal da existência, particularmente espantosa no caso do pugilismo, mas na verdade partilhada, em graus diversos de visibilidade, por todos e por todas, através de um trabalho metódico e minucioso de detecção e de registro, de decodificação e de escritura capaz de capturar e transmitir o sabor e a dor da ação, o som e a fúria do mundo social que as abordagens estabelecidas das ciências do homem colocam tipicamente em surdina, quando não os suprimem completamente.

Para tanto, nada como a imersão iniciática e mesmo a *conversão moral e sensual* ao cosmo considerado como técnica de observação e de análise que, com a condição expressa de que ela seja

teoricamente instrumentada, deve permitir ao sociólogo apropriar-se na e pela prática dos esquemas cognitivos, éticos, estéticos e conativos que põem em operação cotidiana aqueles que o habitam. Se é verdade, como afirma Pierre Bourdieu, que nós "aprendemos pelo corpo", e que "a ordem social inscreve-se no corpo por meio desse confronto permanente, mais ou menos dramático, mas que sempre abre um grande espaço para a afetividade", então impõe-se que o sociólogo submeta-se ao fogo da ação *in situ*, que ele coloque, em toda a medida do possível, seu próprio organismo, sua sensibilidade e sua inteligência encarnadas no cerne do feixe das forças materiais e simbólicas que ele busca dissecar, que ele se arvore a adquirir as apetências e as competências que tornam o agente diligente no universo considerado, para melhor penetrar até o âmago dessa "relação de presença no mundo, de estar no mundo, no sentido de pertencer ao mundo, de ser possuído por ele, na qual nem o agente nem o objeto estão postos como tal",[1] e que, no entanto, os define, aos dois, como tais, e ata-os com mil laços de cumplicidade, mais fortes ainda porque são invisíveis. Isso quer dizer que os boxeadores têm, aqui, muito a nos ensinar sobre o boxe, é claro, mas também e principalmente sobre nós mesmos.

Seria no entanto artificial e enganoso apresentar a pesquisa da qual este livro fornece um primeiro relato de predominância narrativa (como prelúdio e primeiro passo de uma segunda obra mais explicitamente teórica) como se ela estivesse animada pela vontade de provar o valor da sociologia carnal e de comprovar concretamente sua validade. Porque na realidade foi o inverso que aconteceu: é a necessidade de compreender e dominar plenamente uma experiência transformadora que eu não desejara nem previra, e que por muito tempo permaneceu confusa e obscura para mim, que me levou a tematizar a necessidade de uma sociologia não somente do corpo, no sentido de objeto (o inglês fala *of the body*), mas também a partir do próprio corpo como instrumento de investigação e vetor de conhecimento (*from the body*).

Aterrissei na academia de boxe de Woodlawn por engano e por acaso. Estava na época procurando um ponto de observação para ver, ouvir e tocar de perto a realidade cotidiana do gueto norte-americano, cujo estudo eu empreendera, por convite e em

colaboração estreita com o eminente sociólogo William Julius Wilson,[2] mas do qual eu não tinha a menor percepção prática, tendo crescido em uma família de classe média de uma pequena cidade do sul da França. Pareceu-me de imediato impossível, por razões ao mesmo tempo éticas e epistemológicas, escrever sobre este South Side sem nele realizar meus passeios sociológicos, quando ele expunha sua miséria arrasadora sob minha varanda (literalmente, porque recebera da Universidade de Chicago exatamente o último apartamento disponível em seu parque de alojamentos, aquele que ninguém quisera, porque estava justamente situado na linha de demarcação do bairro negro de Woodlawn, balizado, a cada cinqüenta metros, pelos telefones brancos que permitem que se façam chamados de urgência para as viaturas da polícia privada da universidade, caso necessário). E porque a sociologia normal das relações entre classes, castas e Estado na metrópole norte-americana parecia-me estar formigando de falsos conceitos que lançam uma tela sobre a realidade do gueto que projeta o senso comum racial (e racista) da sociedade nacional, a começar pelo conceito de *underclass*, neologismo bastardo que permite comodamente evacuar a dominação branca e a imperícia das autoridades do front social e urbano, focalizando a atenção sobre a ecologia dos bairros pobres e o comportamento "anti-social" de seus habitantes.[3]

Após vários meses da busca infrutífera de um lugar onde me imiscuir para observar a cena local, um amigo francês e judoca levou-me ao *gym* da rua 63, somente a dois *blocs* [passos] de minha casa, mas situado em um outro planeta, por assim dizer. Matriculei-me imediatamente, por curiosidade e porque estava evidente que aquele era o único meio aceitável de treinar ali e de me encontrar com os jovens do bairro. E desde a primeira seção dei início a um diário etnográfico, sem desconfiar nem um minuto que iria permanecer na academia mais de três anos e que, assim sendo, iria acumular duas mil e trezentas páginas de notas brutas em que eu anotava religiosamente, a cada noite, durante horas, os acontecimentos, as interações e as conversas do dia. É que uma vez ingressado no Woodlawn Boys Club encontrei-me confrontado com meu corpo, diante de um triplo desafio.

O primeiro era bruto e até mesmo brutal: será que eu seria

capaz de *aprender esse esporte* dentre todos, os mais exigentes e rudes, de controlar seus rudimentos de modo a conquistar um pequeno lugar no universo ao mesmo tempo fraternal e competitivo da luta, de entretecer com os membros da academia relações de respeito e de confiança mútuos e, portanto, finalmente, de realizar meu trabalho de pesquisa sobre o gueto? A resposta levou vários meses para chegar. Depois de um começo difícil e doloroso, durante o qual minha inaptidão técnica só era igual a meu sentimento de frustração e, às vezes, de desânimo (aqueles que mais tarde se tornaram meus mais queridos companheiros de ringue apostavam, na época, na minha desistência iminente), consegui melhorar minha condição física, enrijecer minha condição mental, adquirir os gestos e embeber-me da tática do pugilista. Fiz minhas aulas no solo, depois fiz minhas provas entre as cordas, "treinando" regularmente com os boxistas da academia, amadores e profissionais, antes de me engajar, com o apoio entusiasmado de todo o clube, no grande torneio das *Golden Gloves* de Chicago e de chegar mesmo a tentar, mais tarde, me "tornar profissional"/Adquiri um conhecimento prático e afinei meus julgamentos sobre a Nobre Arte a ponto do velho treinador DeeDee pedir, um dia, que eu o substituísse como "segundo" em um combate importante que deveria transformar Curtis no boxista estrela de Woodlawn, e ele gostava de predizer que um dia eu iria abrir minha própria academia de boxe: "*You gonna be a helluva coach one day, Louie, I know that.*"

Nem bem passara por essa barreira inicial e preenchido a condição mínima necessária para minha inserção permanente no ambiente e eu já estava confrontado com um segundo desafio, o do meu projeto inicial: será que eu poderia apreender e explicar as relações sociais no gueto negro a partir de minha inserção neste local particular? A imersão demorada nessa pequena academia de boxe e a participação intensiva nas trocas que aí se estabeleciam no dia-a-dia permitiram-me – em todo caso, aos meus olhos, mas o leitor poderá julgar por si mesmo – reconstruir de cima a baixo minha compreensão do que é um gueto em geral e do que é a estrutura e o funcionamento concreto do gueto negro de Chicago, em uns Estados Unidos pós-fordista e pós-keynesiano do final do século XX, em particular, sobretudo naquilo que o distingue dos bairros marginais de outras sociedades avançadas.[4] Começando por recusar a falsa idéia, profundamente ancorada na sociologia norte-americana das relações entre divisão racial e marginalidade urbana desde os primeiros trabalhos da Escola de Chicago, de que o gueto é um universo "desorganizado", caracterizado pela falta, a carência e a ausência. O *gym* permitiu-me questionar com eficácia, ligando trabalho teórico e observação empírica contínua, a visão "orientalizante" do gueto e de seus habitantes, assim como repatriar para o âmago de seu estudo as relações de poder que o caracterizam, com propriedade, como instrumento de exploração econômica e de ostracização social de um grupo desprovido de honra étnica, uma forma de "prisão etnoracial" na qual estão confinados os párias dos Estados Unidos.[5]

Restava o terceiro desafio, o mais formidável, aquele que eu estava a anos-luz de imaginar ter de enfrentar um dia, ao abrir a porta do Woodlawn Boys Club e para o qual esta obra dá uma primeira resposta parcial e provisória (assim como todas as investigações científicas, mesmo quando elas se disfarçam como relatos): como dar conta, antropologicamente, de uma prática tão intensamente corporal, de uma cultura totalmente cinética, de um universo no qual o mais essencial transmite-se, adquire-se e desdobra-se aquém da linguagem e da consciência – enfim, de uma instituição feita de homem(ns) e que se situa no limite prático e teórico da prática? Falando de outro modo: uma vez compreendendo o que é o ofício do boxeador, no sentido de ocupação, de estado social, mas também de mister e de mistério (segundo a etimologia da palavra *mestier*), "no corpo", com meus punhos e minhas vísceras, e estando eu mesmo tomado, capturado e cativado por ele, será que eu conseguiria retraduzir essa compreensão dos sentidos em linguagem sociológica e encontrar as formas expressivas adequadas para comunicá-la, sem com isso amenizar suas propriedades as mais distintivas?

A organização do livro segundo o princípio dos vasos comunicantes, a proporção de análise e de relato, de conceitual e de descritivo, invertendo-se progressivamente à medida que as páginas avançavam (de modo que o leitor profano pode percorrê-lo de trás para a frente para remontar à sociologia a partir do vivido, mas de um vivido sociologicamente construído), a

mestiçagem dos gêneros e dos modos de escrita, mas também o uso estratégico das fotos e das anotações pessoais, responde a esse cuidado de fazer o leitor entrar no cotidiano sensual e moral do pugilista comum, de fazê-lo palpitar ao longo das páginas junto com o autor, de modo a lhe fornecer todo o conjunto e a compreensão arrazoada dos mecanismos sociais e das forças existenciais que o determinam e a *aisthesis* particular que ilumina sua intimidade de combatente.[6] Ao entrar na fábrica do boxeador, elucidando "a coordenação desses três elementos, o corpo, a consciência individual e a coletividade" que o talham e fazem-no vibrar a cada dia, "é a própria vida, é todo o homem" que descobrimos.[7] E que descobrimos em nós.

Loïc Wacquant
Paris, maio de 2002

Notas

1. Bourdieu. Pierre. *Méditations pascaliennes*, Paris:Editions du Seuil, 1997, p. 168. [trad. bras.: *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001].
2. Nossa colaboração, que iria durar quatro anos, desfez-se no momento em que Wilson terminou sua obra que marcou os anos 80, *The Truly Disadvantaged* (Chicago: The University of Chicago Press, 1987).
3. Wacquant, Loïc. "A 'underclass' urbana no imaginário social e científico norte-americano". *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 31, outubro de 1977, pp. 37-50.
4. Uma primeira etapa desses trabalhos pode ser encontrada em meu livro *Os condenados da cidade*, Rio de Janeiro: Revan, 2001, com apresentação de Luiz César Queiroz de Ribeiro; ver também "Elias no gueto", *Revista de Sociologia e Política*, 10-11, primavera de 1998, pp. 213-221; e "A Zona", *in* Pierre Bourdieu *et al.*, *A miséria do mundo* (Petrópolis: Vozes, 1997, pp. 177-201).
5. Wacquant, Loïc. "Três premissas perniciosas no estudo do gueto norte-americano". *Mana: Estudos de Antropologia Social*, 2-2, outubro de 1999, pp. 145-161; " 'A Black City within the White': Revisiting America's Dark Ghetto", *Black Renaissance – Renaissance Noire*, 2-1, outono-inverno de 1998, pp. 141-151; e "A nova 'instituição particular': a prisão como substituto do gueto", *in* ____. *Punir os pobres* (Rio de Janeiro: Freitas Bastos, Coleção Pensamento Criminológico, 2001, pp. 99-112).
6. O leitor brasileiro irá encontrar um complemento disso em Loïc Wacquant, "Os três corpos do lutador profissional", *in* Daniel Soares Lins *et al.*, *A dominação masculina revisitada*, Campinas: Papirus, 1998, pp. 73-96; e "Putas, escravos e garanhões. Linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais", *Mana: Estudos de Antropologia Social*, 6-2, outubro de 2000, pp. 127-146.
7. Marcel Mauss, "Allocation à la société de psychologie" (1923), reeditado em *Oeuvres*, tomo 3: *Cohésion sociale et division de la sociologie*, Paris: Minuit, 1969, p. 281.

Prólogo

Em agosto de 1988, como resultado de um conjunto de circunstâncias,[1] inscrevi-me em um clube de boxe de um bairro do gueto negro de Chicago. Eu nunca praticara esse esporte e nem sequer havia passado pela minha cabeça praticá-lo. Exceto as noções superficiais e as imagens estereotipadas que qualquer pessoa pode formar a respeito dele, pela mídia, pelo cinema e pela literatura,[1] nunca havia tido qualquer contato com o mundo do pugilismo. Encontrava-me, portanto, na situação do perfeito noviço.

Durante três anos, participei dos treinamentos, ao lado dos boxeadores locais, amadores e profissionais, com cerca de três a seis sessões por semana, submetendo-me com aplicação a todas as fases de sua rigorosa preparação, o *shadow boxing* [sombra][*]

---

[1] Conjunto de circunstâncias provocado por meu amigo Olivier Hermine, a quem serei eternamente grato, por ter me levado ao clube Woodlawn. Gostaria de agradecer a Pierre Bourdieu, por ter me apoiado, desde o começo, em uma empreitada que, ao exigir o empenho da pessoa física, só poderia ser bem desenvolvida com o apoio moral constante. Seus encorajamentos, seus conselhos e sua visita ao Boys Club ajudaram-me, em meus momentos de dúvida (e de cansaço), a encontrar a força para persistir em minhas investigações. Meu reconhecimento vai também para todos aqueles colegas, parentes e amigos, demais para serem aqui nomeados, que me apoiaram, estimularam e reconfortaram durante e depois dessa pesquisa – eles sabem quem são e o que lhes devo –, e a Thierry Discepolo, pela energia e paciência com que trabalhou na produção dos originais. Enfim, não é preciso dizer que esse livro não existiria sem a generosidade e a confiança fraterna de meus *gym buddies* de Woodlawn e de nosso mentor DeeDee; espero que eles vejam aqui a marca de minha estima e de meu afeto indestrutíveis.

[*] Todas as palavras grafadas em inglês estão nesta língua no original. [N. T.]

diante do espelho, com o *sparring*,(*) no ringue. Para minha própria surpresa, e das pessoas que me eram próximas, pouco a pouco fui gostando do jogo, a ponto de passar todas as minhas tardes na academia do Woodlawn e de "calçar as luvas" do clube com regularidade, junto com os profissionais, antes de passar para o lado de dentro das cordas, para disputar minha primeira luta oficial, durante as Golden Gloves de Chicago – na embriaguez do mergulho, durante algum tempo, cheguei a pensar em interromper minha carreira universitária para "passar para o lado" dos profissionais e, assim, permanecer junto a meus amigos do *gym* e ao técnico, DeeDee Armour, que se tornou para mim um segundo pai.(2)

(*) O termo *sparring*, em português, refere-se apenas ao pugilista que pratica o exercício de boxe que simula uma luta, no ringue. Em inglês, o termo é empregado igualmente para o próprio exercício. Neste livro, *sparring* será usado nas duas acepções, pela impossibilidade de se adaptar todas as vezes o contexto em que a palavra é utilizada. Por conseguinte, serão encontradas expressões como "fazer *sparring*", "o *sparring*" [referindo-se ao exercício] etc. [N. T.]

(2) Como atesta essa nota, entre outras do mesmo tipo, escrita em meu diário de campo, em agosto de 1990: "Hoje me diverti tanto no *gym*, falando e rindo com DeeDee e Curtis, sentado na sala dos fundos e simplesmente *vivendo* e *respirando* ali, no meio deles, embebendo-me como uma esponja da atmosfera da sala, que senti um repentino sopro de angústia abafante diante da idéia de ter de voltar logo a Harvard [onde eu acabara de ser admitido]. Experimentei tal prazer simplesmente de *participar* que a *observação* tornou-se secundária e, francamente, estava dizendo a mim mesmo que, de bom grado, abandonaria meus estudos, minhas pesquisas e todo o resto para poder ficar aqui, boxeando, permanecer '*one of the boys*'. Sei que isso é completamente tolo e certamente irrealista, mas, nesse momento preciso, a perspectiva de migrar para Harvard, de apresentar um *paper* à ASA [congresso anual da American Sociological Association], de escrever artigos, ler livros, assistir a conferências e o *tutti fruti* universitário, acho tudo isso sem o menor sentido, deprimente, de tal forma morno (morto) em relação à alegria carnal pura e viva que me oferece o diabo desse *gym* (é preciso ver as cenas de disputa dignas de Pagnol entre DeeDee e Curtis!), que eu queria largar tudo, *drop out*, para ficar em Chicago. É verdadeiramente *crazy*. PB [Pierre Bourdieu], outro dia, me dizia que ele tinha medo de que eu me 'deixasse seduzir por meu objeto', mas se ele soubesse: já estou bem para lá da sedução!"

Depois disso, assisti a uns trinta torneios e "reuniões" de boxe realizados em diversos bares, cinemas e praças de esporte da cidade e do subúrbio, na qualidade de colega de academia e assistente, o parceiro *sparring* e confidente, "segundo" e fotógrafo, o que me valeu ter livre acesso a todas as encenações e a todos os bastidores do mundo da luta. Também acompanhei os boxeadores do meu *gym* "na estrada", por ocasião dos encontros organizados em outros lugarejos do Midwest e nos famosos (mas lastimáveis) cassinos de Atlantic City. E fui progressivamente assimilando as categorias de julgamento dos pugilistas, sob o bastão de DeeDee, conversando sem parar com ele, na academia, e dissecando as lutas na televisão, na casa dele, à noite, os dois sentados na sua cama, na cozinha do pequeno apartamento.

A amizade e a confiança que os freqüentadores de Woodlawn concederam-me fizeram com que eu pudesse me fundir com eles, no interior da academia, mas também que pudesse acompanhá-los em suas peregrinações cotidianas, do lado de fora, em busca de um emprego, de um lugar para morar, à cata de negócios no comércio do gueto, em suas alterações com as esposas, no escritório do seguro social ou na polícia, bem como em seus passeios sem destino, entre as galeras [*homies*] das terríveis cidades vizinhas. Assim, meus colegas de ringue me fizeram compartilhar de suas alegrias e dores, de seus sonhos e seus dissabores, dos piqueniques, das noites dançantes e de seus passeios familiares. Levaram-me para rezar em sua igreja, para cortar [*fade*] o cabelo no barbeiro deles, para jogar bilhar em seus bares favoritos, para escutar rap *ad nauseam*, e até para aplaudir o *Minister* Louis Farrakhan, por ocasião de um encontro político-religioso da Nação do Islã – no qual me vi, eu, o único descrente europeu entre dez mil devotos afro-americanos em transe. Vivi com eles três enterros, dois casamentos,[2] quatro nascimentos e um batismo, e assisti ao lado deles, com uma tristeza insondável, ao fechamento do *gym* de Woodlawn, condenado em fevereiro de 1992 e demolido um ano mais tarde, em uma operação de "renovação" urbana.

As notas tomadas no dia-a-dia, depois de cada sessão de treinamento, em meu diário de campo (inicialmente para ajudar-me a superar um profundo sentimento de mal-estar e de embaraço

físico, sentimento, sem dúvida alguma, redobrado pelo próprio fato de eu ser o único branco em uma academia freqüentada, na época do meu ingresso, exclusivamente por negros), assim como as observações, as fotos e gravações realizadas durante as lutas promovidas pelos membros de minha academia, forneceram a matéria para os textos que aqui se irão ler.(3)

Desde logo, parece que, para se ter alguma chance de escapar ao objeto pré-construído da mitologia coletiva, uma sociologia do boxe deve evitar o recurso fácil ao *exotismo pré-fabricado* da vertente pública e publicada da instituição – as lutas, grandes ou pequenas, o heroísmo da ascensão social do miraculado (Marvellous Marvin Hagler: do gueto à glória, clama com eloqüência um cartaz pendurado em uma das paredes do Woodlawn Boys Club), a vida e a carreira fora do comum dos campeões. Ela deve apreender o boxe pelo seu lado menos conhecido e espetacular: a cinzenta e lancinante rotina dos treinamentos na academia, da longa e ingrata preparação, inseparavelmente física e moral, que preludia as breves aparições sob as luzes da rampa, os ritos ínfimos e íntimos da vida do *gym*, que produzem e reproduzem a crença que alimenta essa economia corporal, material e simbólica muito particular que é o mundo do pugilismo. Para evitar, portanto, o excesso da sociologia espontânea, que a evocação das lutas não deixa de suscitar, é preciso não subir ao ringue pensando na figura extraordinária do campeão, mas socar os aparelhos, ao lado de boxistas anônimos, no contexto habitual do *gym*.

(3) Essas observações etnográficas foram completadas e entremeadas, no fim do percurso, pela coleta das histórias de vida dos principais membros do clube de Woodlawn, por uma série de entrevistas de profundidade com alguns pugilistas profissionais então atuantes no estado de Illinois, assim como com seus treinadores e empresários, e pelo exame da literatura "indígena" (revistas e cartas com informações especializadas, biografias e autobiografias) e seus derivados eruditos (escritos literários e historiográficos). Também freqüentei três outros ginásios profissionais de Chicago e visitei uma dezena de outros clubes nos Estados Unidos e na Europa. Depois que deixei Chicago, tornei-me membro de três academias de boxe, em Boston, Nova York e Oakland.

A outra virtude de uma abordagem com base na observação participante (que, no caso presente, é mais uma "participação observante") em uma banal academia de treinamento é que os materiais assim produzidos não padecem do "paralogismo ecológico" que afeta a maior parte dos estudos e relatos disponíveis sobre a Nobre Arte. Assim, nenhuma das declarações aqui relatadas foram expressamente solicitadas: os comportamentos descritos são aqueles do boxeador em seu "hábitat natural"[3] e não a (re)apresentação teatralizada e altamente codificada que ele gosta de fazer de si mesmo em público, e que as reportagens jornalísticas e os romances retraduzem e louvam segundo seus cânones próprios.

Ao romper com o discurso moralizante – que alimenta, indiferentemente, a celebração e a difamação – produzido pelo "olhar distante" de um observador externo, colocado na retaguarda ou acima do universo específico, este livro gostaria de sugerir provisoriamente como o pugilismo "faz sentido" quando se toma o cuidado de dele nos aproximarmos o suficiente para apanhá-lo *com o seu corpo*, em situação quase experimental. Por isso, o livro é composto de três textos com estatuto e estilo deliberadamente díspares, que justapõem descrição etnográfica, análise sociológica e evocação literária, de modo a comunicar, ao mesmo tempo, o percepto e o concepto, as determinações ocultas e as experiências vividas, os fatores externos e as sensações interiores que, ao mesclarem-se, formam o mundo do pugilismo. Em resumo, ele gostaria de *mostrar* e de *demonstrar*, em um mesmo movimento, a lógica social e sensual que informa o boxe como ofício do corpo no gueto norte-americano.

O primeiro texto desembaralha a meada das relações agitadas que ligam a rua e o ringue, e descreve como o inculcar da Nobre Arte se dá como trabalho de conversão ginástica, perceptiva, emocional e mental, que se efetua de um modo prático e coletivo, com base em uma pedagogia implícita e mimética que, pacientemente, redefine, um a um, todos os parâmetros da existência do boxeador. Ele apóia-se em um artigo redigido durante o verão de 1989,[4] ou seja, um ano após minha entrada no clube de Woodlawn, depois que sofri uma fratura do nariz, durante uma sessão com *sparring*, que me obrigou a uma inatividade propícia a um retor-

no à reflexão sobre meu noviciado então em curso.(4) Foi preciso resistir à tentação de refazer totalmente esse "escrito de juventude", prelúdio de uma análise mais compreensiva da "fábrica" de pugilistas, que é o tema de um livro atualmente em fase de redação,(5) e investindo aí principalmente tudo o que foi adquirido dos trabalhos posteriores, frutos de mais dois anos de submersão intensiva. Limitamo-nos a enriquecer os dados e a tornar claras as análises originais, conservando, contudo, sua economia de conjunto. Pareceu-nos, de fato, que as lacunas empíricas e a semi-ingenuidade analítica desse texto de aprendiz de sociólogo tinha como contrapartida um frescor etnográfico e uma candura de tom que poderiam ajudar o leitor a deslizar melhor para dentro da pele do boxeador.

O segundo texto, redigido pela primeira vez em 1993, retomado e completado sete anos mais tarde, com a ajuda de fitas de áudio e vídeo gravadas na época, descreve minuciosamente uma jornada de reuniões de boxe em um bar de um bairro operário do South Side, desde os preparativos de pesagem oficial, de manhã cedo, até a volta das festividades, depois das lutas, tarde da noite. As unidades de tempo, de lugar e de ação permitem pôr em relevo a imbricação mútua dos ingredientes e das redes sociais que o primeiro texto necessariamente separara: o interesse e o desejo, a afeição e a exploração, o masculino e o feminino, o sagrado e o profano, a abstinência e o prazer, a rotina e o imprevisto, o código de honra viril e o *diktat* brutal das opressões materiais.

O terceiro texto, se nos é permitida uma expressão que acentua o oxímoro, é uma "notícia sociológica". Escrito a pedido de Michel Le Bris para um número especial da revista literária *Gulliver*, dedicado a "Escrever o esporte",[5] ele segue passo a passo a preparação e a apresentação do autor na temporada de 1990 das Chicago Golden Gloves, o maior torneio amador do Midwest, de um modo narrativo que se esforça por apagar os traços do trabalho de construção sociológica (a ponto de Le Bris acreditar-se autorizado a qualificá-lo injustamente, no prefácio, de "relato, com toda a sociologia em suspenso"), preservando seus principais resultados.(6) A junção desses gêneros habitualmente segregados – sociologia, etnografia e reportagem –, tem como finalidade permitir que o leitor perceba melhor as coisas do pugilismo "no concreto, como elas são", e a ver os boxeadores em movimento, "como, na mecânica, vêem-se as massas e os sistemas, ou como, no mar, vemos os polvos e as anêmonas". Percebemos inúmeros homens, forças móveis e que flutuam no seu meio e em seus sentimentos.[6]

É instrutivo, para concluir este prólogo, acentuar os principais fatores que tornaram possível essa pesquisa, entre os quais o mais decisivo foi, sem dúvida, o caráter "oportunista" de minha inserção.[7] De fato, não entrei no *gym* com a finalidade expressa de dissecar o mundo do pugilismo. Minha intenção inicial era servir-me da academia de boxe como uma "janela" para o gueto, para observar as estratégias sociais dos jovens do bairro – meu objeto original –, e foi somente ao final de 16 meses de presença assídua, e depois de ter sido entronizado como membro do círculo dos Boys Club, que decidi, com o aval dos interessados, fazer do ofício de boxeador um objeto de estudo totalmente à parte. Não há dúvida de que jamais ganharia a confiança nem me beneficiaria da colaboração dos freqüentadores do Woodlawn se tivesse entrado na academia com o firme propósito de estudá-la, porque essa própria intenção teria irrevogavelmente modificado

(4) Foi ao redigir esse artigo que compreendi até que ponto o ginásio constituía um "campo estratégico de pesquisa" (como diria Robert Merton) e decidi fazer da profissão de boxista um segundo tema de estudos, paralelamente ao gueto.

(5) *A paixão do pugilista* irá tratar de maneira aprofundada, entre outras coisas, da dialética do desejo e da dominação na gênese social da vocação de boxista, da estrutura e do funcionamento da economia pugilística, do trabalho de treinador como uma terapia regressiva, das crenças indígenas sobre o sexo e as mulheres, e do confronto no ringue como ritual de masculinização.

(6) Além do mais, esse texto coloca, em termos práticos, a questão da escrita em ciências sociais e da diferença entre sociologia e ficção, questão que atormentou bastante os antropólogos na década passada, porque, logo depois que o texto foi publicado, ele valeu-me a oferta, por parte de uma grande casa editora de Paris, de um contrato para publicar... meu "romance".

BSCSH / UFRGS

meu *status* e meu papel no contexto do sistema social e simbólico considerado.

Além disso, eu tivera a sorte de ter praticado vários esportes competitivos na minha infância, no Languedoc (futebol, basquete, rugby, tênis), de modo que, quando entrei no Boys Club, dispunha de um pequeno capital inicial esportivo, que se revelou indispensável para que eu enfrentasse com sucesso as provas pugilísticas. O acaso da geografia também quis que eu me inscrevesse em um *gym* "tradicionalista", dirigido com punhos de aço por um técnico de estatura internacional e que desfrutava de uma fama invejável na cidade, desde que a academia fora aberta, em 1977, de modo que pude aprender a boxear dentro das regras da arte, em contato com treinadores e lutadores competentes.(7) É provável que eu não tivesse persistido na minha empreitada ou, pior, que eu fracassasse seriamente, caso tivesse feito meu aprendizado em uma das academias anatômicas mantidas pelo serviço de parques e jardins da cidade.

Ser o único branco do clube poderia constituir um sério obstáculo à minha integração, amputando, assim, minha capacidade de penetrar no mundo social dos pugilistas, se não fosse a ação conjugada de três aspectos compensadores. Primeiro, o *ethos* igualitarista e o daltonismo racial afirmado da cultura pugilística fazem com que se seja nela totalmente aceito, desde que nos dobremos diante da disciplina comum e desde que paguemos "o que é devido" no ringue. Em segundo lugar, minha nacionalidade francesa concedeu-me uma espécie de exterioridade

(7) O *gym* de Woodlawn era então um dos 52 clubes de boxe oficialmente listados no estado de Illinois e uma das quatro principais academias profissionais de Chicago (isto é, onde treinavam boxeadores "profissionais" pagos pelos serviços prestados entre as cordas, além dos amadores que povoam todos os clubes). A maioria dos pugilistas de destaque nos anos 80, em Chicago, em um momento ou outro, havia passado pelo Woodlawn Boys Club, que era, até o seu fechamento, um dos principais fornecedores de lutadores para os encontros regionais. No final de sua carreira, Mohammad Ali, que tem uma casa perto de lá, no bairro rico do Hyde Park-Kenwood, ilha de opulência branca perdida em meio ao oceano da miséria negra do South Side, tinha o hábito de ir treinar ali – a cada vez, sua aparição provocava explosões de alegria na rua.

estatutária com relação à estrutura das relações de exploração, de desprezo e desconfiança mútua que opõem brancos e negros na América do Norte. Beneficiei-me do capital histórico de simpatia de que a França desfruta entre a população afro-americana, em virtude da acolhida recebida pelos soldados no Hexágono, nas duas guerras mundiais (quando, pela primeira vez na vida, eles viram-se tratados como seres humanos, e não como integrantes de uma subcasta),[8] e pelo simples fato de que eu não tinha a *hexis* do americano branco médio, que marca continuamente, nem que seja pela defesa do corpo, a fronteira infranqueável entre as comunidades. Eddie, o treinador assistente do Woodlawn, explica:

> Tenho respeito por você, Louie, por ter vindo pro *gym* e ser um carinha como outro qualquer na academia... Não tem muitos caucasianos [brancos] fazendo isso junto com a gente, os negros... Minha mulher e eu, faz cinco anos que a gente mora no Hyde Park [o bairro da Universidade de Chicago, 80% branco], e nós nunca falamos com caucasianos, nunca. Quando eles chegam perto de você, na rua, eles ficam com essa cara apavorada, como se você fosse pular em cima deles. É por isso que minha mulher e eu nunca falamos com um caucasiano no Hyde Park. [Sobe de tom e sua fala acelera-se sob o efeito da emoção.] A maioria dos caucasianos, quando você chega perto deles, ou quando você tenta falar com eles, eles chegam pra trás e olham pra você como se você tivesse uma argola no nariz, vê só. Eles fazem careta [ele gira os olhos com um ar selvagem], e você pode ver que tem qualquer coisa que não está pegando bem. Mas você, você não faz isso, você fica tão à vontade na academia e quando vai às lutas com a gente...
>
> Cara! Você fica tão à vontade que até parece que você não é caucasiano. [Sua companheira] Liz e você, o único jeito de saber que vocês não são negros é pelo modo de falar, e porque você é francês, é claro. Mas você está lá no *gym* com a gente, você fala com os outros caras, você é feito eles. Você não fica tenso ou nervoso porque está entre a gente. Você relaxa [*loose*], você se entende bem com os carinhas e eles gostam de você também... Saca só, eu respeito as pessoas que me respeitam. Então, eu respeito você. Louie, você faz parte da equipe com a gente. Outro

dia eu estava falando pra alguém no meu serviço: "Temos o 'Fighting Frenchman' com a gente na equipe!" [Ele corou de prazer] Uau, você faz parte da equipe como os outros.[8]

Finalmente, meu "abandono" total às exigências do campo[9] e, sobretudo, o fato de eu calçar as luvas com eles regularmente valeram-me a estima de meus camaradas de clube, como é atestado pelo chamamento "*brother Louie*" e pela gama de apelidos afetuosos que eles me deram ao longo dos meses. "Busy Louie", meu nome no ringue, mas também "*Bad Dude*", "*The French Bomber*", "*The French Hammer*" e "*The Black Frenchman*". Além das provas de solidariedade que dei cotidianamente, fora da academia, dos serviços e das diversas intervenções junto às burocracias públicas e privadas que regiam suas vidas, o fato de eu ter levado minha iniciação até "fazer" as Golden Gloves contribuiu amplamente para que eu estabelecesse meu *status* no clube e para selar minha legitimidade de aprendiz de boxe junto aos atletas e aos treinadores de outros ginásios, que, depois de minha apresentação oficial entre as cordas, me reconheciam como "*one of DeeDee's Boys*" [um dos rapazes de Dee Dee].

Berkeley, dezembro de 2000

Notas

1. Para mencionar apenas os grandes nomes da literatura norte-americana contemporânea, Arthur Krystal, "Ifs, and, butts: the literary sensibility at ringside". *Harper's Magazine* (junho de 1987, n. 274, p. 63-67) cita, entre outros, Ernest Hemmingway, Jack London, Dashiel Hammett, Nelson Algren, James Farell, Ring Lardner, Norman Mailer e Ralph Ellison, a que veio juntar-se tardiamente uma das muito raras mulheres, a romancista Joyce Carol Oates, a quem devemos o belíssimo *On boxing* (Garden City: Doubleday, 1987.
2. Pode-se encontrar uma etnografia dos ágapes matrimoniais de Anthony e de Mark em meu artigo "Un mariage dans le ghetto". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 113, junho de 1996, p. 68-85.
3. Sobre o paralogismo ecológico, ler Aaron Cicourel, "Interviews, surveys, and the problem of ecological validity" (*The American Sociologist*, n. 17, fevereiro de 1982, p. 11-20); e as observações metodológicas correlatas de Howard Becker. "Studying practitioners of vice and crime". In: William Habenstein (org.). *Pathways to data*. Chicago: Aldine, 1970, p. 30-49.
4. Loïc Wacquant. "Corps et âme: notes ethnographiques d'un apprenti boxeur". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 80, novembro de 1989, p. 33-67.
5. Loïc Wacquant. "'Busy Louie' aux Golden Gloves". *Gulliver*, n. 6, abril-junho de 1991, p. 12-33.
6. Marcel Mauss. "Essai sur le don. Forme et raisons de l'échange dans les societés archaïques". In: Marcel Mauss. *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, (1925) 1950, p. 276 [trad. bras.: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 2 v., 1974].
7. Jeffrey M. Riemer. "Varietes of opportunistic research". *Urban Life*, n. 5-4, janeiro de 1977, p. 467-477.
8. Sobre "a afeição histórica" dos negros norte-americanos pela França e suas origens na experiência vivida de uma miscigenação tabu e violentamente reprimida nos Estados Unidos, ler Tyler Stovall. *Paris noir: African Americans in the City of Light*. Boston: Houghton Mifflin, 1998.
9. Kurt Wolf. "Surrender and community study: the study of Loma". In: Arthur J. Vidich e Joseph Bensman (org.). *Reflections or community studies*. Nova York: Wiley, 1964, p. 233-263.

---

(8) Depois que voltei de uma estada na França, durante as festas de Natal, o mesmo Eddie perguntou-me, nos bastidores, diante de todos os freqüentadores habituais: "E aí, Louie, você contou pra sua família que está treinando no *gym* com lutadores profissionais? Disse pra sua família que você é *one of the guys*, que a gente trata você como se fosse um negro?"

(9) Kurt Wolf definiu o conceito de "abandono" em etnografia como implicando "um engajamento total, uma suspensão das noções recebidas, a pertinência de qualquer coisa, a identificação e o risco de se deixar ferir".[9]



Os instrumentos na oficina.

A rua e o ringue

Do mesmo modo como não se poderia compreender o que é uma religião instituída, tal como o catolicismo, sem se estudar em detalhes a estrutura e o funcionamento da organização que a sustenta, no caso, a Igreja romana, também não se pode elucidar o significado e o enraizamento do boxe na sociedade norte-americana contemporânea – ou pelo menos nas regiões inferiores do espaço social, em que ele escapa de uma extinção periodicamente anunciada como iminente e inevitável – sem se examinar a trama das relações sociais e simbólicas que se tecem no interior e ao redor do salão de treinamento, meio e motor oculto do universo do pugilismo.

Um *gym* (segundo o termo consagrado nos países de língua inglesa) é uma instituição complexa e polissêmica, sobrecarregada de funções e de representações que não são apreensíveis de imediato pelo observador, mesmo que ele esteja avisado sobre a natureza do lugar. Aparentemente, no entanto, o que há de mais banal e de mais evidente que uma academia de boxe? Poderíamos, na verdade, retomar palavra por palavra essa vinheta que George Plimpton compôs sobre o famoso Stillman's Gym de Nova York, nos anos 50, para descrever qualquer salão da América do Norte urbana atual, de tal modo são poderosas as invariantes que comandam o seu aspecto: "Subia-se por uma escada escura até uma sala lúgubre, que não deixava de lembrar a sala de cargas de um antigo galeão. Podiam-se discernir os ruídos, antes mesmo que nossos olhos se acostumassem à penumbra: o 'slap-slap' das cordas de pular batendo no chão, o som pesado do couro contra os sacos de areia que ressoavam e balançavam na ponta das correntes, o estalo das bolas de couro, o rangido das botas sobre a lona do ringue (havia dois ringues), as fungadas dos boxeadores soprando pelo nariz e, a cada

três minutos, o soar estridente do relógio. A atmosfera parecia com a de um crepúsculo em uma selva fétida".[1(1)]

Como iremos ver, o *gym* é essa forja em que se modela o pugilista, a oficina em que se fabrica esse corpo-arma e armadura que ele se apressa por lançar em confronto no ringue, o cadinho em que são polidas as habilidades técnicas e os saberes estratégicos, cuja delicada reunião faz o lutador acabado, enfim, o forno em que se alimenta a chama do desejo pugilístico e a crença coletiva no bom fundamento dos valores indígenas, sem os quais ninguém iria se arriscar de modo duradouro entre as cordas. Mas a academia de boxe não é mais do que isso, e sua missão técnica apregoada – transmitir uma competência esportiva – não deve mascarar as funções extrapugilísticas que ela preenche para aqueles que aí vêm comunicar, nesse culto plebeu da virilidade que é a Nobre Arte. Antes de mais nada, o *gym* isola da rua e desempenha o papel de escudo contra a insegurança do gueto e as pressões da vida cotidiana. À maneira de um *santuário*, ele oferece um espaço protegido, fechado, reservado, onde é possível, entre seus membros, subtrair-se das misérias costumeiras de uma existência muito vulgar e dos azares que a cultura e a economia da rua reservam para os jovens nascidos e encerrados nesse espaço ultrajado e abandonado de todos que é o gueto negro. O *gym* é, também, uma *escola de moralidade*, no sentido durkheimiano, isto é, uma máquina de fabricar o espírito de disciplina, a ligação com o grupo, o respeito ao outro, assim como a si mesmo, e a autonomia da vontade, todos indispensáveis à eclosão da vocação de pugilista.[3] Finalmente, o salão de boxe é o vetor de uma *desbanalização da vida cotidiana*, porque ele faz da rotina e da remodelagem corporais o meio de acesso a um universo distintivo, em que se misturam aventura, honra masculina e prestígio. O caráter monástico, senão penitencial, do "programa de vida" do pugilismo faz do indivíduo sua própria arena de desafio e convida-o a descobrir a si mesmo, ou melhor, a produzir a si mesmo. O pertencimento ao *gym* é a marca tangível da aceitação em uma confraria viril que permite que a pessoa se destaque do anonimato da massa e, portanto, atraia a admiração e a aprovação da sociedade local.

Para perceber essas diversas facetas do *gym* e detectar as proteções e os ganhos que ele assegura para aqueles que se colocam sob a sua égide, é preciso e basta seguir os obscuros soldados da Nobre Arte no cumprimento de suas tarefas diárias e submeter-se, ao lado deles, ao rigoroso regime, indissociavelmente corporal e moral, que define seu estado e sela sua identidade. Foi o que fiz durante três anos, em uma academia do gueto negro de Chicago, na qual me iniciei nos rudimentos do ofício e onde, ligando-me por relações de amizade aos treinadores e aos boxeadores do lugar, pude observar *in vivo* a gênese social e o desenvolvimento das carreiras pugilísticas.

Retorno sobre uma experiência de aprendizagem em curso, a primeira parte da presente obra tem um triplo objetivo. O primeiro é apresentar dados etnográficos precisos e detalhados, produzidos pela observação direta e pela participação intensiva, sobre um universo social que é tanto mal conhecido quanto mais amplamente difundidas são as representações comuns de que ele é objeto. Vamos destacar, em seguida, dessa base documental, alguns dos princípios que organizam esse complexo de atividades específicas que é o boxe, tal como ele é praticado atualmente dentro do gueto negro norte-americano, trazendo luz principalmente sobre a regulação da violência, que se opera na sala de treinos, por meio da relação bífida, feita de uma mistura de afinidade e antagonismo, que liga a rua ao ringue. Enfim, esboçaremos uma reflexão sobre a iniciação a uma prática da qual *o corpo é ao mesmo tempo a sede, o instrumento e o alvo*. Isso quer dizer que não buscaremos incriminar nem desculpar esse esporte reputado como "bárbaro" entre todos os outros, tantas vezes celebrado e condenado, difamado e reverenciado,[(2)] mas sim sugerir o que sua lógi-

(1) Essa descrição é válida para o conjunto dos Estados Unidos urbanos e para a maior parte dos países industrializados: as academias de boxe do mundo todo compõem-se mais ou menos dos mesmos ingredientes e se parecem a ponto de se confundirem.[2]

(2) Uma citação entre mil outras: "Não é por acaso que o boxe, entre todos os esportes, tenha sido o que inspirou o maior número de cineastas e romancistas de talento. Em nossa civilização, ele é um arcaísmo, uma das últimas barbáries consentidas, o último espelho autorizado a ainda refletir o nosso lado sombrio".[4]

ca específica, e sobretudo aquela lógica da sua forma de ser inculcado, pode nos ensinar sobre a lógica de toda prática.(3)

Para antecipar os primeiros ensinamentos dessa iniciação, pode-se avançar que o ato de incutir aquilo que se pode chamar de *habitus pugilístico* funda-se sobre uma dupla antinomia. A primeira delas vem do fato de que o boxe é uma atividade que parece estar situada na fronteira entre natureza e cultura, no próprio limite da prática, e que, no entanto, exige uma gestão quase racional do corpo e do tempo, de fato extraordinariamente complexa, senão elaborada, cuja transmissão efetua-se de modo prático, sem passar pela mediação de uma teoria, com base em uma pedagogia completamente implícita e pouco codificada. Daí decorre a segunda contradição, pelo menos aparentemente: o boxe é um esporte individual, certamente um dos mais individuais de todos, de vez que põe fisicamente em jogo – e em perigo – apenas o corpo do lutador, cuja aprendizagem adequada, contudo, é acentuadamente coletiva, sobretudo porque supõe a crença no jogo que, como todo jogo de linguagem, segundo Ludwig Wittgenstein, só nasce e perdura no e pelo grupo que ela define, por sua vez, segundo um processo circular. Dito de outro modo, os meios que fazem um pugilista acabado são, como toda "técnica do corpo", segundo Mauss, "a obra da *razão prática coletiva* e individual".[6]

Enfim, tornar-se boxeador é apropriar-se, por impregnação progressiva, de um conjunto de mecanismos corporais e de esquemas mentais tão estreitamente imbricados que eles apagam a distinção entre o físico e o espiritual, entre o que emerge das capacidades atléticas e o que diz respeito às faculdades morais e à vontade. O boxeador é uma *engrenagem viva* de corpo e de espírito que despreza a fronteira entre razão e paixão, que explode a oposição entre a ação e a representação, e que, ao fazer isso, oferece uma superação, em ato, da antinomia entre o individual e o coletivo. E aí temos, mais uma vez, Marcel Mauss, quando fala de "montagens fisio-psico-sociológicas de séries de atos [...], mais ou menos habituais ou mais ou menos antigas na vida do indivíduo e na história da sociedade", que são operadas "para e pela autoridade social".[7]

(3) Segundo Pierre Bourdieu, "o esporte é, junto com a dança, um dos terrenos em que se coloca com acuidade máxima o problema das relações entre a teoria e a prática, e também entre a linguagem e o corpo [...]. O ensino de uma prática corporal [encerra] um conjunto de questões teóricas de primeira importância, à medida que as ciências sociais esforçam-se por fazer a teoria das condutas que se produzem, em sua grande maioria, aquém da consciência".[5]

Uma ilha de ordem e de virtude

O universo relativamente fechado do boxe não pode ser compreendido fora do contexto humano e ecológico no qual ele se ancora e das possibilidades sociais do qual ele é portador. É, com efeito, em sua dupla relação de simbiose e de oposição com referência ao bairro e às duras realidades do gueto que o *gym* define-se. Assim como nos atos de tornar-se integrante de uma gangue ou entregar-se à criminalidade da rua (duas carreiras conexas para as quais o boxe oferece uma escapatória possível),[8] a afiliação a um salão de boxe só adquire sentido em relação à estrutura de oportunidades de vida oferecidas – ou recusadas – pelo sistema local de instrumentos de reprodução e de mobilidade sociais, no caso, a escola pública, o mercado de trabalho desqualificado e as atividades e redes constitutivas da economia predatória da rua. Antes de nos aventurarmos dentro do *gym*, é, portanto, indispensável esboçar em traços rápidos um retrato do bairro de Woodlawn e sua evolução histórica recente. Essa comunidade afro-americana está bem longe de ser a mais deserdada do gueto sul de Chicago, uma vez que, das 77 zonas que cortam a cidade, Woodlawn coloca-se no décimo terceiro lugar na escala de pobreza. Mas nem por isso o bairro deixa de oferecer, já há cerca de meio século, o espetáculo surpreendente de um tecido urbano e social agonizante de degradação contínua e de profunda segregação racial e econômica.(4)

Logo depois da guerra, Woodlawn era um bairro branco estável e próspero, satélite do bairro de Hyde Park (um feudo da Uni-

(4) Em 25 das 77 zonas, quase todas afro-americanas e hispanófonas, mais de um quinto da população (sobre)vive abaixo do limite oficial de pobreza.[9]



A entrada do Woodlawn Boys Club, na rua 63.



Um boteco, entre vários outros, em frente ao *gym*.



Desolação urbana a dois passos do bairro branco e próspero de Hyde Park.

versidade de Chicago), que faz limite com ele ao norte, dotado de um setor comercial denso e de um mercado imobiliário ativo. O cruzamento da rua 63 com a avenida Cottage Grove era um dos mais movimentados da cidade, e multidões comprimiam-se nas diversas lojas, nos restaurantes, cinemas e clubes de *jazz* que ali ficavam. Trinta anos mais tarde, o bairro transformou-se em um vasto bolsão de miséria e desesperança, emblemático do declínio da "Metrópole Negra"[10] de Chicago, no qual se concentram frações entre as mais marginalizadas da população da cidade. Entre 1950 e 1980, o número de habitantes do bairro caiu de 81 mil para 36 mil, enquanto a percentagem de residentes afro-americanos passava de 38% para 96% (o número de brancos desabou, nesse intervalo, de 50 mil a menos de mil). O afluxo de migrantes negros vindos dos estados rurais do Sul foi acompanhado por um êxodo maciço de brancos, logo seguidos pela classe média de cor, que abandonou o coração do gueto, seguida pela relativa abertura das restrições de casta no local, para ir fundar seus próprios bairros descentralizados (que se tornariam também segregados).[11] Essa virada demográfica, amplificada pela política municipal de "renovação urbana" dos anos 1950 – localmente conhecida sob o nome de "*Negro removal*" ("varredura de negros") – e pela "guerra de gangues" da década de 1960, provocou uma crise das instituições locais que, combinando-se com taxas recordes de desemprego e de evasão escolar, acabou por fazer de Woodlawn um deserto econômico agravado pelo purgatório social.

Alguns indicadores fornecem a medida do grau de precariedade socioeconômica dos habitantes de Woodlawn.[12] No recenseamento de 1980, um terço das famílias do bairro vivia abaixo do limite mínimo federal de pobreza, e a renda média por domicílio, definida em 10.500 dólares anuais, não era atingida pela metade da renda média municipal. A proporção de famílias nas quais apenas um dos pais estava presente elevava-se a 60% (contra os 30% de dez anos antes), a taxa oficial de desemprego atingia os 20% (duas vezes a taxa da cidade, depois de triplicada em uma década) e menos de um chefe de família, entre oito, tinha a propriedade do domicílio. Apenas 34% das mulheres e 44% dos homens de mais de 18 anos tinham emprego, e 61% dos domicílios eram financeiramente dependentes de algum dos programas

de assistência social. Entre a população economicamente ativa, a categoria socioprofissional mais numerosa era, com 31% dos casos, a dos empregados do comércio e da administração; o segundo lugar, com 22% dos casos, ficava com as pessoas ocupadas em serviços e em tarefas relacionadas à segurança e com os(as) empregados(as) domésticos(as). Menos de 8% de adultos tinham um diploma de ensino superior, e mais da metade nem mesmo tinha concluído o ensino médio – embora para isso não fosse necessário passar por algum exame. O bairro não dispõe mais de um colégio de ensino médio, nem sequer de um cinema, uma biblioteca ou serviço de formação de mão-de-obra e de agenciamento de empregos. Apesar da proximidade imediata de um dos centros de inovação médica mais famosos do mundo, o hospital da Universidade de Chicago, a taxa de mortalidade infantil em Woodlawn estava aumentando a ponto de ultrapassar os 3%, em 1990, ou seja, o triplo da taxa média nacional e superior aos índices de vários países do Terceiro Mundo.

A exemplo das outras instituições públicas, as escolas do bairro são "garantia de miséria e de criminalidade".[13] A penúria crônica de meios de que elas padecem, os prédios superpovoados e insalubres e o corpo docente subqualificado e desmoralizado são fatores que convergem para reduzi-las a instituições de "guarda", que se contentam em estocar os jovens do bairro – a maior parte dos estabelecimentos do gueto nem mesmo oferece o curso preparatório para o ingresso na universidade. Não há nada de surpreendente que a isso tudo venha se somar a economia ilegal da rua, mais atraente que a escola, que só acaba em desemprego, ou, na melhor das hipóteses, em empregos sem cobertura social, a quatro dólares por hora. À parte a Universidade de Chicago, não existe qualquer empregador de porte em um raio de cinco quilômetros.

Como em outros guetos negros norte-americanos, "as instituições dominantes [de Woodlawn] são as igrejas e os botequins",[14] embora uma grande parcela das cerca de 30 instituições religiosas presentes no início dos anos 60 tenha há algum tempo fechado suas portas. A ausência de novas construções ao longo de décadas (70% das moradias datam de antes da guerra) e a destruição do parque habitacional, que diminuiu de 29.600 para 15.700 unidades, entre 1950 e 1980 (sobretudo em decorrência de uma epidemia de incêndios "com seguro", de origem criminal, durante o período de turbulência das revoltas de negros, de 1966 a 1970), em um bairro situado às margens do lago Michigan, a uns dez quilômetros do centro da terceira megalópole norte-americana, falam mais do que todas as estatísticas sobre a posição marginal que essa comunidade ocupa na vida de Chicago.

O salão do Boys and Girls Club de Woodlawn situa-se na rua 63, uma das mais devastadas do bairro, no centro de uma paisagem de desolação urbana que os repórteres do *Chicago Tribune*, o principal jornal da localidade, descrevem como se segue: "Passei em pelo 'El' [o metrô suspenso] ao longo da rua 63, em Woodlawn, por onde foi outrora a rua de comércio mais animada de Chicago, perto da State Street [no centro da cidade]. A paisagem parece tanto com a de uma cidade fantasma quanto com um cenário de faroeste: tábuas obstruem portas e janelas, mesmo quando as tabuletas das lojas que prosperavam antigamente no bairro só estão semicobertas pela fuligem e pela putrefação – um mercado A&P, uma mercearia Hi-Lo, um Walgreens [cadeia de drogarias], o cinema Kimbark, o depósito do Empire [comércio de tapetes], o hotel Pershing, o Banco de Southeast Chicago".[15]

Na verdade, a parte da rua em que o clube de boxe está encravado reduz-se a uma fileira de antigas casas de comércio apodrecidas ou queimadas, de terrenos baldios cheios de lixo e vidros quebrados, de construções abandonadas ao longo da linha de metrô que passa sobre elas. As raras lojas que aí sobrevivem (vários botecos, uma loja de roupas para crianças, uma drogaria especializada em produtos de beleza, uma loja de móveis usados e de equipamentos domésticos de ginástica, uma mercearia e um restaurante de comida caseira) mal se sustentam atrás das grades, à espera de clientes hipotéticos. O Boys Club tem, de um lado, o antigo cinema Kimbark, fechado em 1973, do qual só restam a fachada folheada de material carcomido e o frontão, roído pelas intempéries. De outro lado, está um terreno baldio esburacado, no meio do qual se ergue um parque para crianças e um pátio de chapa de aço ondulada, rodeado por uma tela, em que os homens desocupados da região vêm para dividir uma garrafa de aguardente nos dias em que faz bom tempo. Bem atrás do clube, há



O desemprego pandêmico condena à inatividade.



Uma oficina religiosa e um clube para jovens em ruínas sob o metrô suspenso.

uma velha construção condenada, de tijolo vermelho, cujas janelas de vidros quebrados estão lacradas por barras redondas e cujas portas de metal estão condenadas por fortes cadeados. O lixo acumula-se nesse corredor dos fundos para o qual dá a entrada de serviço do salão de treino.

Nesse bairro perigoso, em que as armas brancas são moeda corrente e onde "todo mundo", segundo DeeDee, o treinador do clube, anda com um *spray* de gás lacrimogênio no bolso, os furtos rápidos, as agressões [*muggings*], os homicídios e delitos de toda qualidade fazem parte da rotina e geram uma atmosfera de medo impregnante, por vezes mesmo de terror, que mina as relações interpessoais e distorce todas as atividades da vida cotidiana. Assim, os habitantes do bairro escondem-se em suas casas atrás de barricadas, com portas blindadas e grades nas janelas, estão proibidos de sair depois do crepúsculo e evitam, na medida do possível, freqüentar os lugares e os transportes públicos, por medo da violência criminal. Aliás, várias estações de metrô do gueto tiveram suas entradas fechadas, e os ônibus da cidade são seguidos por viaturas especiais da polícia durante todo o trajeto. As exigências dos membros da gangue dos El Rukns (antigamente, os Discípulos), que controla o tráfico de drogas, o contrabando e a prostituição nessa parte do South Side, não são a menor das fontes de insegurança. (E, no entanto, existe um acordo oficioso de não-interferência recíproca entre o Boys Club e o comando dos El Rukns, em razão dos laços pessoais que DeeDee mantém com aqueles chefes que outrora foram seus aprendizes no salão.) Um jovem que mora não muito longe do *gym* resume dessa maneira a atmosfera do bairro: "O território em que eu nasci, esse nem mete tanto medo. Mas o que fica na frente, é outra coisa. Quer dizer, eles são todos sinistros, mas esse é o mais sinistro: é o 'Mortecentro' [*Murdertown*]".

O clube protege-se desse ambiente hostil como se fosse uma fortaleza: todas as aberturas estão fechadas com grades de metal reforçadas e devidamente cerradas com cadeados; os vidros da creche contígua têm grades, a porta metálica que abre para o corredor dos fundos tem fechaduras duplas e um sistema de alarme eletrônico é acionado assim que o último ocupante deixa o lugar. Dois grandes tacos de beisebol estão encostados perto das duas

entradas, um ao lado do balcão de recepção da creche, outro atrás do escritório de DeeDee, caso seja necessário rechaçar *manu militari* a intromissão de visitantes indesejáveis.

> Enquanto eu enfaixo minhas mãos, Eugene O'Bannon (um antigo pugilista, carteiro de profissão, que chega regularmente vestido em seu uniforme de serviço para discutir os golpes com DeeDee) tira do bolso do casaco um *spray* de gás paralisante de autodefesa Mace, que ele me entrega: "Toma, é pra sua mulher. Entrega a ela de minha parte, não queremos que aconteça alguma coisa com ela... Você mira no rosto do cara e aperta aqui." Pergunto que efeito aquilo produz. "Isso queima horrivelmente os olhos e o rosto, você não vê nada durante dez minutos." Na mesma hora, DeeDee também tira o seu *spray* de dentro do bolso, acrescentando: "Eu sempre trago ele comigo. Na academia, na rua, quando vou dar minhas caminhadas, sempre carrego comigo." Cada um conta as ocasiões em que teve de usar o gás paralisante. Eu agradeço a O'Bannon e pergunto-lhe se ele também sempre carrega um daqueles consigo. "Em geral, carrego, mas *agora, não*: agora estou a zero, porque dei o meu a você. Vou precisar voltar correndo pra casa, não posso ficar passeando pelado desse jeito." Risos. [*Nota de 13 de dezembro de 1988.*]
>
> A conversa cai sobre os bairros negros da cidade. DeeDee e O'Bannon exageram na devastação e na insegurança permanente que aí reina. O velho treinador observa que de jeito nenhum ele pegaria o ônibus na avenida Cottage Grove [que liga Woodlawn ao centro da cidade, atravessando todo o gueto do South Side no sentido longitudinal] e que nunca vai ao vizinho Parque Washington, depois que a noite cai, sem levar sua pistola consigo. Ele próprio mora ao sul de Woodlawn, no limite de South Shore, e condena seu bairro sem apelação: "Está cheio de drogas por toda parte, você pode comprar fumo na rua com a primeira pessoa que passa. Os vagabundos [*young punks*] que ficam criando caso com você. Não estou nem aí, mas não considero aquilo o meu bairro, há muita gentinha, pessoas barras-pesadas [*low lives*]. Não faz o meu gênero, não são gente da minha classe." O prédio em que ele mora é um reduto conhecido de passadores de *crack*, de cocaína e de tudo o mais. [*Nota de 13 de agosto de 1988.*]

> Hoje, Tony ligou para o ginásio do hospital. Dois integrantes de uma gangue rival atiraram nele na rua, perto daqui, do outro lado de Cottage Grove. Por sorte, ele vira-os chegar e se mandara, correndo, mas uma bala pegara na barriga da perna dele. Ele se arrastara até uma construção abandonada, onde tirou seu próprio revólver da mochila de esporte e abriu fogo contra os assaltantes, forçando-os a fugir. Diz que é melhor sair logo do hospital, porque com certeza eles devem estar procurando por ele. Pergunto a DeeDee se os caras atiraram na perna como forma de advertência: "É, Louie! Eles não atiram em você pelas costas pra ferir a sua perna, eles atiram pra te matar. Se o Tony não tivesse o berro com ele e não tivesse puxado ele, eles teriam seguido o Tony e apagado ele, ôô: ele ia ser morto na mesma hora." [*Nota de 27 de setembro de 1990.*]

Isso quer dizer que os jovens do bairro acostumam-se bem cedo com as formas mais variadas e mais imprevisíveis da violência da rua, perto da qual a violência estritamente policiada do boxe parece ficar bem pálida, como observava DeeDee, em um dia de maio de 1989: "Antes era preciso ser de ferro pra sobreviver nessas ruas. Mas agora é loucura completa viver aqui. Precisa nadar no meio dessa droga [*dope*] toda e entre as armas que circulam, as pessoas que ficam doidas na rua. Os caras não chegam nem aos 30 anos. [Balançando a cabeça.] É verdade, é a idade média. Você não passa dela muitas vezes nesse bairro, tem que ver os números: se a droga não te mata, é um bandido que vai te 'queimar', ou, se você tem sorte, você vai em cana. E aí talvez você tenha uma chance de passar dos trinta. Aqui você está num buraco, mano. Você se interessa por saber se defender. Se você está procurando encrenca, está no bairro certo."

De fato, a criminalidade violenta é de tal modo habitual que quase todos os membros do *gym* de Woodlawn já assistiram pessoalmente a um assassinato e foram eles mesmos vítimas de tiros ou facadas.[16] A maioria teve de crescer brigando na escola e na rua, às vezes cotidianamente, sob pena de ter roubado o dinheiro do almoço ou o casaco, de se deixar humilhar com regularidade ou simplesmente para poder circular pelo bairro. Buth lembra-se de uma cena típica de sua adolescência: "Na época, o buraco em que eu morava era barra-pesada, era um comendo o outro [*dog-*

eat-dog]. Eu precisava ser osso duro [*mean dog*]. Muita gente, uns em cima dos outros, nego que queria pegar tua grana e dar porrada em você, era preciso brigar ou ir embora do bairro. Como eu não podia me mandar, precisei entrar na porrada". A maior parte dos freqüentadores do salão foi iniciada na arte da autodefesa por necessidade, e não por gosto. Vários de meus colegas de Woodlawn eram "brigadores de rua" [*streetfighters*] convertidos ao boxe. "Eu brigava o tempo todo quando era novo, *de todas as formas...*", observa Lorenzo, "meu pai me disse, 'bom, se você vai brigar desse jeito, talvez seja melhor você ir pro *gym*, onde você pode aprender, hein, ter base, até mesmo ganhar um pouco de dinheiro, ir longe, tirar qualquer coisa disso', é melhor que ficar brigando por qualquer coisa."

Em contraste com esse ambiente hostil e inseguro, e embora com uma cruel escassez de recursos, o clube constitui uma ilha de estabilidade e de ordem, em que as relações sociais proibidas do lado de fora tornam-se possíveis. O salão oferece um lugar de *sociabilidade protegida*, relativamente fechado, em que cada um encontra uma trégua para as pressões da rua e do gueto, um mundo no qual os acontecimentos exteriores dificilmente penetram e sobre o qual eles têm pouca influência. Esse fechamento coletivo sobre si mesmo, que acentua a "claustrofilia", é que torna possível a vida da academia e dá o seu caráter atraente.(5) Mike tem 19 anos e vai ao *gym* todas as tardes, depois das aulas do colégio: "Você pode vir pra cá e se sentir bem aqui. Como eu digo, você se sente *protegido, em segurança.* Você fica lá, bom, você se sente bem – é como uma segunda família. Você sabe que pode ir lá e que alguém vai te apoiar... Se você está deprimido, tem alguém pra te botar pra cima [*pump you up*]. Quer dizer, você passa as frustrações pro saco de pancadas. Depois você 'põe as luvas pra subir no ringue', talvez você nem tivesse moral antes de subir, mas logo depois você se sente melhor". Bernard, um antigo freqüentador do *gym*, que teve de interromper a carreira profissional, depois de uma dúzia de combates, em conseqüência de um ferimento na mão, explica o que o levou a voltar aos treinos tantas vezes quanto lhe permite seu trabalho como técnico em radiologia: "Gosto exatamente de ver os caras que treinam e que fazem qualquer coisa de positivo com eles mesmos, queimando a energia de um modo que não vai dar em encrenca, deixando as *gangues*, as *drogas* e a *cadeia* pra trás, *porque eles estão na academia fazendo alguma coisa com eles mesmos*, e faz bem ver tudo isso".

De fato, é comum ouvir-se um boxeador exclamar: "Todo tempo passado no *gym* é menos tempo passado na rua!"; "Isso me protege da rua"; "Prefiro ficar aqui do que na rua, me metendo em roubada [*get into trouble*]". Alguns profissionais admitem espontaneamente que muito provavelmente teriam caído na criminalidade se não fosse a descoberta do boxe. E inúmeras estrelas, passadas e presentes, como Sonny Liston, Floyd Patterson e Mike Tyson, começaram a aprender a Nobre Arte na prisão. Mustafa Muhammad, antigo campeão do mundo dos meio-pesados, confessa: "Se eu não tivesse o boxe, teria me tornado assaltante de banco. Havia um momento em que era isso que eu queria fazer. Não queria passar drogas. Queria ser o melhor, então, queria ser assaltante de banco". O ganhador do título mundial de peso-pesado, na versão da WBC, de 1985, Pinklon Thomas, faz eco: "O boxe me tirou do meu buraco e fez de mim uma pessoa de valor. Sem ele, ou eu estaria vendendo heroína, ou estaria morto ou na cadeia".[18] Do mesmo modo, diversos dos participantes do torneio final das Golden Gloves de 1989 não hesitam em mencionar essa motivação na biografia sucinta que acompanha as fotos no programa dos espetáculos: "Vaughn Bean, 16 anos, 1,79 metro, 80 quilos, representa o Valentine Boys Club, onde luta há um ano. Aluno do ensino médio no colégio de Calumet, seu irmão mais velho trouxe-o para o boxe para evitar que ele enveredasse pelo mau caminho"; "Gabriel Villafranca, 18 anos, 1,74 metro, 64 quilos, representa o Harrison Park Club. Luta boxe há três anos e tem um cartel de oito vitórias e três derrotas. Aluno do

(5) Esse clima abafante do *gym* está bem retratado no romance de Leonard Gardner, *Fat City*,[17] e no filme de John Houston, de mesmo nome, que se passa nas pequenas salas de boxe da cidade de Stockton, na Califórnia. Esse sentimento de fechamento é reforçado pela ausência de abertura física para o exterior: o *gym* de Woodlawn não tem janelas (e nem as salas das quais temos descrições detalhadas, como as de Gleason's, em Manhattan, ou de Rosario, no East Harlem).

último ano do colégio Juarez, foi lutar boxe para evitar o mau caminho". Por ocasião de um torneio júnior (menos de 16 anos), no International Amphitheater, DeeDee confirmou-me que as mães dos jovens pugilistas, que, em geral, seguem com uma angústia mesclada de admiração a estréia de seus filhos, concordam em reconhecer no boxe uma virtude protetora: "Não, elas não desencorajam eles. Preferem saber que o moleque está no ringue do que sem fazer nada na rua, se metendo em encrenca. Elas sabem que vale mais para elas que eles estejam no *gym*". Os membros do Boys Club de Woodlawn partilham amplamente dessa opinião:

> Louie: Onde você estaria agora se não tivesse encontrado o boxe?
> Curtis: Olha só, provavelmente na cadeia, morto ou na rua, enchendo a cara.
> Louie: Você acha?
> Curtis: Claro. Porque tinha essa pressão que a galera fazia em cima de mim quando eu tinha 16 anos, andando com tipos nada recomendáveis e tentando *me enturmar com eles* [*to blend in*], sacou, pra não ser o que eles chamam de *otário*, um *poot-butt* [pirralho],(6) quer dizer, pra não deixar eles te passarem para trás na rua e tudo o mais. É a pressão do grupo, das pessoas à sua volta, sacou? Você quer ser *aceito* pelo grupo de pessoas que te rodeiam quando você cresce no seu bairro.
>
> Lorenzo: Eu sei que se não fosse pelo *gym*, eu poderia estar fazendo alguma coisa que não queria fazer, sacou, então é isso, é bom, o *gym* me ajudou pra caramba.
> Louie: Ajudou como?
> Lorenzo: Mais ou menos assim, pensa bem, provavelmente me ajudou a *não matar alguém*, quê mais? A não assaltar alguém na rua [*stick-up*], bom, vender droga – essas coisas –, não faz diferença. Você nunca pode dizer! Você nunca pode saber o que a vida reserva pra você...

(6) Um *poot-butt* (literalmente um "peidorreiro") é uma subcategoria do *lame* (otário), expressão que designa uma pessoa "socialmente inexperiente", muito jovem biológica e emocionalmente para "ficar" na rua, e sobre a qual se dirá: "Ele tenta se passar pelo esperto que ele já está careca de ver! E ainda está nas fraldas [...] Mamãe não ensinou nada a ele. Deixou ele sair pra rua ainda verde".[19]

> Louie: E a academia tirou você disso tudo?
> Lorenzo: É claro, o *gym* me libera a cabeça de um monte de coisas, sacou, principalmente de fora – quando você também tem problemas, sacou, você vem pra academia treinar, a gente pode dizer que isso te esfria a cabeça [*blanks out the mind*], isso é como... tudo o que você sabe é que você está na academia, trabalhando no saco de areia.

O fechamento da academia sobre ela mesma representa uma de suas maiores virtudes, para seus freqüentadores, e ele orienta toda a política do técnico. O fechamento é marcado, entre outras coisas, pelo fato de que todos os tempos fortes da vida pública nacional e municipal não têm a menor repercussão no interior do ginásio. Assim, ao longo de toda a campanha, nenhuma menção foi feita a respeito das eleições presidenciais que opunham George Bush a Michael Dukakis, com exceção dessa observação desabusada de Gene O'Bannon, no próprio dia da votação: "Entre uma carroça de bosta de cavalo e uma carroça de bosta de cachorro, não fico com nenhuma das duas". Do mesmo modo, a derrota do prefeito negro Eugene Sawyer para o filho do antigo prefeito branco Richard Daley (que, com mão de ferro, manteve Chicago sob um regime patrimonial racista durante meio século) só suscitou alguns breves comentários sobre o fato de que a política é "podre".(7)

> No dia 11 de novembro de 1988, troco fortes apertos de mão com todo mundo; "Como é que vocês vão hoje? Tudo bem?" DeeDee está vestido com uma calça cinza e com seu agasalho azul do "Moonglow Lounge" [um bar do gueto, antro de Flukie Stokes, líder da gangue que domina o South Side] bordado com escudos de boxe, as longas mãos enroladas em volta de um cigarro, o lábio inferior pendurado, o olhar apagado. Diz que vai tudo indo. Teria ele ido votar? "É claro, com certeza, hoje de manhã", murmura ele com uma voz morna. O assunto não pa-

(7) Não se encontra, no clube, a paixão que existe no meio operário (branco) norte-americano pelos escândalos públicos e privados e pelos abusos policiais, tal como é descrita por David Halle.[20]

rece animá-lo nem um pouco. Pergunto-lhe o que ele acha da campanha presidencial e, segundo ele, quem vai ganhar, Bush ou Dukakis. "Eu não estou nem aí, Louie. Estou bem me lixando pro que acontece fora dessas paredes. Isso não tem a menor importância pra mim. O que importa é o que acontece aqui, *entre essas quatro paredes daqui.* O resto dá no mesmo pra mim, é tudo a mesma coisa." E pôs fim à discussão, fazendo um gesto desiludido com as mãos em direção ao exterior.

O Boys and Girls Club de Woodlawn, que compreende a academia de boxe e a creche infantil, faz parte de uma rede de treze clubes mantidos em Chicago pela The United Way, uma organização caritativa nacional que possui tentáculos em todas as grandes cidades americanas, a maioria deles situada nos bairros desassistidos da cidade, formados de negros e hispânicos. Fundado em 1938, o clube de Woodlawn fundiu-se, em 1978, com seu homólogo mais importante de Yancee, que fica a alguns quilômetros a oeste, no bairro negro adjacente de Washington Park. Segundo o folheto de apresentação (intitulado "Um ano de vitórias pessoais"), esses clubes compreendem, os dois juntos, mais de 1.500 usuários por ano, dos quais 70% são meninos de 6 a 18 anos; a quase totalidade advém da comunidade afro-americana. As atividades propostas, exercícios de estimulação, tutoria de estudantes, passeios culturais e esportes, são 90% financiadas por meio de doações feitas por empresas privadas, cujos presidentes têm assento no comitê diretor do clube. Em 1987, a Woodlawn-Yancee Unit recebeu cerca de 50 mil dólares dessas empresas.

A sigla completa da organização – Woodlawn-Yancee Unit, Boys and Girls Club of Chicago: The Club that Beats the Street – revela bem sua missão: é em oposição "à rua" e à marginalidade econômica e social do qual é o vetor, que ela se define. Seu objetivo declarado é oferecer uma estrutura de inserção capaz de arrancar os jovens do gueto da exclusão urbana e de seu triste cortejo de criminalidade, gangues, drogas, violência e miséria:[21] "Investir na juventude de hoje é investir na Chicago de amanhã. É a juventude de hoje que representa a liderança [*leadership*], a força e a visão de nossa cidade. Mas muitos líderes em potencial de amanhã aprendem, e muito cedo, que a rua é o local de uma luta pela sobrevivência e que a única opção que se oferece para eles é uma vida sem futuro. Os programas do centro de Woodlawn-Yancee foram criados para superar essas barreiras sociais, econômicas e escolares. Graças a uma aprendizagem construtiva, asseguramos o desenvolvimento dos talentos e das qualificações que são a base da auto-estima e que abrem as portas do sucesso. Oferecer aos jovens de hoje um melhor amanhã, essa é a nossa responsabilidade. Juntos vamos 'vencer a rua'! [*Let's beat streets together!*]" (folheto de apresentação do clube).

A academia trabalha com um orçamento dos mais restritos, e a maior parte dos recursos do clube de Woodlawn está destinada ao funcionamento da creche. O Boys and Girls Club limita-se a pagar os impostos e a manutenção do prédio. O recrutamento de pugilistas é totalmente benevolente, e o treinador DeeDee não recebe remuneração alguma. Os equipamentos gastos e estragados devem ser repostos pelo próprio ginásio, o que explica o estado avançado de deterioração dos sacos de areia e das luvas e a penúria crônica de alguns materiais (o clube tem um consumo de pêras de velocidade que excede de longe a oferta, e muitas vezes há falta delas; a mesma coisa para as bolas teto-solo que servem para treinar jabe).

A cada ano, no início do inverno, a academia de Woodlawn organiza uma noitada "de gala" paga (25 dólares por pessoa, inclusive para os membros do clube), ocasião em que os boxistas amadores do lugar apresentam-se diante de uma platéia de notáveis e de estrelas locais, parentes e amigos, para reunir os fundos necessários à compra de equipamentos novos e ao conserto dos usados. Se um saco de areia fura ou esvazia, uma saída para a reposição consiste em pedir aos freqüentadores que contribuam, cada qual na medida de seus modestos meios, para uma "vaquinha", com o objetivo de comprar um novo equipamento. Mas DeeDee não gosta desse método, porque, diz ele, "ninguém nunca dá nada, e, no final, ficamos no mesmo pé que no começo". De fato, com exceção do pagamento de fotos, feitas, sob encomenda, pelo fotógrafo amador Jimmy Kitchen, é excepcional ver dinheiro circulando no clube.

Um templo do culto pugilístico

A sala de treinamento do Woodlawn Boys Club ocupa a parte dos fundos de um velho prédio de tijolos que data do entreguerras e que deve ter sido modificado para acolher atividades esportivas: acrescentaram-se as duchas e um vestiário; o estreito compartimento recentemente pintado de azul vivo, em que os boxistas trocam de roupa, está equipado com uma simples mesa forrada com uma lona de ginástica.[8] O mesmo prédio abriga uma creche infantil financiada pela The United Way, com a ajuda dos serviços sociais da municipalidade, para onde as crianças (todas negras) vêm depois do meio-dia, para realizar atividades de estimulação em duas salas forradas de pôsteres educativos multicoloridos que as exortam ao orgulho racial – como essas séries de cartazes dedicados às grandes personalidades negras da história, da ciência e da literatura mundiais. No corredor de entrada, uma estante de madeira oferece uma panóplia de folhetos para uso dos jovens do clube e suas famílias: "Primeiro as crianças: CURE, Chicago Unit para a Reforma da Escola"; "Como encontrar um emprego: dez conselhos"; "SOS-Aids na comunidade negra"; "Torne-se mecânico graças ao curso Truman de tecnologia de automóveis". A creche e a academia de boxe coabitam, mas de maneira separada; somente a intrusão periódica no ginásio de uma revoada de meninos, prontamente enxotada por DeeDee, e o carregamento cotidiano de comida na pequena cozinha pegada às duchas lembram a presença das crianças. A entrada dos boxistas, que se situa na parte de trás do prédio, para não atrapalhar as crianças, é atulhada de material de construção coberto por uma lona azul.

(8) A sala também não tem seu aquecimento próprio. No verão, quando a temperatura freqüentemente ultrapassa os 30° C, o ar-condicionado é bem fraco, somente a ponto de evitar que o calor fique insuportável. Durante os períodos de grande frio do inverno (o termômetro, em janeiro e fevereiro, muitas vezes desce até menos dez), os encanamentos que levam ar quente de uma caldeira situada a quatro prédios dali podem congelar e furar, privando o *gym* de qualquer aquecimento. DeeDee refugia-se então na cozinha, onde ele passa o dia sentado diante do forno aberto, com todas as bocas acesas. Se a academia esfria demais, abrem-se as duas duchas quentes que ficam no fundo, para encher o salão de um vapor tépido que aumenta a temperatura até um nível suportável.

A própria academia é bastante vetusta: os encanamentos e a fiação elétrica aparentes correm ao longo das paredes; a pintura amarela está descascando em lascas das paredes, cujos azulejos estão quebrados ou faltando em vários lugares; as portas são desconjuntadas e, não raramente, pedaços de reboco caem do teto, em cima dos espelhos. Mas a academia é limpa e bem conservada; e, quando comparado ao estado avançado de decomposição do que está em volta, o *gym* não transmite de forma alguma a idéia de destruição.

A parte do salão onde se boxeia, cujo chão é coberto por um piso de madeira colocado sobre o linóleo, mede cerca de 11 por 9 metros. Ela é delimitada, por um lado, pelo corpo maciço do ringue azul, que corta o corredor que leva à creche, e, por outro lado, pela sala dos fundos (que abriga o escritório do técnico, um longo cabide de roupas, dois armários de acessórios, uma grande lata de lixo e uma balança), de onde DeeDee observa a evolução dos pugilistas através de um grande vidro retangular, e por uma pequena peça cúbica que serve de vestiário. Dois grandes sacos de areia, suspensos na ponta de pesadas correntes, ocupam o centro da área de exercício: o *soft bag* [saco de bater mole], longo rolo de couro preto acolchoado, e o *hard bag* [saco de bater duro], enorme cilindro vermelho cheio de areia, duro como concreto, pregado com fitas adesivas e remendado em vários lugares. Contra a parede do lado leste, há dois espelhos, um de 1,50 metro de largura e colocado, obliquamente, direto no chão, e outro mais estreito, posto como um tabique, e um saco fixado horizontalmente à parede, para treinar os *uppercuts*. Um *speedbag* [pêra de velocidade] pendurado a uma torrezinha de madeira, cuja altura é regulada acionando-se uma manivela, serve para trabalhar o tempo e a coordenação entre olho e mão; no canto estão uma barra de ferro para os movimentos de flexão, uma fila de halteres raramente usados e um extintor.

O resto dos equipamentos consiste de cordas de pular, luvas, protetores genitais (*cups*), capacetes de *sparring*, arrumados em seus respectivos armários ou atirados sobre a mesa do escritório, e uma *punching-ball* vermelha [*double end bag*, bola teto-solo], presa ao chão e ao teto por elásticos, sobre a qual se aplicam jabes. Uma mesa coberta com uma lona de ginástica pegajosa, reforçada com fita adesiva prateada e forrada com material semelhante a lã, permite que se façam abdominais. Perto

do espelho menor, está um balde para recolher a água que corre de uma goteira; outro balde recebe os escarros dos lutadores, por intermédio de um funil pendurado em um dos postes do ringue.

As outras paredes são forradas de armários metálicos fechados por pesados cadeados e com as portas enfeitadas com fotos e cartazes de boxe. Um deles, perto da cozinha, exibe orgulhosamente um berrante adesivo azul e vermelho que proclama: "Diga não à droga!" No canto oposto, três grandes quadros de madeira exibem colagens compostas de dezenas de fotos não usadas, tiradas por Jimmy Kitchen, o autodenominado fotógrafo do clube. "*Life in the Big City* 1986" é uma montagem de imagens de boxe (antes, durante e depois dos combates, cenas de treinamento, os técnicos rodeados por seus alunos, vencedores de uma noite brandindo sua copa), instantâneos das moças que seguram o cartaz [*cards girls*], que exibem suas curvas nos intervalos das lutas, de reuniões políticas (o falecido prefeito Harold Washington rindo, Jesse Jackson exausto), de cerimônias religiosas (casamentos, batismos), de noites dançantes (músicos em ação, casais enlaçados, homenageados sorridentes) e da cidade. Essa montagem condensa e exprime o enovelamento mútuo de todos esses aspectos da cultura afro-americana em Chicago.[22]

A parede da sala dos fundos, atrás da poltrona de DeeDee, é só dele, uma forma de obra de arte popular feita de velhos calendários de publicidade, *pin-ups* negras dos anos 60, pequenas flâmulas de boxe multicores, cartazes desbotados de grandes combates (Gerry Cooney contra Larry Holmes), sobre os quais estão pregados recados telefônicos; uma capa da *Newsweek* mostra Mohammad Ali com dor, sentado em sua banqueta de córner durante o combate de despedida ("Ali: um último urra"), entre fotocópias de capas de *Ring Magazine*, vistas de Chicago à noite e propagandas de carros de luxo, sem esquecer os retratos de DeeDee e de boxeadores do clube, adesivos de boxe, duas bandeiras americanas, velhas circulares oficiais amarelecidas, enviadas pela Boxing Commission, um diploma de primeiros socorros em flebologia, concedido por uma escola privada, a licença do clube pregada com durex nas costas da cadeira do técnico, tudo sobre o fundo de uma tinta verde que reproduz uma gigantesca nota de um dólar (no total, não menos de 65 fotos e imagens).

Também as paredes do *gym* estão pontilhadas de pôsteres de boxeadores, de cartazes de combates locais, de capas de revistas especializadas (tais como *Ring*, *Knockout*, *KO* e *Ringworld*) pregadas por toda a parte.[9] Sobre o espelho grande, reina uma fotografia em preto-e-branco de um jovem colosso de torso nu, a musculatura enfaixada, o olhar ameaçador, acompanhada dessa exortação: "Escolha bem em que pensar!" ["*Select the things that go into your mind!*"] Ela está ao lado de um grande pôster vermelho, azul e amarelo, que anuncia o duelo Tyson-Spinks, e de um retrato colorido da grande estrela do clube, Alphonso Ratliff, exibindo seu cinturão de campeão do mundo de meio-pesado versão WBC (que, mais tarde, ele perdeu). O espelho é ladeado por dois cartazes de reuniões locais, amarelos e beges; à esquerda, uma foto de Tyson em ação; à direita, um outro retrato de Tyson em roupa de combate, surpreso, sorrindo ao telefone, com as capas da revista *Knockout* mostrando a cara ameaçadora de Leon Spinks, Marvin Hagler e Tony Lalonde. Bem à vista, à direita da entrada do "escritório", estão pendurados dois grandes retratos em uma só cor de Martin Luther King e Harold Washington (o primeiro prefeito negro de Chicago, morto recentemente). Um desenho de um boxista com um corpo minúsculo e uma cabeça enorme (acompanhado de uma legenda de duplo sentido, incitando todos à modéstia e à excelência: "*Don't let your head get big in the ring*", que pode ser lida tanto como "Não deixe sua cabeça virar um quadrado no ringue" quanto como "Não seja pretensioso no ringue") e um outro pôster de Mike Tyson fazendo uma careta horripilante enfeitam a parede da cozinha.

Na disposição e na decoração, a academia constitui uma espécie de templo do culto pugilístico, pela presença, nas paredes, dos grandes lutadores do passado e contemporâneos aos quais os jogadores ainda não-maduros do ginásio votam um culto seletivo, mas tenaz. Os campeões demonstram, de fato, *in vivo*, as virtudes mais elevadas da profissão (coragem, força, destreza, tenacidade, inteligência, ferocidade) e encarnam as diversas formas de excelência pugilística. Além disso, eles também podem intervir diretamente sobre a vida de cada um deles, como atesta

(9) É a decoração típica das academias norte-americanas de boxe. Thomas Hauser observa que "não existe *gym* que não tenha sua ou suas fotos de Ali na parede" (*op. cit.*, p. 35).

a foto de Mike Tyson ladeado por DeeDee e Curtis (que, para a ocasião, usa um boné azul bordado com um enorme "WAR" vermelho), pregada em um lugar de honra, na parede do escritório, que faz lançar sobre os dois uma parcela do capital simbólico da estrela saída do gueto do Brooklyn.

Não há menos de cinco fotos individuais de Tyson na única parede na qual estão fixados os espelhos e a *speedbag*, duas na parede oposta e três na parede no norte. O segundo campeão mais homenageado é Sugar Ray Leonard, que aparece em cinco pôsteres, bem em frente a Mohammad Ali. No entanto, menos que o número de imagens, é mais a forma como elas estão arrumadas que dá toda força e significado a essa espécie de iconografia profana espontânea. É notável que cada "grupo" de pôsteres compreenda uma ou várias fotos de campeões no momento da ação, colocados, no mais das vezes, por cima de anúncios de combates regionais. Esse "sintagma", essa proximidade física, sugere uma associação, um laço quase genealógico entre os pugilistas locais, que combatem em troca de um dinheiro irrisório nas noitadas da região, e os supercampeões, que compartilham dos cachês miríficos das reuniões midiáticas de Las Vegas e de Atlantic City. Assim, dá-se concretamente a idéia de uma grande "cadeia do Ser" pugilístico: haveria continuidade, desde o recruta anônimo do mais modesto dos clubes até a estrela internacional, treinada sob vigilância informática e médica de ponta e da qual somente o nome basta para fazer circular correntes de dólares e fazer tremer os mais temíveis adversários (como no mito Tyson). Todos participariam de uma mesma essência: a providência e a determinação individual decidirão qual dos pequenos irá se tornar grande, contanto que ele tenha a coragem e o talento necessários.

Essa iconografia mural de aparência anódina, que justapõe um Michael Spinks sendo demolido por Mike Tyson ("A glória a qualquer preço?", pergunta o artigo que acompanha a foto) a uma publicidade local de um encontro de segunda classe com lutadores de segunda linha (Manning "Motor City Madman" Gallaway contra Craig "Gator" Bodzianowski), sustenta a crença em um ideal por definição inacessível para a quase totalidade dos pugilistas e contribui para alimentar a ilusão de uma "escala de mobilidade" contínua e graduada, levando progressivamente da base ao topo da hierarquia pugilística – quando o que transparece da organização social e econômica do boxe profissional indica, antes, que há descontinuidade, que as redes que geram o *business* da luta parecem-se menos com "escalas" do que com segmentos fortemente clivados, cujo acesso é firmemente controlado pelos detentores do capital social específico.[23]

Os cartazes e a decoração mural da sala desempenham um papel notável no estabelecimento das hierarquias no interior do clube. Os pôsteres são objeto de um "tráfico" (dons, trocas, buscas, emolduramento por parte dos interessados), por meio de cuja interpretação cada um busca afirmar ou ter aumentado seu valor no mercado pugilístico, exigindo e fazendo circular os signos de sua participação nesta ou naquela reunião, tal como é indicado nesta nota de 15 de novembro de 1988.

Enquanto enxugo meu corpo com uma toalha, pergunto a DeeDee se os velhos cartazes de combates locais, que estão em desordem dentro de uma grande pasta de papelão, perto do armário das cordas de pular, são para jogar fora ou se posso pegar alguns deles. Charles (treinador assistente) responde-me prontamente: "Claro, você pode pegar todos eles, se quiser, porque de qualquer modo eles vão ser trocados". DeeDee corta e replica vigorosamente: "Mas o que é isso que você está falando aí? Eu não vou jogar eles fora! Isso não. Deixe eu olhar essa pasta e vou lhe dar quatro ou cinco dos antigos, Loiue, mas você não pode pegar qualquer um. Não os que têm fotos dos meninos do clube, dos meninos daqui. Porque esses eu quero conservar e colocar na parede. Os meninos gostam muito de ver as fotos deles na parede. [...] Eles adoram ver os pôsteres com as fotos deles em cima. É a primeira coisa que eles mostram pro pessoal deles [*buddies*] quando ele vem aqui pela primeira vez. Vão direto para o pôster com a foto deles em cima, chamam o pessoal e dizem: 'Olha só, cara, sou eu nessa foto'. Isso é muito importante pra eles. É como, você se lembra do Duane? Ele achava que era um lutador conhecido, então acreditava que a foto dele já estava em todo canto. A primeira vez que ele pintou, deu uma geral no *gym* todo, zanzou por toda parte, e não havia nenhuma foto dele na parede. O cara nem acreditava. Ficou tão furioso que, *no dia seguinte*, me trouxe uma foto dele."

Escudo protetor contra as tentações e os riscos da rua, a academia de boxe não apenas é o local de um exercício rigoroso do

corpo; ela é também o suporte do que Georg Simmel chamou de "sociabilidade" (*Geselligkeit*), esses processos puros de associação que têm seu fim neles mesmos, essas formas de interação social no limite desprovidas de conteúdo ou dotadas de conteúdos socialmente anódinos.[24] Isso em razão do código tácito segundo o qual os membros do clube devem deixar na porta todos os *status*, os problemas e obrigações que eles têm lá fora, nos registros do trabalho, da família e do coração. Tudo se passa, de fato, como se um pacto de não-agressão governasse as relações interpessoais e excluísse da conversa todo tema "sério", capaz de atentar contra essa "forma lúdica de socialização" e de entravar o bom desenvolvimento das trocas cotidianas, e, portanto, de pôr em perigo a subcultura masculina específica que o *gym* perpetua.(10) Quase nunca se fala de política. Os problemas conhecidos como raciais, como a discriminação na hora de procurar emprego e as brutalidades policiais, são abordados de forma incidental, mas não têm chance de gerar desacordos, em razão da homogeneidade étnica do recrutamento da academia. Somente os eventos esportivos têm automaticamente direito de circulação. Mas um esporte tem mais chance de ocupar as conversas quanto mais ele se aproxime de um esporte de combate e faça apelo para as qualidades viris. Os jogos dos Bears, a equipe de futebol americano de Chicago, são freqüentemente comentados, sobretudo no dia seguinte ao das partidas, sob o ângulo do vigor e da coragem física exibidos por esse ou aquele jogador; no entanto, é preciso alguma proeza de Michael Jordan, o jogador estrela dos Chicago Bulls, para que o desempenho do time no campeonato nacional de basquete seja mencionado. São, evidentemente, os encontros de boxe locais e nacionais (regularmente transmitidos de Atlantic City, Las Vegas e Reno pelos canais de TV a cabo, como ESPN, SportChannel e Sportvision, ou especialmente difundidos pelas cadeias pagas, como TVKO e Showtime), que fornecem a matéria essencial das discussões, e cujos resultados e conseqüências são mais abundantemente comentados. O resto dos "papos de cozinha" versa sobre

(10) A academia de boxe aproxima-se, sob esse aspecto, dos salões de bilhar, que constituem, junto com os bares, um dos últimos refúgios da subcultura masculina solteira, como é demonstrado por Ned Polsby.[25]

o treinamento do corpo,[26] o perpétuo problema da administração do peso e outras considerações técnicas; trocam-se conselhos e dicas; dissecam-se as sessões de *sparring*; pesquisam-se torneios passados e reuniões futuras.

Por ocasião desses debates, que renascem sem parar de suas próprias cinzas, DeeDee e os mais antigos dão mostras de um conhecimento enciclopédico sobre nomes, lugares e acontecimentos que se destacam no folclore pugilístico. Os combates que marcam a história, sobretudo a regional, são freqüentemente evocados, assim como os sucessos e os fracassos dos pugilistas em ascensão ou em declínio. Fruto de uma inversão deliberada do quadro de valores oficiais, os grandes combates televisionados (por exemplo, Leonard contra Hagler, ou Holyfield contra Foreman) são menos admirados que os confrontos locais, e as séries de nomes desfiados durante a conversa contêm mais pugilistas obscuros do que as estrelas conhecidas da mídia. Do boxe, a conversa desliza insensivelmente para um outro registro, o das histórias de brigas, tráfico, crimes e agressões, sobre os quais todos têm um repertório pessoal extenso. Sob esse ângulo, o "escritório" de DeeDee – a sala dos fundos, com as paredes fartamente cobertas de cartazes de lutas e de fotos de boxeadores, de onde se pode controlar a área de exercícios por intermédio de um grande vidro retangular – funciona como um palco no qual cada um pode dar provas de sua excelência no manejo do capital cultural próprio ao grupo, no caso, a informação pugilística e sobre o conhecimento da rua e de seu mundo suspeito.

As conversas no clube são bastante ritualizadas. A ordem dos interlocutores, o teor de suas proposições, a posição que eles ocupam no espaço confinado da sala dos fundos esboçam uma estrutura complexa e altamente hierarquizada. Assim, raramente conversa-se no salão propriamente dito, enquanto o treino está em curso.(11) Um *pecking order* estrito rege a ocupação das poltronas,

(11) Essa nota, de 27 de junho de 1989, é típica a esse respeito. Começo a me aquecer, observando Lorenzo e Big Earl, que estão lutando em *sparring*, ao pé do poste do ringue, quando Billy vem apertar minha mão. Ele está com uma cara um tanto pálida e inquieta, e tem razão. "Vou lutar amanhã, é a minha primeira luta. Você acha que vai dar tudo certo?" "Mas é claro, você

assim como o momento de tomar a palavra: são os treinadores e os mais antigos que têm a prioridade (na ordem: DeeDee; Ed Woods, gerente responsável por um ginásio semelhante em Saint Louis; Charles Martin, outro técnico e amigo próximo de DeeDee; o velho Page, monitor em um ginásio municipal; o carteiro O'Bannon). Em seguida, vêm os lutadores, por ordem de força e de antigüidade (Curtis, Butch, Smithie, Lorenzo, Ashante, Rico, e assim por diante), seguidos pelos visitantes de ocasião. A poltrona de onde DeeDee segue a evolução dos atletas é estritamente reservada para o senhor do lugar. Oficialmente, ele não quer que ninguém sente nela, sob pretexto de que poderá ficar suja de suor. Mas a proibição recai também sobre aqueles que chegam vestidos à paisana e que não treinam – somente Curtis, a jovem estrela do clube, permite-se, vez ou outra, transgredir a proibição, no mais das vezes quando o velho treinador não está presente. A desculpa higienista dissimula mal a razão social dessa interdição: a poltrona simboliza o lugar de DeeDee e sua função na academia. Posto de observação, ela é o lugar de sua autoridade, de onde ele pode descortinar com um único olhar, vigiar e, portanto, controlar todas as fases do treinamento e os gestos de todos.

Não é prudente subestimar a importância dessas conversas de aparência anódina. Elas são, de fato, um ingrediente essencial do "currículo oculto" do *gym*: elas comunicam aos aprendizes de boxe, de uma forma oral e osmótica, o saber indígena da profissão. Sob a forma de relatos mais ou menos apócrifos, de fofocas da academia, de anedotas de combate e de lendas da rua, elas inundam esses aprendizes de valores e de categorias de entendimento em vigor no universo pugilístico, essas categorias mesmas que

está bem preparado, está em forma. Essa é uma academia legal, você vai ver que você vai parecer um touro caindo em cima dos outros." "Você acha? Eu realmente estou me cagando de medo. Estou começando a esquentar a cabeça, sacou?" Confidência interrompida pelo treinador Eddie, que bronqueia com ele: "O que é que você está fazendo aí, papeando? O que você acha que é isso aqui? *Um clube de encontros*? Você não está numa boate, vai trabalhar, Billy! Vai pular corda, fazer abdominais, mas não fica aí sem fazer nada, vá!" Billy guarda seus estados de alma e começa a fazer exercícios, envergonhado.

ancoram igualmente a cultura da rua no gueto: um misto de solidariedade com o grupo de pares e de desconfiança individualista, a dureza e a coragem física ("o coração"), um sentido inquebrantável da honra masculina e uma acentuação expressiva do desempenho e do estilo pessoal.[27]

As promessas do boxe

Em 10 de junho de 1989, quando eu começava meu terceiro *round* no saco de bater, Curtis sai bruscamente do vestiário, aos tropeços, e interpela Reggie e Luke – um com o torso nu e vestido com uma calça vermelha, outro de calção e camiseta azuis –, que começaram a treinar tarde e tagarelam enquanto boxeiam devagar diante do espelho. Com uma voz de estertor que eu nunca tinha ouvido nele, adverte-os vigorosamente pelo comportamento, antes de dirigir-lhes esse retrato das recompensas do pugilista, de tudo o que eles poderão fazer quando forem campeões, sem esquecer de pedir diversas vezes com o olhar o testemunho de Anthony, que está sentado sobre a mesa, perto do ringue. "Em vez de ficar sem fazer nada, de não ser nada e de ficar dando bobeira na rua, vocês podem *ser alguém*. Graças ao boxe, vocês podem se tornar alguém, podem ter orgulho de vocês mesmos e fazer suas mães ficarem orgulhosas de vocês. Se você treina pra valer e se trabalha pra valer, treina pra valer no *gym* e faz bem o seu serviço, cara, você é um cara sério, pode virar um boxeador de alto nível [*big-time fighter*] e ganhar altas lutas. Você vai lutar [no torneio das Golden] nas Gloves e ganhar, e vai levar pra casa uma taça tão grande que tua mãe e tua avó nem vão acreditar, uma taça tão grande que elas vão chorar só de pensar que foi você que ganhou ela.

Se você treina de verdade, você pode viajar por vários lugares, a equipe olímpica e os patrocinadores vão querer que você vá para o *gym* deles, mano, você nem vai acreditar nos *gyms* que eles têm, e eles vão dar pra você de graça aquelas calças e aquele agasalho, mano, e vão te dar roupa pra usar, te dar comida, te dar três boas refeições por dia, de graça. Você vai ter oportunidade de ir a lugares em que você nunca sonhou ir, você vai à França, ou à Inglaterra e à Europa, pra altas lutas – pergunte ao Anthony se não é verdade. [Anthony aprova o chefe.] Mas precisa trabalhar pra valer. Quem não trabalha, não come. [*No pain, no gain.*] Isso não vai te acontecer por obra do Espírito Santo. Precisa tra-

balhar pra valer, treinar pra valer, todos os dias: *jogging, shadow-boxing*, bater no saco de areia, precisa ser sério no seu trabalho, cara. Então tudo isso pode ser seu."

Estupefatos – e pelo menos atraídos – por esse palavrório lançado por um Curtis enfurecido e seminu, Reggie e Luke baixaram a cabeça e voltaram ao trabalho com uma seriedade e um ardor renovados.

Os jovens que "venceram a rua"

Sabe-se que a esmagadora maioria dos boxistas vem dos meios populares e, sobretudo, das frações recentes da classe operária, aumentadas pela imigração. Desse modo, em Chicago, a predominância sucessiva de irlandeses, de judeus da Europa Central, de italianos, de negros e, mais recentemente, de hispanófonos corresponde estritamente à sucessão desses grupos na base da escala de classes.[28] A ascensão, em termos de potência, dos pugilistas chicanos, nesses últimos anos, é imediatamente perceptível quando se computam os programas do grande torneio amador anual das Golden Gloves, que é a tradução direta do afluxo maciço de migrantes mexicanos nas regiões inferiores do campo social do Midwest norte-americano. É assim que, por ocasião das lutas do final da edição de 1989, claramente dominadas pelos boxeadores de origem mexicana e porto-riquenha, DeeDee observou-me que, "para saber quem está por baixo na sociedade, você tem que ver o boxe. Os mexicanos, agora, têm uma vida mais dura que os negros [*they have it rougher than black*]". Processo similar de sucessão "étnica" observa-se nos outros principais mercados pugilísticos do país, que são a área de Nova York-Nova Jersey, Michigan, a Flórida e a Califórnia do Sul. A título de confirmação local, no momento da inscrição, cada membro do Woodlawn Boys Club deve preencher uma ficha de informações que compreende, além do estado civil, nível de escolaridade, a profissão do candidato e a de seus pais, também perguntas sobre se ele foi criado em uma família sem pai ou sem mãe e sobre o nível econômico da família: das cinco categorias de renda pré-codificadas no questionário, a mais elevada começa somente com 12.500 dólares por ano, ou seja, a metade da renda média da cidade.

É preciso, no entanto, sublinhar que, contrariamente a uma imagem bastante difundida, vinda do mito indígena do "boxeador que tem fome" [*hungry fighter*], e periodicamente reavivada pela atenção seletiva da mídia para os representantes mais exóticos da profissão – tal como o campeão de todas as categorias Mike Tyson –,[12] os boxeadores não são geralmente recrutados entre as frações mais deserdadas do subproletariado do gueto, mas sim no interior das franjas da classe operária local, nas bordas da integração socioeconômica estável. Essa (auto)seleção, que tende de fato a excluir os mais excluídos, não se opera sob o efeito de uma penúria de recursos monetários, mas pela *mediação das disposições morais e corporais* acessíveis a essas duas frações da população afro-americana. Na verdade, não existe, propriamente falando, barreira material direta para a participação: a inscrição no clube monta a 10 dólares por ano (60 francos, na época), o custo da licença da Amateur Boxing Federation (cuja aquisição é obrigatória por razões jurídicas) é de 12 dólares (72 francos) e a totalidade do material necessário ao treinamento é graciosamente fornecida pelo clube – somente as bandagens [*hand-wraps*] e os protetores bucais [*mouth-piece*] devem ser comprados pelo pugilista em uma loja especializada, por uma soma global inferior a 50

[12] É difícil exagerar a importância da influência do fenômeno Tyson sobre o boxe no gueto negro no final da década de 1980. A verdadeira onda midiática que acompanhou sua ascensão (fora do gueto do Brooklyn e da prisão, onde, adolescente, ele iniciou-se no boxe), suas desavenças conjugais e financeiras com a atriz afro-americana Robin Givens (que foram objeto de várias transmissões televisivas especiais nos horários de pico de audiência), seus laços financeiros com o miliardário nova-iorquino branco Donald Trump, sua convivência com o meio artístico (por intermédio de Spike Lee), seus conflitos pessoais e jurídicos com a antiga *entourage* fizeram dele uma personagem legendária que não somente alimenta um fluxo contínuo de boatos, discussões e histórias, mas que, além do mais, é capaz de, apenas por seu valor de símbolo, suscitar vocações em massa – como Joe Louis e Mohammad Ali, que foram, em seu tempo, inspiradores de milhares de aprendizes de boxe. O fenômeno passou por uma reviravolta espetacular depois da derrota de Tyson para Buster Douglas, em fevereiro de 1990, e, depois, da condenação à prisão por estupro e a série de incidentes bizarros que se seguiram.[29]

francos.[13] É pelo viés das inclinações e dos hábitos exigidos pela prática pugilística que os jovens saídos de famílias mais despossuídas são eliminados: tornar-se pugilista exige, de fato, uma regularidade de vida, um sentido de disciplina, um ascetismo físico e mental que não pode se desenvolver em condições sociais e econômicas marcadas pela instabilidade crônica e pela desorganização temporal. Abaixo de um determinado limiar de estabilidade pessoal e familiar objetiva, torna-se altamente improvável adquirir os meios corporais e morais indispensáveis para amadurecer com sucesso no aprendizado desse esporte.[14]

A análise preliminar do perfil dos 27 profissionais (todos, com a exceção de dois, de origem afro-americana, de idade entre os 20 e os 37 anos) em atividade, durante o verão de 1991, nos três principais *gyms* de Chicago, confirma que os pugilistas são de condição social superior ao segmento mais baixo da população masculina do gueto. Um terço deles cresceu em uma família que recebia uma ajuda social, 22% estavam desempregados e o resto era empregado ou recebia um "salário semanal" de seu empresário. Treze deles (ou seja, 48%) fizeram sua educação escolar em um pequeno *community college* (realizada em curso intensivo, sem se

(13) Os *gyms* dos serviços de parques e jardins da cidade são ainda mais baratos, porque a inscrição é gratuita. Uma outra academia profissional de Chicago exige uma cotização mensal de 5 dólares para os amadores e de 20 dólares para os profissionais, mas os trambiques são enormes, nesses locais. Em outras cidades, alguns *gyms* cobram taxas de inscrição ainda mais elevadas: por exemplo, 55 dólares por trimestre no Somerville Boxing Gym, em um subúrbio operário de Boston, onde eu treinei boxe em 1991-1993, e 50 dólares por mês em uma academia de Tenderloin, bairro mal afamado de São Francisco.

(14) Caso contrário, a falta de governo interno deve ser compensada por uma dureza diante do mal, capacidades atléticas e por uma agressividade entre as cordas excepcionais. Esses pugilistas tendem, contudo, a "pular fora" [*to burn out*] prematuramente, e raras vezes atingem seu potencial pleno, tanto pugilístico quanto econômico. O caso do prodígio dos ringues, que foi triplo campeão do mundo, Wilfredo Benitez, filho de um cortador de cana-de-açúcar de Porto Rico, é exemplar a esse respeito: embora tenha se tornado profissional aos 14 anos e tenha arrebatado a coroa mundial aos 17, sua irregularidade nos treinos e sua notória indisciplina alimentar fizeram com que sua carreira logo fosse abreviada.

tirar o diploma nem obter qualquer benefício econômico tangível); um recebeu um *associate degree*, e um outro, uma licença.[15] Apenas três (11%) não tinham terminado seus estudos do ensino médio e cerca da metade tinha conta bancária. Em comparação, 36% dos homens de 18 a 45 anos que moravam no South Side de Chicago, em 1989, tinham crescido com ajuda social, 44% estavam sem emprego, a metade havia abandonado o colégio sem terminar o curso e apenas 18% dispunham de conta bancária.[31] O perfil educacional e socioeconômico dos boxistas profissionais é, portanto, sensivelmente mais elevado que o do morador médio do gueto. Cabe observar que nenhum dos pais desses boxistas havia obtido diploma do ensino médio e que quase todos tinham um emprego como operário ou assemelhado – com a exceção notável do filho de um rico empresário branco do subúrbio. E os dados dispersos de que dispomos, pelo levantamento das biografias e dos relatos indígenas, sugerem que o recrutamento social dos boxistas, em lugar de diminuir, eleva-se ligeiramente quanto mais se sobe na hierarquia pugilística. Emanuel Steward, o treinador-empresário e fundador do célebre *gym* de Kronk, em Detroit, fabricante de inúmeros campeões do mundo, observa: "Ao contrário do que as pessoas pensam, a maioria de meus meninos não é tão pobre assim. Eles vêm de diversos bairros bons de todo o país".[32]

Longe, portanto, de se originarem nessas novas "classes perigosas" desorganizadas e não-socializadas, diante de quem o temor exprime-se por meio do discurso pseudo-elevado sobre o aparecimento de uma "*underclass*" negra pretensamente isolada para sempre do resto da sociedade,[33] tudo indica que os pugilistas distinguem-se dos outros jovens do gueto por um acréscimo de integração social com relação a seu baixo nível cultural e econômico, e que eles provêm de famílias originárias da classe ope-

(15) Um *community college* (ou *junior college*) é uma instituição de ensino pós-secundário curto, que pretensamente tem a finalidade de dar acesso às longas fileiras do ensino superior, mas que, na verdade, oferece cursos de reciclagem de nível médio e concede, em dois anos, um diploma de caráter profissionalizante (*associate degree*), amplamente desprovido de valor no mercado de trabalho.[30]

rária, ou, ainda, que eles esforçam-se muito para recuperar esse *status* engajando-se em uma profissão que percebem como um ofício manual qualificado, tido em alta estima pelo seu ambiente imediato e que oferece, além do mais, a possibilidade de ganhos financeiros consideráveis. A grande maioria dos adultos do *gym* de Woodlawn trabalha (é verdade que, sobretudo, em tempo parcial) como guarda, frentista, pedreiro, gari, vendedor, mensageiro, instrutor de esporte para os serviços de parques municipais, empregado de fotocopiadora, manobrista, sapador, caixa, animador em um centro de detenção para jovens e operário em uma aciaria. É claro que, na maioria dos casos, esse enraizamento no proletariado é frágil, porque esses são empregos tipicamente precários e mal remunerados, e eles não excluem o recurso crônico aos "expedientes" [*hustling*] da economia informal da rua para somar as duas fontes no fim do mês.[34] E um contingente de boxeadores profissionais vem de frações inferiores da classe operária, ou seja, de famílias grandes que vivem "de ajuda social", em complexos alojamentos públicos estigmatizados, sofrendo com o desemprego endêmico e quase permanente. Mas eles não são a maioria, assim como não são, em média, os competidores que conhecem o maior sucesso no campo do pugilismo.

Além disso, embora seus medíocres rendimentos e seus fracassos escolares não os distingam da média dos moradores do gueto de sua faixa etária, os pugilistas profissionais são mais freqüentemente originários de famílias intactas e, na grande maioria das vezes, são casados e pais de família. E eles têm o privilégio de pertencer a uma organização formal – o clube de boxe –, enquanto a esmagadora maioria dos habitantes negros dos bairros mais pobres da cidade não é membro de qualquer associação – com exceção dos raros remanescentes da classe média.[35] No entanto, a influência da integração conjugal e familiar se exerce de maneira sutilmente contraditória: condição que permite a prática, é preciso que ela seja suficientemente forte para permitir a aquisição dos meios e das motivações necessários ao combate, mas não muito forte, contudo, para que o emprego e a vida de família não venham a fazer concorrência muito dura com o investimento no boxe.

DeeDee: Não, o Ashante não vem todos os dias, você sabe bem disso, Louie. Há os jovens que estão no colégio e que vêm regularmente todas as tardes. Esse é o problema dos adultos: eles são casados, eles têm família, filhos, não podem vir à academia todos os dias. Os aluguéis são caros, a mesma coisa pra comida, e é preciso ir catar grana pra tudo isso. É preciso arrumar um trabalho de meio-expediente, encontrar um serviço que te dê a grana que a mulher e os filhos precisam. E quando você pode levar dinheiro pra casa, precisa ir ao serviço, e não vir treinar. Esse é o problema do Ashante. O Ashante tem dois filhos. Tem uns servicinhos aqui e ali. Faltou na última reunião, quando ele estava no programa, porque teve oportunidade de trabalhar três ou quatro dias de enfiada e arrumar um pouco de grana. É um armazém, quando eles procuram pessoal pra fazer hora extra, eles pegam ele [como vendedor, durante o dia]. Não é uma coisa fixa, mas eles chamam muitas vezes, quando precisam. Ele pode ganhar mais fazendo esse serviço de tempo parcial do que subindo no ringue. [Um combate que fique no meio do programa dá um cachê de cerca de 150 a 300 dólares para cada um dos protagonistas.] E sem ter que apanhar [*get beat up*]. Então, precisa que ele pegue. [*Nota de 13 de janeiro de 1989.*]

A conversa recai sobre Mark – um jovem novo que trabalha como empregado em uma empresa de fotocópias desde que abandonou o colégio, sem completar seus estudos. Ele chegou bem atrasado, mas, mesmo assim, DeeDee deixa que continue treinando. Ele boxeia com ardor, inclinado sobre o saco de areia, que



"Sem educação, nada de futuro".

ele metralha com ganchos curtos, o que lhe vale as apreciações elogiosas de DeeDee. "Esse menino é bom. Ele se mexe bem. É um pugilista de nascença [*a natural*]. Olhe esses movimentos. Ele é forte. Tem boas mãos. Isso é porque ele costumava brigar na rua. Ele faz progressos rápidos. Mas tem as pernas rígidas, não sabe dobrar as pernas. E depois tem um emprego que faz com que ele chegue tarde assim. Precisa treinar mais que isso, mas não tem tempo. É uma pena mesmo, é realmente uma pena [*a real pity*], porque ele podia dar um bom pugilista. Se pelo menos ele tivesse chegado mais cedo, quando era mais novo... – Que idade ele tem? – Tem 22 anos. Ele mesmo já me disse como teria ficado feliz se tivesse vindo pra academia com 15, 16 anos. Mas não tinha *gym* lá onde ele morava antes, então, ele não fazia nada. Ele treinava e passava o tempo brigando no bairro dele. Tem 55 quilos, não é muito gordo, mas é atarracado [*stockly*], é por isso. Jogava futebol [americano] no time da escola. Ainda pode perder peso, mas é um pecado [*it's a shame*] que não tenha tempo de treinar mais... Infelizmente, com os meninos como ele, isso acontece muitas vezes." [*Nota de 22 de março de 1989.*]

DeeDee enuncia aqui, de passagem, um dos fatores que diferenciam os "brigadores de rua" que eventualmente caem na delinqüência, grande ou pequena, daqueles que exercem seu talento no ringue e participam, mesmo que irregularmente, da economia assalariada: as mesmas disposições podem levar a uma ou a outra carreira, segundo o espaço de oferta de atividades – aqui, as gangues já organizadas que fazem sua lei reinar sobre a cidade, ali, um ginásio que "funciona" em um bairro relativamente tranqüilo.

O efetivo da sala de Woodlawn flutua consideravelmente e de maneira irregular ao longo dos meses. Pode-se estimar que em torno de 100 a 150 pessoas vêm treinar durante um ano, mas a vasta maioria dos recrutas não permanece além de algumas semanas, porque eles descobrem depressa que o treinamento é muito exigente para o gosto deles – uma taxa de evasão que ultrapassa os 90% é habitual para um *gym* de boxe.[16] A alta estação situa-se

(16) A taxa do Woodlawn Boys Club é comparável à da academia do East Harlem, descrita por William Plummer (*op. cit.*, p. 57), onde a rotatividade anual aproxima-se dos 80%.

no inverno, exatamente antes do torneio das Golden Gloves (cujas preliminares são disputadas, todo ano, no início de fevereiro) e no final da primavera. Os mais assíduos (chamados "*regulars*") são cerca de trinta, entre os quais existe um núcleo de oito boxeadores que recentemente passaram para a categoria profissional, depois de terem compartilhado seus treinos com os amadores. As motivações dos participantes variam com o *status* deles. Os mais regulares boxeiam oficialmente com amadores ou com profissionais, e a academia é, para eles, o local de uma preparação intensiva para a competição. Os outros vêm ao clube seja para se manter em forma física (incluindo-se aí aqueles que têm como objetivo declarado seduzir representantes do sexo oposto, como Steve, um enorme porto-riquenho negro de 29 anos, que está ali "para perder peso, para as gatas. Quero perder essa pança, por causa das meninas: é que elas preferem assim, e são elas que mandam"), seja para permanecer em contato com os amigos (é o caso de vários profissionais que já penduraram as luvas de competições e que passam mais tempo conversando na sala dos fundos do que se exercitando nos aparelhos), seja, ainda, para adquirir na academia técnicas de autodefesa.[17] Além dos boxeadores e dos treinadores, vários freqüentadores antigos vêm à academia e ficam sentados horas inteiras no quartinho sem janela de DeeDee, a lembrar com ele o tempo de outrora, quando "os boxeadores eram boxeadores". Para o velho técnico de Woodlawn, só conta de verdade o boxe de competição. E embora ele siga com atenção o progresso dos simples amantes de exercícios, não esconde sua prefe-

(17) Em 8 de outubro de 1988, explico para a responsável pela creche que fica anexa ao *gym*, e que quer saber por que comecei a praticar esse "esporte de brutamontes", que venho sobretudo para adquirir forma física. Ela imediatamente acrescenta, como se fosse uma decorrência natural: "Ah, está bem, não deve fazer muito mal conhecer um pouco de autodefesa nesse bairro. Precisa levar isso também em conta." Em 17 de junho de 1989, enquanto eu pulo corda, depois de uma sessão de *sparring*, Oscar, o empresário de Little Keith, pergunta-me se quero me tornar profissional – eu garanto a ele que estou certo de que não passo de um boxista diletante, mas que gostaria de ter algumas lutas como amador: "Porque você até que não luta mal, você se vira bem, sabia... E depois isso te dá confiança na rua, porque pode se defender melhor".

rência pelos verdadeiros pugilistas. Na ocasião, ele não se furta a tentar converter os primeiros aos prazeres do ringue. A conversa seguinte caracteriza bem essa atitude.

> Em 6 de dezembro de 1988, quando voltou ao escritório, um grande negro de cerca de 40 anos, vestido muito elegantemente em um terno marrom claro e com uma gravata marrom escuro combinando, já meio grisalho, com as entradas acentuadas, a barba bem-feita e penteada, um tanto gorducho, com a aparência de um empresário de transportes públicos, pede para ver "Mister Armour". DeeDee responde que é ele mesmo e convida-o a sentar-se no pequeno tamborete em frente à mesa. Finjo que estava lendo o *Chicago Sun Times* do dia, para escutar discretamente a conversa.
> – Eu queria informações sobre o curso de boxe para adultos. Vocês oferecem esse curso?
> – Oferecemos, quer dizer, depende do que você quer fazer: quer somente se manter em forma [*keep in shape*] ou quer lutar? Que idade você tem?
> – Tenho 41 anos. Não, não é para lutar, não aos 41 anos... [...] É mais para ficar em forma e também para me defender na rua.
> – Certo. Mas depois você pode ficar interessado pelas lutas, tá sabendo. Não são poucos os carinhas bem mais velhos, de 49, 50 anos, mesmo de 53, que vêm pra se manter em forma e, depois de três ou quatro meses, querem participar das Golden Gloves. É claro [com um tom de evidência], eles vão encarar esses jovens caras fortes que vão picar eles em pedacinhos e amassá-los, mas eles gostam disso: eles não estão nem aí, tudo o que eles querem é lutar.
> – Aos 49 anos? Não estão muito velhos para lutar?
> – Estão, mas isso depende, temos aqui tanto jovens como adultos.
> – Não, obrigado. O que me interessa é me defender, é isso aí, pra lutar na rua, se eu for atacado.
> Nunca mais foi visto na academia.

No interior do *gym* de Woodlawn, a percepção indígena realiza desde logo uma separação, dentro da categoria de boxeadores "sérios", entre os jovens que ainda estão na escola e os adultos, liberados de suas obrigações escolares, mas submetidos àquelas,



Rodney e duas admiradoras de ocasião perto do ringue.

mais impositivas, da vida profissional e familiar. O mais jovem tem 13 anos, e o mais velho, 57; a idade média situa-se em torno de 22 anos.[18] Todos, é claro, são homens, e o salão de treinamento é um *espaço eminentemente masculino*, no interior do qual a intromissão do gênero feminino é tolerada somente à proporção que ela permanece incidental: O boxe é para os homens, sobre os homens, ele *é* os homens. Homens que lutam com homens para determinar seu valor, isto é, sua masculinidade, excluindo as mulheres.[19][37] Embora não exista barreira formal para sua participação – alguns treinadores chegam mesmo a negar verbalmente

(18) Pode-se obter licença de amador desde a idade de 13 anos, e certos torneios autorizam a participação de meninos de 10 anos, que são chamados *subnoviços*. Segundo Henri Allouch, cerca de 30 mil crianças de menos de 15 anos estão licenciadas e disputam mais de vinte combates por ano na América do Norte.[36]

(19) Os comentadores especializados queixam-se, às vezes, da regulamentação cada vez mais impositiva da violência pugilística, que eles denunciam como uma "feminização" do boxe capaz de desnaturá-lo: redução do número de assaltos de quinze para doze nos campeonatos, papel ampliado dos médicos, período de espera obrigatória depois de um combate que termina por KO e, sobretudo, crescente liberdade concedida ao árbitro para cessar um encontro, uma vez que um dos protagonistas pareça não ter condições de se defender ou que haja risco de contusão grave.

qualquer restrição com relação ao boxe feminino –, as mulheres não são bem-vindas à academia, porque sua presença atrapalha, senão o bom funcionamento material, pelo menos a ordenação simbólica do universo pugilístico. Apenas circunstâncias excepcionais, como a aproximação de uma luta importante ou o dia seguinte ao de uma vitória decisiva, fazem com que as namoradas ou esposas tenham licença para assistir ao treinamento de seus namorados ou maridos. Quando isso acontece, elas devem ficar sentadas, quietas, imóveis, caladas, nas cadeiras que ficam alinhadas atrás do ringue; e elas deslocam-se em geral pelos lados, costeando as paredes, de modo a não penetrar na área de exercício propriamente dita, mesmo que ela esteja desocupada. É evidente que elas não devem interferir, de modo algum, no treinamento, a não ser para ajudar a prolongar os efeitos dos treinos em casa, assumindo para si as tarefas cotidianas domésticas, os cuidados com as crianças, cozinhando os pratos permitidos, fornecendo apoio emocional, e até mesmo financeiro, permanente. Se há uma mulher no *gym* de Woodlawn, os pugilistas não estão autorizados a sair dos vestiários de tronco nu para vir pesar-se na balança, na sala dos fundos – como se o corpo dos homens semi despidos pudesse ser visto "em serviço", na cena pública que é o ringue, mas não na hora de "repouso", nos bastidores da oficina. Em uma outra sala profissional situada perto de Little Italy, o treinador chefe recorre ao seguinte método truculento para manter as mulheres à distância: adverte, com firmeza, os pugilistas para não levarem as suas "gatas" ao *gym*; se eles desobedecerem, ele os faz subir ao ringue para uma sessão com um parceiro *sparring* claramente mais forte, de modo que se deixam esmagar no ringue diante da namorada e ficam de cara no chão. No Windy City Gym, no limite do gueto do West Side, uma área especial delimitada por uma mureta que chega na altura dos quadris está oficialmente reservada para os "visitantes": na prática, ela só serve para abrigar os amigos dos boxeadores. A famosa sala de Top Rank, em Las Vegas, proíbe oficialmente a entrada de mulheres.

Entre os praticantes, a divisão principal é a que separa os amadores dos profissionais. Esses dois tipos de boxe formam dois universos gêmeos e estreitamente interdependentes, mas que, no entanto, são muito distantes no plano da experiência. Um pugilista pode passar anos combatendo entre os amadores e não saber quase nada sobre os costumes e os fatores que modelam a carreira de seus colegas profissionais (particularmente os aspectos financeiros, que todos colaboram para manter na penumbra).[20] Além disso, os regulamentos que regem a competição nessas duas divisões são tão diferentes que não é demais considerá-los como esportes distintos. Para simplificar, entre os amadores, a finalidade é acumular pontos tocando o adversário o maior número de vezes possível com séries de golpes rápidos, e o árbitro dispõe de uma grande liberdade para cessar o confronto quando um dos combatentes pareça estar grogue; entre os profissionais, que não usam capacete protetor e cujas luvas são claramente menores, o objetivo máximo é "derrubar" o adversário, atingindo-o com golpes, e o confronto prolonga-se até que um dos participantes não tenha condições de continuar. Como diz o treinador da academia de Sheridan Park, "o boxe profissional não é de brincadeira, é para te mandar pro espaço [*they'll knock you out a your mind*], sacou? É jogo duro [*rough game*], você virar profissional é jogo duro – [de repente ele se emenda] *não é um jogo*. Entre os amadores, você se diverte. Os profissionais, eles tentam te matar". A grande maioria dos boxistas amadores não "vira" profissional, de modo que estes últimos constituem um grupo fortemente (auto) selecionado. Aí, de novo, a transição de uma categoria para outra tem mais chances de ser bem-sucedida se o combatente puder ser apoiado por um ambiente familiar e social dotado de um mínimo de estabilidade.

As outras distinções que ocorrem no *gym*, no interior de cada uma dessas categorias, referem-se ao estilo e à tática adotados no ringue: "*boxer*" (que tem estilo) contra "*brawler*" ou "*slugger*" (brigador), "*counterpuncher*" (contraboxeador), "*banger*" (batedor), "*animal*" etc. Para além dessas diferenciações, a cultura do *gym* é ostensivamente igualitarista, no sentido de que todos os participantes são tratados da mesma forma: sejam quais forem

(20) Os boxeadores profissionais nunca revelam o montante de seus cachês, mesmo para seus parceiros habituais de *sparring*; todas as negociações e transações monetárias entre lutadores, treinadores, empresários e organizadores efetuam-se *sub rosa*.[38]

seu *status* e suas ambições, eles desfrutam dos mesmos direitos e devem se submeter aos mesmos deveres, a começar pelo de "trabalhar" para valer em seu ofício e demonstrar um mínimo de bravura entre as cordas, quando chegar a hora. Aqueles que dispõem de um treinador pessoal certamente recebem maior atenção, e os profissionais impõem-se um treinamento mais exigente e mais estruturado. Mas DeeDee põe tanto entusiasmo em ensinar como se executa um jabe (direto com o braço estendido) para um iniciante de 16 anos que nunca mais porá os pés no salão depois de uma semana de treino, quanto em apurar a técnica defensiva de um veterano dos ringues. Seja qual for o seu nível de competência pugilística, todos os que "pagam o que devem" no salão são aceitos como membros do clube.

À medida que progridem, os aprendizes de pugilismo encontram sua própria zona de conforto: alguns estabelecem-se no papel de "combatente do salão", que treina e "veste as luvas" mais ou menos com freqüência para engajar-se, por ocasião de um torneio; outros decidem aventurar-se mais longe na competição e lançam-se no circuito amador; outros, enfim, terminam suas carreiras de amadores quando "viram profissionais". A diferenciação entre simples esportistas e boxeadores de competição torna-se visível pelos gastos com equipamentos que uns e outros fazem e pela ocupação de um armário no vestiário. Somente os pugilistas de competição treinam com suas próprias luvas (eles, em geral, possuem vários pares, acumulados ao longo de anos), seus próprios capacetes e sua corda de pular, que eles conservam preciosamente em um compartimento individual trancado com cadeado. A compra de sapatilhas de boxe (que custam entre 35 e 60 dólares) ou, ainda mais, de um capacete de *sparring* (60 dólares, no mínimo) assinala, nela mesma, tanto para o interessado como para os que o rodeiam, um engajamento durável no combate. As roupas também são um bom indício do grau de empenho no esporte, embora sejam mais facilmente manipuláveis, e, por esse motivo, menos confiáveis: a firma Ringside, especializada em equipamentos pugilísticos, fabrica sob medida uma gama variada de roupas personalizadas (calções, camisetas, malhas, roupões), e todo mundo pode comprar uma roupa por correspondência, desenhada segundo um padrão único ou bordada com o emblema

de um grande campeão. Além disso, os boxeadores profissionais jamais vestem suas roupas de combate quando treinam. Também é verdade que o gasto com acessórios, em geral, dá uma medida fiel do investimento material e moral no campo pugilístico.

Ao grupo de atletas junta-se o dos treinadores, conselheiros, visitantes, parentes, amigos e desocupados que vêm à academia para conversar ou observar os treinos, e cuja presença sucessiva renova continuamente o ambiente do salão: Kitchen, um antigo pugilista e metalúrgico desempregado que sobrevive fazendo servicinhos, tirando retratos de boxeadores, por ocasião das reuniões, que vende aos interessados a preços proibitivos; O'Bannon, nosso carteiro, que se vangloria de um cartel de glórias (35 vitórias como amador, das quais 33 antes do término da luta) do qual, no entanto, ele nunca conseguiu exibir a menor das provas; um empregado da municipalidade, T-Jay, antigo campeão europeu amador de meio-médio (ele ganhou esse título quando servia na Alemanha, numa base do Exército americano), que vem acompanhar de perto os treinos do filho, Carlo, que inicia uma carreira de amador; Romi, um minúsculo filipino, contramestre de profissão, que desempenha o papel de assistente de treinador do ex-campeão mundial de meio-pesado Alphonso Ratliff; Oscar, um qüinqüagenário bonachão que dirige com energia uma empresa de limpeza de prédios (ele põe regularmente mãos à obra ao lado de seus operários) e que passeia pelo salão tardes inteiras, usando um alto chapéu de caubói, uma corrente e alguns medalhões dourados em volta do pescoço, observando e aconselhando os atletas, embora não conheça estritamente nada da Nobre Arte; Elijah, proprietário de uma pequena cadeia de tinturarias do gueto e empresário de dois jovens recrutas do clube que acabam de se tornar profissionais; Charles Martin, um antigo treinador que, de vez em quando, serve como "segundo" para os jovens do clube; e uma enfiada de velhos, na maioria aposentados dos arredores, para quem o treinamento no clube constitui a principal fonte de distração cotidiana.[21] Periodicamente, o *matchmaker* (branco)

[21] Esses antigos boxistas que acabam suas vidas como espectadores passivos dos *gym* são designados pelo termo revelador de "*lifer*", que, no vocabulário das cadeias, significa "condenado à prisão perpétua".[39]

Jack Cowen e seu terno cor-de-rosa fazem uma aparição notável; nessas ocasiões, ele tem com DeeDee misteriosos conciliábulos para decidir que pugilista do clube irá participar dos encontros que ele organiza mensalmente em Park West, uma boate "*yuppie*" de um bairro de ricos do norte da cidade. A sala dos fundos abriga, assim, a toda hora, de três a seis pessoas mergulhadas em discussões pugilísticas apaixonadas ou absorvidas pelo comentário sobre o exercício com *sparring* que está acontecendo no momento.

Vimos como a ecologia do gueto e sua cultura das ruas predispõem os jovens de Woodlawn a conceber o boxe como uma atividade dotada de sentido, que lhes oferece um palco no qual eles podem pôr em ato os valores centrais de seu *ethos* masculino. Sob esse ângulo, o gueto e o *gym* encontram-se em uma relação de contigüidade e de continuidade. Mas, uma vez *dentro* do salão de boxe, essa relação rompe-se e é invertida pela disciplina espartana à qual os boxistas devem obedecer, que envolve as qualidades da rua a serviço da busca de outras finalidades, mais distantes e mais rigorosamente estruturadas. Desse modo, os técnicos insistem, antes de mais nada, sobre o que *não* deve ser feito no *gym*. Eddie, o assistente de técnico de Woodlawn, faz essa enumeração compacta das proibições da academia: "Xingar. Fumar. Falar alto. Faltar com o respeito às mulheres. Faltar com o respeito ao treinador. Faltar com o respeito uns aos outros. Nada de animosidade, nada de fanfarronice". A essa lista, poder-se-ia acrescentar uma porção de regras menores e, muitas vezes, implícitas, que convergem para *pacificar* o comportamento dos membros do clube.

Sem que para isso seja preciso dar evidentes amostras de severidade, DeeDee faz reinar no *gym* de Woodlawn uma disciplina férrea, tanto no plano do comportamento quanto no dos exercícios de treinamento: é proibido trazer alimentos e bebidas para o clube, beber ou falar alto durante as sessões, sentar-se nas bordas das mesas, interferir na ordem dos exercícios a serem executados (por exemplo, aquecer-se pulando corda, e não no *shadowboxing*), ou não modificar os movimentos padronizados. É totalmente proibido usar o material de forma não-convencional, dar socos nos objetos ou treinando com *sparring* no ringue sem o equipamento necessário, ou, pior ainda, simular um confronto

fora do ringue (os "incidentes no solo" são tão raros que permanecem inscritos na memória coletiva da academia, ao contrário das violências rotineiras da rua). Deve-se obrigatoriamente vestir o *jockstrap* (sunga) debaixo da toalha quando se sai das duchas, e roupas secas quando se deixa o ginásio. Finalmente, as crianças da creche e da rua que vêm admirar os exercícios dos mais velhos não devem, sob pretexto algum, se aproximar dos aparelhos. Até mesmo a linguagem é objeto de cuidado estrito: DeeDee não permite que se fale em "lutar" [*to fight*] em lugar de "boxear" [*to box* ou *to spar*, para os assaltos de treinamento]; nem ele nem os freqüentadores do clube usam termos grosseiros ou palavrões em suas conversas no clube.

A maioria das cláusulas desse "regulamento interno" implícito exibe-se no porte e no comportamento dos *regulars*, que pouco a pouco interiorizam-nos, e elas são objeto de apelos à ordem, quando são infringidas.[22] Os que não conseguem assimilá-las são prontamente advertidos por DeeDee ou firmemente convidados a freqüentar outra academia. Em resumo, como se irá constatar ao examinar o regime e a moral do treinamento, o *gym* funciona como uma instituição quase total, que pretende regulamentar toda a existência do boxeador – seu uso do tempo e do espaço, a gestão de seu corpo, seu estado de espírito e seus desejos. Isso a ponto de os pugilistas, muitas vezes, compararem o trabalho na sala com o engajamento no Exército.

> Butch: No *gym*, você aprende a disciplina, o controle de si mesmo. Você aprende que esperam que você esteja de pé cedo, que deve acordar cedo, fazer seu *roadwork* [corrida de resistência, pela manhã], cuidar de si mesmo, comer a comida que tem que comer. Aí, teu corpo é uma *máquina*, é preciso que ela esteja em ordem. Você aprende a se controlar quanto às saídas, a treinar, a não ficar dando bobeira, fazendo bobagem na rua [*rippin' an'*

(22) A maioria dos outros *gyms* que observei em Chicago ou visitei em outras cidades penduram seus regulamentos, sob forma de lista escrita padronizada e emoldurada, na porta de entrada ou na parede, ou, ainda, suspensa ao teto, para que ela fique visível para todos. Parece que quanto mais instável e quanto mais socialmente disparatado for o recrutamento de uma academia, mais explícito é o regulamento.

BSCSH / UFRGS

runnin' the street]. Isso dá pra você exatamente *a mentalidade de um soldado, como no Exército*, e isso é bom pra você.
CURTIS: O cara médio que treina nessa sala, um jovem ou um homem, ele se torna *maduro*, saca só, 85% mais do que se ele estiver fora, na rua. Porque isso, a disciplina, é você tentar se tornar adulto, tentar ter espírito esportivo, ter um sentido de estratégia no ringue [*ring generalship*], tipo assim, nem sei o quê... [Ele se confunde.] É mais assim, eu poderia ficar aqui falando, tá sabendo, mas você pode resumir isso assim: funciona como se você *estivesse no Exército*, mostra a você como ser um *cavalheiro*, tudo o mais, e isso te ensina a ter *respeito*.

Assim, *o salão de boxe define-se em uma relação de oposição simbiótica com o gueto* que o rodeia e encerra: ao recrutar pessoal entre a juventude do gueto, ao se apoiar em sua própria cultura masculina de coragem física, de honra individual e de desempenho corporal, ele se opõe à rua como a ordem à desordem, como a regulação individual e coletiva das paixões à anarquia privada e pública, como a violência controlada e construtiva – pelo menos do ponto de vista da vida social e da identidade do boxeador – de uma troca estritamente policiada e claramente circunscrita se opõe à violência sem razão dos confrontos imprevistos, sem limites e sem sentido, que a criminalidade das gangues e dos traficantes de drogas que infestam o bairro simboliza.

A LEI DO *GYM*

Acolhida de uma nova revista pelo treinador Mickey Rosario, no gym *do East Harlem [bairro porto-riquenho], em Nova York.*[40]
– Ok, o primeiro truque que você precisa saber é o regulamento. É probido xingar aqui. É proibido lutar sem ser no ringue. Não estou aqui pra fazer você perder o seu tempo, e você não está aqui pra me fazer perder tempo. Eu não fumo, eu não bebo e não fico correndo atrás de mulher. É claro que eu gosto de mulher. Mas me contento em ficar só olhando pra elas, é só. Tenho uma mobília boa lá em cima, na minha casa. Quando eu quero, posso levar minha mulher pra sair, pra jantar fora na cidade. Eu trabalho. Trabalho num hospital, e se não puder mais trabalhar no hospital, trabalho como mecânico. Tenho licença números dois e três. Posso dirigir qualquer tipo de caminhão. Posso trabalhar nas mercearias. Tá entendendo?

O menino evidentemente não estava entendendo.
– O que eu estou dizendo é que sacrifico minha mulher e meus filhos por você, então, você também tem interesse de se sacrificar por você mesmo. Regulamento é regulamento, o meu regulamento ninguém discute. Entendido?
– Entendido, disse o menino. Ele agia como se estivesse sendo puxado pela ponta de um fio até chegar na frente do escritório do treinador.
– Se você acha que tem razão e não está de acordo comigo, é porque você está errado. Entendido?
– Entendido.
– Quando eu digo "seis *rounds* na corda", não são quatro *rounds*. Quando eu digo "pular", quero que você pule.
– Certo.
– E você não pode parar enquanto eu não mandar.
– Certo.
– Só existe um chefe aqui.
– Certo.
– E ele está na tua frente.
– Certo.
– Sacou?
– Saquei.
– Você ainda quer treinar?
– Quero.
– Ok, eu preciso que você me dê sua papelada. Eu preciso de quatro retratos. E preciso de 15 dólares para a licença ABF [American Boxing Federation]. E mais 25 dólares de taxa de inscrição para o ano todo. [...] O que você está fazendo agora durante o dia? Você vai ao colégio? Trabalha?
– Bom, vamos dizer, estou entre uma coisa e outra...
– Então você é um vagabundo [*bum*].
O menino pulou para trás como se tivesse levado um soco. Fixou o treinador com dois olhos incrédulos. Depois lançou um olhar vivo à sua volta, para ver se mais alguém tinha ouvido aquela provocação. [...] Depois do que, ele disse:
– Pode crer, eu sou um vagabundo. Mas estou justamente a fim de deixar de ser.
– Você vai me detestar, disse Mickey, adoçando finalmente o tom. Isso é só no começo. Depois você vai me adorar.

Uma prática sabiamente selvagem

Se o próprio da prática é, como propõe Pierre Bourdieu, obedecer a "uma lógica que se efetua diretamente na ginástica corporal", sem passar pela consciência discursiva e pela explicitação que envolve a reflexão,[41] ou seja, excluindo a apreensão contemplativa e destemporalizante da postura teórica, então há poucas atividades que sejam mais "práticas" que o boxe. De fato, as regras da arte pugilística remetem a movimentos do corpo que só podem ser apreendidos completamente em ato e que se inscrevem na fronteira do que é dizível e inteligível intelectualmente. Além disso, o boxe consiste de uma série de trocas estratégicas, em que os erros são pagos no próprio ato, em que a força e a freqüência dos golpes encaixados estabelecem o balanço instantâneo da performance: a ação e sua avaliação confundem-se, e o retorno reflexivo está, por definição, excluído da atividade. Isso quer dizer que não se pode fazer a ciência dessa "arte social" com a economia de uma iniciação prática em tempo e situação reais. Compreender o universo do boxe exige que mergulhemos nele pessoalmente, que façamos sua aprendizagem e que vivamos suas principais etapas, a partir do interior. A apreensão indígena é, aqui, a condição indispensável de conhecimento adequado do objeto.[23]

A "cultura" do boxeador não é feita de uma soma finita de informações discretas, de noções transmissíveis pela palavra e por modelos normativos que existiriam independentemente de sua operacionalização, mas de um complexo difuso de posições e de gestos que, continuamente (re)produzidos pelo e no próprio funcionamento do *gym*, só existem, por assim dizer, em atos e no traço que esses atos deixam nos (e sobre os) corpos – o que explica a tragédia da impossível reconversão do boxeador no final de carreira: o capital específico que ele detém está inteiramente incorporado e, uma vez usado, fica desprovido de valor em um outro campo. O pugilismo é um conjunto de técnicas, no sentido que lhes atribui Mauss, isto é, de *atos* tradicionalmente praticados pela sua *eficácia*,[24] um saber prático composto de esquemas imanentes à prática. Disso resulta que o ato de inculcar as disposições que formam o boxista relaciona-se, essencialmente, a um processo de educação do corpo, a uma socialização particular da fisiologia, em que "o trabalho pedagógico tem por função substituir o corpo selvagem [...] por um corpo 'acostumando', quer dizer, temporalmente estruturado"[42] e fisicamente remodelado segundos as exigências próprias ao campo.

O treinamento do pugilista é uma disciplina intensiva e fatigante – quanto mais alto nível tiver o clube e quanto mais exigente for o técnico, embora aparentemente pareça nada pedir –, visando a transmitir de modo prático, por *incorporação direta*, um controle prático dos esquemas fundamentais (corporais, emocionais, visuais e mentais) do boxe. O que de imediato choca é seu caráter repetitivo, árido, ascético: suas diferentes fases repetem-se ao infinito, dia após dia, semana após semana, com ínfimas variações. Inúmeros são os candidatos que se revelam incapazes de tolerar a "devoção monástica, [...] a subordinação total de si mesmo"[43] que esse treinamento pede, e que o abandonam ao final de algumas semanas, ou que vegetam no *gym* até que DeeDee convide-os a ir buscar suas carreiras sozinhos.

"A primeira qualidade de que um treinador necessita é a pontualidade e a regularidade, de sua parte e da parte de seus boxistas."[44] A academia abre todos os dias, exceto aos domingos, durante as horas em que DeeDee está presente, ou seja, de meio-dia às sete horas da noite (com algumas variações sazonais). Os atletas vêm quando querem ou podem; a maioria treina entre as quatro e as seis horas da tarde e ocupa invariavelmente o mesmo intervalo de horas, durante o qual eles repetem os mesmos exercícios até a saturação. O imperativo de regularidade é tal que bas-

(23) Sem dúvida, é por essa razão que os estudos sociologicamente mais perspicazes permanecem sendo, cerca de trinta anos após a elaboração, os dois breves artigos já citados de Nathan Hare (um jovem boxista profissional que se tornou doutor em sociologia na Universidade de Chicago) e do par formado por Weinberg (um sociólogo boxista amador) e Arond (um treinador).

(24) "Chamo de técnica um ato tradicionalmente eficaz", escreve Marcel Mauss, antes de destacar que o corpo é "o primeiro e mais natural objeto de técnica e, ao mesmo tempo, meio técnico do homem" (*op. cit.*, p. 371).

ta que um boxeador de renome pare de treinar por um período prolongado para que logo se espalhem os rumores mais absurdos a seu respeito. Assim, em fevereiro de 1989, depois que Curtis parou momentaneamente de vir ao *gym*, corria o boato de que sua carreira tinha terminado: ele estava "na esbórnia" com as mulheres do bairro e tinha pego Aids...

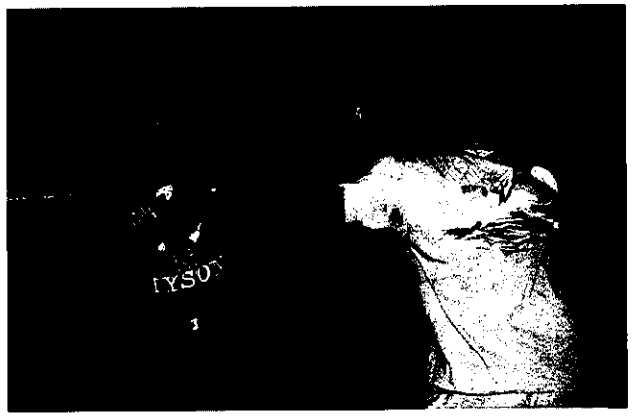
Os membros do Boys Club treinam na academia, em média, de quatro a cinco dias por semana, às vezes mais. Ao longo de uma sessão, que dura entre 45 e 90 minutos, encontram-se sempre os mesmos ingredientes que cada qual vai dosando segundo seu gosto: na ordem, *shadow-boxing* diante do espelho e no ringue, trabalho no saco de bater e no *speed bag* [pêra de velocidade], salto de corda e abdominais. A freqüência e a duração das sessões flutuam sensivelmente ao longo do tempo e de um para outro pugilista. A descrição que se segue vale para a maior parte dos pugilistas que está se preparando para um combate. Essa é, por exemplo, uma sessão típica de Pete. Chegando um pouco antes das cinco horas, ele tira suas roupas da mochila e troca-se rapidamente: camiseta de boxe "Leonard-Hearns – The War II", botinhas de cano alto brancas, bermuda colante preta. Depois de ter bandado as mãos, enquanto conversa com DeeDee e seus colegas, na sala dos fundos, está na hora de pôr-se ao trabalho. Começa com três *rounds* de *shadow-boxing* diante do espelho pequeno, encadeando os golpes (jabe, jabe, direita, gancho de esquerda), avançando e recuando diante de seu reflexo – e, às vezes, usando pesos (curtos cilindros de metal) amarrados em cada punho, para aumentar a tração muscular. Depois, ele sobe no ringue para três *rounds* de boxe simulado, onde, em lances com um adversário imaginário, ele repete suas esquivas, lapida suas fintas e multiplica os deslocamentos ao longo das cordas. Desce para calçar um par de luvas de treino no escritório antes de encetar três *rounds* contra o saco mole de bater: séries de jabes seguidos de diretos com as duas mãos, *uppercuts*, ganchos e esquivas de corpo a corpo simuladas – toda a paleta do pugilista está aí. No último *round*, Pete solta seus golpes, deixando escapar gritinhos guturais que enchem o salão. É o tempo de encharcar o rosto de água no esguicho coletivo que fica perto do ringue, e ele passa a um último *round* de exercícios no saco de bater *uppercuts*, que fica preso à



"*Floorwork*": Tony no saco de bater; ao fundo, Anthony treina *shadow* na frente do espelho.

parede. Seguem-se duas novas etapas de *speed bag* para apurar a velocidade do braço e a coordenação entre olhos-mãos. Pete termina sua sessão com três *rounds* pulando corda em altura e séries de abdominais variadas (designadas pelo termo genérico de *tablework*, literalmente "trabalho de mesa", por analogia com a *roadwork* – corrida a pé – e o *floorwork* – conjunto de exercícios de chão) e "flexões" (clássicas, os pés sobre uma cadeira, apoiado sobre os punhos fechados, ou batendo palmas a cada flexão).

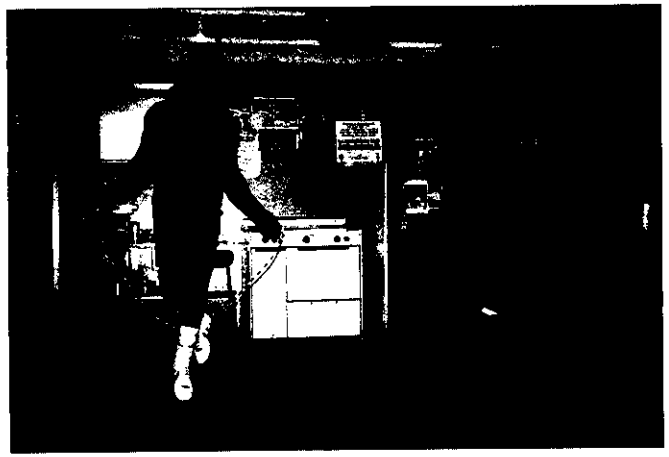
A esse esquema de base, que pouco varia, acrescentam-se outros exercícios, como o trabalho no *jab bag* ou no *double-end bag* (uma *punching-ball* simples ou dupla, bola teto-solo, que fica presa por elásticos ao chão e ao teto), flexões e movimentos circulares com uma pesada barra de metal, assim como exercícios expressamente concebidos para reforçar a estrutura muscular defensiva: uma vez por semana, Pete pacientemente deixa que Eddie lhe bata no abdômen com golpes de *punching-ball*; uma sessão sim, uma não, sentado em cadeira, com um capacete cheio de pesos na cabeça, ele passa longos minutos fazendo tração no pescoço. O tra-



"*Ringwork*": Lorenzo trabalha nos *pads* com seu treinador Eddie.



"*Tablework*": Curtis faz abdominais, ajudado pelo primo.



Smithie e Anthony pulam corda.

balho no *pad*, em que ele se exercita encadeando golpes nas manoplas acolchoadas que o treinador lhe oferece, fazem a ligação entre o *box* "de efeito" do *shadow* e o trabalho com o saco de areia, de um lado, e o treino com *sparring* no ringue, de outro. Aos exercícios no salão, juntam-se intermináveis sessões de *footing*: os boxistas de Woodlawn percorrem uma média cotidiana de cinco a oito quilômetros, cerca de seis dias por semana, tanto no inverno como no verão.

O TRABALHO NOS *PADS*

Dia 2 de março de 1989. Estou pronto: roupão azul, calção preto e camiseta vermelha, saltito sem sair do lugar, esperando Eddie, que enfia com aplicação os *pads* (espécie de largas almofadas chatas); ele ajusta seus dedos no fundo, pedindo a ajuda de O'Bannon para enfiar a segunda mão e fechar o punho. DeeDee gincha: "*Time, work!*" Eddie planta-se diante de mim e ergue a mão direita no ar: "Jabe!" Avanço e bato com meu punho esquerdo na manopla de couro que ele estende para mim. Paf, paf, paf, faz o golpe, estou com sorte, e meus golpes saem certos – sabemos logo, logo se erramos, porque o *pad* estala, em lugar de fazer um barulho surdo. Meu punho jorra da esquerda a cada um de seus apelos. No momento em que toco sua mão, Eddie dá um pequeno golpe seco de punho para baixo, para fazer força contra meu jabe. "Aumente a força do jabe, é isso... Force, force teu jabe."

Lanço golpes furiosos sobre o *pad*, que agora ele me estende alternadamente à direita e à esquerda. O barulho enche-me de alegria e redobra minha energia. Já estou encharcado de suor. "Um-dois, jabe e direita encadeada, vamos, um-dois." Como não consigo muito bem fazer com que os dois punhos funcionem, retomamos então os jabes simples. É extenuante. Eddie desloca-se com pequenos passos em arco, à minha volta. Tento permanecer todo o tempo em movimento, não me afastar dele. "Agora mande uma direita sobre o corpo, é assim." Paf, paf! O barulho certo recomeça. Tch-tch, paf-paf! Eddie muda o exercício: "Agora mande um jabe no rosto [o *pad* alto, no ar], jabe no corpo [*pad* a meia altura]! Dobre o jabe no corpo, ei, está bom, continue." Avanço batendo regularmente, minha respiração toma o ritmo dos golpes. Eddie, sempre rodando à minha frente (dir-se-ia que

é um pequeno lutador de sumô, de tanto que ele roda por toda parte), estende-me as duas manoplas de couro ao mesmo tempo: "Agora dispare um jabe, esquerda-direita-esquerda, e acabe com um cruzado de direita, ok?" Avanço a pequenos passos, dando jabes, paf-paf-paf-paf, pulando sobre o pé que está atrás e esticando-me ao máximo para tocar bem o alvo no último direito. "Continue [*keep goin'*], continue, mantenha o ombro esquerdo alinhado quando joga a direita." "*Time out!*" Ufa, eu já não agüentava mais; meus pulmões queimam, meus braços pesam cem toneladas. Respiro fundo durante o intervalo para tentar recuperar o ritmo. Só tenho trinta segundos. Concentro-me para reunir todas as minhas energias. Nesse ritmo, faço dois *rounds*, nunca três.

"*Time in!*" Eddie estende-me os *pads* virados para o chão, para treinar *uppercuts* rápidos. É um movimento mais difícil, que vem menos "naturalmente" (se é que alguma coisa me vem naturalmente quando estou no ringue). Esse golpe é dado de baixo para cima, com a mão perpendicular ao cotovelo. É preciso girar o punho para dentro, mas sempre tenho a sensação de que o alvo escapa-me, mesmo quando o atinjo. Inclino-me um pouco para passar sob a guarda invisível de Eddie. "Vamos, você consegue, direita, esquerda, continua se mexendo, mexe os pés." *Uppercut* direito, *uppercut* esquerdo. Lancinante. "Está bom, mantenha o punho direito no ar depois do jabe, continua!", ruge Eddie, recuando para forçar-me a combinar golpes e deslocamentos. Encadeio um *uppercut* de direita, um *uppercut* de esquerda, um jabe para alongar o braço, depois um duplo *uppercut* de direita e de esquerda, flexionando bem os joelhos com uma girada de quadris – é mortal! Já não sinto mais meu punho direito nem meus ombros. Procuro aspirar, enquanto continuo distribuindo *uppercuts* como um autômato. Quando eles soam bem contra a manopla, isso me motiva a bater mais forte o golpe seguinte. Mas não agüento mais mesmo, tenho de baixar a guarda para retomar a respiração.

Começamos um novo exercício: "Agora, você faz um-dois, abaixa pra evitar minha direita e responde com um outro um-dois do outro lado". Não entendo a manobra de imediato, mas depois de duas ou três vezes, encontro o ritmo: jabe de esquerda no *pad* direito, gancho de direita no mesmo *pad*, gancho de esquerda imediato no outro *pad*, girando o braço flexionado em forma de

arco, e novo gancho de direita; Eddie responde disparando-me um amplo gancho, que eu evito inclinando meu tronco até o ponto necessário, antes de responder com dois ganchos curtos. Se ele me ataca da direita, eu evito e contra-ataco com direita-esquerda, e vice-versa. É genial, mas ainda mais cansativo que as outras seqüências. Paf, paf-paf-paf-paf, esquiva, paf-paf!

Tenho tendência a perder meu eixo de equilíbrio. A voz de DeeDee ressoa: "Fica sobre seu apoio, mantenha a perna direita atrás e vire o pé para dentro". Persigo Eddie por entre os aparelhos. Ele interrompe alguns segundos para ajustar os *pads*. Durante esse tempo, giro em volta dele, fingindo aparar golpes imaginários. Retomamos o exercício. "Vai, cara, manda brasa! Ei, assim mesmo, bata, está bom, Louie, força nesse jabe!" Ele grita para mim essas fórmulas de encorajamento cada vez mais alto. Não vejo mais nada, a não ser as placas negras que ele me estende, e que eu preciso atingir a todo custo, e seu largo tronco gordo e azul que desliza à minha volta. Meus pulmões vão explodir; não tenho nem pernas nem forças. Sigo-o lançando jabes numa névoa de fadiga, suor e excitação. Meus punhos estão se tornando muito pesados, meus braços estão imensos. Estou exausto, mas continuo boxeando como uma máquina de soltar golpes. Paf-paf, bam, bam-bam. Perco minha energia com uma velocidade com "V" maiúsculo, e meus golpes não fazem mais o ruído certo. Eddie me anima com sua voz: "Vamos, mais um, mais um, *keep it up*, Louie!"

Em um estado de semicoma, continuo a bater e a soprar em cadência, lançando um golpe a cada baforada de ar que expulso. *Tenho a impressão de ter subido em um maquinismo do qual sou, ao mesmo tempo, motor e personagem.* Eddie solta para mim seus gritos de encorajamento. Arrasto-me para prosseguir, bater, colocar meus punhos no lugar certo, atinar com o objetivo, bater. Reúno minhas últimas reservas para acabar essa série. "Vamos, você está esquentando, você está chegando lá! [*You're cookin', you're cookin' in the kitchen!*] Vamos, Louie! Você está queimando no forno! [*Mind over matter!*] Vamos, você consegue chegar lá, é tudo na cabeça, você está quente!" Ainda um esforço, paf-paf, bam, pum-pum. "*Time out!*" Finalmente acabou! Estou à beira da asfixia, paralisado de exaustão, totalmente esvaziado, em seis minutos. Tenho a impressão de que vou cuspir os pulmões e que vou desmaiar.

Muitas vezes, os boxeadores foram comparados aos artistas, mas uma analogia mais exata conduziria nosso olhar para o mundo da usina ou da oficina do artesão. Porque a Nobre Arte se parece, em todos os pontos, com um ofício manual [*craft*] qualificado, repetitivo.[25] Os próprios boxeadores profissionais encaram o treinamento como um trabalho ("É um serviço que eu tenho de fazer", "É preciso que eu faça meus deveres", "É como ter um segundo emprego"), e seu corpo, como um instrumento. Como têm consciência de que seu desempenho no ringue depende diretamente de sua preparação na academia, eles exercitam-se com ardor, de modo a ficar no auge da forma física e de controle técnico no momento de passar entre as cordas e, assim, cortar a ansiedade. "É no *gym* que você ganha seu combate", diz um adágio bem conhecido dos freqüentadores. A preparação pode se revelar tão intensa e desafiadora que, perto dela, a luta irá parecer fácil; aliás, vários boxeadores acham que o treinamento é o aspecto mais penoso de seu ofício. A descrição que George Plimpton faz da preparação do legendário campeão Joe Frazier vale para a infinidade de anônimos "boxistas de clube":[46] "É um feliz masoquista no *gym*, ele mesmo se castiga sem tréguas em busca da dureza [*toughness*] que o tornará insensível aos assaltos de seu adversário [...]". "Trabalho tão duramente durante meu 'campo de treinamento' que castigo a mim mesmo, e, assim, quando chega a verdadeira prova, é mais fácil para mim. Quando toca o gongo, estou pronto, estou *turned on* [ligado, aceso, excitado]."

Os sacrifícios exigidos do boxeador não param na porta da academia. O devotamento monacal exigido pela preparação do combate imiscui-se até mesmo na vida social fora dali e impregna todos os domínios da esfera privada. Para chegar a seu peso ótimo de luta, todo boxeador deve seguir uma dieta estrita (evitar açúcares, féculas e frituras, comer peixe, carnes brancas e legumes cozidos, beber água e chá), manter horários regulares e impor-se um toque de recolher precoce, para dar a seu corpo o tempo de se recuperar. Ensinam-lhe, além disso, desde que ele entra na academia, que deve renunciar a qualquer contato sexual durante semanas antes da luta, sob pena de perder seus fluidos vitais e de minar sua força física e sua energia mental.[47] E mais ainda que o treinamento, essas regras de abstinência tornam a existência comum do boxeador profissional difícil, talvez até mesmo terrivelmente penosa. Como observa Jake, um peso ligeiro de Gary que veio "calçar as luvas" uma tarde em Woodlawn, o "sacrifício" mais doloroso exigido para sua preparação para uma luta não é malhar todo dia na academia, mas "não poder tocar no *junk food*, os hambúrgueres-com-fritas, *nada de sexo*, sacou. Me amarro em cerveja, nada de cerveja, e tem mais, nada de cerveja nem *light*, sacou, *é a abnegação*, quando é preciso pesquisar no fundo das suas tripas para saber o que você quer – é preciso dizer: 'Bom, nada de mulheres esse mês', sacou, e nada de hambúrgueres. [Muito rapidamente seu tom sobe uma oitava de indignação somente diante dessa simples idéia.] Saca o que é deixar de se engazopar de *junk food* durante um mês inteiro, nada de *Coca-Cola*, de sorvete, de *cookies* de chocolate? *É o inferno*, não é?"

A extrema monotonia do treinamento não exclui que o pugilista procure um monte de pequenos prazeres, sem os quais seria difícil para ele perseverar.[48] Há, por um lado, a camaradagem viril do *gym*, que se manifesta por olhares e sorrisos, papinhos, piadas e encorajamentos assoprados durante os intervalos ou tapinhas afetuosos nas costas ou na mão (os boxeadores saúdam-se ritualmente batendo os punhos enluvados alternadamente para cima e para baixo).[26] Como eu mesmo aprendi ao boxear fre-

[25] Como Gerald Early observou, com justeza, "a palavra que, mais que qualquer outra, vem imediatamente à cabeça quando se observam os boxeadores em atuação no *gym* é 'proletariado'. Esses homens estão engajados num *labor* [*toiling*] honesto e ao mesmo tempo assustador, e o que é mais espantoso é que esse trabalho é ainda mais grotesco que o pesadelo da linha de montagem. E proletariado é uma palavra totalmente apropriada para esses boxeadores que são chamados de duros e vagabundos [*stiffs and bums*]".[45]

[26] Sublinhemos que as formas de respeito correntes no *gym* são as formas exclusivamente masculinas, que afirmam não somente a solidariedade e a hierarquia dos pugilistas entre si, mas também, e de um modo ainda mais eficaz, quanto mais for dissimulada a consciência, a superioridade dos homens (isto é, dos "verdadeiros" homens) sobre as mulheres, gênero fisicamente ausente, mas simbolicamente onipresente em negativo na academia, assim como no conjunto do universo pugilístico.

qüentemente com Ashante, uma fraternidade carnal muito particular liga entre si os parceiros de *sparring* regulares, fraternidade baseada no risco que cada qual corre com o outro e que faz o outro correr. Em seguida, vem o prazer de sentir o corpo desabrochar, adelgaçar-se, "fazer-se" pouco a pouco pela disciplina que lhe é imposta. Além do sentimento de cansaço e de plenitude corporal amiúde vivaz que ele proporciona,[27] o treino é, nele mesmo, sua própria recompensa, quando o lutador consegue dominar um gesto difícil, que oferece a sensação nova de ter redobrado sua potência, ou quando obtém uma vitória sobre si mesmo (como sobrepujar a angústia do treino com um parceiro *sparring* férreo). Enfim, os pugilistas saboreiam o fato "de pertencer a uma pequena confraria" à parte, reputada por sua bravura física e por sua rudeza; apreciam saber que eles "são diferentes das outras pessoas. Eles são lutadores".[50] Essa satisfação, embora seja discreta, nem por isso é menos real, e os freqüentadores do clube marcam-na ostentando escudos, camisetas, casacos ou bonés bordados com as insígnias do ofício. A isso acrescenta-se o apego emocional ao seu *gym*, que os pugilistas comparam espontaneamente à "sua casa" ou a "uma segunda mãe", o que fala bem da função protetora e nutriz que lhe é própria, aos olhos deles.

A simplicidade da aparência dos gestos do boxeador não pode ser mais enganosa: longe de serem "naturais" e evidentes, os golpes de base (jabe, gancho, direto, *uppercut*) são difíceis de serem executados corretamente e supõem uma "reeducação física" completa, uma verdadeira remodelagem de sua coordenação ginástica e até mesmo uma conversão física. Uma coisa é visualizá-los e compreendê-los em pensamento, outra bem diferente é realizá-los e, mais ainda, encadeá-los no fogo da ação. "Para que um golpe seja realmente eficaz, é inimaginável o número de condições que devem ser reunidas."[51] Por exemplo, lançar o jabe para manter o oponente a distância, ou ajustá-lo, tendo em vista um ataque, tudo exige, entre outras coisas, colocar em posição simultaneamente os pés, os quadris, os ombros e os braços; deve-se "jogar" o braço esquerdo em direção ao adversário (visando o rosto ou o corpo) no momento oportuno, avançando um passo, com os joelhos levemente flexionados, o queixo encostado nas omoplatas; alinhar a mão e o ombro para adiante, virar o pulso no sentido dos ponteiros de um relógio em 45 graus no momento do impacto – nunca antes –, fechando o punho; e transferir o peso do corpo para a perna da frente e depois sobre a perna de apoio, a de trás, mantendo a mão direita próxima da bochecha, de modo a bloquear ou desviar o contra-ataque do adversário. O domínio da teoria tem muito pouca utilidade, uma vez que o gesto não está inscrito no esquema corporal; e é somente quando o golpe é assimilado no e pelo exercício físico repetido *ad nauseam* que ele se torna, por sua vez, completamente claro para o intelecto. Há, de fato, uma *compreensão do corpo* que ultrapassa – e precede – a plena compreensão visual e mental. Somente a experimentação carnal permanente que constitui o treinamento como complexo coerente de "práticas de incorporação"[52] permite que se adquira esse domínio prático das regras do pugilismo, o qual exatamente dispensa que essas regras se constituam como tal na consciência.

Para descrever adequadamente o processo quase insensível que era uma pessoa a jogar e a investir no jogo (às vezes, mais até do que se desejaria), que leva do horror ou da indiferença iniciais, misturados com a vergonha do próprio corpo e o embaraço, à curiosidade e depois ao interesse pugilístico, talvez ao prazer carnal de boxear e à vontade de lutar no ringue, seria preciso poder citar *in extenso* as notas tomadas depois de cada sessão de treinamento ao longo dos meses. A própria redundância dessas notas permitiria que se apreendesse concretamente a lenta evolução que se efetua, de uma semana para outra, em direção ao controle dos movimentos, à compreensão – na maior parte das vezes, retrospectiva e puramente gestual – da técnica pugilística, e a modificação que ocorre na relação com o corpo e na percepção do salão e das atividades de que ele é suporte. A assimilação do pugilismo é o fruto de um *trabalho de aperfeiçoamento* do corpo e do espírito, que, produzido pela repetição ao infinito dos mesmos gestos, procede por uma série descontínua de deslocamentos ínfimos, dificilmente demarcados individualmente, mas cujo acúmulo, ao lon-

(27) Os pugilistas comparam a experiência sensorial do treinamento intensivo (e do combate) com uma cópula ou um orgasmo. Para um paralelo instrutivo sobre o sentimento de "flow" entre os alpinistas, ver o estudo de R. G. Mitchell, *Mountain Experience*.[49]

go do tempo, produz progressos sensíveis, sem que se possa jamais separá-los, nem datá-los, nem medi-los com precisão.

O que tem mais chance de escapar ao observador externo é a extrema sensualidade da iniciação pugilística.[28] É com todos os nossos sentidos que nos convertemos pouco a pouco ao mundo do boxe e a seus jogos; para dar toda a força a essa proposição, seria preciso poder restituir todo o conjunto de odores (a secreção assoprada com toda a força pelas narinas, o suor que flutua no ar, o fedor da prancha de abdominais, o cheiro do couro das luvas), os barulhos cadenciados dos golpes, cada aparelho com o seu ruído próprio, cada exercício com a sua tonalidade, cada pugilista com a sua própria maneira de fazer "estalar" o *speed bag*; o bater ou o galope dos pés que ressoam no chão ou que escorregam e rangem na lona do ringue, os bufados de cansaço, os assobios, chiados, assopros e gemidos, os gritos e suspiros característicos de cada atleta, e sobretudo a disposição coletiva e a sincronização dos corpos, que, somente por serem vistas, já bastam para produzir efeitos pedagógicos duráveis, sem esquecer da temperatura, cuja variação e intensidade não são as menores das propriedades do salão. Sua combinação produz uma espécie de *embriaguez sensorial*, que é parte integrante da educação do aprendiz de boxeador.

A INICIAÇÃO [15 DE OUTUBRO DE 1988]

Entro na sala pela porta de trás. DeeDee está sentado no escritório, com o imenso Butch e três jovens. Cumprimento todo mundo e aperto as mãos (sempre: é o rito cotidiano e uma marca de respeito muito considerada). DeeDee pergunta-me desde logo: "Louie, você está com o seu protetor de dentes [*mouthpiece*] aí? – Sim, aqui está, por quê?" O velho *coach* sacode lentamente o queixo, com um olhar travesso. Compreendo que é hoje o meu batismo de fogo: vou fazer a minha primeira rodada no ringue! Sinto uma ponta de apreensão, e, ao mesmo tempo, de satisfação, por chegar finalmente a esse rito de passagem. Não tinha previsto isso e fico inquieto, pensando se estou realmente em forma; além disso, ainda sinto uma dor teimosa no pulso direito. Mas é impossível recuar. E depois, tenho pressa de começar, afinal, há semanas espero por esse momento – é mesmo esquisito estar excitado com a perspectiva de ter a cabeça coberta de pancadas...

Dou um giro ali em volta para saber quem vai me aplicar o primeiro corretivo no ringue. Seria Butch? Aí chega Olivier. DeeDee diz-lhe que ele também vai lutar com *sparring* e que, portanto, deve se preparar: "Quero ver seu nariz sangrar. Como você é médico, pode cuidar de você mesmo. Só quero ver o seu nariz sangrar um pouco, eê." Humor negro. O doutor e eu tentamos nos reconfortar mutuamente, rindo alto enquanto nos botamos a postos... É exatamente Butch que vai nos iniciar. Ele se aquece fendendo o ar com golpes raivosos, vestido com sua malha azul sem mangas. Diante da idéia de tê-lo à minha frente entre as cordas, acho-o ainda mais encorpado, colossal mesmo: ele é quase uma cabeça mais alto do que eu; seu tronco e seus braços são semelhantes a toras de ébano que reluzem sob a luz pálida dos *plafonniers* do salão. [...] É razoável subir ao ringue para enfrentar esse atleta? Ele pede-me que eu amarre suas luvas de *sparring*. Aproveito para lembrar-lhe que realmente é a primeira vez que vou boxear, é melhor não haver mal-entendidos (meu camarada Butch, esse é um Butch gentil)... Ele murmura que seu último combate no Park West foi anulado, porque seu adversário não tinha o peso regulamentar. Ele não tem qualquer dificuldade para perder peso: basta prestar atenção à alimentação e correr como um desesperado. Mas, mesmo assim, ele tem cerca de 20 libras a mais que eu (seria menos intimidante se ele fosse um pigmeu de 40 quilos).

Peço a DeeDee que ponha as bandagens nas minhas mãos – que seja ele que o faça, hoje, que a luta é a sério. Eu ataco um *round* em *shadow* diante do espelho. Hoje somos seis, entre os quais Reese, Boyd e Tony, e todos se aquecem em seus cantos para se preparar para o treino com *sparring*. Faço exercícios na pêra de velocidade para destravar o punho direito, mas quando inicio uma nova série diante do espelho (jabe-direita, avançando, giro

(28) É com razão que ela escapa ao leitor, que só pode entrar no universo pugilístico pela intermediação da escrita. Ora, a simples passagem para a escrita transforma irremediavelmente a experiência que se trata de comunicar. O que Alfred Willener diz sobre a música aplica-se muito bem aqui, ao boxe: "Um dos obstáculos de qualquer sociologia da música permanece sendo que *não se sabe como falar dela*. É preciso retraduzir um sentido musical em linguagem não-musical."[53]

e gancho de esquerda, jabe, recuo), DeeDee grita para mim: "Louie, será que você pirou? Não desperdice tanta energia assim, senão você vai ficar sem nada para o *sparring*. Você vai cair de bunda logo, logo". "De qualquer jeito ele vai bater em mim". O velho treinador chama-me ao escritório para pôr minha coquilha: essa sunga de couro que protege a região das virilhas e o ventre, que se parece com um arreio rígido, na qual enfiamos as pernas antes de ela ser fechada com cadarços, na parte de trás. Tenho dificuldade para enfiar meu traseiro naquela coisa. Depois ele estende-me um capacete [*head-guard*] que se parece mais com uma rede grossa com malhas de couro do que o verdadeiro elmo que Butch usa (um semicírculo cilíndrico maciço que lhe cobre todo o rosto, com duas fendas em forma de cruz que só deixam aparecer os olhos, o nariz, a boca e o queixo). Encaixo minha cabeça no capacete e amarro-o; muito apertado e... do lado avesso! Viro-o pelo direito e volto a amarrá-lo de novo. DeeDee ajusta-o. "Está muito apertado? Onde está o seu *mouthpiece*?" Coloco meu protetor bucal de plástico branco na arcada superior, o que me faz parecer, de verdade, um animal que está sendo preparado para o matadouro.

DeeDee manda que eu besunte meu rosto de *grease*. Meto dois dedos no pote e começo a passar com nervosismo a vaselina na testa, nas bochechas, nos supercílios... Mas exagero na quantidade e provoco risos: "Não tanto assim, somente na ponta do nariz e sobre os olhos, faça isso na frente do espelho." Tiro o excesso de vaselina e espalho-a cuidadosamente pelos supercílios e pelo nariz – não se trata de me moer de pancadas no treinamento. Pergunto a DeeDee se isso pode acontecer: é claro...

O velho técnico extrai do armário do canto um par de velhas luvas vermelhas, nas quais me faz enfiar meus punhos bandados, duas enormes almofadas acolchoadas, duas vezes maiores que minhas mãos – as luvas de competição são bem menores e mais leves. Ele faz com que eu feche o punho lá dentro e depois amarra a luva, passando cuidadosamente o cadarço sobre o punho antes de fechá-la com a ajuda de uma fita adesiva de cor cinza-prata, que ele cola com perícia sobre o cadarço. Enquanto calço as minhas luvas, DeeDee segue, pelo canto dos olhos, a evolução dos dois jovens que estão no ringue. O maior chama-se Rico, é um atleta magnífico, robusto e longilíneo, magnificamente musculoso e dotado de uma técnica que lhe dá o porte de um profissional. Fico surpreso quando me dizem que ele só tem 14 anos. "Éé, ele é jovem, mas tem muito caminho pela frente. É preciso que ele trabalhe mais do que isso. Mas é um bom menino." Entre duas séries, um rapazinho baixo como uma tampinha dá voltas no ringue jogando uma simulação de boxe, antes de vir para DeeDee lhe calçar um par de luvas de miniatura: ele tem nove anos e já luta em competições. [...]

Acho que pirei, quando me descubro no espelho, metido em roupas de um perfeito boxeador. Será que sou eu, assim ridiculamente vestido com essa coquilha preta que me prende os quadris até a metade do ventre e da qual saem minhas pernas de caniço de dentro de umas calças cor de violeta? As gigantescas luvas vermelhas dão a impressão de que tenho membros artificiais; o capacete de couro aperta minha cabeça e diminui meu campo visual; com o *mouthpiece* na boca, fico com uma cara de mongol. Uma verdadeira metamorfose! Fico, ao mesmo tempo, espantado, impressionado e incrédulo.

Não há mais tempo de ficar angustiado. Olivier desce do ringue, dobrado em dois de fadiga. É a minha vez. Escalo rapidamente os degraus da escadinha e passo entre as cordas – como em um filme. E logo em seguida, vendo-me sozinho no ringue, que me parece, ao mesmo tempo, imenso e minúsculo, mentalizo brutalmente que sou eu quem vai enfrentar Butch, e que ele vai me arrebentar a cara. Estou arriado e, ao mesmo tempo, tenho uma furiosa vontade de ver no que isso vai dar. Submerjo no sentimento superagudo do meu próprio corpo, de sua fragilidade, e na sensação carnal de minha *integridade corporal* e do risco que o estou fazendo correr. Ao mesmo tempo, a carapaça de couro na qual estou amarrado me dá a sensação irreal de que esse mesmo corpo escapa-me – como se ele estivesse transformado em uma espécie de tanque humano. A coquilha prende meus movimentos abdominais e trava meus deslocamentos. O capacete prende e toma a minha cabeça toda. Em lugar de mãos, tenho dois grandes apêndices, como se fossem martelos moles no final de braços teleguiados que só me respondem de modo imperfeito. Lanço uma olhada furtiva para o lado de Butch, que saltita sem sair do lugar, bufando, com o ar impenetrável. Olivier já desceu e não há motivo para que seja diferente comigo. E se eu levasse um golpe de mau jeito e me deixasse burramente ferir? E se ele me pusesse a nocaute? Va-

mos, é só um mau momento que temos de atravessar, como no dentista, o que é isso?

A voz rouca de DeeDee ressoa: "*Time!*" É a partida para os três minutos de desconhecido. Abaixo-me e ando em direção a Butch, que faz a mesma coisa. Tocamos nossos punhos no centro do ringue. Troca de jabes simpáticos. Golpe, aproximação, recuo, golpe, nós nos observamos. Tento uma enfiada de jabes de direita para levar imediatamente com a luva amarela de Butch em pleno rosto. Primeiro golpe encaixado, não muito desgaste. Puf-fiu, a coisa é rápida! Avanço hesitando, jabe, ele se esquiva; novo jabe e nova esquiva; ando resolutamente em direção a Butch; ele desliza para longe, evita-me com uma simples torção de tronco, gira e desaparece do meu campo visual. Começa um jogo de esconde-esconde que irá durar cerca da metade do *round*. Sigo-o passo a passo, jabe-jabe-jabe; ele tem sucesso em desviar meus punhos, dispara-me um direto que eu aparo com minha luva esquerda, um outro que eu bloqueio... com o nariz. Tento aproximar-me e, como aluno aplicado, busco repetir os movimentos mil vezes executados na frente do espelho. Tento um direto de esquerda seguido por uma direita, como se estivesse treinando no saco de areia, para levar três jabes em cheio. Isso põe fogo em minhas ventas. Bato em retirada, perseguido por Butch, que parece decididamente ser um gigante. Tem uma empunhadura enorme e mexe-se muito rapidamente: nem bem partiu meu jabe e a cabeça dele já não está lá, enquanto ele me manda um *piccolo* de esquerda. Ahh, sempre é tarde demais quando vejo o enorme punho dele chegando: paf, mais uma vez no meio da cara! Reajo com alguns jabes. Finalmente disparo uma esquerda no tórax dele, uau! Mas nove entre dez de meus golpes só atingem o vazio ou vêm morrer nas luvas dele. Butch enfia um direito tão pesado que faz com que minha cabeça estale para trás; ele fica com medo de ter me machucado e se interrompe: "Você tá legal?" Faço sinal para que ele continue, ajustando mais ou menos o capacete. Esgrimo ao avançar sobre ele, tentando executar bem os meus gestos, olhar, bater, girar, mas tudo em vão: sou incapaz de encadear minhas séries levando em conta os movimentos dele e antecipando o que vai fazer. "*Time out!*" Ufa, retomar o fôlego depressa.

Volto para o meu córner, respirando em grandes golfadas. Inexplicavelmente já estou extenuado. De fora, parece fácil, mas

uma vez dentro do ringue, já não é a mesma coisa. O perímetro de visão estreita-se e satura-se ao extremo: seria incapaz de dizer o que se passa além de um círculo de dois metros à minha volta. É preciso que eu me mexa o tempo todo, e a tensão sensorial é máxima, embora eu já esteja encharcado de suor. A percepção do adversário: parece-me que as luvas dele tornaram-se enormes a ponto de cobrir o ringue todo; entre a cintura dele e suas grossas patas amarelas, não vejo nada em que bater quando chego perto. Meu próprio corpo também me parece estar diferente e não me obedecer tão prontamente quanto eu desejaria. Os golpes não provocam tanto mal (porque não estamos lutando de verdade), mas irritam: quando "engolimos" diversos jabes de enfiada, isso é vexaminoso e temos a desagradável sensação de ficar com a cara inchada. Os punhos chegam com a velocidade de um raio, enquanto do exterior tudo parece ser lento e previsível. Sobretudo, o cara na sua frente se mexe e se esquiva, o que modifica sem cessar a equação que deve ser resolvida. Pergunto-me o que Butch está pensando. Impossível adivinhar, porque o rosto de um boxeador envolvido no capacete e deformado pelo protetor bucal não revela grande coisa – mesmo o ar de malvado produzido pelo *mouthpiece* é criado artificialmente, dando ao mais belo dos atletas a feição de um prognata.

Nem bem recuperara o fôlego e, da sala dos fundos, DeeDee berra de novo "*Time!*" Já é o segundo *round*? Droga, nem vi passar o minuto de repouso! Retomamos nossa dança no meio do ringue. Minha apreensão abandonou-me e decido fazer pressão sobre Butch. Mas ele percebe que eu me animei e também passa para uma velocidade superior – o suficiente para me desmontar permanentemente. Tento um longo gancho de esquerda que provoca uma viva reprimenda por parte de DeeDee: "Que é que você está fazendo? Pare com isso agora mesmo, Louie, não estou sacando o que você está fazendo." No mesmo instante, recebo um direito de ferro em pleno rosto, que me faz pensar sobre meu erro. A luta acelera-se e, no entanto, esses três minutos parecem intermináveis. Tenho a impressão de que minhas luvas são muito pesadas, muito volumosas, elas me atrapalham. Não consigo enxergar direito atrás do capacete e não atino com os movimentos do meu adversário. Estou sempre um segundo ou dois atrasado: nem bem consigo perceber que meu adversário manda um jabe e o golpe já me atingiu na cuca. Como descrever

o que sinto, quando o punho de Butch vem direto sobre mim? Vejo um disco amarelo que rapidamente aumenta de tamanho, de maneira vertiginosa, borrando inteiramente minha visão e *bum*! Piados, algumas estrelas e a tela clareia de novo. O disco amarelo retira-se, volta a claridade. Mas antes mesmo que eu possa esboçar a menor reação, o disco voador volta subitamente para se espatifar de novo no meu rosto.

Levo uma bela desenferrujada. Butch toca-me a cada golpe – felizmente sem bater forte, senão há muito tempo eu já estaria a nocaute. Tenho a impressão de que estou sangrando e enxugo as narinas com os punhos: há traços de sangue na minha luva, mas ele está seco, portanto, não é meu (ufa!). Esforço-me para me aproximar de Butch e dar-lhe um gancho. Mas é impossível encontrar um lugar para bater: em toda parte, só há luvas amarelas e os braços de músculos rígidos. Ele, em contrapartida, bate em mim do jeito que quer. Separo-me e avanço com temeridade, e tanto pior para os jabes na cara: é preciso que eu também lhe meta pelo menos um jabe. Consigo encadear alguns jabes e, de repente, divina surpresa, acerto uns mil de direita em pleno rosto dele. Instintivamente, tento dizer a Butch, em voz alta: "*Sorry*!" – mas isso é impossível com o protetor bucal. Decididamente, não tenho a mentalidade do boxeador! Sinto-me vagamente culpado de tê-lo acertado em pleno rosto, pois não tinha a menor intenção de machucá-lo. Mas, sobretudo, temo as represálias. De fato, elas vêm depressa e caem por toda parte. Butch roda à minha volta como uma ave de rapina e logo me acerta. Sinto meus punhos partirem um pouco para todo lado, enquanto ele me semeia de jabes curtinhos. Bruscamente, sinto uma irreprimível vontade de fugir e chego a fazer meia-volta completa, dando as costas para o meu parceiro, para proteger-me dos golpes que chovem. "*Time out*!" A voz da liberdade!

Nem bem DeeDee ululara o fim do *round* e eu já escorregava entre as cordas sem me dar conta de nada: estou va-zi-o! Pulo do ringue para me lançar aos braços de Eddie, que ri sem parar. "Você ainda está vivo? Sobreviveu? Quantos *rounds*?" "Dois. É a primeira vez que luto com *sparring*". "Tá brincando. A primeira vez? Agora você é um *big boxer*." Ele gargareja de prazer, enquanto retira minhas luvas e ajuda-me a desenrolar as bandagens das mãos, que estão quentes e úmidas. É superestafante. Não consigo entender de fato como os profissionais fazem para agüentar dez ou doze *rounds*, e ainda mais mandando ver suas porradas. Butch desce do ringue, e eu bato em suas luvas, em sinal de agradecimento. Olivier diz-me que estou com o rosto completamente vermelho. Sinto minhas arcadas e meu nariz queimarem, mas fico agradavelmente surpreso de constatar no espelho que não estou com o rosto tão inchado como imaginara. Resfolego, pingando de suor, até o escritório de DeeDee, que está jubiloso por trás de sua barbicha . "Está bom, Louie, agora vá pular um pouco de corda." [...]

Fecho a sessão com três séries de corda e duzentas abdominais. Olivier e eu vamos falar de nossa satisfação a DeeDee. "Vocês se viraram bem. Vocês vão se recuperar." "Eu espero!" É bem mais cansativo do que trabalhar sem parar no saco de areia ou na frente do espelho. Cumprimentamos todo mundo com um grande cerimonial antes de agradecer mais uma vez a Butch, que está trocando de roupa no pequeno vestiário. Apertos de mão calorosos. "Sou eu quem agradece, cara, foi uma boa estréia. Vocês vão aprender, aprender a bater, aprender a se tornar espertos: é tudo uma questão de aprendizagem."

Lógica social do *sparring*

Se o boxeador típico passa a maior parte do seu tempo fora do ringue, a se exercitar incansavelmente diante de um espelho e nos sacos de areia para aprimorar sua técnica, ampliar a potência e agudizar a coordenação e a velocidade de execução, e mesmo fora da academia, percorrendo quilômetros de *roadwork* que mantêm sua resistência, a marca e a medida de todo treinamento é o exercício com *sparring*. O exercício de "assalto" – fala-se também em "calçar as luvas" ou de "atuar" – esforça-se por reproduzir as condições do combate, embora, nessas condições, usem-se um capacete e luvas acolchoadas, e, como iremos ver, a brutalidade do confronto seja fortemente atenuada. Sem prática regular no ringue, em situação, o resto da preparação não teria de fato muito sentido, porque a mistura de qualidades que o combate exige só pode ser avaliada entre as cordas. Muitos boxeadores que "parecem valer um milhão de dólares no chão", nos exercícios de solo, revelam-se bem menos brilhantes, quando confrontados com um adversário. Como explica DeeDee, "treinar nos aparelhos é

uma coisa – correr, bater no saco de areia, o *shadow-boxing*, tudo isso é uma coisa, e o *sparring* é outra coisa cem por cento diferente. Porque você utiliza seus músculos de maneira diferente, então, *é preciso fazer o treino com sparring para se colocar em forma para o sparring*. Eêê, a menos que você seja um diabo de boxeador, que seja *relax*... [...] É preciso que você fique relaxado, *cool*, a respiração fica diferente, tudo é diferente. Está tudo aí. Isso vem com a experiência." "Será que podemos dizer a um pugilista como ele deve ficar relaxado e como respirar nos exercícios de solo?" "*Hell no*! Não. Uhuh, você não pode dizer a ele. Pode até dizer o que você quiser, mas não funciona."

O *sparring*, que tem seu próprio tempo (exceto quando está chegando a hora de uma luta, só se "joga" com *sparring* em intervalos amplos, para minimizar a usura do corpo),[29] é simultaneamente uma recompensa e uma prova. É, antes de mais nada, a recompensa por uma semana de duro e obscuro labor – é no sábado que a maioria dos boxistas amadores do Woodlawn Boys Club confronta-se nas cordas. Os treinadores da academia são vigilantes quanto à condição de seus pupilos e não hesitam em banir dos assaltos aqueles que desdenham a preparação: "Little Anthony, hoje ele não vai calçar as luvas, DeeDee", urra Eddie, numa tarde de agosto. "Ele não faz a corrida, ele não tem combustível [*he got no gas*], não tem energia, é uma sujeira deixar ele subir [no ringue]. Seria uma vergonha."

O *sparring* é, em segundo lugar, um teste de força, de coragem e de malícia perpetuamente renovado e sempre temível, nem que

(29) Aí, mais uma vez, é preciso observar as variações marcantes segundo a academia e os indivíduos: alguns pugilistas preferem "jogar" regularmente, mesmo quando eles não têm lutas em vista, seja para estarem prontos quando se apresentar uma ocasião de última hora, seja porque eles gostam particularmente do combate. Outros clubes de Chicago, mantidos por treinadores menos meticulosos (ou menos competentes), concedem mais liberdade a seus membros. O *gym* municipal de Fuller Park, por exemplo, é notório por sua liberalidade no assunto: segundo vários boxeadores que treinaram lá antes de vir para o Woodlawn Boys Club e de acordo com as observações que lá fiz, as sessões de *sparring* em que parceiros de nível muito desigual lutam com violência, sem qualquer freio, talvez sem supervisão, eram moeda corrente.



Curtis dispara um jabe raivoso em Ashante.

seja porque não pode ser descartada a eventualidade de uma contusão séria, apesar de todas as precauções tomadas. Dois boxeadores tiveram os narizes quebrados enquanto "jogavam" *sparring* durante o ano que se seguiu à minha entrada no clube. Em julho de 1989, duas sessões particularmente rudes com três dias de intervalo – uma com Smithie, um peso meio-pesado que me tirou sangue do rosto (com o horror culpado de DeeDee, que se ausentou por um momento para ir buscar uma sopa no Daley's), e outra com Anthony "Ice" Ivory, um peso médio de jabe seco e nervoso que eu não conseguia evitar –, valeram-me experimentar a mesma sorte. Alguns pugilistas tornam-se "*punchy*" (quer dizer, desenvolvem a síndrome do "boxista abobado"), não por causa das punições sofridas durante os combates oficiais, mas sob o efeito cumulativo dos golpes absorvidos na academia durante os treinos com *sparring*. Os cortes no rosto são raros, porque usa-se um capacete protetor previsto para esse efeito (e não para amortecer a força dos choques), mas os olhos roxos, as bochechas tumefactas, os lábios inchados, os sangramentos de nariz, as mãos e as costas contundidas são o prêmio comum daqueles que calçam com freqüência as luvas. Sem falar no fato de que, cada vez que sobe no ringue, mesmo que seja para se "desenferrujar" [*to shake out*] com um iniciante, todo boxeador põe em jogo uma parte de seu capital simbólico: a menor das falhas, como um *knock-down* ou um desempenho medíocre, provoca um embaraço imediato, para ele

mesmo e para seus companheiros de academia, que se apressarão a colaborar com ele no *corrective face-work* necessário para restabelecer a hierarquia abalada do *gym*.[54] Para fazer isso, os pugilistas dispõem de uma ampla gama de desculpas socialmente válidas, que vão desde problemas de doença ("Estou com uma gripe, *man*, ela está me derrubando") até contusões imaginárias (uma falange quebrada, uma omoplata luxada), passando pelo álibi mais comumente alegado, particularmente pelos treinadores, uma violação da sacrossanta regra da abstinência sexual durante a fase de preparação próxima a um combate.[55]

Embora ele ocupe, em termos quantitativos, somente uma parte mínima do tempo do pugilista, o *sparring* merece ser examinado, porque ele demonstra *o caráter altamente codificado da violência pugilística*. Mas, além disso, como se situa a meio caminho entre o exercício "individual" e o combate, ele permite que se veja melhor, como através de uma lente de aumento, a sutil mistura, em aparência contraditória, de instinto e de racionalidade, de emoção e de cálculo, de abandono individual e de controle coletivo, que é a pedra de toque do trabalho de fabricação do pugilista e que marca o conjunto dos exercícios de treinamento, até o mais anódino deles.

1. A ESCOLHA DO PARCEIRO

Tudo, no *sparring*, começa com a escolha do parceiro, que, sendo crucial, deve receber necessariamente o aval de DeeDee. O emparelhamento de opostos deve, de fato, ser ajustado para que os dois boxeadores aproveitem igualmente o exercício e para que haja poucos riscos de contusão. Considerações de honra reforçam essas razões técnicas: idealmente, não se faz *sparring* com um adversário muito mais forte do que você, sob a pena de ter de se administrar uma "bela cagada" [*a good ass-whuppin'*], nem com um muito fraco, para poder treinar a defesa. As flutuações do efetivo, as divergências de horários e de calendário de competição, no entanto, fazem com que nem sempre se tenha a sorte de encontrar um parceiro regular que convenha ao triplo plano da técnica, da força e do estilo. É necessário, por conseguinte, esforçar-se para manter as boas relações, no *gym*, com o seu ou os seus parceiros, administrar as suscetibilidades dele, respeitando um

certo equilíbrio na luta (um pugilista que se deixa surrar muitas vezes diante de seus pares irá se recusar a continuar boxeando com quem lhe impõe tal humilhação), e estar pronto para "devolver" uma sessão de *sparring* àquele que o ajudou em alguma ocasião. Em resumo, o parceiro de *sparring* faz parte do capital social específico do pugilista. Por isso, pedir que um boxista "calce as luvas" com você é sempre delicado: é interferir na rede de obrigações recíprocas que ligam você a seus parceiros presentes e passados; é melhor não fazer isso, quando se acha que a resposta será negativa.

Na falta de parceiros adequados, cai-se na pior das possibilidades, isto é, lutar com boxistas de menor valor ou com iniciantes. No entanto, deve-se sempre *manter um equilíbrio relativo*, sob a pena de haver desvantagem deliberada para um dos protagonistas. No caso de um emparelhamento muito assimétrico, o pugilista mais aguerrido põe-se tacitamente a aparar os golpes e a trabalhar seu jogo de pernas e suas esquivas, enquanto o mais fraco concentra-se no ataque e nos socos.[30] Quando um dos dois é um noviço, é essencial escolher um "iniciador" que controle perfeitamente seus golpes e suas emoções. Se DeeDee esperou cerca de oito semanas antes de me deixar subir para combater no ringue, foi não apenas porque era preciso que eu adquirisse os rudimentos técnicos, mas sobretudo para encontrar um parceiro ideal para mim: "Precisa que seja alguém que se controle. Não quero que qualquer um faça de *sparring* pra você e te arrebente em nocaute, Louie. Precisa que ele saiba se controlar". Alguns boxeadores têm um estilo ou uma mentalidade que tornam difícil o "jogo" com eles, porque não sabem se adaptar a seu parceiro.

> Como eu conversasse sobre tática com Curtis, DeeDee pensou que eu queria treinar *sparring* com ele. Ele chamou-me do chão

(30) Se um dos boxeadores, muito superior em peso ou em técnica, se esquece de se controlar e impõe um castigo ao parceiro de *sparring*, é certo que ele será repreendido com veemência por DeeDee. O peso meio-pesado Smithie foi assim vigorosamente admoestado por ter continuado a lutar comigo depois de ter aberto o meu nariz e me coberto de sangue durante uma sessão especialmente dura (ainda mais porque ele já havia posto meu amigo Olivier em nocaute, na semana anterior).

com insistência e advertiu-me: "Nada de *sparring* com Curtis, entendeu bem, Louie? Nem que seja para se divertir no ringue! [...]" "Por quê?" "[Aborrecido com a minha ignorância fingida: já era a centésima vez que ele me lembrava dessa proibição.] "Porque ele não tem um milímetro de juízo no ringue, é por isso. Ele não tem bom senso, e você sabe disso muito bem, Louie. Ele te poria a nocaute logo, logo." [*Nota de 6 de março de 1989.*]

Sentados na sala dos fundos, observamos Mark, que trabalha no saco de bater. Ele fez progressos incríveis, e seus gestos são tecnicamente muito bons; suas seqüências funcionam, ele tem o jeito de um verdadeiro profissional. Pergunto se posso "jogar" com ele. DeeDee responde com uma negativa: "Ele bate muito seco. Ele é muito potente. Olha pro corpo dele, pras pernas. Ele só tem 57 quilos, mas não tem pernas, olha só como elas são finas. É por isso que ele é leve, mesmo com esse tamanho de tórax que tem. Ele é mais potente que todos os outros caras desse *gym*. Potente de verdade." [*Nota de 17 de abril de 1989.*]

2. Uma violência controlada

Assim como não é com qualquer um que faz *sparring*, também não se faz *sparring* de qualquer modo. A violência das trocas entre as cordas depende, de um lado, da relação de forças entre os parceiros (e ela é tão mais limitada quanto mais desigual for) e, de outro, dos objetivos perseguidos durante a sessão de *sparring* considerada, isto é, principalmente pela sua posição na bolsa de treinamento e de competições. Quando se aproximam os encontros, as sessões tornam-se mais freqüentes e mais longas (até oito ou dez *rounds* cotidianos durante a última semana, antes do descanso dos três últimos dias, para não "gastar a luta na academia"), o engajamento nelas é mais intenso, e os noviços são momentaneamente mantidos afastados do ringue. Na véspera de uma luta importante, o *sparring* pode se tornar mais brutal que o próprio encontro. Quando estava se preparando para seu combate contra Gerry Cooney, o campeão do mundo de peso pesado, Larry Holmes ofereceu um prêmio de dez mil dólares para aquele dos seus parceiros de *sparring* que conseguisse fazer com que ele tocasse o joelho na lona, como forma de estimulá-los a bater sem escrúpulos.[56] No entanto, como em todo campo de treinamento bem dirigido, esses parceiros foram devidamente selecionados, de modo a dar uma clara vantagem a Holmes em suas trocas, para preservar suas forças e reforçar sua confiança em si mesmo.

Durante uma mesma sessão com *sparring*, o nível de violência flutua de maneira cíclica, segundo uma dialética do desafio e da resposta, entre limites variáveis balizados pelo sentido de eqüidade que funda o acordo original entre os dois boxeadores – que não é nem uma norma nem um contrato, mas sim o que Goffman chama de um "*working consensus*".[57] Se um dos dois acelera a cadência e "afrouxa" seus golpes, o outro responde "instintivamente" endurecendo de imediato sua réplica; segue-se um brusco sobressalto de violência que pode subir até o ponto em que os parceiros batem um no outro sem parar, antes de se separarem e retomarem, de comum acordo (muitas vezes, marcado por um sinal de cabeça ou um tapa nos punhos), seu diálogo pugilístico em um grau mais baixo.(31) A tarefa do técnico consiste em ouvir essa "conversa a golpes de punho", de modo a garantir que o combatente menos aguerrido não seja brutalmente reduzido ao silêncio, quando então ele dará ordens ao oponente para diminuir a pressão ("Você gira e dá um jabe, Ashante, já disse pra você não 'carregar' nos golpes! E você, Louie, mantenha essa mão esquerda pra cima, caramba!"), ou que os dois parceiros não deixem a intensidade da troca de golpes diminuir muito em relação à da luta, sem o que o exercício perderia seu objetivo próprio ("Que é que vocês estão fazendo aí em cima, os dois, *estão transando ou o quê?* Vamos, trabalhem seus diretos, quero ver belas direitas na saída dos golpes").

Volto para a arena e pergunto a DeeDee, que está terminando de tomar uma sopa pré-cozida de massa num pote plástico, confortavelmente sentado em sua poltrona: "DeeDee, sábado, se eu pudesse, gostaria muito de calçar as luvas. Talvez eu possa jogar com Ashante?" "Não sei, não, Louie, não sei, porque os meninos

(31) Aqui seria necessário analisar, em uma perspectiva inspirada em Goffman, os "ritos de interação" específicos do *sparring*, que servem para reafirmar periodicamente o caráter comedido e lúdico da violência que ele põe em cena, para solenizar o respeito mútuo dos combatentes e para traçar os limites flutuantes de seus embates.

estão se preparando pra reunião da semana que vem, então eles não precisam se divertir agora: eles precisam lutar, e duro". E bate com a mão esquerda espalmada sobre o pulso direito. [*Nota de 1º de dezembro de 1988.*]

De pé, no escritório, DeeDee, Eddie e eu olhamos Hutchinson-a-torre-de-controle (mais de 2,10 metros e 150 quilos, categoria superpeso pesado), que está fazendo *sparring* com Butch. Este é um belo espécime, mas parece uma libélula superexcitada quando comparado com o corpo plácido e inatingível do gigante. Hutchinson desloca-se lentamente e mantém a guarda alta, com os punhos colocados diante dele, longe do corpo. Butch faz um esforço tremendo para atingi-lo, de tanto que o outro se distancia. Pensamos que ele pode vir a se chocar com o adversário. DeeDee preveniu Hutchinson para controlar seus golpes, por causa da diferença de tamanho e de peso em relação ao parceiro do momento. "Disse pra ele não bater forte. Se ele bater, sou eu que vou sair daqui e moer ele de pancada com o taco de beisebol. Ele é grande demais. Cuidado com ele!" Isso tudo é dito com um tom vivo e vigilante. Ao final dos três *rounds*, Butch sai bastante castigado (e, no entanto, parece que o outro mal tocou nele): seus lábios estão tumefactos, o rosto, vermelho, e ele está sem fôlego. Mas sequer uma palavra de queixa. [*Nota de 11 de novembro de 1988.*]

O princípio de reciprocidade, que rege de maneira tácita o ajuste da violência no ringue, reza que o mais forte não deve tirar vantagem de sua superioridade, mas também que o mais fraco não deve se aproveitar indevidamente da contenção voluntária de seu parceiro, como descobri durante uma vigorosa sessão de *sparring* com Ashante. No dia 29 de junho de 1989, fiquei surpreso ao saber que este último tinha se queixado a DeeDee de que eu batia muito e que ele era obrigado a replicar, metendo-me bons socos na cara: "Ele me disse que não pode mais jogar com você, que você bate muito forte. Agora você já fez muitos progressos, é preciso que ele tenha cuidado pra não deixar que você toque nele, senão você pode derrubar ele. Se você bater no lugar certo, pode botar ele na lona. Ele estava fazendo queixa que você não recua e não pára de bater quando ele está nas cordas, você continua a bater pesado. Você pegou ele [*nailed him*] com uma direita, se você tivesse disparado logo outra direita, ele teria ido à lona. Vê só, quando você começou, ele podia jogar com você sem risco, mas agora você ficou brigão [*tough*], ele precisa tomar cuidado." Fiquei de tal modo surpreso que fiz ele confirmar que era mesmo a meu respeito que Ashante estava falando. "Êéé, ele quer que eu diga pra você segurar os golpes, porque você pode machucar ele [*hurt him*] agora. [...] Agora você sabe bater. É por isso que ele é obrigado a te dar uma pancada de vez em quando. Não que ele queira te machucar, mas ele precisa mostrar que não está brincando [*he mean business*], e ele precisa devolver os golpes pra que você se controle um pouco mais."

O treinador evidentemente desempenha um papel importante na regulamentação dessa violência mútua consentida. Se os pugilistas de Woodlawn controlam com tanta atenção os seus golpes, é porque DeeDee incisivamente não tolera "pancadaria" em sua arte. Mas também cada fase do *sparring* exige um nível apropriado de intensidade além do qual é inútil (e perigoso) ir e abaixo do qual é melhor não ficar, sob pena de o exercício perder todos os seus benefícios. Esse nível ótimo não pode ser determinado antes de se subir ao ringue; ele varia de acordo com os parceiros e as circunstâncias (cansaço, motivação, proximidade de uma luta etc.). Cabe aos pugilistas fixá-lo ao término de uma espécie de pesquisa de tentativas de acertos e erros – tanto no sentido próprio como no figurado –, que é realizada em comum, com a ajuda de DeeDee. Sempre atento ao que se passa no ringue, o treinador logo adverte asperamente o pugilista que se permite o uso imoderado do soco ou exorta o outro boxeador a ser mais agressivo. Ele não hesita diante da necessidade de mandar que o parceiro de um boxista indolente passe para uma velocidade superior, como quando ele grita, de sua poltrona, para Little John, que luta com Curtis: "John, pelo amor de Deus, faz com que ele mantenha a esquerda no ar quando ele 'jabeia', meta uma bela direita nele [*stick him with a good right*], porque ele não quer boxear e está mantendo os punhos nos joelhos. Ah! Se eu pudesse subir no ringue..."

Assim, aquilo que, aos olhos do neófito, tem todas as chances de passar por uma orgia selvagem de brutalidade gratuita e sem limite, é, de fato, um plano regular e minuciosamente codificado

de trocas que, por serem violentas, nem por isso deixam de ser constantemente controladas, e cuja realização supõe uma colaboração prática e constante entre os dois oponentes, na construção e na manutenção de um equilíbrio conflituoso dinâmico. Os boxeadores devidamente formados deleitam-se com o duelo incessantemente renovado que é o *sparring*, mas eles sabem que esse confronto é, a cada momento, limitado por "cláusulas não-contratuais" e que ele se distingue claramente do combate, mesmo que dele se aproxime pelo fato de envolver sempre um elemento de "cooperação antagônica"[58] explicitamente banido de uma luta. Curtis exprime do seguinte modo essa distinção:

> Não tem nada que eu não goste [no *sparring*]. Gosto de todos os aspectos, porque ao mesmo tempo você está aprendendo. No *gym*, você não está lá treinando pra ganhar uma luta, você está lá pra *aprender*. Tudo é aprendizado. Você repete o que você quer fazer depois, durante o combate seguinte, sacou? [...] não posso "derrubar" meu adversário... [corrigindo-se] quer dizer, meus *parceiros* de *sparring*. Eles estão ali pra me ajudar, a *mim*, como eu estou lá pra ajudar a *eles*. Eles não vão subir no ringue pra tentar me machucar. [...] Bom, mas mesmo assim, de vez em quando, você tem o seu golpinho pra esquentar [*your little flashy stuff*], em que ele vai bater duro, você vai aparar com um belo golpe, e você vai tentar responder e pagar com a mesma moeda...

Vários pugilistas exigem uma longa fase de ajustamento, antes de se dobrar ante essas normas tácitas de cooperação que parecem violar o princípio e o *ethos* públicos da competição desenfreada. Como no caso do ciclismo,[59] essa "ordem cooperativa informal" é particularmente problemática para os noviços, que, confundindo a fachada com o edifício, são incapazes de "dosar" sua agressividade e permanecem persuadidos de que devem bater com toda força para demonstrar seu valor, como fica indicado por DeeDee, nesta nota do dia 23 de novembro de 1989: "Esse novato, ele acha que pode desancar todo mundo: 'Vou dar uma surra nesse cara aí, vou dar um chute na bunda dele, espera só eu subir no ringue!', e ele quer o tempo todo brigar com qualquer um. Vamos ter problemas com ele. Não sei o que faço, porque não podemos deixar ele jogar *sparring* com esse tipo de atitude." Seria preciso ensinar-lhe *in actu* como "ler" as indicações discretas pelas quais seu parceiro lhe é prescrito, fosse para ele recuar e pisar no freio, fosse, ao contrário, para aumentar a pressão e fazê-lo trabalhar mais.

3. Um trabalho de percepção, de emoção e físico

Figura híbrida entre o treinamento – que ele prolonga e acelera – e a luta – da qual ele é o prelúdio e o esboço –, o *sparring* termina por operar uma reeducação completa do corpo e do espírito, durante a qual se coloca progressivamente em operação o que Michel Foucault chama de uma "estrutura plurissensorial"[60] totalmente específica, que só pode se articular e se determinar em ação. A experiência no ringue multiplica a capacidade de percepção e de concentração, a força de estrangular as emoções, e que molda e endurece o corpo, em vista dos choques da competição. Em primeiro lugar, o *sparring* é uma educação dos sentidos e, sobretudo, das faculdades visuais; o estado de urgência permanente que o define suscita uma reorganização progressiva dos hábitos e das capacidades perceptivas.

Para perceber isso, basta acompanhar a transformação que se opera na estrutura e na extensão do campo visual à medida que se progride no *gradus* do *sparring*. Durante todas as primeiras sessões, minha visão ficou parcialmente obstruída por minhas próprias luvas, saturada pelos sinais que afluíam de todas as partes, sem ordem nem significação. Os conselhos que DeeDee gritava-me e a sensação de estar aprisionado dentro da coquilha protetora e do capacete, sem falar da angústia surda, mas onipresente, diante da perspectiva de levar socos, contribuíam para exacerbar essa impressão de confusão. Experimentei, então, a maior dificuldade para fixar meu olhar sobre o meu adversário e para ver seus punhos vindo em minha direção, assim como ignorava os indícios que supostamente poderiam me ajudar a antecipar os seus golpes. Ao longo das sessões, meu campo visual clareou, ampliou-se e reorganizou-se: consegui bloquear as solicitações externas e discernir melhor as evoluções de quem estava diante de mim, como se minhas faculdades visuais aumentassem à proporção que meu corpo se moldava no *sparring*. E, sobretudo, adquiri pouco a pouco o "golpe de vista" específico que me permite

adivinhar os ataques de meu adversário, lendo os primeiros sinais em seus olhos, na direção de seus ombros ou nos movimentos de suas mãos e de seus cotovelos.

Sessão de *sparring* com Ashante

No dia 3 de junho de 1989, aqueci-me fazendo alguns movimentos na frente do espelho. Meu corpo estava fantasiado de boxeador, e já não tinha, como antes, a sensação de estar aprisionado em um equipamento que me atrapalhava. Escalei os degraus e passei entre as cordas... Agora, o *sparring* tornara-se uma rotina. Salto no mesmo lugar, na frente de Ashante. Ele está vestido com uma bermuda colante preta e verde, uma malha negra de lutador e com seu capacete pessoal amarelo-cheguei. Está brilhante de suor depois dos quatro *rounds* que acaba de lutar com Rodney. [...] Tínhamos alguns segundos para nos observarmos mutuamente e fiquei surpreso comigo mesmo, quando me peguei perguntando o que estava fazendo nesse ringue diante desse carinha rechonchudo e tinhoso, que talvez se torne campeão de peso meio-médio de Illinois no fim do mês!

"*Time*!" Ao trabalho! Nossas luvas tocam-se. Avanço sobre ele de imediato e mando-lhe jabes rápidos, que ele desvia. Ele me pára, dizendo: "Se você vai me caçar, mantenha as mãos altas ou eu vou mandar você pra lona [*deck you*]". Obrigado pelo conselho, o qual eu sigo, levantando minha guarda. Retomo minha marcha avante. Estou bem determinado a bater mais forte do que de hábito, correndo o risco de que Ashante também bata mais forte. É exatamente isso que acontece. Observamos um ao outro. Tento encontrar a distância. Alguns jabes e algumas direitas bloqueados de parte a parte. Toco o corpo dele com um jabe, antes que ele caia em cima de mim com uma combinação de esquerda-direita-gancho de esquerda. *Bum*! Na cara! Ele recua e contra-ataca em seguida. Em vez de me inclinar, espero-o com o pé firme, tentando aparar seus golpes. Ele dispara um direto de esquerda em plena boca. Penduro-me nele e surpreendo-o graças ao meu bote favorito: finta de jabe e largo cruzado de direita no rosto, quando ele de desloca para a sua esquerda, para se esquivar. *Pum*! Meu punho bate nele bem no rosto! Ele me faz "ok" com a cabeça. Está surpreso, porque boxeio tão ardorosamente, e acelera a cadência. Avança sobre mim, com a boca deformada pelo *mouthpiece*, os olhos exorbitando de concentração. Recuo e disparo jabes para tentar me proteger. Ele simula um direto de esquerda e manda-me uma direita seca em pleno flanco: sinto o golpe e bato em retirada. (Sorrimos por um instante pensando no que ele tinha feito às minhas costelas na semana anterior). Cerco-o até um canto, jabe, direita, jabe, e surpreendo-o com um belo *uppercut* de direita, quando ele se abaixa para evitar o jabe. No entanto, ele bloqueia com muita eficiência a maior parte dos meus golpes: eu vejo a abertura muito bem, mas até que meu punho chegue, ele já fechou a passagem ou já se deslocou com uma rotação do tronco. (Pode-se dizer que é quase um balé, de tanto que Ashante antecipa bem onde meus punhos vão chegar.) Ele passa bruscamente para uma velocidade maior e trabalha a minha cabeça com curtos diretos que eu nem consigo ver chegar. O lado esquerdo de meu queixo pica-me como abelhas. Sinto um pouco o golpe e decido (na verdade, não decido nada, é uma fórmula! Tudo acontece muito rapidamente, reage-se instintivamente, eu realizo, é só) avançar sobre ele, mas ele logo me pára com vários jabes no corpo. "*Time out*!", ressoa a voz de DeeDee.

Separamo-nos, vou para o meu canto e recupero o fôlego. Não estou muito cansado, mas esse é só o primeiro *round*. Big Earl aconselha-me: "Mantenha ele a distância com jabes: jabe, jabe, não deixa ele cair sobre a sua guarda. Como [Sugar Ray] Leonard. Você quer água?" Ele sobe na mesa, dirige o caninho da água para minha boca e solta uma esguichada de água morna que eu engulo (o que um verdadeiro boxeador nunca faz). Vamos, recomeçar.

"*Time in*!" Segundo *round*, os dois atacamos logo de cara, sem nem ao menos tocar as luvas em um sinal amistoso. Ashante boxeia mais rapidamente. Batalho para seguir sua cadência, mas reajo melhor e protejo-me com mais eficácia do que da outra vez. Ele começa a bater de verdade: três ganchos nos flancos que passam pela minha guarda como se ela fosse manteiga e cortam minha respiração. Tchouff! Esse pegou mal. Eu contra-ataco com alguns jabes, mas ele evita-os, deslocando a cabeça exatamente o necessário para que meu punho não a atinja. Ele paralisa-me diversas vezes e me enche de ganchos precisos e pesados. Chego a perder o prumo em alguns de seus ataques e fico totalmente desguarnecido. Felizmente, ele poupa-me e interrompe a chuva de golpes, contentando-se em mostrar-me que eu estou com a

guarda completamente aberta. Então lanço-me em um ataque malsucedido, porque já não estou controlando bem minha coordenação. Ashante recebe-me com uma combinação de direita-esquerda-direita em pleno rosto que me deixa o nariz roxo; sinto meu lábio inferior inchar. Respondo de imediato, mas o máximo que consigo é roçar em seu corpo com uma direita seguida por um gancho em pleno rosto. Ele tenta sempre suas esquivas para baixo, e eu pego-o com dois ganchos no capacete. Uau! Isso faz com que ele reaja imediatamente. Ele persegue-me no ringue, andando em minha direção bem de frente para mostrar que vai bater e que está achando graça da minha defesa. E faz uma finta com os dois punhos, um de cada vez, até que eu fique desguarnecido e *bum*! Um amplo gancho de esquerda faz minha cabeça sacudir para trás. Sinto o golpe e faço para ele um sinal de "ok, tudo bem". Estamos os dois face a face, um tanto surpresos com tamanha raiva. Jabes meus bloqueados pelos seus punhos contra jabes dele bloqueados por meu nariz. Estou vendo melhor quando os golpes vêm, mas não consigo me mexer rapidamente o bastante. Mais uma vez, ele me atinge no rosto com uma direita que desloca meu capacete. DeeDee grita: "Mexe a cabeça, Louie!" Ela começa a esquentar de um modo ruim. Ashante metralha meu tronco, antes de cortar meu fôlego com um malvado *uppercut* de direita no peito (em algum momento, eu irei me lembrar disso). Eu ainda o agarro. Ele enche-me de golpes dados de perto, nas costelas e até nas costas, como se estivéssemos em um combate de verdade (acho que é a primeira vez que ele faz isso). "*Time out*!"

Mais uma vez, apertamos os punhos, para reafirmar o caráter controlado da troca. "Está bem, Louie, você está se virando legal, está batendo duro hoje, continue assim." "Êéé, o único problema é saber se vou conseguir agüentar mais um outro *round* com esse ritmo". Estou cansado demais pelos golpes e pela cadência, que é muito rápida para mim. A duras penas, recobro o fôlego, apoiando-me às cordas.

"*Time in! Work*!" No terceiro *round*, tudo acontece tão rápido, e não são poucos os golpes que recebo. [...] O nível de violência aumenta pouco a pouco, mas de modo recíproco e gradual – isto é, perto do final, quando simplesmente não tenho mais forças ao menos para manter minha guarda e para responder, nem que seja minimamente, aos golpes, ele finge que está boxeando, mas só me toca superficialmente, ao passo que se ele continuasse a boxear tão forte como no começo do *round*, teria me mandado à lona. Ainda agarro-me a ele, mas já não tenho forças para responder. Meu santo, isso deveria ter acabado! Como demora! Não paro de dizer para mim mesmo "*Time out! Time out*!" Vamos, DeeDee! Mas, puta merda, ainda não, ele nos esqueceu ou o quê? Já devem ter se passado uns bons cinco minutos! "*Time out*!" Ufa!

Ashante cai em cima de mim e me aperta em seus braços, dando tapinhas na minha nuca com suas luvas. Uau! Como é bom trocar socos entre colegas! Ele ri e está com uma cara feliz. "Como é que você está, como está se sentindo?" Vou tirar meus apetrechos no escritório. Pela primeira vez, DeeDee cumprimenta-me: "Você melhorou, hoje você estava com tudo, Louie. Mas precisa que você se esquive quando ele lança a direita. Ou você bloqueia ela ou mexe mais com a cabeça. Você ainda está apanhando muito". Ele não deixa que eu me sente sobre a mesa. Minha respiração acalma-se progressivamente. [...] Quando volto do vestiário, o velho treinador me fala baixinho, lançando um olhar de entendimento para Kitchen: "Mas não vimos teu nariz sangrar, Louie. Será que ele sangrou?" [...]

Fiquei de tal modo extenuado com essa sessão de *sparring* que estou incapacitado para copiar minhas notas, até amanhã. Tenho o queixo dolorido e todo o meu rosto está sensível (como se ele estivesse tumefacto por dentro), o lábio inferior inchado e uma tremenda mancha roxa sob o olho esquerdo. Mas foram, sobretudo, os golpes no corpo que me exaustaram. Os *uppercuts* nas costelas me deixaram uma grande marca que insensivelmente passará do vermelho ao preto e ao amarelo em uma dezena de dias. Esta noite, enquanto, moído, estou batendo essas linhas, tenho as mãos inchadas, a testa e a ponta do nariz quentes (como se todo o meu rosto vibrasse como um ventrículo) e algumas contusões no corpo me apunhalam a cada movimento. É o ofício que pesa.

Mas o *sparring* não é somente exercício físico; ele é também o suporte de uma forma particularmente intensiva de "trabalho emocional".[61] Como há "poucas falhas no controle de si mesmo [que sejam] tão pronta e severamente punidas quanto uma quebra de humor durante um combate de boxe",[62] é vital dominar a



"Fat" Joe e Smithie trabalhando no ringue.

todo instante os impulsos de sua afetividade. Uma vez entre as cordas, é preciso ser capaz de gerenciar suas emoções; saber, de acordo com o momento, contê-las e reprimi-las, ou, ao contrário, alimentá-las e ampliá-las; amordaçar certos sentimentos (de cólera, de irritação, de frustração), de modo a resistir aos golpes, às provocações e aos insultos de seu adversário; e "fazer livre apelo" a outras (agressividade e raiva, por exemplo), sem por isso perder o controle delas.[32] Quando calçam as luvas no salão, os boxistas aprendem a se tornar "*business-like*" no ringue, a canalizar suas energias mentais e afetivas, de forma a "fazer seu serviço" da maneira mais eficiente e menos dolorosa possível.

Um boxeador deve exercer, em todos os momentos, não apenas uma vigilância interior de seus sentimentos, mas também um "controle expressivo" constante sobre sua "sinalização" exterior,[63]

(32) Pode-se demonstrar que essa "educação emocional" não pára no pugilista; ela engloba o conjunto de agentes especializados do campo (treinadores, empresários, árbitros, juízes, patrocinadores etc.) e chega mesmo a atingir o público.

de modo a não deixar seu adversário ver quando seus golpes partem e quais são esses golpes. O legendário gerente-empresário Cus D'Amato, inventor de Mike Tyson, resume o problema da seguinte maneira: "O boxeador domina suas emoções à medida que é capaz de escondê-las e controlá-las. O medo é um trunfo para um combatente. Ele o faz se mexer mais velozmente, faz ele ficar mais rápido e mais alerta. Os heróis e os medrosos sentem exatamente o mesmo medo. Simplesmente os heróis reagem a ele de um modo diferente."[64] Essa diferença não tem nada de inata: trata-se de uma capacidade adquirida, coletivamente produzida pela submissão prolongada do corpo à disciplina do *sparring*. Explicações de Butch.

> Butch: Você tem que se controlar o tempo todo, porque tuas emoções vão gastar todo teu oxigênio, então, precisa ficar calmo [ele sopra] e relaxado, mesmo que você saiba que o camarada na tua frente está a ponto de tentar te arrancar a cabeça. Você tem que ficar calmo e relaxado. Assim você tem que enfrentar a situação.
>
> Louie: Foi muito duro aprender a controlar as emoções, como não ficar furioso ou não ficar frustrado quando o camarada é difícil de se bater e quando você não consegue nem tocar ele com seus golpes limpos?
>
> Butch: Foi difícil pra mim. Eu passei anos e anos e anos para pegar a coisa, e *exaaatamente* quando eu estava chegando no ponto em que eu estava me controlando de verdade, bom, então aí as coisas começaram realmente a rolar para mim. A coisa funciona, bom, eu acho que, quando chega a hora, ela pinta.
>
> Louie: Foi alguma coisa que DeeDee ensinou pra você?
>
> Butch: Ele me falava o tempo todo pra ficar calmo, pra ficar relaxado. "Contente-se em respirar devagar." Mas eu achava isso difícil, ficar calmo e relaxado quando [em um tom meio divertido] você tem esse carinha no outro canto, e ele está a ponto de tentar te derrubar! Mas com o tempo a coisa acaba por baixar [*sink in*], e eu compreendi o que ele queria dizer.

De fato, a imbricação mútua entre gesto, experiência consciente e processo fisiológico – as três componentes da emoção, segundo Gerth e Mills –[65] é tal que a mudança de uma desencadeia

a modificação instantânea das outras duas. Não conseguir dominar a experiência sensorial dos golpes que caem sobre você amputa a capacidade de agir e altera, em contrapartida, o estado corporal. De modo recíproco, estar no auge da forma física permite estar mentalmente pronto e, portanto, com um melhor domínio das emoções desencadeadas pelo fluxo de golpes.

Enfim, o aspecto físico do *sparring* não deve ser negligenciado sob o pretexto de que ele é dado: não se pode esquecer de que "o boxe consiste mais em receber golpes do que em dá-los. Boxear é sofrer".[66] No idioleto pugilístico abundam, aliás, as expressões que designam e glorificam a capacidade de absorver os golpes e de suportar a dor. Ora, além de sua reserva somática de partida, como um "maxilar de aço" ou essa qualidade reverenciada que eles chamam de "o coração" (que tem um lugar central também na cultura masculina da rua), só há uma forma de se endurecer diante do mal, de habituar o organismo a encaixar os golpes, que é exatamente encaixá-los com regularidade. Porque, contrariamente a uma idéia amplamente difundida, os boxeadores não têm qualquer especial afeição pela dor e não apreciam as brigas. Um jovem peso meio-médio ítalo-americano do Windy City Gym, que acaba de se tornar profissional, fica indignado quando menciono o estereótipo profano do boxeador "sadomasoquista":[33] "Nãão, *somos humanos, merda! Somos humanos*, tá entendendo, somos como qualquer pessoa, nossos sentimentos são a mesma coisa, a mesma coisa que os teus sentimentos, você que é... Você pode nos afastar, sei lá [com veemência], *mas não somos diferentes de você.* Estamos no mesmo mundo, somos feitos da mesma carne, do mesmo sangue, do mesmo tudo, sei lá." Contudo, os boxeadores elevaram bastante seu limite de tolerância à dor, submetendo-se a ela de maneira medida e rotineira.

[33] Encontra-se esse estereótipo em inúmeros trabalhos universitários, como a tese histórica sobre a evolução esportiva, de Allen Gutman, *From ritual to record: the nature of modern sports*,[67] ou com afinidade universitária, como a enciclopédia de lugares-comuns acadêmicos e jornalísticos, com muitas deformações relativas ao boxe, compiladas em artigos de jornais e revistas esportivas por André Rauch, *Boxe, violence du XXème siècle* – obra que compreende, além do mais, um plágio grosseiro de meu artigo de 1989, que serviu de base para este livro.[68]

Essa aprendizagem da indiferença à dor é inseparável da aquisição da forma de sangue-frio própria ao pugilismo. A socialização adequada do pugilista supõe uma habituação aos golpes, cujo inverso é a capacidade de domesticar o primeiro reflexo de autoproteção que produz uma falha na coordenação dos movimentos e que dá vantagem ao adversário. Mais do que a força dos golpes do adversário, é essa aquisição progressiva da "resistência à emoção", como diz Mauss,[69] da qual é muito difícil saber se vem do registro da vontade ou se é de ordem fisiológica, que toma conta dos noviços durante suas primeiras sessões de *sparring*. Porque, além da atenção superaguda que o duelo no ringue exige, é preciso combater a todo instante seu primeiro reflexo de dobrar-se, cabe proibir o corpo de desobedecer, voltando-se de frente para o oponente, separando-se, fugindo de seus punhos em um "salve-se quem puder" generalizado.

> Em 23 de março de 1989, caí sobre Ashante, que estava enfiando as luvas diante da mesa de abdominais. Brincalhão, ele me atirou: "Hei, Louie, como é que você está se sentindo? Suas costelas estão boas? [Referindo-se às minhas costelas, que ele havia esmurrado durante a nossa última sessão de *sparring* e que me haviam impedido de treinar durante vários dias.]" "Estou indo, você não me quebrou as costelas, só machucou-as [*bruised*]". Ele sorri e aperta minhas mãos afetuosamente entre seus pulsos enluvados. "Eu sabia que eu não tinha quebrado elas. Mas você precisa começar a fazer abdominais seriamente e se pôr em condições de lutar. Você precisa fazer abdominais para proteger o corpo. Saca só, eu trabalhei teu corpo porque eu não queria te tocar muito no rosto, *porque você ainda não está acostumado a levar muita pancada na cabeça.* Foi por isso que eu bati mais no teu corpo. O que acontece é que teu corpo está cansado, porque você também não está acostumado a levar golpes no corpo. Sei muito bem que bati em você muito secamente, mas você precisa ver que também me bateu bastante."

Aprender a boxear é modificar insensivelmente seu esquema corporal, sua relação com seu corpo e o uso que dele fazemos habitualmente, de maneira a interiorizar uma série de disposições inseparavelmente mentais e físicas que, ao longo do tempo, fazem do organismo uma máquina de dar e receber socos, mas

uma *máquina inteligente, criativa e capaz de auto-regular-se*, inovando-se no interior de um registro fixo e relativamente limitado de movimentos em função do adversário e do momento. A imbricação mútua das disposições corporais e mentais atinge um tal grau que mesmo a vontade, o moral, a determinação, a concentração e o controle das emoções transmutam-se em reflexos que dão sete vidas ao corpo. No boxeador já formado, o mental torna-se uma parte do físico, e vice-versa; o corpo e a mente funcionam em simbiose total. É o que exprime esse comentário orgulhoso que DeeDee lança para os pugilistas que perguntam se eles não estão "preparados mentalmente" para um combate. Depois da derrota de Curtis, durante sua primeira luta televisionada e transmitida nacionalmente de Atlantic City, DeeDee fulminou: "Ele não perdeu porque ele não estava 'preparado mentalmente'. 'Preparado mentalmente', isso não quer dizer nada. Se você é um lutador, você está preparado. Eu estava mesmo dizendo a Butch: 'Preparado mentalmente' não é porra nenhuma [*that's bullshit*]! Você é um lutador, você sobe no ringue e você bate, não tem nada de preparado ou de não preparado. A coisa não é mental. Não tem nada de mental nisso. Se você é um pugilista, você está preparado e bate, é só isso. O resto é merda."

É essa estreita imbricação do físico e do mental que permite aos boxeadores experimentados continuar a se defender e eventualmente se recuperar, depois de ter sofrido o nocaute: nesses momentos de semi-inconsciência, seu corpo continua a boxear sozinho até que você retome seus sentidos, às vezes, minutos mais tarde. "Agarrei meu parceiro e ele levantou a cabeça e me disparou um golpe por baixo no olho esquerdo que me cortou e derrubou. Então, ele recuou e me mandou uma direita na cara com toda força que ele tinha. Ele me atingiu por baixo, pegou firme e me deixou pregado no lugar. Sem cair e sem ao menos balançar, perdi completamente a consciência, mas continuei a boxear instintivamente até pô-lo a nocaute. Um outro parceiro de *sparring* subiu no ringue. Boxeamos três *rounds*. Eu não me lembro de nada do que aconteceu."[70] Durante o famoso "*Thilla in Manilla*", um dos combates mais brutais da história da Nobre Arte, Joe Frazer e Mohammad Ali, todos os dois, disputaram a maior parte da luta em um estado que beirava a inconsciência. "Smokin' Joe"

contaria, vários anos depois da "clássica" luta entre os grandes rivais da década, como, desde o sexto *round* "eu não conseguia pensar. Tudo o que eu sei é que o combate estava ali, na minha frente. O calor [perto de 40 graus], a umidade [de verão filipino]... Nesse combate, eu não conseguia nem mesmo pensar, eu estava ali, tinha um serviço a fazer. Eu só queria fazer o meu serviço".[71] Ele continuaria a avançar sobre Ali, embriagado de golpes e cegado pelos hematomas em volta dos olhos, até que seu treinador, temendo que ele se deixasse matar no ringue, jogou a toalha no décimo quinto e último assalto.

Num primeiro momento, boxeadores e treinadores parecem ter um julgamento contraditório sobre o aspecto "mental" de suas atividades. De um lado, eles sustentam que o boxe é um jogo de estratégia, um "*thinking man's game*" que eles comumente comparam ao xadrez. Por outro lado, eles insistem que, entre as cordas, não se trata de raciocinar. "O ringue não é lugar para ficar pensando: lá, o negócio são os reflexos! Quando chega a hora de pensar, chegou também a hora de pendurar as luvas", é o sermão de DeeDee. E, no entanto, o velho treinador de Woodlawn concorda totalmente com Ray Arcel, o deão dos treinadores do país, ainda firme nos seus 96 anos, depois de ter produzido dezoito campeões do mundo, quando ele afirma que "no boxe, é o cérebro que prima sobre o músculo. Não estou nem aí para saber quais são as suas qualidades como lutador. Se você não sabe pensar, você não passa de um babaca a mais [*just another bum in the park*]".[72] A contradição desembaraça-se logo que realizamos que a capacidade que o boxeador tem de cogitar e de raciocinar no ringue tornou-se uma faculdade indivisa de seu organismo – o que John Dewey chamaria de "*body-mind complex* [complexo corpo-espírito]".[73]

A excelência pugilística pode, portanto, ser definida pelo fato de que o corpo do boxeador pensa e calcula por ele, imediatamente, sem passar pela intermediação – com o atraso que isso envolve, e que poderia ser caro – do pensamento abstrato, da representação prévia e do cálculo estratégico. Como exprime, com concisão, o antigo campeão Sugar Ray Robinson: "Você não pensa. Tudo é instinto. Se você for parar para pensar, você está ferrado." Opinião confirmada pelo treinador Mickey Rosario: uma vez

sobre o ringue, "você não pode pensar. É preciso que você seja um animal."[74] E pode-se acrescentar: um instinto cultivado, um animal socializado. O corpo é que é a *estratégia espontânea*: ele sabe, compreende, julga e reage, tudo ao mesmo tempo. Se fosse de outro modo, seria impossível sobreviver entre as cordas. Por ocasião dos encontros de amadores, reconhecemos imediatamente os noviços, com seus gestos mecânicos e apressados, com suas combinações "teleguiadas" e lentas, cuja rigidez e o academicismo traem a interferência da reflexão consciente na coordenação dos gestos e movimentos.

Assim, a estratégia do boxeador produz o encontro entre o *habitus* pugilístico e o próprio campo que o produz, apaga a distinção escolástica entre o intencional e o habitual, o racional e o emocional, o corporal e o mental. Ela emerge da ordem de uma razão prática que, incrustada no fundo do corpo, escapa à lógica da escolha individual.(34) De fato, pode-se dizer da estratégia do boxeador no ringue o que o antropólogo Hugh Brody disse dos caçadores esquimós Athabascan, do Noroeste do Canadá: "Fazer uma boa escolha de caça, bem pesada, sensata, é aceitar a interconexão de todos os fatores possíveis e evitar o erro que consiste em tentar focalizar racionalmente essa ou aquela consideração tida como primordial. Ou melhor ainda, *a decisão é tomada no ato propriamente de agir; não há separação entre teoria e prática*. Por conseguinte, a decisão – como a ação, da qual ela é inseparável – pode sempre ser modificada (de modo que não poderíamos, com todo o rigor, tratá-la como uma decisão)".[75]

O confronto no ringue apela para julgamentos sinópticos marcados por respostas prontas e flexibilidade, efetuados na hora e para aquela hora, informados por uma sensibilidade pugilística incorporada, e que são a antítese das decisões maduramente refletidas e pensadas da "razão raciocinante". Foi isso que Joyce Carol Oates viu, quando escreveu: "'Livre escolha', 'bom senso', 'racionalidade', nossos modos típicos de consciência estão fora

(34) Pode-se entrever de passagem tudo o que a sociologia inspirada na teoria dos jogos poderia ganhar se tomasse como paradigma um jogo muito "corporal" como o boxe, e não um combate eminentemente intelectual, como o jogo de xadrez e a estratégia militar.

de propósito e talvez sejam até mesmo nefastos, no universo do boxe".[76] Uma vez no ringue, é o corpo que compreende e aprende, que faz a triagem da informação e armazena-a, que encontra a resposta certa no repertório de ações e de reações possíveis, que se torna, enfim, o verdadeiro "sujeito" (se é que há um sujeito) da prática pugilística.

A aprendizagem bem-sucedida do boxe supõe, assim, a combinação de *disposições quase antinômicas*: pulsões e impulsões inscritas no mais profundo do "indivíduo biológico", tão caro a George Herbert Mead,[77] que podem ser qualificadas de "selvagens", no limite do cultural, casadas com a capacidade de canalizá-las a cada instante, de regulá-las, de transformá-las e explorá-las segundo um plano objetivamente racional, embora inacessível ao cálculo explícito da consciência individual. É essa contradição inerente ao *habitus* pugilístico explicativa de que a crença no caráter inato das qualidades do boxeador possa se acomodar sem fricção com uma moral inflexível do trabalho e do esforço. O mito indígena do dom do boxeador é uma ilusão fundada na realidade: o que os boxeadores tomam como uma qualidade de natureza ("É preciso que você tenha isso em você.") é, na verdade, essa natureza particular que resulta do longo processo de inculcar o *habitus* pugilístico, processo que muitas vezes começa desde a mais tenra infância, seja no interior do próprio *gym* – onde vemos crianças que são regularmente trazidas pelos membros do clube e que treinam boxeando –, seja, ainda, nessa antecâmara do salão de boxe, que é a rua no gueto.

Páginas inteiras de anotações de campo poderiam ser citadas como apoio à idéia segundo a qual "se nasce boxeador". Iremos nos contentar com esse trecho de 1º de outubro de 1988, em que DeeDee insiste longamente sobre as qualidades inatas do lutador que o treinador só faz virem à tona: "Se você tem isso em você, não há nada que possa impedir de surgir. Vai acabar surgindo, de uma forma ou de outra. Agora, se você não tem isso dentro de você, nem vale a pena. Há um monte de camaradas que podem treinar toda a vida, eles treinam e boxeiam aqui, eles fazem o *sparring*, mas nunca na vida eles vão chegar lá. Eu digo isso a eles. Eu não mantenho eles aqui. Há um monte de camaradas em Chicago para quem eu disse que estava na hora de eles irem embora:

'Não vale a pena vir ao *gym*, porque você nunca vai chegar lá'". E Eddie ainda aumentou a coisa: "Meu filho vai lutar boxe se ele quiser. Mas eu não vou obrigar ele a boxear. É preciso que isso venha dele mesmo. Porque você tem que ter essa coisa dentro de você, não se pode trapacear nisso. Então, não sou eu que vou obrigar ele." A expressão "boxeador natural" [*a natural*], que muitas vezes retorna ao vernáculo das academias, designa essa natureza cultivada, cuja gênese social tornou-se invisível para aqueles que a percebem por meio das categorias mentais que são o produto dela.

Uma pedagogia implícita e coletiva

A uma prática essencialmente corporal e pouco codificada, cuja lógica só pode ser apreendida em ação, corresponde um modo de inculcar implícito, prático e coletivo. A transmissão do pugilismo efetua-se de uma forma gestual, visual e mimética, sob o custo de uma manipulação regulada do corpo que somatiza o saber coletivamente detido e exibido pelos membros do clube a cada patamar da hierarquia tácita que o atravessa. A Nobre Arte apresenta, nesse sentido, *o paradoxo de um esporte ultra-individual, cuja aprendizagem é totalmente coletiva.* E pode-se chegar a ponto de afirmar, parafraseando Émile Durkheim, que o *gym* está para o boxe assim como a Igreja está para a religião: a "comunidade moral", o "sistema solidário de crenças e práticas" que a torna possível e que a constitui enquanto tal. O que significa dizer, de passagem, que as formas privadas da prática pugilística que os novos empreendedores da gestão do corpo, sempre em busca de exercícios exóticos com os quais renovar um mercado de *fitness* razoavelmente atravancado, procuraram durante um tempo popularizar só tem boxe no nome.(35)

(35) Penso, por exemplo, no livro de Peter Pasquale, *The Boxer's workout: fitness for the civilized man*, que convida as pessoas dinâmicas a descobrir as alegrias do boxe... em domicílio, somente batendo em um saco de areia, na garagem: "Este livro é dedicado às crescentes legiões de colarinhos brancos, de contadores a atores, passando por corretores da bolsa, médicos e empresários, para quem o treinamento de boxe é um ingrediente importante para o sucesso profissional." Nenhum dos pugilistas de Woodlawn tem um saco de areia em casa. Para DeeDee, treinar em casa é um *nonsense*, embora a maior parte dos exercícios específicos, de fato, possa ser realizada em uma garagem. [78]

Compreende-se facilmente, por todas as razões anteriormente levantadas, que não é possível aprender a boxear "no papel". Não há surpresa alguma, pois, que o treinador do Woodlawn Boys Club dedique uma hostilidade aberta a manuais, desenhos, receitas e métodos livrescos de ensino, tal como comprova a nota a seguir.

> Enquanto seco o corpo com minha toalha, deixo escapulir: "Veja, DeeDee, você nem sabe o que eu encontrei na biblioteca do campus no outro dia. Um livro chamado *O treinamento completo do boxeador*, que mostra todos os movimentos e exercícios de base do boxe. Será que vale a pena ler o livro para aprender os rudimentos do boxe?"
>
> DeeDee faz uma cara de nojo: "*Não se aprende a boxear nos livros. Aprende-se a boxear na academia.*"
>
> "Mas isso pode ajudar a ver os diferentes golpes e compreender eles melhor, não é?"
>
> "Não, não ajuda em nada [*it ain't helpful*]. Não é lendo livros que você aprende a boxear. Eu conheço bem esses livros, lá dentro tem fotos e desenhos que mostram como colocar os pés e os braços, o ângulo que o teu braço direito faz e tudo isso, mas é tudo de araque! Você não tem o menor sentido de movimento. O boxe é movimento, é o movimento que conta."
>
> Eu persisto: "Então não dá para aprender nada sobre boxe nesses livros?"
>
> "Não, não dá."
>
> "E por que não?"
>
> Com um tom irritado pela minha insistência, como se a coisa fosse tão evidente para qualquer um que de pouco adiantasse ele ficar repetindo: "Não dá. Ponto final. Acabou. [*You can't! Period.*] Não dá. Num livro, tudo é estatística. Eles não mostram o que acontece no ringue. Essa coisa não é boxe, Louie. Não dá pé, é só."
>
> "Mas para um iniciante como eu, talvez não faça mal compreender mentalmente, antes de vir pra academia."
>
> "É claro que não faz mal, *principalmente* quando a pessoa é iniciante. Esses livros vão te ferrar completamente [*mess you up completly*]. Se você aprende num livro, nunca será um boxeador."

Opinião confirmada por Eddie, o "pupilo" de DeeDee. Quando pergunto-lhe como nos tornamos treinadores de boxe, ele explica-me que há um pequeno exame técnico que se faz na Federação, mas que o essencial é "treinar nos bons *gyms*, como este, e pouco a pouco você pega a coisa. Não é algo que você possa aprender nos livros".

O que o treinador denuncia nos escritos é seu efeito de totalização e de destemporalização. A virulência de sua reação revela, na prática, a antinomia que existe entre o tempo abstrato da teoria (isto é, da contemplação) e o tempo da ação, que é constitutivo dessa própria ação. Considerar o boxe do ponto de vista soberano de um observador de fora, extirpá-lo de seu tempo próprio, é fazer com que ele sofra uma mudança que o destrói enquanto tal. Porque, como a música, o boxe é uma prática "inteiramente imanente ao tempo-duração, [...] não somente porque ele é jogado no tempo, mas também porque ele joga estrategicamente com o tempo, e, em particular, com o andamento do tempo".[79] Se os conselhos dos manuais e os desenhos dos métodos escolares têm qualquer coisa de irreal, aos olhos de DeeDee, é porque o mais belo dos *uppercuts* é destituído de valor quando é lançado em mau momento; isolado, o gancho tecnicamente mais perfeito não é nada, e é coisa alguma quando ele não está integrado no andamento de troca e ao estilo do boxeador.

Ao contrário de outros esportes de combate mais codificados, tais como o judô e o aikidô,[80] em que o mestre desmonta e demonstra à vontade as tomadas com um cuidado de detalhes e de análise que pode chegar até ao estudo teórico, e em que a progressão é marcada por sinais e títulos oficiais (como as faixas), a iniciação ao boxe é uma *iniciação sem normas* explícitas, sem etapas claramente definidas, que se efetua coletivamente, por imitação, por emulação e por encorajamento difusos e recíprocos, e no qual o papel do treinador é coordenar e estimular a atividade rotineira, que resulta ser "uma fonte de socialização bem mais poderosa do que a pedagogia da instrução".(36)

(36) Jean Lave mostra que, mesmo no caso da aritmética, saber eminentemente intelectual, se é que é um saber, não é possível separar o corpo, o eu, a atividade-suporte da aprendizagem e o quadro social e físico de sua utilização.[81]

De fato, o "método" de ensino de DeeDee não é uma pedagogia pensada e organizada segundo um plano de conjunto. Nunca ouvi ele declinar o porquê dos gestos de base, nem descrever, de maneira resumida, a disposição deles, nem decompor os diferentes estágios da progressão esperada. Os conselhos que ele destila com parcimônia e intermitentemente são, antes, descrições sumárias do movimento a ser executado e que constituem verdadeiros pleonasmos com relação à realidade, consistindo, na maioria das vezes, de observações parciais e negativas: "Não deixe cair a mão esquerda quando você solta o jabe"; "Não balance o pulso para trás"; "Mantenha a perna direita sob o corpo o tempo todo". Como os gestos do pugilista são, para ele, de uma simplicidade e de uma transparência evidentes, DeeDee não desiste da idéia de que eles não exigem qualquer exegese. "É mais fácil do que contar até três"; "Não há nada a explicar, o que é que você quer que eu te explique?"; "Vamos ver isso mais tarde, por enquanto, contente-se em boxear". Quando não se compreendem de imediato as suas indicações, ele limita-se a reiterá-las, se for necessário juntando o gesto às palavras, sem dissimular seu aborrecimento, ou então ele se zanga e pede a um de seus acólitos que tome seu lugar. Se um pugilista não consegue executar corretamente um movimento depois de alguns exercícios "sozinho", o *sparring* oferece um procedimento pedagógico de último recurso. Sem conseguir obter o que desejava com conselhos e com paciência, DeeDee resolveu, bem contrariado, apelar para o reflexo de autodefesa para domar um gesto rebelde.

– O que foi que eu já disse pra você, Louie? Onde é que você tem que pôr a mão direita, hein, onde? É isso, aí no alto, contra a face direita, para se proteger do gancho de esquerda, e não lá embaixo. Você vai deixar que arrebentem tua cabeça [*you gonna get your head busted*], Louie. Você não protege ela como é necessário. Vou pedir a Ashante para te mostrar onde você tem de manter a mão, essa bendita mão direita. Da próxima vez [que você lutar em *sparring* com ele], *vou dizer a ele pra te ensinar com o gancho de esquerda dele*, se você não quiser me ouvir.

– É a melhor maneira de aprender, não é?

– Não. Não é a melhor maneira [*best way*]. É a maneira mais

pesada [*hard way*]. Prefiro que você aprenda por si mesmo, quando eu falo isso pra você, e não deixando que te quebrem a cara [*get your face beat up*]. [*Nota de 17 de maio de 1989.*]

Quando corrige um boxeador, DeeDee faz isso da maneira mais pública possível: na maior parte das vezes, a reprimenda é gritada com uma voz forte, vinda da sala dos fundos, e ouvida por todo mundo. Como a acústica do lugar é deplorável, nunca se pode saber com uma certeza total a quem ele está se dirigindo. Na dúvida, todo mundo tende a levar em conta a reprimenda e a redobrar sua atenção e aplicação. Mesmo quando DeeDee está aboletado em sua poltrona, atrás do vidro do escritório, de onde ele descortina com o olhar toda a área de exercício, é difícil dizer quem ele está observando exatamente; também nesse caso, é melhor supor que ele está olhando para você e boxear da melhor forma possível, para não haver risco de atrair seus raios. Enfim, o fato de que possamos ficar dias, talvez semanas, sem receber qualquer apreciação de sua parte, positiva ou negativa, gera uma ansiedade por saber se estamos progredindo ou não, se o que estamos fazendo é bom ou ruim. Essa incerteza dá a sensação de que estamos avançando às cegas e força o aprendiz de boxe a ser sério e a caprichar em cada sessão, em cada um dos exercícios.[37] Desse modo, cada uma de suas intervenções e a própria maneira pela qual ele as manifesta agem como um mecanismo de *correção coletiva permanente*. Pode-se mesmo especular que quanto mais raras são as intervenções visíveis de DeeDee, mais duráveis e frutíferos são os seus efeitos.

O que poderia passar por uma falta de interesse do treinador, ou por uma carência de acompanhamento, é, de fato, a própria essência de seu método de ensino. Guiado por seu senso pugilístico, fruto da experiência acumulada de décadas de prática, DeeDee esforça-se para colocar em operação, de maneira empírica, por meio de ajustes sucessivos, a combinação de reprimendas sempre repisadas, a atenção silenciosa, as indiferenças ostensivas e as exortações, com a finalidade de fazer entrar o esquema prático no esquema corporal do aprendiz de pugilismo. Tudo acontece como se suas instruções só tivessem por função facilitar e reforçar o efeito próprio da manipulação do corpo, tornando-a mais vigorosa, mais aplicada e mais intensa, e instilando no boxeador a crença de que existe um laço causal entre os esforços exigidos dele e os resultados prematuros, a despeito do caráter repetitivo e descosido dos conselhos que ele recebe.

[37] É durante essas fases que descubro que, a exemplo do pesquisador no campo acadêmico, não tem nada de pior para um boxista, no *gym*, do que a indiferença. E é com alívio que acolho as repreensões com as quais DeeDee põe fim a essa ansiedade.

O CHEFE DE ORQUESTRA

DeeDee (DD ou DeDe, trata-se de um apelido que ele deve ao irmão, que debochava dele pelo seu falar tatibitate quanto era pequeno) nasceu em 1920, na Geórgia, onde seus pais eram meeiros nas terras de uma família da alta sociedade branca de Atlanta. Desde 1922, como milhares de negros do Sul, eles foram para "Dixieland", rumo a Chicago, em busca de um clima racial menos opressivo e de condições de vida menos duras.[82] Seu pai conseguiu um serviço como gari na Prefeitura Municipal, emprego remunerado com regularidade e bem-conceituado entre a comunidade negra da época, mas eram a fabricação e a venda ilegal de álcool para os brancos, durante a Lei Seca, que asseguravam à família seu sustento cotidiano. Ele ganhava com isso um pouco de dinheiro, antes de ser apagado pelos membros de uma quadrilha rival de traficantes – "Ele não puxava muito a vassoura, morou, ele puxava mais sua carroça de *moonshine* [álcool de contrabando] do que a vassoura". DeeDee tinha sete anos.

Durante a Grande Crise e até a guerra, DeeDee morava em uma casinha pegada a uma horta e a um galinheiro, no centro do gueto de South Side, com a mãe e os cinco irmãos e irmãs. "Ninguém tinha trabalho, naqueles anos, *ninguém*. Nem os brancos, nem os negros. Todo mundo procurava trabalho desesperadamente, estava à cata de dinheiro. Precisava viver se virando, naqueles tempos. Só a guerra nos tirou dessa sinuca. Eu sei que, com certeza, eles fizeram a guerra exatamente para que a gente saísse da crise. De repente, todas as fábricas procuravam mão-de-obra. Havia emprego em tudo que era canto! As pessoas ganhavam muita grana. Vendia-se ferro-velho a preços absurdos: os caras que tinham um monte de ferro-velho nos seus quintais torna-



Imóvel em sua cadeira, com o cronômetro na mão, DeeDee segue atentamente, da sala dos fundos, a evolução de seus pupilos.

ram-se milionários da noite para o dia, quando se amassava todo metal disponível para fazer aviões e bombas. O chumbo tornou-se uma mina de ouro."[83]

Desordeiro notório desde os seis anos de idade, DeeDee iniciou-se no boxe na escola, desde a adolescência, em uma época na qual "todo mundo só sonhava com uma coisa, ser Joe Louis" – o primeiro grande campeão negro da era moderna.[38] Depois de uma carreira breve e sem glórias no ringue (ele disputou quarenta combates amadores e uma luta profissional contra um dos pugilistas que ele treinava, e que, por cortesia, ainda deixou que

(38) "O bombardeiro de ébano", cuja ascensão coincide com a segunda "idade do ouro" do boxe profissional na América do Norte, era então o herói nacional, por ter simbolicamente arrasado, com seus punhos, o nazismo, na pessoa do campeão alemão Max Schmelling, em junho de 1938, mas também, e sobretudo, era uma lenda viva para a comunidade afro-americana, para a qual ele deu o orgulho étnico e a autoconfiança, ao destruir no ringue o mito da inferioridade congênita dos negros.[84]

ele fizesse alguma coisa), ele passou definitivamente para o outro lado das cordas. Porque, embora sofra de artrose nas mãos e nos joelhos, o jovem Herman indubitavelmente tem o olho e a mão necessários para ensinar a Nobre Arte, da qual ele descobre as figuras infinitamente variadas nas academias do South Side e nos filmes que ele devora, mesmo quando não tem fome. "Tinha essas máquinas de filmes nos bares, onde você colocava um *nickel* [5 cents], e você podia olhar no visor uma pequena quantidade de filmes de boxe. Eu passei horas vendo esses filmes, e foi assim que eu aprendi." Na cola de Jack Blackburn, o treinador de Joe Louis que o tomou por um breve período sob proteção antes de morrer, DeeDee logo construiu para si uma reputação primeiro regional e mais tarde nacional. Entre 1978 e 1985, ele leva uma dezena de boxeadores ao *top ten* das classificações internacionais, e dois de seus pupilos ganham um título mundial: Roberto Cruz, entre os pesos meio-médios e Alphonso Ratliff, na categoria dos meio-pesados. Ele sempre exerceu seus talentos em Chicago, com exceção dos seis anos passados no Japão e nas Filipinas, treinando alguns dos melhores pugilistas asiáticos, e de uma breve estada em Los Angeles, sob a instigação de um grande agente da Costa Oeste. Considerado por seus pares como um dos melhores treinadores da história do boxe norte-americano, DeeDee foi eleito, em 1987, para o Boxing Hall of Fame, o Museu de Boxe de Louisville, em Kentucky. Mas ele não teve recursos para pagar a viagem e faltou à cerimônia de entronização que deveria marcar a apoteose de sua carreira.

Hoje em dia, DeeDee sobrevive com 364 dólares por mês, que ele recebe a título de Supplemental Security Income, um programa de auxílio destinado às pessoas de terceira idade que não têm recursos e que sofrem de invalidez. Ele não tem bem algum, nem aposentadoria, tendo trabalhado como assalariado somente dois anos e meio, no total. "Fiz todo tipo de trabalho, em restaurantes, hotéis, como cozinheiro, copeiro, faz-tudo diarista, e morei na rua. Você faz qualquer coisa para sobreviver na rua, Louie, está sacando o que eu estou dizendo?" Entre os ofícios que ele exerceu, nem que fosse por pouco tempo, ao lado de sua atividade principal de treinador: manobrista, operário metalúrgico, lavador de vidros, leão-de-chácara de boate, motorista de táxi, vendedor ilegal, "exterminador" de baratas e outros insetos e roedores que infestam os cortiços do gueto, pintor de paredes

e guarda-costas de um bordel.[39] Ele não se queixa. "Conheço caras que trabalharam vinte anos, trinta anos, e que recebem o quê? Nem mesmo 500 dólares de aposentadoria! Recebo o mesmo e nem cheguei a trabalhar". DeeDee reserva, toda semana, um ou dois dólares para comprar alguns bilhetes de loto em um *liquor store* (bar da esquina). De vez em quando, ele melhora seus ganhos recebendo uma "contribuição privada" sobre os raros pugilistas do clube que têm meios de lhe dar "alguma coisinha, cinco ou dez dólares". Nessa época, a responsável pela creche que fica anexa à academia de boxe dava-lhe os restos de merendas depois das festas infantis. Quando há combates na cidade, pode acontecer que o empresário de Curtis traga-lhe alguns sacos de frutas e de legumes de seu sítio.

A ascese coletiva, cujo mestre-de-obras no ginásio é DeeDee, é construída à imagem de sua vida pessoal espartana: levantar cedíssimo, dormir cedo, alimentar-se à base de legumes cozidos, peixe fresco e carne magra (frango e peru), jamais tomar *pop* [refrigerantes] nem comer doces, raramente tomar um copo de bebida alcoólica (com exceção do Armagnac, que trago para ele da França toda vez que viajo) e fazer uma visita ao médico a cada seis meses (no sistema médico gratuito, por causa de problemas de circulação e da artrose nos punhos, que o impede de dirigir). DeeDee divide um exíguo apartamento alugado na rua 67 com uma sobrinha adotiva, menina-mãe que faz seu curso em uma pequena escola privada de estética para obter um diploma de cabeleireira e manicura, e que ajuda o treinador cuidando da casa, em contrapartida do direito de morar. Para ela, esse diploma é o supra-sumo, e ela fala dele como de um sucesso excepcional, que, em grande parte, ela atribui ao apoio moral inquebrantável de DeeDee – quando ela pensava em abandonar a escola, ele ameaçava-a: "Se, por acaso, você não terminar seus estudos, eu vou te dar a maior surra da tua vida [*whuppin'*], que você vai se lembrar até na hora do seu enterro".

DeeDee não tem outras atividades além do boxe, e ele passa a maior parte dos seus dias no clube, mesmo quando não aparece quase ninguém por lá. Seu tempo divide-se entre a supervisão

(39) Essa "dupla atividade" é típica: com exceção dos monitores de boxe empregados pelo Departamento de Parques e Jardins da cidade, todos os treinadores de Chicago exercem uma atividade profissional fora de seus *gyms*.

do treinamento e intermináveis conversas telefônicas e discussões com os visitantes habituais da academia. O emprego que ele faz do seu tempo é regulado como uma partitura musical: um pouco antes do meio-dia, ele pega o ônibus perto de casa, passa para tomar uma sopa no Daley's (o restaurante familiar da esquina de Cottage Grove com a rua 63), depois ele abre o ginásio. Pouco depois das sete horas, terminado o treinamento, ele fecha de novo a pesada grade que protege a fachada do Boys Club e pede que um dos boxistas o acompanhe até em casa. À noite, ele toma conta do sobrinho-neto Will, enquanto assiste aos combates de boxe transmitidos pelos canais esportivos pagos de televisão, que ele recebe em casa graças a um gatilho no cabo, feito, em troca de vinte dólares, por um de seus sobrinhos. Nunca vai ao cinema, não está acostumado a jantar fora, não freqüenta mais boates à noite (onde, antigamente, ele adorava exibir seus reconhecidos dotes de dançarino) e execra passeios. As reuniões que seus boxeadores promovem são as únicas saídas que ele dá.

DeeDee é encarregado do clube de boxe de Woodlawn desde a sua abertura, em 1977, mas ele recusa-se a considerar isso como "trabalho". Primeiro, porque ele não é remunerado para isso – "Eles não pagam coisa nenhuma, é tudo de graça. Todo ano, eles me mandam uma bela placa para me agradecer por eu fazer tudo funcionar, e só. Mas placa não se come." Em segundo lugar, porque ele não imagina nem a possibilidade de ir para outro lugar ou de fazer outra coisa: "Saca só, Louie, eu não trabalho aqui. Isso não é um emprego. Eu passo o tempo [*hang around*] no ginásio, é tudo. Já espaireci por outras academias, no Fuller Park, no John Cullon, do West Side. Se eu não estivesse aqui, provavelmente estaria no Fuller Park. É preciso encontrar uma academia onde ficar, para passar o tempo... Preciso estar na academia, ver os meninos boxearem, a pessoa precisa estar mergulhada no boxe, porque tem o boxe no sangue. Eu não poderia passar sem isso." O resto do tempo é ocupado seguindo os combates dos boxeadores que ele treina e para os quais oferece o serviço de "segundo", em troca de uma pequena remuneração que os lutadores insistem em lhe dar (cerca de dez por cento de seus modestos cachês, ou seja, alguns bilhetes de vinte dólares por sessão). Seja por princípio, seja por falta de recursos financeiros, DeeDee nunca assiste a uma reunião local, quando não

pode entrar nela gratuitamente: acha totalmente absurda a idéia de pagar para ver uma luta. De resto, sua notoriedade no lugar é tamanha que só muito excepcionalmente não dispõe de ingressos para convidados.

Como a maioria dos treinadores, sobretudo os da "velha escola", DeeDee mantém relações complexas e ambíguas com seus pupilos, para os quais ele é, ao mesmo tempo, treinador, mentor, guardião, conselheiro sentimental e confidente, e que devotam a ele um respeito filial que ultrapassa de longe a admiração profissional.[85] Esse era o caso, antigamente, de Alphonso, para quem DeeDee chegava a cozinhar, no *gym*, todas as tardes, para ter certeza de que ele iria comer os alimentos apropriados. É o caso, hoje, de Curtis, que ele trata com um misto de fingido desinteresse e afeição áspera que, muitas vezes, beira o autoritarismo, e com o qual ele desenvolveu, ao longo dos anos, uma relação quase paternal. Na frente dele, DeeDee afeta uma atitude de indiferença com relação ao seu comportamento fora do ginásio, quando, na verdade, esse comportamento inquieta-o constantemente: como prova disso, ele mantém contato telefônico cotidiano com Sherry, a mulher de Curtis, para saber se ele segue suas instruções nos compartimentos da existência que julga afetar o desempenho dele entre as cordas: sua alimentação, as relações familiares, as práticas sexuais. DeeDee faz a intermediação entre Curtis e seu empresário; ajuda a administrar suas relações tumultuadas com a responsável pela creche que ocupa uma parte do prédio do Woodlawn Boys Club, onde Curtis trabalha como faxineiro auxiliar; segue atentamente o curso de seus aborrecimentos financeiros, seus problemas de moradia e seus conflitos com o seguro social. Em resumo, o velho treinador está estreitamente ligado à vida privada de Curtis, que, por sua vez, considera-o como seu segundo pai, levando em alta conta sua sabedoria: "DeeDee e eu, a gente se relaciona, a gente fala, a gente fala bobagem um pro outro o tempo todo, mas também temos papos sérios – eu acredito em tudo o que ele me diz, mesmo porque [ele abaixa a voz para marcar seu respeito] *não é à toa que ele chegou aos 70 anos*, hein? Você sabe que ele não nasceu ontem, então *ele sabe muito mais coisa do que eu.* Talvez eu nem possa chegar lá. Mas precisa que a gente tenha uma briga de vez em quando, só pra dar a ele um pouco de prazer. Assim, quando eu saio da academia, ele pode sorrir e balançar a cabeça, essas coisas..."

> Assim, na manhã do dia da luta em que Curtis iria arrebanhar o título de campeão do estado de Illinois, DeeDee queixa-se – entre sério e irônico, e, sem dúvida alguma, orgulhoso – de que Curtis trata-o como uma criança, não deixando ele fumar e beber, quando ele deveria ter o direito de se entregar a esses pequenos prazeres, na sua idade: "Se ele me vê fumando, ele vem e berra comigo: 'Larga esse cigarro, DeeDee, apaga isso imediatamente', e começa a gritar alto como se eu fosse uma criança. [Rosnando.] Ei? Eu tenho 69 primaveras, se a gente não pode se dar ao direito de um pouco de prazer com 69 primaveras, então, eu não sei quando... Se ele me vê com um copo de vinho ou qualquer outra birita, fica furioso, pega no meu pé e me xinga, diz pra eu ir descansar. A mesma coisa com o cigarro. O que é isso? Eu não sou pai dele, está certo, mas ele não é meu filho, não, pra ficar me dizendo o que eu devo e o que eu não devo fazer." Rimos e provocamos ele, sublinhando que, apesar de tudo, ele tem sorte de Curtis se preocupar tanto com ele, e que isso só vai fazer ele viver mais.

Mas a pedagogia pugilística não visa somente a transmitir uma técnica: ela tem também por função constituir de maneira prática as expectativas objetivamente racionais que irão facilitar a ascensão do aprendiz de boxe na hierarquia do *gym*. Para encontrar e conservar seu lugar no universo pugilístico, é preciso, com efeito, conhecer e levar em conta, em todos os momentos, seus limites físicos e morais, não deixar suas aspirações "descolarem" de maneira irrealista, não buscar educar-se mais rapidamente e além da medida do razoável, sob o risco de ter suas energias dilapidadas, fazer-se demolir pelos oponentes superiores e expor-se a quebrar a cara. É por isso que as instruções do treinador, muitas vezes, tomam a forma da incitação à modéstia, de convites a repetir até a exaustão os mesmo gestos, sem procurar ultrapassar suas capacidades, respeitando o ritmo aparentemente estacionário que ele imprime à aprendizagem. Por meio de suas observações, de suas críticas, seus encorajamentos, mas também de seus silêncios prolongados, ou por sua presença, DeeDee educa aqueles que, por falta de confiança em si mesmos ou por timidez, consideram-se abaixo de seu valor ("Agora você sabe boxear tão bem como todos os outros, Louie: se eu deixo

você lutar com Jeff, você vai meter ele numa boa encrenca"), e rebaixa aqueles que, embevecidos por seus progressos na academia ou por seus sucessos no ringue, vangloriam-se, acreditam que "chegaram lá" e tentam boxear acima de seus meios. A pedagogia pugilística é, pois, inseparavelmente, uma pedagogia da humildade e da honra, que tem por finalidade incutir em cada qual o *sentido dos limites* (que é também um sentido do grupo e de seu lugar dentro do grupo), como atestam esses dois fragmentos de meu diário.

> No dia 22 de outubro de 1988, por ocasião da noitada "de gala" organizada todo ano para recuperar as finanças do clube, Little John (24 anos, estudante e agente de seguros em uma cidade HLM) combate pela primeira vez. Ele está nervoso e atrapalhado, bate muito forte e um pouco de qualquer jeito. [...] Vejo DeeDee, que está furioso em seu escritório. De repente, ele rompe pelo salão, com o olhar fulminante, e vocifera em direção ao ringue: "O que é que você acha que está fazendo, John, hein? Pára com essas babaquices [*cut out this bullshit*] e contente-se por boxear. *Você está tentando fazer uma cara de boxeador, mas não está com cara de nada!*" Dá meia-volta com um ar de desgosto e vai para a sala dos fundos, para enrolar as bandagens nas mãos de Rico.
>
> No dia 22 de março de 1989, Curtis foi para a Carolina do Sul, para se recuperar na fazenda de seu empresário, de modo a preparar seu primeiro combate em Atlantic City, no mês seguinte – uma boa chance para ele traçar os planos para seu ingresso na classificação internacional. Pergunto a DeeDee se ele foi de avião ou de ônibus. "Porra, Louie, ele foi de ônibus! Quem é ele pra andar de avião, hein?" Killer Keith espantou-se com isso: "Não é cansativo, para ele, ficar tanto tempo num ônibus, DeeDee, porque isso dá o quê? Quinze, dezoito horas de ônibus?" "São dezenove horas para ir até a Carolina do Sul pela Greyhound [uma companhia barata de ônibus]. Isso, pra mim, não é nada. *Quem o Curtis acha que é? Ele não é ninguém, não é nada.* Eu já falei pra você. Todo esse tempo no ônibus, isso vai dar tempo pra ele pensar e pôr alguma coisa naquela cabeça."

Essa propedêutica da modéstia aplica-se muito particularmente aos noviços, que ainda estão tentados, por vontade de aparecer misturada à ignorância, ou por admiração por seus colegas mais adiantados, a queimar etapas, enfrentando exercícios que exigem uma técnica que eles ainda não têm. Eis a reação de DeeDee quando, em 10 de janeiro de 1989, sucumbi a essa tentação, tentando boxear a *double-end-bag*, como fazia Tony, um pugilista profissional que tem seis anos de experiência.

> Quando já estou trocando de roupa, DeeDee sai e me dá a bronca: "Você é uma verdadeira desgraça [*disgrace*] nessa bola, Louie, horrível de verdade, um terror de se ver." Escutei mal e tive a infelicidade de pedir-lhe que repetisse sua observação. Ele não se aborreceu nem um pouco: "Você estava dando o maior vexame, pulando em volta da bola e sacudindo os braços [*swinging*]. O que você acha que está fazendo nessa bola? Ela é pra trabalhar os jabes, e o que você fez foi balançar o corpo pra todo o lado, sem manter as mãos no alto, um horror! O que é isso? Eu nem conseguia olhar, de tão horrível." Fiquei totalmente envergonhado: percebi bem que eu não sabia boxear no *jab bag*, mas, mesmo assim! "Da próxima vez, eu vou chegar mais cedo e você pode me mostrar como a gente usa esse aparelho."
>
> "Não tem mistério nenhum [*Ain't nothing to it*], Louie, *não tenho nada pra mostrar pra você, o que você quer que eu te mostre?* Basta você trabalhar teu jabe, teu *timing*, é só isso."
>
> Depois disso, ele sai comigo do escritório e toma posição diante da bola, que ele soca, enquanto explica: "Basta ficar perto da bola, jabe, jabe, você deixa rolar, um-dois, jabe, um-dois, jabe, como no *speed-bag*. Se ela volta na tua cara, você bloqueia ela com a mão direita." Ele soca a *punching-ball* com curtos de esquerda, em cadência com o balanço, devagar, as pernas ligeiramente flexionadas, o tronco inclinado para a frente – ele é bem gracioso. Esmero-me em lançar alguns pequenos jabes ritmados, lentamente, como ele; é evidentemente mais fácil do que o que eu estava tentando fazer antes.
>
> "Taí, é isso, é só isso que você tem que fazer. *Ninguém está pedindo pra você fazer mais do que isso.* Se a bola vem até você balançando, você bloqueia ela assim [com a palma da mão direita aberta, perto do rosto].
>
> "Tá bem, da próxima vez, vou tentar fazer melhor, DeeDee."
> Ele já desapareceu na cozinha.

Se DeeDee pode-se permitir uma tal economia de palavras e de gestos, é porque *o essencial do saber pugilístico transmite-se fora de sua intervenção explícita*, por intermédio de uma "comunicação silenciosa, prática, de corpo a corpo",[86] que não é um diálogo só entre o mestre e seu aluno, mas uma conversa a muitas vozes aberta ao conjunto dos participantes regulares do treinamento. O ensino do boxe no Woodlawn Boys Club é um ensino coletivo sob três pontos de vista: ele efetua-se de maneira coordenada, no interior do grupo, que cria a sincronização dos exercícios; ele faz de cada participante o modelo visual potencial, positivo ou negativo, de todos os outros; enfim, os pugilistas mais aguerridos servem, ao mesmo tempo, como auxiliares que se revezam, reforçam e, segundo a necessidade, complementam a (in)ação aparente do treinador, de modo que cada boxeador colabora, sabendo disso ou não, para a formação de todos os outros.

No interior do dispositivo de aprendizagem pugilística, encontra-se o ritmo comum que envolve todas as atividades da academia, impregnando-as com sua temporalidade específica. Como um cronômetro vivo, DeeDee pontua o tempo de duração do dia gritando alternadamente "*Time in!*", para indicar o início de um *round* de exercícios, e "*Time out!*", para marcar seu fim. Ao som do "*Time in!*", todos os boxeadores põem-se à obra, como um único homem. Cada intervalo de três minutos assim modulado é seguido por um tempo de repouso de trinta segundos (um minuto, se está havendo, simultaneamente, uma sessão de *sparring*), durante o qual se instala uma calma precária, antes que um novo "*Time in!*" coloque o engenho novamente em marcha. Nada de tempo morto, nada de tempo livre. Seja qual for a hora em que eles comecem o treino, sejam quais forem os exercícios que façam, os pugilistas trabalham sempre em concerto, porque o respeito por esse andamento é um imperativo que não conhece qualquer exceção e que se impõe a todos por ele mesmo – é impensável que ele se exerça como um contratempo, e um boxeador que, por distração, se esqueça do início do *round* ou que o confunda com o sinal de repouso, é logo chamado à ordem por DeeDee ou por algum de seus parceiros ("DeeDee disse '*Time-in!*', ao trabalho, cara").

O tempo do *gym* é um tempo pleno, impositivo, que marca o corpo e modela-o segundo seu ritmo. O exercício cadenciado do grupo habitua progressivamente o organismo a alternar esforço intenso e recuperação rápida segundo o andamento específico do jogo, até *habituá-lo* a essa necessidade.[40] Quanto à duração, ela regula o "relógio biológico" do boxeador até o ponto que seu próprio corpo pode, por ele mesmo, dividir a sucessão dos *rounds* (dei-me conta de que meu corpo se tornara capaz de contar por intervalos de três minutos, num dia de inverno em que DeeDee havia saído cedo da sala, e eu treinei sozinho com o cronômetro).

Ciente de que a temporalização da prática pugilística forma a própria base de seu aprendizado, compreende-se que o controle do andamento coletivo do treinamento adquire uma importância particular: exceto em circunstâncias específicas, somente DeeDee, Charles Martin e o aluno-treinador Eddie estão habilitados a gritar o "*Time!*", e ninguém está autorizado a usar o cronômetro de DeeDee sem sua permissão expressa. Esse cronômetro é, para o velho treinador de Woodlawn, o que o *skeptron* era para os reis das cortes medievais, segundo Émile Benveniste,[87] o símbolo e o instrumento da autoridade que ele exerce sobre o coletivo, assim fragmentado; tirá-lo dele seria pôr essa autoridade em questão, privar DeeDee do único emblema de sua função no *gym* (além da camisa pólo azul-marinho "Staff, Chicago Boys and Girls Club", que ele não tira). Sem dúvida, é por isso que o ginásio de Woodlawn, ao contrário de muitos outros, não tem uma minuteria elétrica que marca automaticamente os *rounds*.[41] Sem contar que, depois de uma vida inteira passada em academias de boxe, o cronômetro tornou-se, para DeeDee, uma espécie de órgão suplementar, como uma extensão de seu corpo. Mesmo suas conversas

(40) Uma luta de boxe compreende três assaltos, entre os amadores, e quatro, seis, oito ou dez *rounds*, entre os profissionais, segundo o nível (doze para um título mundial). Cada *round* dura três minutos, com um minuto de repouso entre dois *rounds* consecutivos.

(41) As academias descritas por Hauser (*op. cit.*) e Plummer (*op. cit.*) estão equipadas com relógios automáticos que sinalizam o início e o fim dos *rounds*, por meio de duas campainhas distintas. Todos os outros *gyms* de Chicago funcionam com um sistema elétrico de marcação do tempo.



DeeDee dá o "*Time!*" do *sparring*, sentado em sua mesa, com Bernard e Reggie.

telefônicas são interrompidas pelo refrão ritmado dos "*Time in!*" e "*Time out!*", e pode acontecer, às vezes, ao fim de um longo dia, que ele continue a engrenar mecanicamente os *rounds*, mesmo depois que o último boxeador presente já tenha terminado seu treinamento.

A simples sincronização dos movimentos no tempo e a proximidade física dos pugilistas no espaço fazem com que se *vejam*, o tempo todo, corpos em ação – inclusive o próprio corpo, quando se boxeia diante do espelho. Esse reforço visual e auditivo permanente gera um estado de "efervescência coletiva", uma reminiscência completa da excitação frenética das grandes celebrações totêmicas aborígenes,[88] que tem por efeito facilitar a assimilação dos gestos e que contribui para derrubar as inibições, para "relaxar" o corpo e para fustigar as energias. O fato de que *sejamos vistos* o tempo todo e por todos os outros também força a que caprichemos, por medo do ridículo, como se pode perceber nessa anotação datada de 26 de setembro de 1988.

> Hoje foi uma loucura, nunca vira tantos boxeadores no *gym*: começamos com quinze e acabamos com trinta e cinco, um verdadeiro zoológico! É impressionante ver todo mundo se exercitar com tamanho afinco. DeeDee grita seu "*Time! Work!*" com uma voz forte, acentuando particularmente o "*work!*"; ao contrário, sua voz cai e morre quando grita "*Time out!*" Digo bom-dia a uns e outros. Os meninos sucedem-se ininterruptamente no ringue, para vigorosos *rounds* de *sparring*. Uma verdadeira engenhoca de boxeadores invade, em ondas, a sala dos fundos, paramentam-se, besuntam o rosto com vaselina, enfiam as luvas, fecham-nas com fita adesiva, saltitam nervosamente no mesmo lugar ou retiram o capacete e a coquilha antes de ir para a frente do espelho, para prosseguir no seu treinamento. [...]
> Estou cansado, mas faz um bem imenso trabalhar assim, em uníssono, em uma tal tempestade de golpes, de assopros, de esquivas, saltos, esforços de todos os tipos, nesse alegre ambiente de algazarra física. Depois de um momento, *fica-se como em um estado de semiconsciência, como que levado pela cadência coletiva dos exercícios e pelo barulho* ensurdecedor (sobretudo, quando Smithie está no saco de areia e Ratliff na pêra de velocidade: parecem tiros de bazucas misturados com saraivadas de metralhadoras). Entusiasmados de se agitarem ao mesmo tempo que os outros, todos entregam-se ao treinamento. "*Time in, work!*" Três minutos de pauleira. "*Time out!*" Todo mundo imobiliza-se ao mesmo tempo. Os meninos aproveitam para trocar algumas palavras, muitas vezes, breves observações, porque antes de mais nada é preciso retomar o fôlego, e os trinta segundos de repouso não deixam tempo para uma conversa. Ou então, eles bebem em silêncio, no esguicho coletivo que fica perto da mesa, próximo ao ringue, antes de cuspir a água no balde. "*Time, work-work-work!*" E recomeçamos com mais vontade!

A coordenação temporal dos exercícios faz com que todo boxeador tenha permanentemente sob os olhos um repertório completo de modelos em que se inspirar. O saber pugilístico é transmitido, assim, por mimetismo e contramimetismo, olhando como os outros fazem, observando seus gestos, espiando suas respostas às instruções de DeeDee, copiando sua rotina, imitando-os mais ou menos conscientemente, isto é, sem a intervenção explícita do treinador. Ao longo das sessões, aprende-se, assim, do modo tácito documentado por Michael Polanyi,[89] a determinar os modelos potenciais, situando-se em seu nível na hierarquia sutil, a um só tempo fluida e precisa, imperceptível para o não-iniciado, que estrutura o espaço do *gym*. Se a prática efetiva, em situação, é,

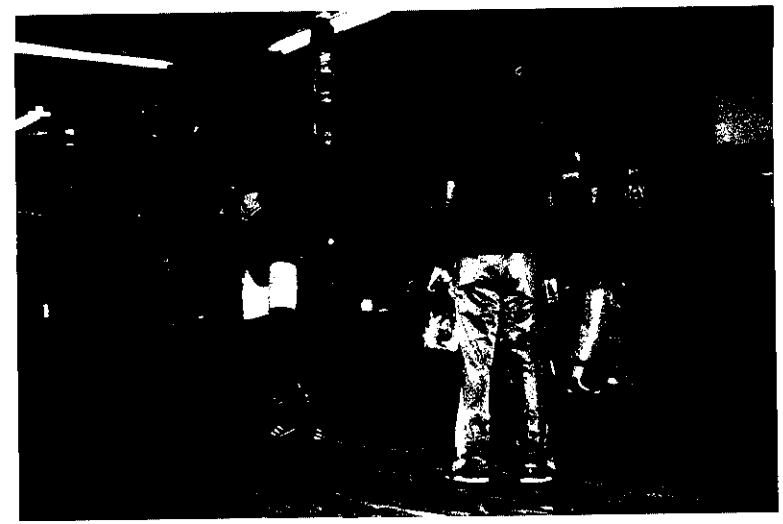
aqui, a passagem obrigatória (*methodos*) para a compreensão dessa "arte social" que é o pugilismo, é porque somente ela permite encaixar a solicitação mútua que se dirige um corpo e um campo que se interrogam e provocam um ao outro. É só a partir do momento em que o *habitus* do aprendiz de boxe sabe "reconhecer" os estímulos e os apelos do *gym* que a aprendizagem torna-se plena. Cada gesto, cada posição do corpo do pugilista possui, com efeito, uma infinidade de propriedades específicas, ínfimas e invisíveis para aquele que não tem as categorias de percepção e de apreciação apropriadas, e que os conselhos de DeeDee só fazem veicular.[42] Há um "olho de boxeador" que não se pode adquirir sem um mínimo de prática efetiva do esporte, e que, por sua vez, a torna significante e compreensiva.

O treino ensina os movimentos – o que é mais evidente –, mas ele inculca também, de maneira prática, os esquemas que permitem melhor diferenciá-los, avaliá-los, e, portanto, ao final, reproduzi-los. Ele põe em ação uma *dialética do corporal e do visual*: para compreender o que se deve fazer, olha-se os outros boxearem, mas só se vê verdadeiramente o que eles fazem quando isso já foi um pouco compreendido com os olhos, isto é, com o corpo. Cada novo gesto assim compreendido torna-se, por sua vez, o suporte, o material, o instrumento que torna possível a descoberta, e depois a assimilação, de um outro gesto.

Uma aprendizagem visual e mimética

Ajusto minhas luvas vermelhas de treinamento e subo no ringue. Primeiro, fico sozinho, e é um pouco intimidante boxear diante de todos os veteranos e do *matchmaker* Jack Cowen, que me observam, do pé do ringue. Esmero-me por lançar bem meu jabe, para redobrá-lo, encadear meus ganchos de esquerda lá de trás, mantendo meus apoios e girando o tronco corretamente.

(42) As observações de Howard Becker sobre a fotografia aplicam-se muito bem aqui: assim como cumpre saber decifrar uma chapa segundo um código específico, de modo a fazer ressaltar toda informação sociológica que ela contém,[90] o pugilista iniciante não consegue retirar todas as vantagens dos "conselhos visuais" que ele recebe de seus pares enquanto não sabe decifrar todas as mensagens emitidas à sua volta.



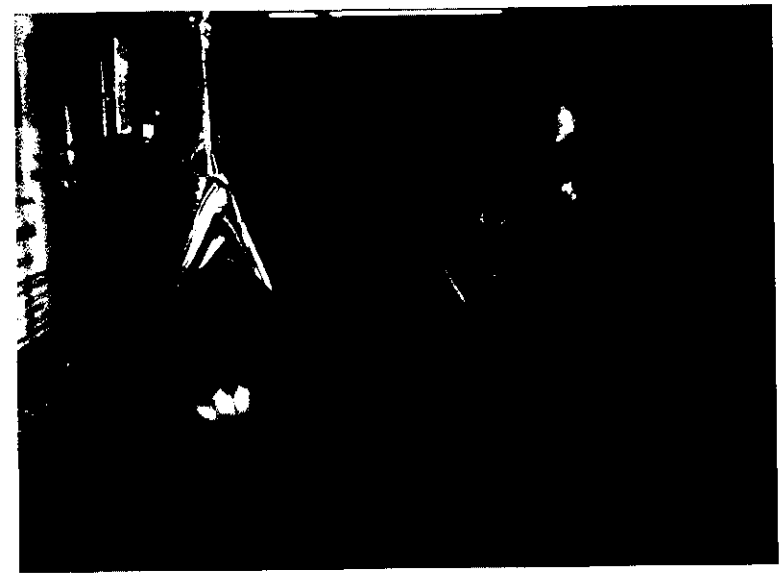
Eddie (de costas) supervisiona Lorenzo e Little Keith (que se aquece em *shadow* no solo, diante do espelho, enquanto espera o *sparring*); Jimmy e Steve (que "atuam" no ringue), e "Boxhead" John na *speedbag*.

No último *round*, Smithie (jaqueta e calções azuis, mãos bandadas de vermelho, bandana branca na testa) sobe no ringue, e eu posso observá-lo de perto e imitar seus movimentos. Ele parece uma máquina de boxear: o tronco ligeiramente inclinado para a frente, as mãos dispostas em leque diante do rosto, seus gestos são curtos, precisos, contidos, quase mecânicos de tão bem coordenados. Ele está brilhando de suor e exibe uma fisionomia séria, a ponto de parecer contraída; cada gesto retira dele uma careta homérica. Sigo-o como se ele fosse um modelo vivo: quando ele redobra o jabe, eu redobro também; quando ele flexiona as pernas para lançar uma série de *uppercuts* breves, passando debaixo da guarda de seu oponente imaginário, faço a mesma coisa. É bárbaro, isso faz com que eu capriche. E eis que Cliff passa também por entre as cordas e vem juntar-se a nós no ringue. Adoro seu jabe curto e baixo e tento imitá-lo. Sigo-o de perto e boxeio como ele (em todo caso, eu tento). "*Time out!*" Bufamos. Rodney, por sua vez, sobe ao ringue. De repente, decido continuar. Com uma voz rouca, DeeDee lança um "*Time work!*" enérgico. Divirto-me no ringue, estimulado por estar entre Smithie, Cliff e Rodney. Durante três minutos, nossos quatro corpos desenham um ruidoso balé espontâneo: chiando, bufando, suando, rangendo, gritando, socando o ar com os punhos, esgrimimos sem

repouso. Isso duplica minha energia e fico dois *rounds* mais do que o previsto. Sinto que meus golpes saem melhores e aplico-me para atingir meu alvo fictício com cada um deles. Rodney finge lutar a distância com Smithie; eles movimentam-se para simular ataques, esquivas e contra-ataques vívidos. Eu supero-me, encadeando jabes aperfeiçoados, seguidos por direitas e *uppercuts* antes de recuar, sempre lançando séries de ganchos e diretos e bloqueando os golpes de meu "adversário mental". Ufa! Não agüento mais, saio do ringue aos pedaços, mas fui como que transportado pela presença de meus companheiros. [*Notas de 30 de maio de 1989.*]

Enfaixo as mãos e venho postar-me entre Mark e Curtis, diante do espelho pequeno, para três séries. É empolgante jogar *shadow* ao lado do campeão de Illinois. Acompanho-o com o canto do olho e tento imitar todos os seus gestos: ganchos e jabes curtos, movimentos nervosos, rápidos, secos, com um "giro" de ombros, movimentos laterais ágeis e precisos. Imito-o da melhor forma possível e tenho a franca sensação de ser um verdadeiro boxeador, no entusiasmo do momento. À minha esquerda, Smithie mostra a Ashante uma esquiva que este aparentemente não tem em seu jogo – como sempre, temos alguma coisa a aprender. [*Notas de 24 de junho de 1989.*]

Enfim, o ensino do boxe é uma empreitada coletiva, no sentido de que o treinador é assistido, em suas funções, por todos os membros do clube. De início, pelos boxeadores profissionais mais experimentados, que colaboram de maneira informal, mas ativa, na formação dos noviços, assim como pelos outros treinadores ou pelos veteranos que vêm de vez em quando passar uma tarde na academia. (A intervenção deles é aceita, desde que se dirijam aos boxistas amadores; no caso dos profissionais, apenas o *trainer* ao qual o boxeador está ligado por contrato está habilitado, junto com DeeDee, a supervisionar o treino.) Desde que tenha demonstrado seriedade, por sua assiduidade, abnegação e coragem entre as cordas, todo "novato" é cuidado pelo grupo; seus progressos provêm, então, de uma responsabilidade coletiva difusa. Durante minha iniciação, recebo conselhos dos principais freqüentadores do clube, que, um de cada vez, tomam a iniciativa de me corrigir, de me encorajar, um deles retificando a posição de minha perna



Reggie demonstra o gesto de *uppercut* a um novo recruta atento.

de apoio, o outro, o ângulo do meu *uppercut*, enquanto um terceiro indica-me como bloquear os golpes de meu adversário movendo os cotovelos e iniciando-me nos segredos da esquiva. Ashante, Smithie, Big Earl, Anthony e Eddie, cada um deles ensina-me uma faceta do ofício, seja por conta própria, seja em combinação com DeeDee, substituindo-o ou complementando suas indicações. Depois de um ano de treinamento regular, DeeDee pediria que, por minha vez, eu mostrasse os rudimentos de jogo de pernas no ringue e a utilização da pêra de velocidade a um novo recruta, vindo, como eu, da Universidade de Chicago.

Cada membro do clube passa para aqueles que estão abaixo dele na hierarquia objetiva e subjetiva do *gym* o saber que recebeu daqueles que estão situados mais acima. Os boxeadores de forças equivalentes também compartilham sua experiência e ensinam-se mutuamente técnicas e truques. Mesmo os maus boxeadores têm a virtude de servir aos outros como modelos negativos: à maneira de crimes contra a "consciência pugilística coletiva", funcionam igualmente como lembretes vivos da norma prática que se deve esperar e que cumpre respeitar. Tal organização não é

própria à academia de Woodlawn, porque o salão que pertence a Mickey Rosario, em East Harlem, opera segundo um mesmo esquema coletivo e graduado, que Plummer caracteriza com essa analogia: "O *gym* funciona como uma família na qual os filhos maiores ou mais experientes cuidam de seus irmãos e irmãs menores, menos aguerridos ou menos capazes. O saber técnico transmite-se como as roupas vão passando, em uma família numerosa, descendo na escala das idades. Cada menino é o guardião do *savoir-faire* do mais velho, que o confiou a ele, e esse saber, em contrapartida, deve ser transmitido ao mais novo".[91] Eis, por exemplo, como, em um belo dia de maio de 1989, DeeDee e Anthony aliaram-se para ensinar-me como se bloqueia o jabe do adversário:

> Primeiro, fiz cinco *rounds* diante do espelho. Tento mexer bem a cabeça da direita para a esquerda, entre um golpe e outro. Lá da sala dos fundos, DeeDee diz para eu virar meu punho direito para dentro, para segurar o punho de meu oponente, tudo ao mesmo tempo. "Faz um movimento que nem uma tigela [*make a cup*], faz uma volta com a mão para agarrar a luva, Louie... Mantenha seu cotovelo contra a parte lateral do corpo, seu cotovelo não deve se mexer, é só a mão que se mexe... Mantenha a mão direita no ar e faz uma volta com ela, tua cabeça vai pro lado direito." Não compreendo bem o que ele está gritando para mim e vou até a sala dos fundos. DeeDee mostra-me como fazer meu punho girar, abrindo a palma para o lado de dentro e encurvando os dedos de modo a formar um ninho no qual recolher o jabe do adversário. "É fácil, é como o abecedário [*it's like A, B, C*]. Você somente gira o punho para fora, curva os dedos e agarra a luva, mas teu cotovelo não se mexe. É fácil, Louie, é nada [*ain't nuthin' to it*], olha só." Éééé, é fácil para quem sabe fazer.
>
> Capricho para repetir o gesto que DeeDee me mostra, mas sem conseguir, de fato, realizá-lo. Meu cotovelo continua levantando, contra a minha vontade. "Não mexe o teu cotovelo, Louie, o que é que eu falei pra você? Você vê o carinha na tua frente, você diz a ele: 'Você quer mandar seu jabe, meu camarada? Ok, manda brasa!' E aí você bloqueia ele com a mão direita, e, depois, vuuum! Gancho no corpo, assim." [Ele dá essa demonstração sentado em sua poltrona.] "Não é fácil, DeeDee." "Mas claro que é fácil, droga, é como recitar o ABC, já te falei isso."
>
> Decididamente, toda vez que se acredita ter dominado um gesto, percebe-se que não foi nada disso o que aconteceu, que é tudo mais complicado. Eu achava que sabia como esquivar a cabeça e bloquear os jabes, mas nada disso. Não é tanto a cabeça que se desloca, mas a mão, que segura o punho do adversário, vindo interromper sua trajetória; a cabeça, ela só faz é girar no eixo por trás do ninho protetor formado pelo punho. Anthony interrompe-me, durante a tentativa seguinte, para me mostrar como agarrar seu punho. É vergonhoso ter de ouvir novamente a explicação desse movimento aparentemente tão simples, mas que, na verdade, não tem nada de simples: o pulso gira, a mão forma um ninho, o cotovelo imóvel, depois o peso do corpo é transferido para a esquerda, para contra-atacar com um jabe ou com um gancho de esquerda. Anthony imita um jabe que ele me faz aparar com a mão direita, depois ele teleguia meu outro braço para executar o contragolpe de esquerda. Meu punho esquerdo passa muito baixo e encontra minha outra mão. Ele mostra-me tudo de novo, uma, duas vezes. DeeDee também continua a me dar conselhos lá de sua poltrona. Acho que começo a perceber melhor a mecânica, mas é difícil passar da compreensão mental à realização física.
>
> Recomeço meu *round* assim que Anthony se afasta. Em vez de tentar, logo em seguida, refazer os movimentos que ele me mostrou, inicio encadeando diretos e jabes, para deixar passar o nervosismo. DeeDee passeia pela sala, passando de um em um os outros rapazes, quando não está falando ao telefone. Quando passa perto de mim, ele corrige meu jogo de pernas. "Teus joelhos devem sempre ficar 10% flexionados. Não gira essa bomba desse pé direito, basta levantar ele". Tanta atenção honra-me e intimida-me ao mesmo tempo. Mas, mesmo assim, é superlegal, fico feliz. [*Notas de 17 de maio de 1989.*]

Essa forma particular de *learning by doing* coletiva pressupõe certas condições. De início, condições de número: de acordo com minha experiência, é preciso que não haja nem muita nem pouca gente. Além de cerca de vinte pugilistas, há uma tendência a desaparecer na massa, e torna-se difícil atrair a atenção de DeeDee ou os conselhos de seus pares. Em contrapartida, se há menos de

quatro ou cinco, o efeito de "efervescência coletiva" anula-se, e dispõe-se de muitos poucos modelos atuando, ou os modelos ficam muito longe para serem fisgados – quando isso acontece, no final do dia, e com a ajuda do cansaço, pode ocorrer, por vezes, que DeeDee se desinteresse momentaneamente do treinamento, a ponto de se esquecer de gritar o "*Time!*" A segunda condição é que o volume de capital pugilístico coletivamente detido pelos membros do clube (aí incluída a forma objetivada, uma vez que não se pode omitir de computar, no número de instrumentos pedagógicos do ginásio, todos os equipamentos, roupas, móveis, pôsteres e cartazes, títulos, copas, fotos etc.) ultrapasse um limite mínimo, mas também que a distribuição das competências seja suficientemente contínua para que ninguém se ache a uma distância muito grande de seus vizinhos imediatos na hierarquia específica (o que vale igualmente para o *sparring*, em que um boxeador que não disponha de parceiros adequados na academia pode se ver obrigado a trazer um de fora, por vezes mediante remuneração). A terceira condição é um núcleo estável de boxistas profissionais (que inúmeros *gyms* têm um grande trabalho para fixar) que dê ao ensino mútuo sua continuidade no tempo, contrabalançando fluxo e refluxo de noviços.

É preciso, portanto, evitar o erro que consistiria em focalizar a atenção sobre o treinador, porque, nesse aspecto, à semelhança do rei da sociedade de corte dissecada por Norbert Elias,[92] é somente por meio e graças à rede completa das relações que constituem o espaço das trocas (físicas, sonoras e visuais) – que é a academia do Woodlawn Boys Club – que DeeDee exerce sua eficácia própria. No interior desse dispositivo espaço-temporal, ele funciona à maneira de um *chefe de orquestra implícito*, passeando entre seus alunos e corrigindo seus gestos por meio de pequenos toques, seja em voz alta, por reflexões de ordem geral – que, como não visam a ninguém em particular, recebem a atenção imediata de todos –, seja por observações pontuais ("Mantenha a guarda mais alta"; "Gire bem o pulso para dentro, ao impacto"; "Mande uma direita no rosto em vez de ficar com o braço balançando") que cada boxeador tem o cuidado de interpretar por conta própria, mesmo quando elas dirigem-se aos outros, seja, enfim, por sua presença atenta, que é suficiente, na maioria das vezes, para

provocar uma autocorreção espontânea dos movimentos do pugilista que se sabe observado por ele. Essa pedagogia negativa e silenciosa, que pouco se utiliza das palavras e das ações visíveis, pretende, em primeiro lugar, assegurar que cada um respeite o andamento comum e permaneça no lugar que lhe cabe no dispositivo coletivo. A todo momento, opera-se uma *correção mútua pelo grupo*, que propaga e multiplica os efeitos da menor das ações do treinador.

A adesão dóxica a esse modo tradicional de transmissão exprime e perpetua um "sentido de honra" pugilística fundado sobre o respeito à herança recebida e sobre a idéia, aceita por todos como condição tácita da admissão no universo específico, de que cada qual deve pagar com sua pessoa, que não deve tentar abreviar, não deve trapacear com o corpo e com o esporte, buscando inovar com métodos heterodoxos. A recusa da racionalização do treinamento e da explicitação da aprendizagem ancora-se em *disposições éticas*, cuja interiorização é a face oculta da aprendizagem da técnica gestual: uma moral do trabalho individual, do respeito mútuo, da coragem física e da humildade, nutrida pela "crença no caráter sagrado das regras que sempre existiram", como diz Max Weber.[93] Essa recusa não se deve simplesmente à penúria, bastante real, de meios materiais do clube. Prova disso são os equipamentos inusitados, tais como o aparelho de remar, os halteres ou a prancha inclinável para abdominais que jazem em um canto empoeirado da sala dos fundos. O uso que o *gym* faz da técnica do vídeo é sintomático dessa recusa deliberada dos meios tecnológicos avançados e da relação "culta" com o boxe que elas veiculam: quando DeeDee pega emprestado o aparelho de vídeo da creche vizinha para assistir aos combates dos membros do clube que estão gravados em fita, é somente por desejo de se divertir, para animar a rotina do treinamento, *mas nunca com uma intenção pedagógica*. É claro que se pode ver o mesmo combate várias vezes e que ninguém se priva de comentar os momentos mais marcantes; mas não passaria pela cabeça de ninguém a idéia de voltar a fita e assistir à mesma passagem várias vezes seguidas ou em câmera lenta, nem de decupar as fases da ação em segmentos visuais distintos, com a finalidade de analisá-los.

Outro sintoma dessa recusa da racionalização, sob cujo título

pode-se igualmente incluir o fato de que os exercícios e as dietas alimentares que os boxeadores seguem não são objeto de qualquer tipo de cálculo ou planejamento metódicos:[43] o desinteresse total dos membros do Boys Club com relação a seu futuro oponente, depois da aprovação de um contrato de combate. Essa indiferença, tanto do lado dos boxeadores profissionais ("Isso não tem importância, não estou nem aí, eu devo combater o meu combate") quanto dos treinadores (que, uma vez feito o contrato, não se dão ao menor trabalho de conhecer o adversário de seu pupilo, para saber de antemão qual o estilo dele, sua estratégia preferida, seus trunfos e suas fraquezas),[44] parece, à primeira vista, contradizer o *ethos* da preparação ótima e minuciosa que, incessantemente reafirmada, impregna a atmosfera da academia. Sem dúvida, essa recusa das técnicas modernas de observação e de treinamento está ligada à indivisibilidade relativa das funções de suporte e à tarefa de inculcar, no espaço pugilístico: lá onde outros esportes deram nascimento a complexas burocracias compostas de uma multiplicidade de funções ultra-especializadas, o boxe continua a operar com a tríade artesanal treinador-assistente-empresário – e pode acontecer que a mesma pessoa assuma as três funções. De modo mais profundo, é um princípio ético, uma outra relação com o corpo e com o esporte que assim se afirma, e talvez mesmo uma outra era do boxe que sobrevive.[45]

[43] Nenhum treinador ou boxeador de Woodlawn tem qualquer registro escrito no qual ele anote a seqüência das sessões de treinamento, a alimentação, a duração e a quilometragem das corridas de treino, ou mesmo o peso, tal como é recomendado, por exemplo, pelo método de boxe Jean-Claude Bouttier e Jean Letessier.[94]

[44] Assim se faz nos esportes mais racionalizados e burocratizados, como o basquete ou o futebol americano, em que os técnicos são secundados por uma miríade de assistentes especializados que assistem a fitas de jogos das equipes adversárias, colecionam quilômetros de estatísticas detalhadas sobre cada um dos jogadores e sobre suas tendências e vão "espioná-los" durante os treinos etc.[95]

[45] Se um adversário de um de seus boxeadores promete levantar problemas particulares (por ser canhoto e boxear com uma "guarda inversa", por exemplo), Eddie utiliza, às vezes, o vídeo para assistir a seus combates antes, se existirem fitas, e pode mesmo (mas é excepcional) deslocar-se para observá-lo no ringue. O que tende a confirmar a hipótese da ascensão de um novo modo de preparação, mais "moderno", no interior do Woodlawn Boys Club. O que se sabe da preparação dos campeões por meio das autobiografias e da imprensa especializada não permite decifrar, em um sentido ou outro, a questão da racionalização do treinamento pugilístico: os mesmos que adotam as técnicas científicas, dietéticas e médicas mais avançadas estão prontos a voltar aos veneráveis métodos estabelecidos pela tradição, depois de uma derrota (mas não vice-versa).

É claro que seria totalmente fútil tentar distinguir o que, no saber adquirido pelo aprendiz de boxe, vem das intervenções deliberadas de DeeDee do que vem da influência dos pares ou de esforços e "talentos" pessoais.[46] Porque a energia motriz dessa *máquina pedagógica auto-regulada* que constitui o *gym* não reside nem na imitação mecânica de um gesto, nem na soma de exercícios incansavelmente repetidos por todos, e menos ainda no "saber-poder" de algum agente (no caso, o treinador) situado no ponto nevrálgico do edifício, mas, antes, no sistema indiviso das relações materiais e simbólicas que se estabelecem entre os diferentes participantes, e principalmente na disposição de seus corpos no espaço físico da academia e em seu tempo específico. Em uma palavra, é o "pequeno ambiente" do *gym* como um todo, "como feixe de forças físicas e morais",[97] que fabrica o boxeador.

Administrar seu capital-corpo

Existem poucas práticas nas quais a expressão "pagar com sua própria pessoa" assuma sentido mais forte do que no boxe. Mais do que qualquer outro esporte, o desenvolvimento bem-sucedido de uma carreira, sobretudo profissional, supõe uma gestão rigorosa do corpo, uma conservação meticulosa de cada uma de suas partes (muito especialmente as mãos, mas também o rosto),[47] uma atenção contínua, no ringue e fora dele, para o bom

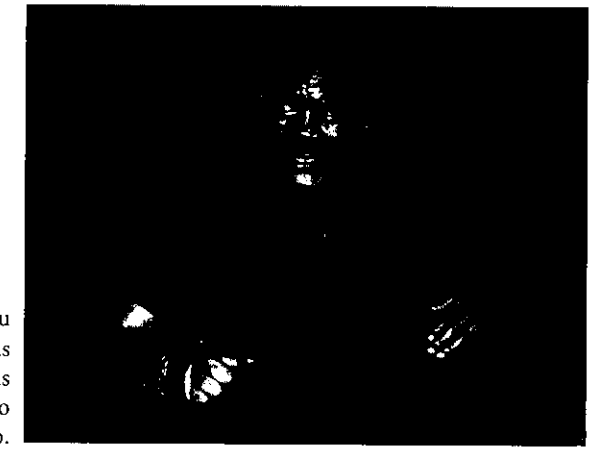
[46] Se é que se pode dar algum sentido à noção indígena de "talento", depois da crítica radical que dela fez Daniel Chambliss.[96]

[47] São as duas partes do corpo de um pugilista expostas às penas mais severas: fraturas das mãos (metacarpo, polegar, articulações), do nariz e do maxilar, cortes cutâneos, descolamento da retina, lesões cerebrais crônicas que podem levar à *dementia pugilistica*, hematomas de repetição nos ouvidos que produzem descolamento do pavilhão.[98]

funcionamento do corpo e para sua proteção. Dito de outro modo, uma relação extraordinariamente eficiente, no limite do gerenciamento racional do capital específico que seus recursos físicos constituem. Isso porque o corpo do pugilista é, ao mesmo tempo, seu *instrumento* de trabalho – arma de ataque e escudo de defesa – e o *alvo* de seu adversário. Essa relação, contudo, não é nem o produto de uma atitude deliberadamente maximizadora, guiada por decisões individuais tomadas com pleno conhecimento de causa, nem o efeito mecânico de imposições externas que agem sem mediação sobre o organismo (ao modo da "vestimenta", segundo Foucault),[99] mas a expressão de um *sentido prático pugilístico*, de um sentido de poupança corporal adquirido insensivelmente no contato durável com os outros atletas e com os técnicos, ao longo dos treinamentos e nos combates, e que permanece, enquanto tal, inacessível ao controle consciente e deliberado, a despeito dos esforços conjugados de boxistas, treinadores e empresários mais inclinados à racionalização de seus ofícios.[48] O conhecimento que os pugilistas têm do funcionamento de seu corpo, a percepção prática de que há limites que não devem ser ultrapassados, os trunfos e os pontos fracos de sua anatomia (uma base baixa ou uma grande velocidade de braço, um pescoço muito fino ou mãos frágeis), o comportamento e a tática que adotam no ringue, seu programa de preparação, as regras da vida que seguem, tudo isso vem, de fato, não da observação sistemática e do cálculo refletido da linha ótima a ser seguida, mas de uma espécie de "ciência concreta"[101] de seu próprio corpo, de suas potencialidades e de suas insuficiências, retirada do treinamento cotidiano, assim como da "terrível experiência de apanhar e bater repetidamente".[102]

Existem inúmeras técnicas para preservar e fazer frutificar seu *capital-corpo*. Desde a maneira de bandar os punhos (e o tipo de bandagem protetora utilizada) até o modo de se respirar durante o esforço, passando por todos os golpes de esquiva, o emprego de

(48) Lembremo-nos de que "o sentido prático orienta 'escolhas' que, por não serem deliberadas, nem por isso são menos sistemáticas, e que, sem serem ordenadas e organizadas com relação a um fim, nem por isso são menos portadoras de uma finalidade retrospectiva".[100]



Ashante, em seu *sweat suit*, tira as bandagens das mãos, no fim do treinamento.

pomadas, ungüentos e elixires especialmente manipulados, os exercícios e os regimes alimentares especiais, os boxeadores do Woodlawn recorrem a uma gama extensa de dispositivos que visam a preservar e a reproduzir suas reservas de energia e a proteger seus órgãos estratégicos. Alguns deles imitam o antigo campeão Jack Dempsey, célebre por embeber suas mãos na salmoura para endurecer a pele das falanges. Outros, antes do treino, besuntam o tronco e os braços com alboleno, um óleo que "esquenta o corpo e distende os músculos" (segundo a bula), ou, depois do exercício, vaporizam a aresta do punho com uma solução à base de vitamina E.[49] Um outro esfrega uma esponja seca sob os *hand-wraps*, como forma de atenuar o impacto dos choques repetidos contra o saco de areia, enquanto outro, cujos ossos são frágeis em relação ao soco, é acompanhado regularmente por um terapeuta de mãos. Os profissionais que têm meios para contratar os serviços de um *trainer* (técnico-terapeuta) remunerado, tais como Ed "Smithie" Smith ou o antigo campeão do mundo Adolphe Ratliff, terminam cada uma das sessões de treinamento com uma longa massagem [*rub-down*] feita pelas mãos experientes desses treinadores. E eu poderia retomar inteiramente a descrição que Weinberg e Arond fazem dos *gyms* de Chicago, no início dos anos 1950, de tal modo ela se aplica ao que eu observei no Woodlawn Boys Club:

(49) William Plummer relata práticas similares em uma academia de East Harlem, em Nova York (*op. cit.*, p. 62).

> Os boxeadores chegam a considerar seu corpo e particularmente suas mãos como seu capital profissional [*stock-in-trade*]. Os pugilistas têm diversas fórmulas para impedir que suas mãos inchem, fiquem muito doloridas ou sofram fraturas. O que não quer dizer que exista aí um interesse hipocondríaco, uma vez que eles valorizam a virilidade, aprendem a enrijecer-se e a desprezar o comportamento excessivamente cuidadoso. Mas os boxeadores não param de experimentar remédios e exercícios que têm como finalidade melhorar seu corpo. Um deles praticava a ioga, outro tornou-se um adepto do culturalismo, um terceiro jejuava periodicamente; outros pesquisavam loções, vitaminas e outros meios de fazer aumentar a rigidez, a vivacidade e os socos.[103]

Esse é um dos principais paradoxos do boxe: *é preciso usar seu corpo sem gastá-lo*, mas a administração adaptada a esse objetivo não obedece a um plano metódico e pensado, nem que seja pelas precárias condições de vida daqueles que o praticam. O pugilista navega, portanto, tendo sob seu "campo de visão" duas rochas igualmente perigosas, e ainda mais porque elas não são visíveis, mas são variáveis no tempo e, em grande medida, subjetivas: de um lado, o excesso de preparação que dilapida em vão os recursos e abrevia inutilmente a carreira; de outro, uma falta de disciplina e de treinamento que aumenta os riscos de contusão grave e compromete as chances de sucesso no ringue, ao deixar inexplorada uma parte das capacidades do combatente.

O par formado por Butch e Curtis oferece uma realização ideal dessa oposição. De um lado, a frugalidade pugilística em forma de homem: Butch treina e boxeia com sobriedade e economia; ele sabe evitar, durante períodos bem longos, qualquer desvio alimentar, sexual, emocional ou profissional. Tudo em sua preparação minuciosa exprime um sentido agudo de equilíbrio e de longo prazo. Mas seu ascetismo, que, em seu rigor, beira a abstinência com relação a qualquer coisa que poderia prejudicar sua preparação, em alguns momentos torna-se ansiedade e leva-o, então, a treinar em excesso, a consumir suas forças até o ponto de esgotá-las. De outro lado, Curtis encarna o déficit de racionalidade que se manifesta por um treinamento às vezes irregular e por uma higiene física e moral flutuante. Em primeiro lugar, fora da academia, onde ele nem sempre sabe privar-se dos mínimos prazeres da existência (bebidas gasosas, doces, comidas gordurosas) e onde sua temperança sexual conhece altos e baixos. Depois, na academia, porque lhe acontece deixar de treinar durante longos períodos (sobretudo depois de um combate), ao contrário de Butch, que "marca o ponto" no clube com uma regularidade milimetrada. Por contraste com este último, Curtis faz de seu corpo um uso tumultuoso, desabrido, quase "louco" – isto é, desviante com relação aos cânones do boxe racional –, como acontece quando ele avança sobre o adversário, por vezes seu parceiro de *sparring*, deixando cair a guarda de modo a lhe oferecer o rosto descoberto como uma forma de provocação, o que o coloca sob a ameaça de sofrer um ataque. Assim, ele usa seu corpo para nada, expondo-se gratuitamente a um ferimento ou à ira dificilmente contida de DeeDee.

Essas diferenças de meios entre os dois boxeadores são multiplicadas pelas suas constituições e seus respectivos caracteres: Butch é doce, plácido, com um humor inalterável; já o humor de Curtis é cambiante, imprevisível, suas emoções são bruscas e à flor da pele, seu nível de energia é bem irregular. Enquanto a programação de treinamento de Butch raramente é perturbada por problemas de saúde, Curtis fica doente com freqüência (DeeDee adora dizer que "Curtis tem um resfriado dia sim, dia não"), a ponto de seu empresário insistir para que ele vá passar os dias mais rigorosos do inverno em sua fazenda da Carolina do Sul, para não sacrificar preciosas semanas de preparação com uma gripe tremenda. Esse contraste de personalidades está estreitamente correlacionada e é reforçada pelas diferenças de condição social entre os dois companheiros de clube: um é proletário, membro da aristocracia operária, tem um emprego e uma renda estáveis; o outro é subproletário, sem qualquer tipo de segurança social e econômica, submetido aos ciclos de emprego dos serviços desqualificados.(50) E eles divergem até em suas expectativas econômicas com relação à profissão: Butch reconhece que suas

(50) Volta-se aqui a encontrar uma oposição clássica, estabelecida por Bourdieu para o caso da classe operária argelina, entre dois tipos de posição social e entre dois sistemas de expectativas e de meios que lhe correspondem.[104]

chances de ganho são mínimas; já Curtis sonha acordado com uma ascensão fulgurante que o faça subir miraculosamente ao topo da escala social.

Curtis: "Posso ganhar um milhão de dólares numa noite"

Com 56 quilos e 1,70 de altura, Curtis Strong luta na categoria dos pesos superligeiros. Ele tem 27 anos e boxeia há três anos entre os profissionais. Chegou à Nobre Arte tardiamente, depois de ter feito um certo nome como "vagabundo" no seu bairro. "Como eu era pequeno, sempre tinha um monte de caras pra me encher, então precisei aprender a bater. Quando eu era garoto, eu brigava *antes* da escola, *durante* a escola e *depois* da escola. Precisava me defender." Depois de uma série, como amador, de 37 vitórias e seis derrotas, tornou-se profissional em 1986, após ter arrebanhado o título das Chicago Golden Gloves, o mais famoso torneio amador da cidade. Mais tarde, justificou todas as esperanças postas nele por parte do clube, vencendo oito combates consecutivos, antes de ganhar, uma heróica luta, o título de campeão de Illinois, batendo por pontos um mexicano temível pela experiência e pelos golpes, por ocasião de um encontro



Curtis, vitorioso, posa com seus irmãos, que brandem o recém-conquistado cinturão de campeão de Illinois.

cuja luta principal era do legendário Roberto "*Manos de Piedra*" Duran – que, aos 37 anos de idade, arrebatou o seu quarto título mundial e a 97ª vitória entre os profissionais.

O empresário de Curtis, Jeb Garney, um branco rico e criador de cães, que tem várias fazendas e haras em Illinois e na Carolina do Sul, que tem assento no conselho administrativo do clube e alimenta para ele grandes ambições: "Curtis não sabe o quanto ele é bom. Se você assistisse aos filmes dos maiores boxeadores, como Johnny Branton, Sugar Ray Robinson, Sandy Saddler ou Henry Armstrong, ia ver que ele tem alguns golpes e movimentos desses maiorais. Ele tem isso dentro dele [*He's got it in him*]. Ele é jovem e inexperiente, tem muito pra aprender, mas sinto que ele pode se tornar um grande boxeador." E, no entanto, falta a Curtis um mínimo de disciplina pessoal, e ele nem sempre impõe a si mesmo a higiene de vida exigida por sua carreira. O Boys Club arrumou para ele um emprego em tempo parcial, uma espécie de zelador [*janitor*], para permitir que Curtis treine em boas condições e para controlá-lo melhor. Depois de seu treinamento diário, Curtis espera a academia fechar, para varrer o salão, passar o pano no chão dos vestiários, aspirar o tapete de entrada, esvaziar as latas de lixo e colocar em ordem as mesas da creche.

Boxeador felino e impulsivo, dotado de uma grande velocidade de braço e de reação, assim como de um agudo sentido de resposta, seu comportamento excepcionalmente agressivo entre as cordas, no limite da perda de controle sobre si mesmo e do regulamento, tudo isso valeu-lhe ser conhecido, e com razão, como uma "fera" dos ringues. Essa personalidade esportiva raivosa combina perfeitamente com seu estilo, que é o de submeter seu adversário a uma pressão constante, caindo incessantemente sobre ele e batendo de todos os ângulos. E, no entanto, é da fé cristã que Curtis retira sua inspiração entre as cordas: usa sempre um crucifixo pendurado no pescoço, que ele sorrateiramente coloca dentro da sapatilha durante os combates e que nunca se esquece de beijar, com cerimônia, antes e depois de cada encontro. Nunca sobe ao ringue sem previamente ter rezado durante um tempo junto com seus cinco irmãos e o primo, que é pastor. Quando lhe perguntei se ele tinha "feito a festa" depois da surpreendente vitória sobre o campeão estadual, no International Amphitheater, o pugilista estrela do Woodlawn respon-

deu-me com sobriedade: "Eu não fiz a festa, eu agradeci a Deus. Dediquei meu combate a Deus. Não faço nada que Ele não tenha me mandado fazer. A única coisa que faço é executar os planos que Ele tem para mim no ringue e fora do ringue, e eu agradeço. É tudo." A ambição de Curtis é a mesma que a de muitos jovens pugilistas em ascensão, que só "vêm o céu como limite": arrebatar o título mundial ou, melhor ainda, unificar os três títulos de suas categorias e, de lambuja, embolsar os cachês, cotados em milhões de dólares.

Curtis é egresso de uma família subproletária, no limite da mendicidade (nove filhos, pai ausente, mãe que trabalha de modo intermitente como *barmaid* e que sobrevive principalmente de seguro-desemprego), cuja reputação é grande na rua. DeeDee conta que "todos os irmãos dele são brigadores de rua [*street-fighters*]. Todos eles sabem brigar. Mas nenhum deles vem à academia, só ele. Tem um irmão mais velho que é menor do que ele, mas ainda é mais fera, é uma fera *de verdade*. [Com um certo lamento na voz.] É pena que ele não freqüente a academia, droga. Ele é duro, de uma dureza de verdade, é um natural [*a natural*]. Mas não tem muita coisa na cachola [*he ain't got to much upstairs*], fica cansado de pensar. É um pouco como Curtis, também."

Emérito freqüentador de prostíbulos durante muito tempo e pai de um garotinho de dois anos e de uma menininha de um ano, Curtis foi obrigado a se casar com a mãe das crianças quando esta ameaçou-o com a separação, depois de quatro anos de vida em comum difícil. Quando um amigo lembrou-lhe que "DeeDee diz que só há uma coisa pior que *junk food* [para um boxeador], que são as mulheres", Curtis concorda: "Ééé, foi por isso que eu me casei. Todos os combates que eu perdi foi quando eu ficava azarando as meninas. Depois, minha mulher falou que se a gente não se casasse, ela ia me largar e ponto. Isso me fez pensar, porque eu gosto dela, e tudo isso, então eu disse, não quero perder ela, isso não, e depois esse negócio ferra você, esse negócio liqüida com o meu boxe também [*all this messin' around messes up my boxin'*]. Então eu casei com ela."

Como suas rendas são poucas e irregulares (seu emprego no Boys Club rende-lhe menos de 100 dólares líqüidos por semana e não inclui seguro social e de saúde), os fins de mês são muito difíceis de atravessar, e os tíquetes-alimentação [*food stamps*], que a família recebe do governo, são um recurso vital – Curtis, de vez em quando, vende-me tíquetes para ter dinheiro sonante, quando suas finanças estão totalmente a zero. Sua mulher, como ele, abandonou os estudos no meio do caminho, aprendeu datilografia em um curso noturno, com a esperança, um tanto irrealista, de um dia tornar-se secretária do escrivão no tribunal de polícia da cidade. Enquanto espera, ela trabalha, há três anos, como garçonete em um bar que vende quentinhas, mantido por uma família tailandesa em um setor mal-afamado do bairro negro de South Shore, ao sul de Woodlawn.

"Saca só, Louie, o que é bem legal é que cada um tem a sua carreira, não é como esse pessoal que um tem que carregar o outro nas costas. Minha mulher tem a carreira dela, ela trabalha pra valer, e eu tenho a minha carreira aqui, posso me concentrar na minha carreira, ganhar pra minha carreira. Eu, tudo o que eu tenho que fazer é lutar pra valer, e Deus vai me ajudar a enfrentar a grande luta que vai fazer eu ganhar muita grana, ganhar o título mundial e uma boa bolada. Vou me tornar um *big man*, é isso." Ele ri e finge boxear a minha barriga. Rio junto com ele, mas a cena é antes patética, ele com a vassoura e a pá na mão, desenhando um quadro tão atraente quanto improvável e regozijando-se das "carreiras" inexistentes, pelo menos naquele dia, enquanto eu, jovem *graduate* das universidades de elite, venho perder a timidez nesse clube de boxe, por horror e cansaço da rotina acadêmica, com os seus privilégios.

Butch: "Agora não posso deixar cair a peteca"

Wayne Hankins, 1,87 metros de altura e 78 quilos de músculos, 29 anos, boxeou durante sete anos entre os amadores, antes de se tornar profissional, em 1985. Mais conhecido no clube pelo apelido de "Butch", é um dos raros membros do clube que pode se gabar de ter uma profissão estável e invejada: ele é bombeiro-encanador da cidade de Chicago, um emprego público muito bem remunerado (cerca de três mil dólares por mês) e devidamente protegido pelo poderoso sindicato dos funcionários da Prefeitura (o que lhe vale uma cobertura de seguro-desemprego e de saúde, assim como o direito a férias remuneradas). Por ocasião dos encontros, "The Fighting Fireman" – é seu nome de guerra – apresenta-se no ringue vestido com um magnífico roupão vermelho cintilante, com o logotipo e a sigla do sindicato



Wayne Hankins, Butch, o eterno plácido, soca a pêra de velocidade.

dos bombeiros do município bordados nas costas, e uma fiel legião de colegas de trabalho vem aclamá-lo ruidosamente das grades, toda vez que ele aparece. Casado e pai de uma família numerosa ("Na minha casa, tem quatro filhos, meu pai, um cachorro, um gato, sete passarinhos e um aquário gigante"), ele acumula esse emprego de bombeiro com outro, bem menos prestigioso e, sobretudo, bem menos remunerado, de *bagger* (empacotador) em uma loja da cadeia de supermercados Jewel, para melhorar a qualidade de vida de sua família. Na época, durante o fim de semana, ele cortava cabelos e aparava bigodes na cadeira de barbeiro que instalou em sua garagem.

Butch é famoso e admirado pela disciplina implacável que se impõe, tanto no treinamento como fora do ginásio, por uma vontade feroz de ser bem-sucedido, mas também por sua fleuma, seu sangue-frio e o controle total sobre si mesmo, perfeitamente adaptado à sua estratégia de "*boxer-puncher*". Entre as quatro cordas, ele é o arquétipo do lutador econômico: cada golpe é computado, cada esquiva é planejada, cada deslocamento do corpo é milimetricamente ajustado de modo a minimizar seu gasto de energia e a maximizar o desgaste de seu adversário. Será que é a racionalização objetiva da existência que seu emprego de bombeiro impõe (que não tolera atrasos nem incertezas quanto a horários e à disponibilidade) o que sustenta esse pugilista, ou, ao contrário, uma predisposição geral para a economia e para a eficácia com frugalidade teria levado-o, ao mesmo tempo, a essa profissão manual e ao ringue? É difícil responder. De todo modo, existe uma afinidade espantosa entre a regularidade e a previsibilidade das práticas cotidianas que sua inserção profissional demanda – e que prolonga a do pai, antigo operário de construção – e a maneira que Butch tem de empenhar seu corpo no *gym* e no ringue.

Em 1983, Butch também arrebatou as Golden Gloves de Chicago e passou a nutrir a esperança de ganhar o título nacional de amadores de peso médio, o que lhe valeria participar dos Jogos Olímpicos, integrando a equipe norte-americana. Mas, seriamente enfraquecido por uma contusão sofrida durante um treinamento (lábios cortados e língua lacerada por um *uppercut* levado depois do gongo, que significaram quinze pontos de sutura na boca), ele perdeu por um triz na final, depois de ter vencido heroicamente pelas quatro rodadas eliminatórias. DeeDee lembra-se, com um tremor de admiração na voz, como Butch recusara-se a desistir, mesmo quando não conseguia comer praticamente nada e emagrecia a olhos vistos, já perto da luta nacional. "Eu disse a ele: 'Você não pode boxear assim, isso não adianta nada, vai ser péssimo, é preciso que você se declare incapacitado.' E ele me respondeu: 'Nem pensar, DeeDee, depois do que eu já suei para chegar até aqui, não posso deixar cair a peteca'. E ele foi."

Depois dessa amarga desdita, Butch passou três anos sem boxear. Preferiu a segurança do emprego de bombeiro, que então lhe ofereciam, às perspectivas bastante aleatórias de uma carreira de pugilista profissional. Foi a essa altura que ele casou-se e formou uma família. Mas o demônio do ringue rapidamente prevaleceu, e Butch voltou a encontrar o caminho da academia, com uma vontade de ganhar reduplicada. Sua paixão pelo boxe não o impede de permanecer lúcido e realista: interroga-se sobre seu futuro esportivo e nem pensa em abandonar seu trabalho para jogar tudo no ringue; o sucesso entre as cordas irá decidir por ele até aonde ir. Por agora, ele fixa como seu objetivo tornar-se "o melhor de Chicago", e calcula suas esperanças de ganhos, na melhor das hipóteses, em dezenas de milhares de dólares. Toda a sua família apóia-o nessa "segunda carreira" pugilística que se abre (cinco vitórias consecutivas, sendo quatro por nocaute e

um empate): a mulher e o pai, que, no início, eram reticentes, assistem a todos os seus combates e são pródigos em encorajamentos, em todos os instantes, tanto em casa como durante os encontros, quando fazem parte dos torcedores mais animados de Butch.

Uma das obsessões dos praticantes do *Manly art* é manter-se, senão no peso ótimo, pelo menos nas proximidades de seu peso regulamentar.(51) A velha balança metálica de braço que reina na sala dos fundos, está ali para lembrar a todos essa exigência. O folclore pugilista é cheio de relatos de boxeadores obrigados a fazer rocambolescas proezas atléticas de última hora – muitas vezes, perigosas do ponto de vista médico –, de modo a perder os quilos a mais antes da fatídica pesagem.(52) Os membros do Woodlawn Boys Club recorrem a dietas draconianas ou a intermináveis corridas para livrar-se dos quilos em excesso antes de um combate; outros treinam vestidos com várias camadas de roupas, ou enrolados em sacos plásticos, ou, ainda, com o tronco apertado por uma cinta de borracha, que se julga ajudar a emagrecer. Em um verão, Clift perdeu mais de quatro quilos correndo a tarde inteira das vésperas de uma luta vestido com casacos,

(51) Sempre é possível combater na categoria superior, caso se engorde muito. Mas isso constitui uma desvantagem considerável, por razões puramente físicas de diferenças de peso (e de altura) entre divisões às quais estão associadas diferenças táticas. Raros são os pugilistas que podem subir uma categoria "levando seus golpes com ele", segundo uma expressão consagrada.

(52) No plano local e regional, tanto amador quanto profissional, os desvios de peso raramente são decisivos, e é excepcional que um empresário decida retirar seu pupilo de uma luta no último momento sob pretexto de que o adversário está ligeiramente acima do peso regulamentar, como é permitido pelo contrato previamente combinado. No entanto, quanto mais se sobe na hierarquia da Nobre Arte, mais a gestão do peso torna-se acurada, sobretudo nas categorias intermediárias, dos pesos ligeiro ao médio. Uma diferença de meio quilo pode bastar para influenciar o resultado de um combate muito disputado. No primeiro encontro entre Thomas "The Motor City Hitman" Hearns e Sugar Ray Leonard, em 1981, por exemplo, os especialistas explicam com naturalidade a derrota de Hearns por nocaute técnico [TKO: *technical knock-out*], no décimo-quarto assalto, pelo fato de que ele havia dado um ponto de graça ao adversário quando subira à balança com o peso abaixo do máximo autorizado para sua categoria.

um espesso gorro de lã e duas calças, debaixo de um sol de rachar. Em uma bela tarde de junho, encontro os vestiários fechados e saturados de vapor d'água, a ponto de parecerem um banho turco: Tony estava boxeando o ar, correndo no mesmo lugar, perto da ducha quente, que jorra às cascatas, enfiado em um grosso sobretudo, com a cabeça e o tronco metidos em um colete com capuz de plástico transparente: "Preciso perder nove quilos, Louie, puf-puf, é por isso que eu estou aqui, puf-puf. A pesagem é amanhã de manhã, puf-puf. Vou conseguir pelo menos uns dois."

DeeDee exerce uma vigilância minuciosa e contínua sobre o estado físico de seus pupilos, para assegurar-se de que eles não estão muito longe do peso de combate, seja para baixo, o que indicaria um perigoso excesso de treino (ou, eventualmente, uma doença grave),(53) seja para cima, de longe, o caso mais freqüente. Para conduzi-los ao caminho certo da frugalidade, ele recorre ora ao humor, ora ao afeto, ora à autoridade bruta ou ao sarcasmo, como se pode constatar nessa nota de campo datada de 25 de agosto de 1990.

> Ashante lutou *sparring* com Mark, depois com Reese, em três *rounds* cada vez. Havia um pouco de "carburante" demais, nesse caso, mas ele ainda parecia pesado e continua a treinar no ringue. DeeDee ficou inquieto: "Isso não está legal, o Ashante. Ele não vai conseguir se livrar de seus quilos e já não tem a menor velocidade. Reese acertou o alvo em tudo o que passou balançando na frente dele hoje, e Ashante fica plantado diante do Reese." É verdade que Ashante não está com a menor vivacidade, nem com movimentação lateral, ele, que de hábito esquiva-se dos jovens amadores que "atuam" com ele. Quando ele chegou, logo depois, DeeDee apressa-se por fazer a pergunta bas-

(53) Esse foi o caso trágico de Big Earl, um peso pesado truculento que adorava "atuar" com amadores mais leves, para fazê-los trabalhar a técnica ofensiva. Muitas vezes, DeeDee manifestava inquietação, em voz alta, pela súbita perda de peso de Big Earl, que lhe parecia desproporcional ao esforço feito no salão, tanto pela sua amplitude como pela rapidez. De fato, Big Earl seria internado no hospital algumas semanas mais tarde, com uma leucemia fulminante, provocada pelo manejo de produtos tóxicos em seu emprego como técnico de uma firma de fotocópias. O velho treinador, infelizmente, estava certo quando supunha que Bir Earl estava gravemente enfermo.

tante vexaminosa: "Que onda é essa?" (vestido de jeans e camiseta, percebe-se facilmente que Ashante ganhou peso). Ashante responde com um sorriso meio aborrecido, fingindo não compreender que era a ele que DeeDee se referia: "Que onda, onde?" "Ali, bem na tua cara, *diante dos teus olhos*." Ashante não respondeu palavra e se mandou, com um jeito bem chateado.

Um bom treinador não tem a menor necessidade de pôr seus boxistas na balança para saber que eles estão mais pesados: sabe "ler" o peso a partir da aparência física deles, em sua agilidade e mesmo somente de observar os movimentos de seus pés. Um dia de agosto de 1990, Lorenzo reaparece na academia depois de vários dias de ausência sem avisar e dando uma desculpa esfarrapada para seu treinador, Eddie. Este diz-lhe, com um tom reprovador e falsamente interrogativo, medindo-o com o olhar: "Você está pesando quanto, 150?" Lorenzo não se dá por achado; observa-se dos pés à cabeça no espelho, pesa-se rapidamente: "Estou um pouco acima do meu peso [ou seja, 139 libras], mais ou menos umas 145, eu acho." "Você está com cara de estar com 150 libras quando anda." "Não, tenho certeza de que são 145, mais ou menos." Fim do argumento, mas não do problema.

Uma das principais funções do par formado por treinador e empresário é modular ou ajustar a trajetória de seu pupilo no tempo, de forma a otimizar o "retorno do investimento" pugilístico do trio, isto é, a relação entre o capital corporal aplicado e os dividendos obtidos pelos lutadores sob a forma de dinheiro, de experiência pugilística, de notoriedade e de contatos úteis com agentes que têm influência no campo, como é o caso dos promotores. Essa gestão efetua-se em três ordens relativamente independentes, que ela deve se esforçar para fazer coincidir: a temporalidade da carreira individual do boxeador, a trajetória dos adversários potenciais e o "tempo econômico" dos promotores. O ideal é levar seu boxeador ao ponto ótimo (mesmo que este seja local) no momento em que se oferece a ocasião de pô-lo em confronto, por um cachê considerável, com um boxeador de renome que esteja no limite de uma fase de declínio, e que, portanto, ainda desfrute de um capital simbólico acumulado (prêmios, títulos e fama) claramente superior às suas capacidades pugilísticas.[54] Mas quanto mais se sobe na hierarquia do campo pugilístico, mais o controle do tempo escapa aos lutadores, passando a fazer parte da incumbência dos agentes econômicos especializados e, sobretudo, dos promotores e dos responsáveis pelas transmissões esportivas nas emissoras de televisão que programam as grandes lutas mediáticas. Como observa, com muita propriedade, Thomas Hauser, "o tempo é o inimigo" dos boxeadores, e não somente porque eles envelhecem e desgastam-se.[106]

Essa gestão da passagem do tempo começa com os amadores, entre os quais alguns, por conta própria ou mal aconselhados, desgastam-se na busca de uma efêmera glória regional ou nacional com repercussões econômicas incertas, de modo que, quando entram na categoria de profissional, já consumiram seriamente seu capital-corpo e não podem mais esperar por uma carreira longa e profícua. Segundo DeeDee, esse é o caso de Kenneth "*The Candy Man*" Gould, que recentemente ganhou uma medalha olímpica norte-americana em Seul, e desgastou-se muito entre os amadores, disputando, nessa categoria, mais de 300 encontros: "Ele já lutou demais. Não sobrou muita energia pra ele [*not enough peps left in him*]. Não sei, não, precisa ver. Há anos, eu disse pra ele virar profissional." Por que ele não fez isso? Munido de um empresário inexperiente ou mal situado nas redes de influência, Gould teimara a todo custo em disputar as Olimpíadas de Seul (onde o francês Laurent Boudouani venceu-o na semifinal). O futuro de Kelcie Banks, de 22 anos, outra jovem esperança de Chicago (ex-freqüentador do Woodlawn Boys Club e campeão do mundo como amador), do mesmo modo vencido nas preli-

(54) A luta pelo título mundial dos superleves, na versão WBC, disputada em fevereiro de 1989, por René Jacquot e Donald "*The Cobra*" Curry, é um bom exemplo de gestão bem-sucedida por parte do pugilista francês e sua *entourage*. Transcendido pelo evento, Jacquot "colheu" Curry no momento em que este último ainda desfrutava de um grande prestígio, embora sua fama já estivesse bastante diminuída (ele acabava de sofrer duas sérias derrotas antes de voltar a ganhar o cinturão de campeão do mundo). E aquilo que, para o Cobra, deveria ser uma simples luta de aquecimento para se preparar para o "próximo evento", a "eliminação direta de um adversário obscuro e pobre", transformou-se em derrota, dando à França a oportunidade inesperada de "entrar na lenda" do boxe.[105]

minares das últimas Olimpíadas, parece estar ainda mais comprometido: mais de 600 combates amadores, chegando até a três encontros por semana, em pequenos torneios sem expressão: "Isso quer dizer um bocado de socos e um bocado de desgaste [*wear and tear*] para um corpo jovem... muito desgaste", rumina DeeDee, quando evocamos esse caso. Alguns meses mais tarde, sua profecia parece estar em vias de realização: "Kelcie? Ele não faz nada, não vai fazer nada: ele está prejudicado [*washed out*], acabado. Pensa só, ninguém quer alguém que já está prejudicado. Ele freqüentou esse campo de treinamento no Texas [onde os jovens recrutas profissionais são selecionados pelos grandes agentes nacionais], mas isso não adiantou de nada. Ninguém assinou nada com ele. Se ele tivesse ganho os Jogos Olímpicos, teria ganho também um bônus de trinta ou quarenta mil dólares, na bucha. Mas ele deixou que batessem nele e não pegou nada. Está muito maltratado [*beat up*], ninguém vai pôr um centavo num carinha que já está liqüidado."

Para se designar um boxeador no final de carreira, fala-se que ele "já deu o seu tempo" e que "passou a sua hora", que ele está "liqüidado" [*washed up*], ou, ainda, "detonado" [*shot*], ou, pior ainda, què entrou na categoria de "carne morta" [*dead meat*]: seu capital-corpo está muito desvalorizado para que ele possa esperar vencer lutadores mais jovens, mais vigorosos e menos cansados. Na melhor das hipóteses, ele pode ambicionar que os organizadores de reuniões mantenham-no como "valorizador" de estrelas em ascensão; a superexploração de seu capital-corpo, nesse caso, permite que esses pugilistas novos aumentem suas vitórias com um menor desgaste de seu próprio capital-corpo, tal como indicam essas anotações de campo:

> Enquanto DeeDee ajusta minhas luvas, dirijo-lhe perguntas sobre Hightower – com o *mouth-piece* na boca, mastigo as palavras, embora se pudesse achar que eu estava falando como um negro norte-americano, o que não parece atrapalhar em nada a compreensão de DeeDee. Hightower é um antigo profissional do clube que decidiu voltar ao ringue aos 38 anos completos; ele teima absolutamente em fazer *sparring* com Butch. DeeDee não gosta muito dele, porque boxeia com muita brutalidade e sem qualquer controle, sem dúvida, para restaurar seu prestígio na bolsa de valores pugilísticos: "Ele pensa que pode voltar a lutar, mas está acabado. Ele está acabado, mas o carinha continua a sonhar, ele sempre tem esse sonho [de glória]. Acha que pode segurar a onda e voltar a lutar, mas ele está muito gasto. *Está muito tarde.* Antes, ele era um bom pugilista, mas agora ele está castigado demais [*beat up*]." [*Nota de 17 de dezembro de 1988.*]
>
> O imperativo de entesourar a energia corporal afirma-se também no curto espaço de uma sessão de treinos. Comprovação disso é a insistência com que DeeDee nos proíbe de fazer exercícios no saco de areia antes de subir para "jogar" no ringue: "Devagar, devagarinho, Louie, guarde suas forças para o *sparring*. Já falei pra você deixar esse saco de areia em paz, droga!" É essa mesma necessidade de deixar o corpo repousar que justifica as "folgas" periódicas, sobretudo no dia seguinte ao de um combate difícil. DeeDee, em geral, concede uma longa semana de folga para seus boxeadores depois de uma luta – duas semanas, se o combate foi particularmente duro do ponto de vista físico. Depois que, com tristeza, interrompi meu treinamento durante duas semanas, por ocasião das festas de Natal, o velho técnico consola-me: "De vez em quando, precisa sair da sala, arejar um pouco, faz bem. Depois, quando você retoma, tem mais gás. Mas é preciso não parar por muito tempo, de jeito nenhum. Senão você perde a forma, perde a velocidade, seu *timing* fica desregulado." [*Nota de 5 de janeiro de 1989.*]

A regulação da violência no ringue faz parte integrante do dispositivo geral de preservação do corpo do pugilista. No trecho de minha caderneta que vem a seguir, DeeDee lembra essa regra de gestão a Eddie, após um incidente de *sparring*.

> No segundo *round*, Rodney ficou vendo estrelinhas, atingido por Ashante, que explica: "Vi logo, logo que eu tinha machucado ele e estava preparado para segurá-lo, DeeDee, caso ele tivesse caído. Eu bem sabia que a gente devia ter parado." Mas os dois amigos de clube continuaram a boxear, mesmo depois que Rodney mal se sustentava sobre as pernas. DeeDee lançou a Eddie um olhar severo e, com um tom vivo de reprovação: "Quando teu menino é atingido desse jeito durante o *sparring*, você tira ele do ringue. Você não deixa ele levar uma surra ou que tente se virar por conta própria. *Você tira ele do ringue.* Esse é o *teu servi-*

ço, tirar ele nesse exato momento, entendeu?" Eddie, envergonhado, em voz baixa: "Tudo bem, DeeDee, tudo bem. Eu não sabia. Da próxima vez, eu já estou sabendo, eu tiro ele logo."

O domínio prático do tempo é uma dimensão central do sucesso da aprendizagem do ofício de boxeador. "Isso leva tempo", "Aproveite o tempo", "Persevere, isso vem com o tempo", "Não se precipite", essas são expressões que voltam sem cessar dentro da academia, seja qual for o nível do boxeador, e que contribuem para que cada qual aprenda a demonstrar seu investimento físico e moral na duração temporal específica do campo. É também esse investimento corporal no tempo, o lento processo de incorporação da técnica pugilística e de somatização de seus princípios básicos, que marca a fronteira entre os praticantes ocasionais e os boxistas regulares e que interdita a passagem imediata de uma categoria para outra. O treinador assistente Eddie lembra essa distância com um sarcasmo deliberadamente exagerado para um visitante que tentava desajeitadamente bater na pêra de velocidade: "Ei! É melhor você parar com isso: leva *anos de serviço* pra você aprender a bater nesse aparelho." Para um antigo boxeador, bem conservado fisicamente, é preciso um mínimo de três meses de treinamento intensivo para voltar às condições de combate; para os amadores, são precisos, no mínimo, dois ou três anos de prática regular antes de se dominar razoavelmente a panóplia básica do pugilista, e três anos mais antes de se produzir um profissional completo. O boxe é "uma escola de paciência, de disciplina e de perseverança", o antípoda da "gratificação imediata".[107] Testemunha disso são essas três anotações de campo, entre centenas de outras que se poderiam citar aqui.

> Em 19 de novembro de 1988, Eddie vem encorajar-me, enquanto estou pulando corda: "Eu estava te vendo trabalhar no saco de areia, Louie, você melhorou tremendamente, tua coordenação melhorou." "Obrigado, mas agora o que eu preciso mais é fazer *sparring*." "Não confunda as coisas, isso ia ser perda de tempo, continue a trabalhar e você chega lá. Isso é uma questão de tempo." Em 17 de dezembro do mesmo ano, foi Butch que, enquanto retomava o fôlego estirado sobre a mesa entre duas séries de abdominais, disse-me que eu estava fazendo progressos, mas que ainda levo muitos golpes: "Você precisa se proteger melhor. Você vai aprender. Isso não pinta num dia. Mas leva tempo." Em 4 de março de 1989, Butch, mais uma vez: "Quando você começa a sentir teu jabe, quando você sente que pode manter teu adversário a distância com teu jabe, o resto pinta por si mesmo. É preciso trabalhar, o resto pinta devagar. Há quanto tempo você está treinando?" "Cerca de seis meses." "Hum, isso não é nada. É preciso dar tempo, é preciso continuar."

Persistir com paciência, esperar sua hora sem relaxar, dosar o esforço no tempo, demonstrar suas expectativas e, ao mesmo tempo, ocultar suas emoções: estas são as qualidades decisivas da aprendizagem do boxe. Se o boxeador não as possui, o técnico pode compensá-las impondo-as de fora; por exemplo, privando o pugilista do *sparring* durante um período predeterminado, caso ele seja muito impaciente, ou amiudando suas lutas de modo a quebrar o andamento de sua rotina. Além dos conselhos dos pares e das diretrizes do treinador, é o corpo que, por ele mesmo, regula, em última instância, a velocidade e a tendência da progressão. Um excesso de treino rápido ou repetido provoca contusões que, mesmo quando são leves, logo revelam-se suficientemente incômodas, a ponto de forçar uma quebra da cadência: pequenas feridas reincidentes na aresta do pulso ou muitos vasos rompidos entre os dedos limitam o trabalho no saco de areia; um joelho doído impede que se pule corda; uma costela dolorida, depois de uma sessão de *sparring* brutal, não permite que se façam abdominais. Mais do que as contusões sérias, é o acúmulo de pequenas mazelas e de perturbações físicas que serve como regulador natural da carga de trabalho, como comprova essa passagem de meu diário de campo, de 6 de outubro de 1988.

> Ontem, quarta-feira, acordei com o pulso direito inchado e muito dolorido: forcei demais a barra no saco de areia, na terça-feira, batendo como um animal, e agora pago por isso! Ainda hoje ele está frágil, e eu não consigo flexioná-lo nem pegar um objeto pesado com essa mão. Portanto, não poderei trabalhar no saco de areia, para minha grande tristeza. Mesmo assim, vou ao *gym*. [...] DeeDee, que bem me avisara, mas em vão, aconselha que eu me contente em fazer *shadow*, para poupar o pulso. O treina-

mento é terrivelmente doloroso: sinto uma dor medonha na mão direita, não consigo pular corda. Chego mesmo a fazer uma série no *speed bag* com uma única mão. E logo meu braço esquerdo também se faz sentir; ele está formigando, como se estivesse morto, a ponto de eu ter vontade de parar apenas depois de dois *rounds* diante do espelho.

O esgotamento físico resultante de um excesso de exercícios diminui a vivacidade e o tônus no ringue, aumentando as chances de contusão e de uma interrupção prolongada, e, portanto, de uma falta de treino. Uma parada forçada pode, por sua vez, levar a uma retomada muito acelerada, e, daí, a um novo excesso. E assim por diante. Para boxear ao longo do tempo, é preciso aprender, por meio de uma dosagem progressiva, a ajustar o esforço de modo a entrar num círculo vicioso em que o treinamento na academia e o confronto no ringue alimentam-se e reforçam-se mutuamente e em que suas temporalidades próprias entram em sinergia. Os quatro trechos de notas de campo que se seguem ilustram as diversas maneiras como o problema da gestão do corpo, da preservação de sua integridade e de sua energia apresentam-se para os boxeadores, tanto na academia e no ringue como na vida cotidiana.

Algumas figuras da gestão do corpo

Depois do empate de Butch no Park West [8 de maio de 1989]

Primeiro obstáculo para a vitória profissional de Butch: depois de cinco vitórias, sendo quatro por nocaute antes do terceiro *round* e com apenas um dos combatentes indo até o final da luta, ele passou por dificuldades ontem, na reunião de Park West. Será que o adversário era muito forte? DeeDee fala com ironia: "Você está falando, Butch ficou enjoado de se lançar numa luta perdida. Ele não tinha mais nada no bolso desde o segundo assalto. Nenhum gás [*no gas*]. O outro camarada não sabia boxear, mas Butch não conseguiu mandar ele à lona. Bem que ele tentou, mas não conseguiu. É *sparring* demais. Eu falei pra ele não abusar do *sparring*, droga, mas ele arrumou um jeito de 'jogar' oito *rounds* no sábado passado! Resultado: ele não teve gás para o combate e precisou correr atrás do camarada o tempo todo pra nada. [...]

"Não é o desgaste [*it ain't no wear and tear*] dos combates; é um excesso de treinamento. Butch é ansioso, nervoso, e ele treina muito pesado, treina demais. Está sempre com medo de não estar preparado. Já briguei com ele o bastante, já briguei muito com ele exatamente por causa disso. [Com veemência.] Já disse pra ele não fazer tanto *sparring*. Já disse pra ele não passar muito tempo no saco de areia depois do *sparring*. Tudo o que ele precisa fazer é descontrair, trabalhar o jabe, é só. Mas ele não quer escutar meus conselhos. Está bem, está certo! Ele vai ver na pele quem tem razão. E ali, ele ficou enjoado, e me saiu com esse empate, mas bem que ele poderia ter perdido, porque já estava exausto desde o segundo *round*. Além do mais, isso não é da minha conta [*that's none of my business*]. Esses caras que não querem escutar, tudo bem, pior pra eles! Ele quis fazer *sparring*, tudo bem. Eu bem sabia que ele ia ser massacrado, queimado [*worn out, burned out*]. Você tem os caras, eles se acham mais espertos, acham que já sabem de tudo." O velho técnico lança um olhar de aborrecimento para o teto.

Depois do combate difícil de Curtis em Harvey [7 de dezembro de 1988]

DeeDee sai dos vestiários móveis de madeira, seguido de perto por Curtis, já vestido em calças jeans e suéter de lã. Eles sentam-se a distância, no fundo da sala, para tirar as lições do combate. DeeDee, com o olhar severo, inclina-se em direção a Curtis, para passar-lhe um sermão vigoroso. Ele está furibundo por Curtis ter se deixado tocar tanto por seu adversário sem se esquivar melhor e sem se proteger. Que este último estivesse evidentemente fora do peso (ele pesava 137 libras, em vez das 130 regulamentares, contra 132 libras de Curtis, que não parava de repetir que "esse cara era um *pitbull, man*, toda vez me mandam um *pitbull*" não era desculpa para que Curtis se deixasse levar pela sorte. Ele tomou muitos golpes e saiu bastante arriado, com o rosto tumefacto, um corte feio na bochecha direita e um profundo talho no olho esquerdo, que certamente iria precisar de alguns pontos. Segundo a opinião geral, Curtis devia ter "arrasado" com seu oponente no segundo *round*, quando o havia mandado à lona com uma combinação de golpes cortantes. Em todo caso, ele devia ter lutado de modo mais inteligente, mantendo-se a distância, em lugar de ceder às provocações do adversário e

aferrar-se a um corpo a corpo brutal. O'Bannon confiou-me, mais tarde: "Curtis não vai muito longe se ele deixar que um tipo desses o esmurre, será que não sabe *se poupar* melhor que isso? A estrada é longa. Caras como esses, a gente tem que se livrar deles rapidinho."

Os próprios boxeadores estão prontos a atribuir a queda súbita de um dos seus a uma falha na disciplina e na higiene corporais que todo pugilista deve impor-se fora do ringue. Toda infração, na ascese mundana que define o regime espartano do boxeador ideal, é prontamente interpretada como a causa direta de seus fracassos no ringue.

O declínio físico e pugilístico de Alphonso [19 de novembro de 1988]

Curtis imita golpes, fendendo o ar com seus punhos e soltando "Hamm! Hamm!" sonoros. Butch acompanha-o com atenção. Levo alguns minutos para compreender que eles falam do combate da última quinta-feira, em que Alphonso Ratliff perdeu o título nacional e, segundo eles, deixou-se tomar uma bela enfiada de golpes (foi à lona duas vezes, no quarto assalto, antes de ser posto a nocaute, no quinto). Curtis: "O carinha conseguia encaixar todos os golpes e batia nele, no corpo e na cabeça, e nunca nas luvas. Alphonso contentava-se em deixar os braços assim [ele se pôs em guarda, com a cabeça protegida pelos antebraços] e ficava parado." Curtis e Butch não escondiam sua reprovação pelo fato de que Alphonso contava muita vantagem antes da luta. "Ele berrava: 'Vou acabar com esse cara, ele não vai agüentar cinco *rounds* contra mim', e você nunca fala coisas desse gênero antes de um combate, cara! E depois foi ele que apanhou." A luta fora transmitida por uma rede de TV a cabo de Chicago, o que se tornara ainda mais penoso para a reputação de Alphonso. Curtis e Butch concordam que ele está chegando ao final da carreira. "Ele está despencando ladeira abaixo [*goin' downhill*], com certeza. Seria melhor que pendurasse as luvas. Está acabado, cara, acabado. Nunca mais ele vai lutar um combate valendo o título, cara."

Pergunto por que Alphonso deixou-se esmurrar tão facilmente: seu adversário era tão superior assim, ou Phonzo estava mal preparado? Butch: "Saca só, cara, o camaradinha tem 33 anos agora, Louie. Quando você está nessa idade, precisa se manter em forma. Não se brinca com álcool, não se brinca com drogas, não se brinca com mulheres." Sentado em seu banquinho, ele imita uma cópula, com um inequívoco movimento de quadris. "Esse treco cobra seu preço [*take a toll on you*]. Se você não se mantém afastado dessas coisas, aos 33 anos, cara, você está acabado, arrasado. Olha pra mim. Eu não brinco com nenhuma dessas coisas e me mantenho em forma. Mas Alphonso, ele brinca com as três, principalmente com as mulheres." Novo movimento sugestivo dos quadris. "Ele agora está muito velho pra esse tipo de coisa, cara. Já passou o tempo dele. Ele devia abandonar os combates, pendurar as luvas, de verdade."

O escândalo do pugilista que fuma [28 de julho de 1989]

Ashante conversa com Luke, que acaba de concluir sua sessão de treinamento, tendo, ao fundo, o barulho ensurdecedor que Smithie faz no *speed bag*. Ele conta a história de um cara chamado Ray, que era "o melhor peso pesado da cidade. Cara, esse sujeito era superbárbaro, tinha um golpe daqueles. Mas depois, ele não tomou muito cuidado com ele mesmo, não era sério a esse ponto. Ele fazia de tudo e não treinava pra valer – todo mundo sabia disso. Mas no dia em que eu vi, com meus próprios olhos, ele fumando um cigarro logo depois de uma luta, aí eu entendi que ele nunca mais ia ser bom naquilo."

Luke fica mudo, sem reação durante dez segundos. Depois, bruscamente, como se realizasse com atraso a enormidade da coisa, lançou sobre Ashante um olhar incrédulo. E com o tom de um padre que acaba de ouvir uma blasfêmia na sala da sacristia, exclama, rolando os olhos escandalizados: "*Ele estava fumando* depois de uma luta?!! Ele estava fumando *nos vestiários*, depois do combate? [*Como se essa fosse uma monstruosidade inconcebível.*]" "Não, não nos vestiários, na platéia. Eu vi ele sentado na platéia depois da luta, tragando um cigarro, junto com um colega dele. *E aí então eu saquei que, pra ele, estava tudo acabado*, cara."

A sabedoria específica do técnico é conseguir estimular e dosar os esforços de seus pupilos ao mesmo tempo com relação a seus corpos e com relação às múltiplas temporalidades próprias

à instituição e assegurar o funcionamento harmonioso da complexa maquinaria coletiva que transmite o saber e suscita os investimentos dos boxeadores (no duplo sentido da economia e da psicanálise). Ao orquestrar as múltiplas ações que, imbricando-se, definem o *gym* como configuração móvel de agentes interdependentes, DeeDee contribui para produzir e para cristalizar a crença pugilística. Ao contrário do que sugerem Weinberg e Arond,[108] essa função moral não se manifesta apenas em momentos de crise, em que o desencanto torna-se subitamente ameaçador, mas de modo constante, na rotina cotidiana da academia. As situações críticas, como os dias seguintes às derrotas, muitas vezes geradoras de um questionamento prático da *illusio* pugilística, em que o treinador desempenha abertamente o papel de confidente, de sustentáculo e de prosélito, dissimulam o trabalho anódino de treinamento e de produção contínua da crença que se efetua no dia-a-dia, de maneira invisível e inconsciente, pela mediação da própria organização da academia e de suas atividades.

Ao final desse caminho iniciático – temporariamente interrompido pelo trabalho necessário à objetivação –, o boxe revela-se uma espécie de "ciência selvagem", uma prática eminentemente social e quase culta, exatamente porque ele parece pôr em jogo somente os indivíduos que arriscam seus corpos no ringue, em um confronto singular de aparência rudimentar e desenfreado. E o pugilista emerge como o produto de uma organização coletiva que, embora não seja pensada ou desejada enquanto tal por alguém, nem por isso deixa de ser objetivamente coordenada pelo ajustamento recíproco das expectativas e das demandas daqueles que ocupam diferentes posições no espaço do *gym*. Esses elementos de uma antropologia do boxe como "fenômeno biossociológico"[109] põem em evidência o lugar central da razão prática, nesse caso limite da prática que é o pugilismo, e convidam-nos a superar as distinções tradicionais entre o corpo e o espírito, entre o instinto e a idéia, o indivíduo e a instituição,[110] mostrando como os dois termos dessas antinomias perenes constituem-se em conjunto e servem-se como suporte mútuo, especificam-se e reforçam-se, mas também enfraquecem-se, em um mesmo movimento.

Notas

1. George Plimpton. *Shadowbox*. Nova York: Putnam, 1972, p. 38.
2. Percebe-se isso à primeira vista, comparando-se, por exemplo, as descrições do New Oakland Boxing Club, de Oakland, na Califórnia, com as do célebre Kronk Gym de Detroit, feitas por Ralph Wiley (*Serenity: a boxing memoir*. Nova York: Henri Holt and Company, 1989, p. 28-29, 153 e ss.); do Rosario Gym de East Harlem, em Nova York, por William Plummer (*Buttercups and strong boys: a sojourn at the Golden Gloves*. Nova York: Viking, 1989, p. 51 e ss.); e do Cabbagetown Boxing Club, no subúrbio de Toronto, por Stephen Brunt (*Mean business: the rise and fall of Shawn O'Sullivan*. Markham: Penguin, 1987, p. 43-69). O livro da fotógrafa Martine Barrat, *Do or die* (Nova York: Vicking, 1993, prefácio de Martin Scorcese), fornece uma tradução visual fiel da atmosfera de um salão de boxe em Nova York que não deixa de evocar o saboroso retrato que Ronald Fried fez do Stillman's Gym no seu auge (*Corner Men: Great Boxing Trainers*, Nova York: Four Walls Eight Windows, 1991, p. 32-53).
3. Émile Durkheim. *L'Éducation morale*. Paris: PUF (1902-1903), 1963.
4. Guy Lagorce. "Mort dans l'après-midi?". *L'Express*, 17 de março de 1989 (sobre o fracasso no ringue do boxeador da Costa do Marfim David Thio). Para uma ode à Nobre Arte, pode-se ler George Peters (*Pleins feux sur les rings*. Paris: La Table Ronde, 1970, especialmente p. 199-200). Pode-se encontrar uma recapitulação dessa dialética do culto fascinado e da condenação horrorizada do boxe no Estados Unidos no breve estudo histórico de Jeffrey Sammons (*Beyond the ring: the role of boxing in American society*. Chicago: University of Illinois Press, 1988).
5. Pierre Bourdieu. "Programa para uma sociologia do esporte". In: [Coisas ditas] *Choses dites*. Paris: Minuit, 1987, p. 214.
6. Marcel Mauss. "Les techniques du corps". In: *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, (1936) 1950, p. 368-369, grifos nossos.
7. Marcel Mauss, *ibid.*, p. 383.
8. Martín Sánchez-Jankowski. *Islands in the street: gangs in American society*. Berkeley: University of California Press, 1991; Mercer Sullivan. *'Getting paid': youth, crime and work in the inner city*. Ithaca: Cornell U. P., 1989; Philippe Bourgois. *In search of respect: selling crack in El Barrio*. Cambridge: Cambridge U. P., 1995.
9. Para essa comparação, encontra-se uma sociografia sucinta da deterioração acelerada dos bairros negros do gueto de Chicago em Loïc Wacquant e William Julius Wilson. "The cost of racial and class exclusion in the inner city". *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, n. 501, janeiro de 1989, p. 8-25.
10. Para retomar o nome dado por St. Clair Drake e Horace R. Cayton em seu grande livro, *Black Metropolis: a study of Negro life in a Southern city*. Chicago: The University of Chicago Press, (1945) 1994.
11. Para um estudo histórico sobre a rígida divisão racial da moradia em Chi-

cago, que sobredetermina toda a história da cidade e de suas populações, ver Arnold Hirsch. *Making the second ghetto: race and housing in Chicago, 1940-1960.* Cambridge: Cambridge U. P., 1983; para uma análise global das relações cambiantes entre desigualdade de classe e dominação racial na América durante esse período, ler a obra clássica de William Julius Wilson. *The declining significance of race.* Chicago: The University of Chicago Press, 1980, especialmente p. 88-143.

12. Os dados que se seguem foram retirados de: Chicago Fact Book Consortium, *Local community fact book: Chicago metropolitan area.* Chicago: Chicago Review Press, 1984, p. 114-116. Para uma análise aprofundada da transformação do gueto negro de Chicago ao longo do último meio século, remeto a Loïc Wacquant, "The new urban color live: the state and fate of the ghetto in Posfordist America". In: Craig J. Calhoun (ed.). *Social theory and the politics of identity.* Cambridge: Basil Blackwell, p. 231-276 [trad. bras.: "O estado e o destino do gueto: retraçando a linha de cor urbana na América pós-fordista", *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 26, setembro de 1994, pp. 99-140. Republicado em *Os condenados da cidade – Estudo sobre a marginalidade avançada.* Rio de Janeiro: Revan, 2001].
13. Chicago Tribune, *An American millstone.* Chicago; Nova York: The Review Press, 1986, p. 170.
14. Melvin, L. Oliver. "The urban black community as network: toward a social network perspective". *The Sociological Quarterly*, v. 29, n. 4, dezembro de 1988, p. 632-645.
15. Chicago Tribune, *An American millstone, op. cit.*, p. 170.
16. A extrema concentração da criminalidade violenta no gueto e seus efeitos devastadores sobre os jovens negros, ao longo das duas últimas décadas, são descritos e analisados por: Jewelle Taylor Gibbs *et al.* (ed.). *Young black and male in America: an endangered species.* Dover: Auburn House Publishing, 1988; Darnell F. Hawkins (ed.). *Ethnicity, race and place.* Albany: State University of New York Press, 1995; e Joan McCord (ed.). *Violence and childhood in the inner city.* Cambridge: Cambridge U. P., 1977.
17. Leonard Gardner. *Fat city.* Nova York: Farrar, Strauss & Giroux, 1969.
18. Citados por Thomas Hauser. *The black lights: inside the world of professional boxing.* Nova York: McGraw Hill, 1986, p. 113 e 186.
19. Citado em Judith Folb. *Running down some lines: the language and culture of black teenagers.* Cambridge: Harvard U. P., 1980, p. 39.
20. David Halle. *American's working man.* Chicago: The University of Chicago Press, 1984, cap. 9.
21. Para uma descrição do processo de marginalização da juventude negra dos guetos, ver: Douglas G. Glasgow. *The black underclass: poverty, unemployment and entrapment of ghetto youth.* Nova York: Vintage Books, 1980; Terry Williams and Williams Kornblum. *Growing up poor.* Lexington: Lexington Books, 1985; John M. Hagedorn. *People and folks: gangs, crime and the underclass in Rustbelt City.* Chicago: Lakeview Press, 1988; e William Julius Wilson. *When work disappears.* Nova York: Knopf, 1997. Uma série de perfis de prisioneiros do gueto pode ser encontrada nas reportagens de sucesso da *Newsweek*, retomadas por Sylvester Monroe e Peter Goldman com o título de *Brothers: black and poor – a true story of courage and survival.* Nova York: William Morrow and Co., 1988; e no relato retirado do documentário radiofônico realizado por dois jovens do South Side, LeAlan Jones e Lloyd Newman. *Our America: life and death on the South Side of Chicago.* Nova York: Washington Square Press, 1997.
22. A interdependência estreita dos mundos do espetáculo, da política, do esporte e da religião, nas comunidades negras norte-americanas, é magnificamente documentada por Charles Keil em *Urban blues.* Chicago: The University of Chicago Press, 1966.
23. Cf. T. Hauser. *The black lights, op. cit.*, p. 146-171 e 179-183; Jeffrey T. Sammons. *Beyond the ring, op. cit.*, p. 235-245; Stephen Brunt, *Mean Business, op. cit., passim*; Sam Tperoff. *Sugar Ray Leonard and other noble warriors.* Nova York: McGraw-Hill, 1987; Andy Ercole e Ed Okonowicz. *Dave Tiberi, the uncrowned champion.* Wilmington: The Jared Company, 1992.
24. Georg Simmel. "The sociology of sociability". *American Journal of Sociology*, n. 55, 1949, p. 254-268.
25. Ned Polsby. *Hustlers, beats and others.* Chicago: The University of Chicago Press, (1967) 1985, p. 20-30.
26. A administração do capital corporal é analisada mais em detalhes em Loïc Wacquant. "Pugs at work: bodily capital and bodily labor among professional boxers". *Body and Society*, v. 1, n. 1, março de 1995, p. 65-94.
27. Ver Roger D. Abrahams. *Positively black.* Englewood Clifts: Prentice Hall, 1970; Martín Sánchez-Jankowsli. *Islands in the street, op. cit.*; Judith Folb. *Running down some lives, op. cit.*
28. S. K. Weinberg e Henri Arond. "The occupational culture of the boxer". *American Journal of Sociology*, v. 62, n. 5, 1952, p. 460-469 (para os dados sobre o período de 1900-1950); T. J. Jenkins. *Changes in ethnic and racial representation among professional boxers: a study in ethnic succession.* Chicago. Tese de mestrado, Universidade de Chicago, 1955 (inédita); Nathan Hare, "A study of the black fighter". *The Black scholar*, v. 3, n. 3, 1971, p. 2-9; John Sugden. "The exploitation of disadvantage: the occupational sub-culture of the boxer". In: John Horne *et al.* (org.). *Sport, leisure and social relations.* Londres: Routledge and Keagan Paul, 1987, p. 187-209; Jeffrey T. Sammons. *Beyond the ring, op. cit.* Sobre a trajetória dos judeus americanos no boxe durante a primeira metade do século, Stephen A. Riess. "A fighting chance: the Jewish-American boxing experience, 1890-1940". *American Jewish History*, n. 74, 1985, p. 233-254; para o contexto geral, Benjamin G. Rader. *American sport: from the age of folk games to the age of spectators.* Englewood Chiffs: Prentice Hall, 1983.
29. Peter Niels Heller. *Bad intentions: the Mike Tyson story.* Nova York: Da Capo Press, 1995. Sobre as múltiplas significações da trajetória de Tyson

como emblema vivo de masculinidade, ver o artigo estimulante de Tony Jefferson. "Muscle 'Hard Men' and 'Iron' Mike Tyson: reflections on desire, anxiety and the embodiment of masculinity". *Body & Society*, n. 1, março de 1998, p. 77-98.

30. Stephen Brint e Jerry Karabel. "Les 'community colleges' américains et la politique de l'inégalité". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 86-87, 1987, p. 69-84.
31. Loïc Wacquant e William Julius Wilson. "The cost of racial and class exclusion in the inner city", *art. cit*, p. 17, 19 e 22.
32. Citado por David Halpern. "Distance and embrace". In: Joyce Carol Oates e David Halpern (org.). *Reading the fights*. Nova York: Prentice-Hall, 1988, p. 279.
33. Para uma crítica metódica desse verdadeiro falso conceito e seus usos sociais, ler Loïc Wacquant. "L''underclass' urbaine dans l'imaginaire social et scientifique américain". In: _____. *L'exclusion. L'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 1996, p. 248-262 [trad. bras.: "A '*underclass*' urbana no imaginário social e científico norte-americano", *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 31, outubro de 1997, pp. 37-50. Republicado em *Os condenados da cidade*, op. cit.].
34. Betty Lou Valentine. *Hustling and other hard work: lifestyles in the ghetto*. Nova York: Free Press, 1978.
35. Loïc Wacquant e William Julius Wilson. "The cost of racial and class exclusion in the inner city", *art. cit.*, p. 24.
36. Henri Allouch. "Participation in boxing among children and young adults". *Pediatrics*, n. 72, 1984, p. 311-312.
37. Kurt Wolf. "Surrender and community study: the study of Loma". In: Arthur J. Vidich e Joseph Bensman (org.). *Reflections on community studies*. Nova York: Wiley, 1964, p. 233-263.
38. Cf. Loïc Wacquant. "A fleshpeddler at work: power, pain, and profit in the prizefighting economy". *Theory and Society*, v. 27, n. 1, fevereiro de 1998, p. 1-42.
39. Thomas Hauser. *The black lights, op. cit.*, p. 135.
40. William Plummer. *Buttercups and strong boys, op. cit.*, p. 57.
41. Pierre Bourdieu. *Le sens pratique*. Paris: Minuit, p. 130.
42. Pierre Bourdieu. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genebra: Droz, 1972, (reed. Seuil, 1999) p. 196.
43. Joyce Carol Oates. *On boxing, op. cit.*, p. 28-29.
44. Gil Clancy (famoso treinador-empresário), citado em Thomas Hanson. *The black lights, op. cit.*, p. 43.
45. Gerald Early. "Three notes toward a cultural definition of boxing". In: Joyce Carol Oates e David Halpern. *Reading the fights, op. cit.*, p. 20.
46. George Plimpton. "Three with Moore". In: Joyce Carol Oates e David Halpern, ibid., p. 173.
47. Loïc Wacquant. "Pugs at work", *art. cit.*, p. 75-82.
48. Para observações entre os nadadores de competição californianos, ver Daniel F. Chambliss. "The mundanity of excellence: an ethnographic report on Olympic swimmers". *Sociological Theory*, v. 7, n. 1, primavera de 1989, p. 70-86.
49. R. G. Mitchell. *Mountain experience: the psychology and sociology of adventure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.
50. George Bennet e Pete Hamill. *Boxers*. Nova York: Dolphin Books, 1978, p. 23; também Jeffrey T. Sammons. *Beyond the ring, op. cit.*, p. 237; S. K. Weinberg e Henri Arond. "The occupational culture of the boxer", *art. cit.*, p. 463; Nathan Hare. "A study of the black fighter", *art. cit.*, p. 7-8.
51. "Avancer, reculer, riposter", entrevista com o treinador nacional Aldo Consentino. *Libération*, 11-12 de fevereiro de 1989, p. 31.
52. Paul Connerton. *How societies remember*. Cambridge: Cambridge U. P., 1989.
53. Alfred Willener. "Le concerto pour trompette de Haydn". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 75, novembro de 1988, p. 61, grifos nossos.
54. Erving Goffman. *Interaction rituals*. Nova York: Vintage, 1966.
55. Loïc Wacquant. "The prizefighter's three bodies". *Ethnos*, v. 63, n. 3, especial, novembro de 1998, p. 342-345 [trad. bras.: "Os três corpos do lutador profissional". In: Daniel Soares Lins *et al. A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papirus, 1998, pp 73-96].
56. Thomas Hauser. *The black lights, op. cit.*, 199.
57. Erving Goffman. *The presentation of self in everyday life*. Harmondsworth: Penguin, 1959.
58. Tomo essa noção emprestada de William Graham Summer. *Folkways*. Boston: Ginn, (1906) 1940.
59. Edward Albert. "Riding a line: competition and cooperation in the sport of bicycle racing". *Sociology of Sport Journal*, n. 8, 1991, p. 341-361.
60. Michel Foucault. *Naissance de la clinique. Une archéologie du regard médical*. Paris: PUF, 1963, p. 168 [trad. bras.: *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998].
61. Sobre a noção de "trabalho emocional", ver Arlie Hochschild. "Emotion work, feeling rules and social structure". *American Journal of Sociology*, v. 85, n. 3, novembro de 1979, p. 551-575.
62. Konrad Lorenz. *On agression*. Nova York: Harcourt, Brace and World, 1966, p. 281.
63. Erving Goffman. *The presentation of self in everyday life, op. cit.*
64. Stephen Brunt. *Mean business, op. cit.*, p. 55.
65. Hans Gerth e C. Wright Mills. *Character and social structure*. Nova York: Harcourt, Brace, Jovanovitch, 1964.
66. Joyce Carol Oates. *On boxing, op. cit.*, p. 25 e 60.
67. Allen Gutman. *From ritual to record: the nature of modern sports*. Nova York: Columbia U. P., 1989, p. 160.
68. André Rauch. *Boxe, violence du XXème siècle*. Paris: Aubier, 1992. Esse livro compreende, além do mais, um plágio grosseiro de meu artigo "Corps

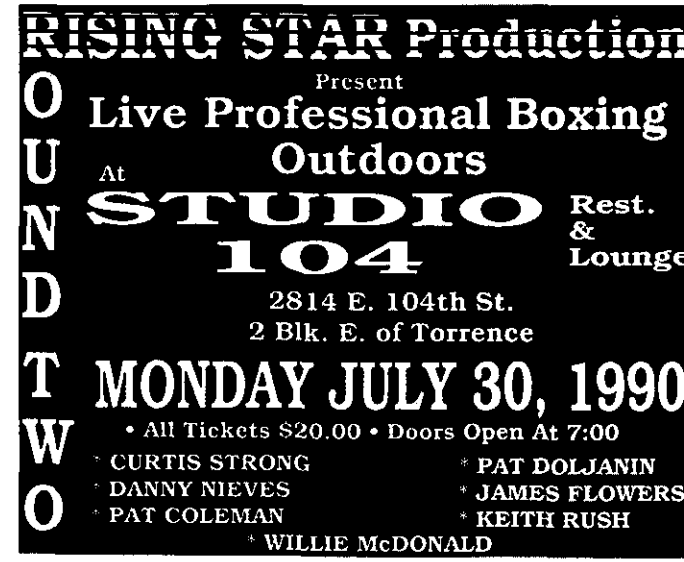
et âme", publicado em 1989, em *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nas páginas 222, 225, 226, 227-237 e 278-279 (assim como na p. 362, nota 172; p. 363, nota 185; p. 368, nota 205; p. 408, nota 172), em que Rauch retoma integralmente, sem citar a fonte, minha descrição do treinamento na academia de Woodlawn, citações e números de páginas aí incluídas (ver as notas 47, 48, 62, 73, 86, 88 e 90, p. 389-395), entremeando, sem qualquer habilidade, para disfarçar sua trapaça, fragmentos de declarações de boxeadores e de treinadores franceses retirados de *L'Equipe*; o supra-sumo da desonestidade foi a nota 103 (p. 398), que copia, compactando-a, minha análise da relação de oposição simbiótica entre o *gym* e o gueto para atribuí-la... a uma entrevista que Rauch tivera "com L. Dechanet, secretário geral dos Anciens de la Boxe, em setembro de 1990"!

69. Marcel Mauss. "Les techniques du corps", *art. cit.*, p. 385.
70. Gene Tunney, antigo campeão de peso pesado, citado por Jeffrey T. Sammons. *Beyond the ring, op. cit.*, p. 346.
71. *The Thrilla in Manilla*, videocassete da luta "Ali-Frazier Heavyweight title fight", NBC Sports Venture, 1990.
72. Citado por David Anderson. *In the corner: great boxing trainers talk about their art.* Nova York: Morrow, 1991, p. 121.
73. John Dewey. *Experience and nature.* Chicago: Open Court, 1929, p. 277.
74. Sugar Ray Robinson é citado por Thomas Hauser (*The black lights, op. cit.*, p. 29); Mickey Rosario, por William Plummer (*Buttercups and strong boys, op. cit.*, p. 43).
75. Hugh Brody. *Maps and dreams.* Nova York: Pantheon Books, 1982, p. 37, grifos nossos.
76. Joyce Carol Oates. *On boxing, op. cit.*, p. 108.
77. George H. Mead. "The biological individual", adendo a George Herbert Mead, *Mind self and society from the stand point of a social behaviorist.* Chicago: The University of Chicago Press, 1934, p. 347-353.
78. Peter Pasquale. *The boxer's workout: fitness for the civilized man.* Garden City: Doubleday, 1988.
79. Pierre Bourdieu. *Le sens pratique, op. cit.*, p. 137.
80. Jean-Pierre Clément. "La force, la souplesse et l'harmonie. Étude comparée de trois sports de combat: lutte, judo, aikido". In: Christian Pociello (org.). *Sports et société. Approche socioculturelle des pratiques.* Paris: Vigot, 1987, p. 285-301.
81. Jean Lave. *Cognition in practice: mind, mathematics and culture in everyday life.* Cambridge: Cambridge U. P., 1989, p. 14 e ss.
82. Loïc Wacquant. "De la 'terre promise' au ghetto: la 'Grande Migration' noire américaine, 1916-1930". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 99, setembro de 1993, p. 43-51.
83. Para um retrato intimista do South Side no meio do século, ler a obra clássica de St. Clair Drake e Horace Cayton. *Black metropolis, op. cit.*; e Richard Wright. *12 millions black voices: a folk history of the Negro in the United State*, fotos de Edwin Rosskam. Nova York: Thunder's Mouth Press, (1941) 1988.
84. Cf. Mead. *Champion: Joe Louis, black hero in white America.* Nova York: Charles Scribner's Sons, 1985; e Jeffrey Sammons. *Beyond the ring, op. cit.*, p. 96-129.
85. Pode-se encontrar uma profusão de notações precisas sobre essa mistura de relações de autoridade e afeto entre treinadores e seus pugilistas em Ronald K. Fried. *Corner men, op. cit.*
86. Pierre Bourdieu. "*Programme pour une sociologie du sport*", art. cit., p. 214.
87. Émile Benveniste. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes.* Paris: Editions de Minuit, 2 v., 1969.
88. Émile Durkheim. *Les formes élémentaires de la vie religieuse.* Paris: PUF, (1912) 1960 [trad. bras.: *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.* São Paulo: Martins Fontes, 1996].
89. Michael Polanyi. *The tacit dimension.* Garden City: Doubleday, 1967.
90. Howard Becker. "Photography and sociology". In: *Doing things together.* Evanston: Northwestern U. P., 1986, p. 223-271.
91. William Plummer. *Buttercups and strong boys, op. cit.*, p. 67.
92. Norbert Elias. *La societé de cour.* Paris: Flammarion, (1969) 1985 [trad. bras.: *A sociedade de corte.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001].
93. Max Weber. *Economic et societé.* Paris: Plon, (1918-1920) 1971, p. 301.
94. Jean-Claude Bouttier e Jean Letessier. *Boxe: la technique, l'entraînement, la tactique.*
95. Sobre o processo histórico de racionalização do esporte, sobretudo nos Estados Unidos, ler Allen Gutman. *From ritual to record, op. cit.*, especialmente cap. 2.
96. Daniel F. Chambliss. "The mundanity of excellence", art. cit., p. 78-81.
97. Émile Durkheim. *Les formes élémentaires de la vie religieuse, op. cit.*, p. 637.
98. G. R. Mc Latchie. "Injuries in combat sports". In: Tim Reilly (org.). *Sports fitness and sports injuries.* Londres; Boston: Faber and Faber, 1981, p. 168-174.
99. Michel Foucault. *Surveiller et punir. Naissance de la prison.* Paris: Gallimard, 1975, p. 172-196 [trad. bras.: *Vigiar e punir: nascimento da prisão.* Petrópolis: Vozes, 2001].
100. Pierre Bourdieu. *Le sens pratique, op. cit.*, p. 111.
101. Tomei essa expressão emprestada de Claude Lévi-Strauss. *La pensée sauvage.* Paris: Plon, 1962, especialmente cap. 1, "La science du concret" [trad. bras.: *O pensamento selvagem.* Campinas: Papirus, 1989].
102. Jeffrey T. Sammons. *Beyond the ring, op. cit.*, 236.
103. S. K. Weinberg e Henri Arond. "The occupational culture of the boxer", *art. cit.*, p. 462.
104. Pierre Bourdieu. Algérie 60. *Structures économiques et structures temporelles.* Paris: Minuit, 1977.
105. Astolfo Cagnacci. *René Jacquot, l'artisan du ring.* Paris: Denoël, 1989.
106. Thomas Hauser. *The black lights, op. cit.*, p. 166 e ss.

107. William Plummer. *Buttercups and strong boys*, op. cit, p. 123-124.
108. Weinberg e Aron. "The occupational culture of the boxer", *op. cit.*, p. 462.
109. Segundo a fórmula de Marcel Mauss. "Les techniques du corps", *op. cit.*, p. 385.
110. Para os que duvidarem da possibilidade de generalizar essa interpretação da prática pugilística, pode-se recomendar a leitura dos estudos de Jean Levi sobre a aprendizagem do cálculo (*Cognition in practice*, op., cit.); de Jack Katz, sobre a lógica moral e sensual das carreiras criminais (*Seductions of crime*. Nova York: Basic Books, 1989); de David Sudnov, sobre o improviso entre os pianistas de jazz (*Ways of the hand: the organization of improvised conduct*. Cambridge: Harvard U. P., 1978); Joan Cassel, sobre o ofício de cirurgião (*Expected miracles: surgeons at work*. Filadélfia: Temple U. P., 1991); e Joseph Alter, sobre a organização social, moral e simbólica da luta indiana tradicional (*Bharatiya kushti*) em Benares (*The wrestler's body: identity and ideology in Northern India*. Berkeley: University of California Press, 1992); para tomar cinco universos deliberadamente diversos, entre outros. E lembrar, com Max Weber, que "na grande maioria dos casos, a atividade *real* desenvolve-se em uma obscura semiconsciência ou na não-consciência [*Unbewußtheit*] do "sentido visado". O agente "sente" imprecisamente, mais do que conhece, esse sentido ou pensa "claramente" nele; trata-se, na maior parte dos casos, de obedecer a um impulso ou ao costume. Só ocasionalmente toma-se consciência do sentido (seja ele racional ou irracional) da atividade. [...] Uma atividade efetivamente significativa, o que quer dizer plenamente consciente e clara, é apenas, na realidade, um caso limite" (Max Weber. *Économie et société*, *op. cit.*, p. 51).

Uma noitada no Studio 104

Segunda-feira, 30 de julho de 1990. Despertar ansioso às oito e meia, tempo encoberto. Tomara que não chova. Um mês de preparação intensiva evaporado no ar, seria o cúmulo! A pesagem está prevista para as onze horas, no Illinois State Building, em pleno centro da cidade, a dois passos do rio Chicago. Passo de carro para pegar DeeDee na casa dele, como fora combinado, às nove e vinte, para irmos juntos ao *gym*. Ele está de excelente humor: o cozido de peixe estava suculento e a meteorologia prevê que o céu vai abrir.



Cartaz que anuncia a reunião do Studio 104.

Ao entrar no Boys Club, damos de cara com Curtis, sentado na sala dos fundos, com a porta fechada, inclinado sobre a escrivaninha, com o tronco nu sob a jardineira azul, com um jeito de quem está estudando. Na frente dele, uma pilha de dinheiro, uma nota de cinqüenta dólares, um pacotinho de 20 e de 10, depois uma grande pilha de notas de um dólar cuidadosamente colocada ao lado de uma pequena pilha de tíquetes coloridos. É o dinheiro dos lugares que ele vendeu para a reunião desta noite, 61, no total – restam-lhe nove da quota que lhe fora dada pelo *matchmaker* Jack Cowen.[1] (Por ocasião das pequenas reuniões locais, não é raro que os boxeadores recebam, além de um "fixo" bem módico – 150 dólares por uma luta de quatro *rounds*, e entre 400 e mil dólares por um combate de quatro *rounds* –, um percentual dos ingressos que eles vendem para parentes, amigos e colegas de academia, sendo que o preço de um lugar oscila entre 15 e 20 dólares.)

DeeDee pergunta-lhe, de supetão: "Já fez a conta?" "Já", assobia Curtis, antes de acrescentar, com um tom cheio de lamento: "Bem que eu gostaria de ficar com essa grana pra mim." O olhar do velho técnico fixa-se sobre a antiga balança de ferro que reina ao lado do escritório: "O que ela nos diz?" "É, é, 132 libras e meia." É um peso excelente, porque Curtis deve lutar com 133 libras. Pelo menos desta vez, não terá quilos a mais para perder na manhã de sua luta... Ele desaparece nos vestiários. Barulho da descarga d'água. DeeDee pragueja: "É sempre a mesma história. No dia do combate, o intestino dele não quer funcionar."

Curtis conta de novo seu botim e coloca as notas cuidadosamente em ordem. "Normalmente", observa DeeDee, "ele arruma elas numa outra ordem, os valores menores em cima, e não embaixo." Como resposta, Curtis confia-lhe cerimoniosamente a soma, assim como os ingressos restantes. O treinador, com presteza, desliza-os para o bolso da frente da calça (ele está com a camisa branca de algodão que veste nas grandes ocasiões e um boné branco com aba saliente). Curtis aconselha-o a pôr o dinheiro no bolso de trás da calça, onde ficaria menos visível, e, portanto, correria um risco menor: nunca se sabe ao certo o que pode acontecer na rua. "Não, eu ponho eles ali, na frente: ninguém vai vir catar qualquer coisa *em mim*." E depois resmunga, por sua vez: "Droga, eu bem que poderia ficar com esse dinheiro e usar ele, isso sim." Todo sorrisos, Curtis fala para ele: "Eu vou te espancar, DeeDee, e pegar a grana, depois a gente diz a Jack que alguém agrediu o senhor na rua e te surrupiou o dinheiro, certo?" "É, e depois Jack vai mandar você prestar contas diretamente ao gângster."

[1] O *matchmaker* é o intermediário entre organizadores e empresários, que recruta e constitui pares de boxeadores, de modo a "completar" o programa de uma noitada pugilística.

"Você tem medo que eu me ferre, porque você já se ferrou"

DeeDee, em seguida, passa a espinafrar o velho Page, um antigo freqüentador do *gym*, monitor de boxe empregado pela municipalidade e que já está prestes a se aposentar. Ele telefonou para DeeDee esta manhã, bem cedinho, para um dos seus longos monólogos habituais sobre o tema recorrente do "*What shoulda been*" [se as coisas tivessem sido como elas deveriam ser]. Segundo ele, DeeDee havia perdido o bonde: hoje poderia ser rico, com as vitórias que seus boxeadores conheceram entre as cordas ao longo dos anos. No mínimo, a Boxing Commission do Estado deveria ter-lhe dado um bom emprego. "Ele me diz o tempo inteiro [imitando a voz de choramingas de Page]: 'Você não deveria estar assim, nessa situação, há formas de se arranjarem as coisas, DeeDee. A Comissão poderia encontrar pra você um emprego de nove mil dólares por ano'." Curtis, surpreso: "Nove mil dólares por ano, mas que bosta é essa!" "Ééé, mas pelo menos eu teria meus beneficiozinhos [cobertura de seguro médico]... Ele sempre me comunica que eu deveria ganhar uma baba, e depois: 'Agora a gente está acabado, DeeDee, não vamos mais sair dessa'. E eu respondo: 'Você está acabado, *eu não*. Eu estou doente, não posso trabalhar, ponto final, é isso. Tenho esse problema de saúde, é por causa disso'. Bom, *se eu tivesse sido esperto*, já teria ido embora há muito tempo. Nunca teria ficado em Chicago. Teria deixado Chicago pela Philly [Filadél-

fia], e, *nesse momento, eu estaria em Philly.*"[2] Nenhuma nostalgia na voz de DeeDee.

Curtis está inquieto por causa dos sete ingressos que estão com Lorenzo, e cujo dinheiro correspondente à venda devia ter sido entregue hoje de manhã. Ele faz três tentativas de localizá-lo pelo telefone – e ainda iria tentar mais duas vezes, do *downtown*. DeeDee observa, com um tom contrariado, que Anthony fora, mais uma vez, treinar no Fuller Park – a outra academia situada em pleno coração do gueto negro de South Side –, o que desaprova, porque a maneira como se trabalha lá não lhe parece conveniente: "Anthony não é mais o boxeador que era antes." "Por quê?" "Porque ele escuta esse maldito Ford [o empresário dele, um chefezinho afro-americano de uma empresa familiar de limpeza, que é totalmente ignorante em matéria de boxe]. Ford quer que ele fique plantado lá e que ele lute corpo a corpo. Mas esse não é o estilo de Anthony: ele não é um batedor, não tem porte para isso. Antes, ele dançava e se esquivava dos golpes, você não conseguia tocar ele. Uma esquiva e um contragolpe, esquiva e contragolpe e pum!, ele te disparava um bom soco. Agora ele fica esperando, estático, com os pés plantados no chão, ele se deixa desgastar por camaradas mais pesados do que ele." (Se Ford pressiona Anthony para mudar de estilo, para ser mais agressivo e "dar combate" ao adversário é porque, a despeito de seu físico esguio e de sua predisposição em contrário, os organizadores sempre preferem pôr em cartaz um boxeador ofensivo, embora medíocre, a um talentoso boxeador defensivo, sobretudo para as lutas televisionadas, que têm em vista um público inculto do ponto de vista pugilístico, e, portanto, é incapaz de apreciar a virtuosidade técnica e tática dos antagonistas.)

(2) Com uma longa tradição e inúmeros clubes que fervilham no gueto norte da cidade, a Filadélfia é um dos cadinhos do boxe norte-americano, e seus combatentes são famosos e temidos em todo o país, como particularmente fortes e ferozes – a exemplo de "*Smokin*'" Joe Frazier, grande rival de Mohammad Ali nos anos 70. A enfermidade a que DeeDee se refere é a artrose grave nos joelhos e nos pulsos, que ele tem desde a adolescência e que lhe rende uma pequena pensão por invalidez, assim como o auxílio médico gratuito (sem a qual ele estaria sumariamente reduzido à indigência, pelo custo astronômico dos cuidados com a saúde).

O outro inconveniente de treinar nas salas rivais da cidade é que logo seca-se o viveiro de adversários em potencial para os encontros locais: "Se você treina nos outros *gyms* e dá uma surra nos camaradas do teu gabarito, quando chega a hora de confrontá-los nas reuniões, eles não vão aceitar lutar com você. Aí, pode ser que nosso bom senhor Ford aprenda a lição... Você não faz isso com 'valorizadores' [*opponents*].[3] Por que eles iriam te dar combate numa luta se você já massacrou eles na academia, hein, diga pra mim? Foi o que aconteceu com o Butch [em um tom irônico]: o senhor Hankins pediu a Bama – você conhece o 'Alabama', Louie – para fazer *sparring* com ele aqui, no *gym*, porque sabia que, cedo ou tarde, eles iam acabar lutando. Porra, tive que dizer ao Butch para fingir, para ele fazer com que Bama pensasse que tinha passado um rolo em cima dele. Em vez disso, o Butch prometeu combatê-lo pra valer, e bateu um bocado nele. Resultado, depois disso, você pode ficar esperando: Bama nunca mais vai aceitar um combate com o Butch: pra fazer o quê?"

São dez e vinte, está na hora de ir embora. Subimos no jipe Comanche de Curtis, cuja capota automática nunca está funcionando (ele acha isso engraçadíssimo, mas não é para valer, porque ele não tem dinheiro para consertar a capota). Curtis permanece calado no seu banco e anuncia orgulhosamente que "não tocou em *pussy*" há dias e dias. E mesmo que, naquela hora mesmo lhe oferecessem cinco meninas só para ele, na sua própria cama, ele recusaria, porque a luta vem antes de tudo. Nem bem damos partida e ele começa a ouvir tantos *souls* melosos quanto é possível, no rádio – DeeDee tem um sacrossanto horror ao *rap* – e eis-nos dirigindo pela Lake Shore Drive. A conversa volta para as recriminações do velho Page e para aquilo que ele percebe como as desditas da carreira de DeeDee.

> DeeDee: Ele sempre me diz: "*Cara*, você está ficando velho, há muito tempo que você já devia ter embolsado uma bolada de grana [*you shoulda been in d'money*]", e eu digo a ele: "*Cara*,

(3) Na linguagem pugilística, o termo "*opponent*" designa um adversário de qualidade inferior que se combate justamente porque ele oferece todas as oportunidades de uma vitória fácil.

não se preocupe com a minha vida". Droga, dizer que eu "devia" isso, que eu "devia" aquilo. E "com todo esse pessoal bem colocado, todos os pistolões que você conhece, *cara*, que são tão encantados com você, assim, DeeDee..."

CURTIS: Mas é verdade. O senhor agora poderia ser rico, DeeDee, o senhor sabe disso, não sabe? O senhor bem que sabe disso, mas o senhor detesta até mesmo pensar a esse respeito, não é verdade?

DEEDEE [desdenhoso]: Que nada, eu não devia estar rico, não. Se eu tivesse que ser rico, eu seria rico.

CURTIS [e bem rapidamente, como querendo insinuar: "Eu bem que conheço as profundezas do seu pensamento"]: O senhor devia ser rico, mas sabe-que-o-senhor-está-ferrado, e é por isso que está sempre atrás de mim, no meu pé, para que eu não deixe passar a oportunidade. [com ênfase] O senhor tem medo que eu me ferre, porque o senhor sabe que já se ferrou [*You scared I might mess up 'cause you know you messed up.*].

DEEDEE [na defensiva]: Ba! Vê só, se eu tivesse tido família, então seria uma outra coisa diferente.

CURTIS [sorrindo para meu gravador, que está ligado]: Tem um gravador funcionando aqui, DeeDee...

DEEDEE: Não estou nem aí [*I wouldn't give a damn.*].

CURTIS [rindo, e eu rio junto com ele]: Ele quer escutar nossa conversa no caminho da pesagem...

DEEDEE: Eu sei disso, eu sei disso. Um dia, vão apanhar esse aí e mandar um bom pé na bunda dele [*when they get a whuppin' on his ass one day*], e eu vou me divertir com o espetáculo. [Todos três rimos] Já te avisei, Louie, se você não prestar atenção – mas você é cabeça dura. [...]

Ei, o velho Page, droga, ele sempre está me dizendo o que eu devia ter, o que eu devia fazer, o que eu devia ser, e eu digo a ele: "Estou exatamente onde eu deveria estar – até aí [inaudível]." E ele me responde: "Você não foi tratado como devia, ir tirar o Ratliff da cama, como você fez, mas você nunca soube tratar ele como precisava ser tratado."

CURTIS: E se o Ratliff tivesse se cuidado por conta própria? Como o senhor ia controlar um cara que é adulto e vacinado?

DEEDEE: *Cara*, você sabe o que eu disse a ele? [Com um tom aborrecido] "Você não sabe de nada: você tem cara de babaca de verdade." [...]

Um Alfa Romeo vermelho-cheguei ultrapassa-nos a toda velocidade, cantando pneu. Muito ereto no seu banco, Curtis sai atrás dele e baba de admiração diante da máquina rutilante.

DEEDEE [virando-se para mim, que estou no banco de trás]: Quem fabrica isso, Louie?

LOUIE: É um carro italiano.

DEEDEE: Italiano, hum. Isso deve custar uma grana preta, hein?

LOUIE: É, principalmente aqui nos Estados Unidos.

DEEDEE [elevando a voz]: Estou me perguntando o que custa uma Mercedes Benz, em comparação – quer dizer, eu tinha um amigo que tinha cinco Mercedes Benz [quando ele trabalhava para um grande promotor japonês nas Filipinas]...

E lança-se com Curtis em um desses intermináveis papos rituais dos quais os dois compadres são useiros e vezeiros, a respeito das respectivas vantagens dos diversos tipos de automóveis... Excitado, Curtis aproxima-se do Alfa Romeo e buzina freneticamente. DeeDee abaixa o vidro para falar com o motorista.

DEEDEE [gritando acima dos ruídos dos motores]: Quanto custa esse carro? Quanto ele faz? [O motorista responde.] Uau, é bom... Voltamos à nossa marcha e passamos na frente do estádio municipal de Soldier's Field, diante do lago.

CURTIS: Trinta e cinco? Eu diria que é um pouco mais que isso. Esse calhambeque [o jipe Comanche] faz trinta e dois, ha-ha! E é um cadilaque.

LOUIE: Meu calhambeque custa 300 dólares. Quem dá mais?

Todos compartilhamos da pena pela carreira de Alphonso Ratliff, que não rendeu tudo o que ela prometera. O antigo meio-pesado de Woodlawn ganhou o título mundial WBC, em 1989, mas jamais recebeu altos cachês, e, depois desse breve momento de glória, tudo não passou de desgostos e de degringoladas. Em 1985, corroído pela droga, ele deixou-se demolir em dois *rounds*, em Las Vegas, por um jovem peso pesado que ascendia como uma flecha e carregava o nome de Mike Tyson. DeeDee tem uma ponta de nostalgia na voz e nos olhos: "Phonzo, quando estava no auge de sua forma, era uma enormidade." Alphonso tinha purgado seis anos de reclusão, por assalto a mão armada, em um campo de trabalho do Sul, onde ele desenvolvera sua musculatura já colossal e fortalecera sua determinação. De volta a Chicago, quan-

do saiu da prisão, inscreveu-se no Boys Club. Mas cinco meses mais tarde, DeeDee mandou ele embora do *gym*, depois que ele quebrou tudo nos vestiários, em uma crise de raiva, porque estava sendo regularmente vencido no ringue. O gigante de Woodlawn reconheceu sua culpa, pediu perdão, e o velho treinador tomou-o sob seus cuidados. A partir desse momento, Alphonso tornou-se indestrutível no ringue. Lutava como um possuído: "Nem bem levantava-se do córner e já começava a dar golpes, antes mesmo de cair sobre o adversário."

O que pensa DeeDee de Riddick Bowe, a nova coqueluche de Nova York, e que todos prevêem que vá ser o campeão do mundo em todas as categorias? "Faz muito tempo que eu não vejo ele. Parou com as drogas. Mas é um menino de um bairro pobre e violento [*project boy*]. Tem o couro duro. Talvez, se ele estiver decidido, vá se firmar dessa vez. Ele é parrudo, como muitos meninos da cidade. Mas são todos selvagens [*heathens*], sejam eles quem forem.(4) Veja só, você tem caras que encontram uma forma de escapulir de suas cidades, mas outros camaradas não conseguem sair: são muito selvagens, ficam todos concentrados no mesmo lugar, de tal modo que você tem só selvagens. E eles não saem nunca, porque não conhecem nada além daquilo, não sabem se comportar de outro jeito." A conversa vai para o combate entre Michael Carbajal e o campeão IBF tailandês Kittikasen, que passou na televisão ontem. Curtis está curioso para saber quanto era o cachê de Carbajal, quinze ou vinte mil dólares? DeeDee: "Você está de brincadeira?" "Trinta mil?" "Xii, você está numa cadeia nacional de televisão, no *prime time*, num domingo à tarde, o que é que você acha? Deve ter ganho, no mínimo, seis algarismos, cem ou cento e cinqüenta mil." Um outro mundo que, no entanto, parece estar muito próximo, ao alcance dos punhos...

Ao longo dos doze quilômetros que nos separam do centro da cidade, Curtis não pára de cuspir dentro de um saco de papel que ele segura com a mão esquerda, para perder o máximo de água, e, assim, fazer descer ainda mais seu peso, e faz isso tanto por hábito como por precaução. Eterno dilema do controle sobre o corpo.[2] Durante todo o trajeto, DeeDee e ele examinam intensamente as mulheres na rua e soltam uma profusão de comentários licenciosos. Como se, nas manhãs de combate, fosse de praxe dar uma expressão pública – e, portanto, inofensiva – de seus apetites até agora ocultados. Cada qual, por sua vez, faz apreciações circunstanciadas sobre as formas e os talentos amorosos que várias transeuntes supostamente têm. A mesma coisa depois da pesagem, após sairmos do Illinois State Building. Curtis percebe duas moças que estão se despedindo beijando-se na boca, e imediatamente chama a atenção do treinador: "Mas isso não é nada, meu velho! Conheço um montão de mulheres que se beijam assim." Curtis responde, com uma careta excitada: "Eu devia pedir a elas que me dessem uma beijoca dessas, *em mim*, só pra ver." DeeDee grita, de dentro do carro, para uma matrona negra no volante de uma caminhonete que exibe um logotipo "*Fish*": "Eu também sou um peixe [*pisces*]!" Ele teima em afirmar que uma outra, também gorducha, estava espiando para ele com um olhar de entendimento, da calçada. Os dois cúmplices dobram-se de tanto rir, trocando olhares de desafio, enquanto andávamos atrás de uma enorme negra com uma bunda gigantesca: "Você poderia tentar transar com ela, DeeDee, mas ela iria te amassar antes de você conseguir". "É claro que eu poderia fazer isso: eu ainda consigo..."

A pesagem no Illinois State Building

Estamos muito adiantados e paramos no estacionamento pago em Randolph Street, para ir a pé ao Illinois State Building. Destino: o nono andar pelo elevador de vidro que ultrapassa em altura o centro comercial. Curtis, espantosamente, está descontraído, o que difere radicalmente dos combates anteriores (de hábito, a espera de uma luta deixa-o sombrio, por vezes agressivo, e, nessas ocasiões, é melhor deixá-lo ruminando em seu canto). Damos de cara com o *cutman* Laury Myers, sentado em companhia do velho Herman Mill na sala de espera, do lado de fora do Office

(4) No vernáculo local, o termo "*heathen*" (literalmente, pagão, selvagem] designa um indivíduo tosco, sem educação nem modos, que se comporta violando as normas comuns da civilidade. Essa era uma palavra de uso corrente na academia de Woodlawn, onde podia ser invocada fosse sob a forma de acusação, fosse em um registro afetuoso – como se verá mais adiante, entre Curtis e DeeDee.

Professional Regulation (o organismo encarregado da supervisão das profissões liberais, e, portanto, também do boxe, por conta do Estado).(5)

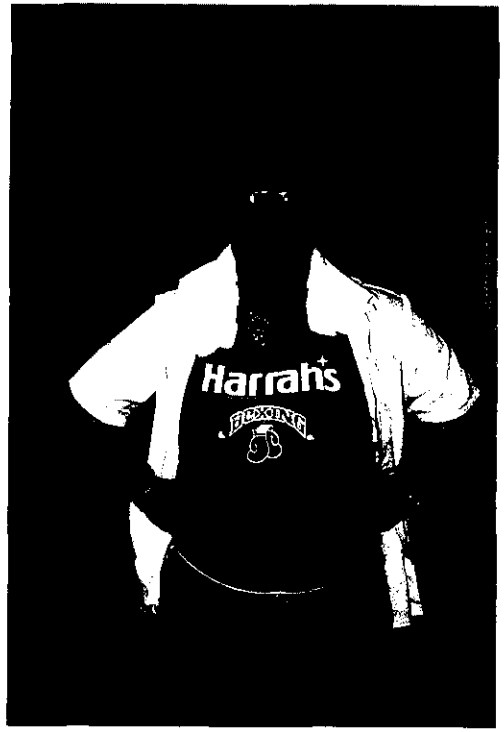
Mill é um o*ld timer* magro e grisalho que tem mais de duzentos combates na categoria de amadores e cento e cinqüenta combates profissionais em sua conta (com somente quatorze derrotas); ele lutou com o legendário campeão de peso-pluma Willy Peps, nos anos 40. Na época, dividia-se entre o boxe e o *tap dancing*: um dia, fazia um espetáculo de sapateado e, no dia seguinte, subia ao ringue. Assim, ele lutava diversos dias na semana, até três ou quatro noites consecutivas, em boates, cinemas, galpões de esporte, pulando de cidade em cidade, viajando de trem. Nada de tempo para treinar: a dança mantinha-o em forma para o boxe, e vice-versa. Ele havia aprendido a dançar desde os três anos de idade e a boxear aos seis, com seu pai, um músico que formava um dueto de violino e banjo com o irmão. "Eu nunca parei, somente meu fogo foi se extinguindo pouco a pouco..." Ele está terrivelmente caduco e conta-me várias vezes a mesma história – como enfrentara um boxeador com vinte quilos a mais que ele em um bar de Minnesota, com dez graus negativos, depois que a caldeira da sala pifou –, antes de terminar o relato tentando dar alguns alegres passos de sapateado. DeeDee e os outros nem ao menos fingem escutar: eles já ouviram essas histórias dezenas de vezes.

Laury está estirado na poltrona, com um ar moroso. Ele veio, como vem a cada pesagem, oferecer seus serviços de segundo para quem quiser. Sempre pronto a pôr as mãos à obra e com afinco. Entrego-lhe a foto que tirei dele durante a luta de Smithie em Atlantic City, no mês passado, o que faz com que ele fique subitamente alegre. Chama Curtis para um canto e exibe-lhe, orgulhoso, seu ignóbil colar de escudos montado com diamantes falsos que está preso a um pesado cordão de ouro, onde se lê "CUTMAN" em letras garrafais, e um outro, com as mesmas características, que ostenta a palavra "MACHO". E propõe ao boxeador de Woodlawn ceder-lhe o rutilante "MACHO" por um precinho camarada: "Sei que você adora ouro, Curtis, e eu quero vendê-lo, então, pensei em mostrar primeiro pra você. [Com um tom de confidência.] Vamos, eu deixo ele pra você por apenas 75 dólares, e isso fica entre a gente." Curtis examina o objeto barroco com interesse, vira-o e revira-o na palma da mão, antes de devolvê-lo para o proprietário com uma careta de tristeza: "É bacana, de verdade, mas não estou com grana nesse momento."

"O BOXE É MINHA VIDA, MINHA MULHER, MEU AMOR"

Há três longas décadas, Laury dá duro cinqüenta horas por semana como vendedor na mesma loja de móveis de um bairro popular, por um salário que lhe permite apenas fazer face às suas parcas necessidades. Aos 56 anos, divorciado, ele mora sozinho, sem contato com as três filhas e os treze filhos que teve com cinco mulheres diferentes. Saído de uma família judia vinda da Itália, seu avô era alfaiate e seu pai foi boxeador profissional e depois operário nos matadouros de Chicago (imortalizados por Upton Sinclair em *The Jungle*) até o fechamento deles, em 1951. Quando ainda pequeno, o pai levava-o para as reuniões que então aconteciam nos quatro cantos da cidade. Por devoção filial, Laury seguiu os rastros de seu pai no ringue e lutou entre os profissionais desde os 17 anos de idade, com uma determinação que só se igualava à sua inépcia: pesadão e desajeitado, ele sofreu 35 derrotas em 37 combates, entre os quais 17 acabaram antes do término: "Minha mãe costumava me dizer, quando eu voltava pra casa com a túnica e o calção que ela tinha feito para mim, ela me perguntava, 'Você lutou esta noite?', e eu dizia, 'Bem, lutei, mamãe, por quê?', e ela me dizia, 'Porque você está com as roupas tão limpas...' [Com uma vozinha triste.] E é interessante isso, porque a gente não falava nunca da vergonha que eu tinha.

(5) Não existe, nos Estados Unidos, organismo nacional responsável por administrar o boxe profissional. Cada estado está livre para regular (ou não) a profissão, de acordo com os princípios e as modalidades que lhe são próprios. Quarenta e quatro dos cinqüenta membros da União dispõem de uma "Comissão" encarregada dos negócios pugilísticos. A grande maioria é formada por organismos que não têm autoridade nem meios: colocadas sob a autoridade do Escritório dos Assuntos Veterinários ou dos Serviços de Proteção ao Consumidor, no início dos anos 90, elas nem mesmo dispõem de telefone ou de telecópia para verificar a identidade e as listas de lutas dos combatentes que licenciam. Isso explica porque os boxeadores são, de longe, os atletas profissionais menos protegidos do país. Como já provou uma Comissão de Inquérito do Senado, as irregularidades, os trambiques e as malversações são totalmente rotineiros.[3]



Laury Myers, *cutman*, em seu quarto de hotel em Atlantic City.

Meu pai, esse ficava muito mal de ver que eu não conseguia de jeito nenhum... Hoje, eu gostaria que ele estivesse vivo para ver meu sucesso e meu trabalho como *cutman* profissional. Isso ia dar a ele um bocado de força."

Dessa dolorosa experiência entre as cordas, Laury retirou uma admiração fascinada pelos pugilistas que ele secunda, mesmo quando não se trata de meros figurantes de preliminares: "A maior parte das pessoas, elas não sabem muita coisa sobre os boxeadores. Mas eles são seres humanos também. Eu acho que um homem que sobe ao ringue para combater é uma pessoa especial. Então, que seja tratado desse modo. E se ele cumpre o seu dever, se ele faz as coisas direitinho, que seja remunerado por isso." Ao final dos anos 70, ele tentou, por breve período, tornar-se empresário, mas sem muito sucesso. ("Eu parei depois de uns cinco ou seis meses, eu estava perdendo dinheiro, os dois boxeadores que eu tinha estavam me deixando louco.") Depois, por força de assistir às pesagens e de acompanhar os segundos, acabou aprendendo os rudimentos do ofício e entendeu de empregar-se como *cutman*. Esse novo papel permitiu que ele entrasse, enfim, nesse círculo mágico: "Não há nada que eu goste tanto quanto o boxe. Ele é a minha vida. É a minha mulher. É o meu amor. É tudo para mim. Tenho uma admiração tão grande pelo boxe, e depois você encontra um bando de pessoas formidáveis. E meu orgulho é ser um verdadeiro profissional: você nunca vai ouvir contar sobre mim histórias de como não sou um profissional."

A tarefa do segundo é velar para que seu boxeador não seja prejudicado por um eventual ferimento no rosto durante o combate. Para tanto, ele dispõe de cerca de quarenta segundos, durante o minuto de interrupção entre os *rounds*, para fechar um talho, cessar um sangramento no nariz, ou, ainda, para domar uma equimose que ameace obstruir a visão do combatente, caso ela inche. Seus instrumentos são rudimentares: ataduras, saco de gelo, um dedal de ferro, frascos de produtos coagulantes (avotina, adrenalina diluída a um milésimo), vaselina, e a aplicação precisa de pressão sobre as feridas.

Para ter meio de se empregar, Laury faz todas as pesagens da região, inteira-se das reuniões que irão acontecer e oferece seus serviços nos *gyms*. "Com o amor que tenho pelo boxe e com meus conhecimentos, trabalho com qualquer um: trabalharia com o King Kong, se ele precisasse de um segundo." Pode acontecer-lhe de trabalhar por uma remuneração puramente formal, dez dólares na mão, somente para se fazer conhecer e reconhecer ("Que as pessoas vejam o teu profissionalismo"). O essencial é permanecer em atividade. Depois que a grande publicação pugilística mensal *Ringside* publicou um elogioso perfil dele (e ele comprou quarenta exemplares no jornaleiro do seu bairro), Laury alimenta a esperança de ser chamado logo, logo para um grande combate mediático, por ocasião dos quais chegam a caber aos segundos até 2% do cachê dos boxeadores.

O segundo bigodudo lê religiosamente, todos os meses, as revistas de boxe ("Eu tenho todas as revistas que saem"). Ele assiste avidamente a todos os combates que pode, na televisão ou em vídeo, e comparece a todas as reuniões na grande Chicago. "Pela TV, eu faço muitas críticas a vários assistentes de córner. É preciso conservar a calma, não esquentar a cabeça. Precisa saber o que você está fazendo. Se você fica nervoso ou excitado, você projeta isso no boxeador e, de repente, teu pugilista está excitado e nervoso. Enquanto se você fala a ele com calma e dá bons

conselhos, ele vai executar a estratégia que você fixou para ele. Meu bom Jesus! É preciso ser pro-fis-sio-nal." Segundo sua experiência, em um bom terço dos combates acontece um corte no rosto que necessita da intervenção do *cutman*, e cerca de um em vinte demandam um atendimento mais sério. Seu orgulho: em treze anos de atividade, nenhum dos boxeadores de quem ele cuidou perdeu uma luta por causa de um ferimento.

"O que eu gosto mais na vida? Vai parecer ridículo: fazer o meu serviço. Cada combate é excitante para mim, seja uma lutinha, uma grande luta ou uma luta entre iniciantes. Cada oportunidade que eu tenho de estar no córner ou no ringue, para mim, é o meu serviço, é o meu prazer. De estar ali com alguém que eu conheça ou não, todos os combates são excitantes para mim. Eu posso trabalhar todos os dias da semana. Eu adoro isso. É a minha vida. Eu só penso no boxe e nas lindas *card girls*."

A alguns metros dali, discretamente sentado do outro lado do sofá, um pequeno branco espadaúdo, louro, com corte de cabelo raso, um rosto burilado de traços selvagens, vestido com uma camiseta cinzenta e um capote verde gasto. Adivinho que é Hannah, o adversário de Curtis. Ele veio pesar-se sozinho – o único assistente de córner que figura na lista do programa da reunião é seu próprio pai, o que me faz gelar internamente. DeeDee fica impaciente e decide matar o tempo indo buscar um café. "Onde é que você vai?", grunhe Curtis. "Espera eu me pesar, *man*, depois a gente vai beber um café e comer juntos." Mas o velho técnico está com muita fome. De repente, Curtis desaparece mais uma vez nos toaletes.

Às onze horas em ponto, os oficiais fazem sua entrada e a sala de pesagem, um grande retângulo com ar-condicionado e atapetado de cinza, começa a encher-se pouco a pouco: o *matchmaker* Jack Cowen, que montou a programação desta noite; Doc Bynum, o médico habilitado pela Comissão para atestar o estado de saúde dos combatentes; as três secretárias, duas louras desbotadas e uma ruiva bonita, que expedem a papelada (licenças dos boxeadores e dos segundos, atestados médicos, recibos de responsabilidade, cauções de cachês etc.); o árbitro Sean Curtin; o *Comissário* e seu bigode grisalho; os velhos técnicos locais, que gritam entre eles; e outros freqüentadores das manhãs de reunião. Discuto um pouco com Sean Curtin, que me conhece por ter arbitrado minha luta na noite das Golden Gloves. Quando me espanto com o fato de que James "*Jazzy*" Flowers seja campeão meio-pesado do estado, com um desprezível cartel de quatro vitórias por duas derrotas, ele suspira: "Mas o que é que você quer, os caras estão ficando de tal forma raros... Ele não tinha oponentes, é por isso." A penúria de combatentes é tão acentuada que logo será suficiente tornar-se profissional para se ver catapultado automaticamente a campeão do estado! Curtin opina sobre o tema, com um ar chateado, e torce sua cabeça de irlandês: "Você tem poucos caras que vêm agora para o boxe, muito poucos. [Assobia, com um jeito despeitado.] É incrível como a coisa declinou! Os pais não querem que os filhos façam boxe. Humm, fiuuu... [Ele assobia de novo para acentuar sua decepção.] E você tem menos atividades, menos combates, também não tem mais publicidade. No meu tempo, quando eu era boxeador, toda vez que eu combatia, tinha um anúncio no *Chicago Tribune* [o principal jornal da metrópole] para qualquer um. O *Tribune* era patrocinador das Golden Gloves. Todos os camaradas que lutavam nas Golden Gloves tinham o nome escrito no jornal. Eles punham a tua foto. Eu lutei pelo título de campeão das Golden Gloves, e minha foto pintou na *primeira página* da edição dominical. Você tinha publicidade de monte, e quando você é novo, ter seu nome no jornal estimula, você adora isso. Eles não fazem mais isso – hoje em dia, as pessoas na rua, ninguém sabe quem é campeão das Golden Gloves".

Enquanto isso, Jack se agita perto da secretária da Comissão, para se assegurar de que ela vai realmente remeter os resultados oficiais das lutas a todos os interessados, organizadores, treinadores e comissões dos estados vizinhos. "Na última reunião, em Park West, Leon Sushay, por uma razão que eu ignoro, não recebeu a cópia dele. Você pode mandar outra?" Depois, ele faz sinal a DeeDee, indicando que Jim Strickland, farmacêutico, treinador e empresário nas horas vagas, concorda em atuar como segundo no córner de Curtis, esta noite, uma vez que Ed Woods, seu *cutman* habitual, não estará lá – não conseguiu liberar-se do emprego para vir de carro de Indianápolis, onde ele foi morar recentemente. Jack, então, tratou de acrescentar o nome de

Stirckland à lista das pessoas autorizadas a entrar de graça esta noite no Studio 104.

Curtis aproxima-se de Cowen, envergonhado, e avisa-lhe que Lorenzo está com os sete bilhetes que deveria vender por ele: por conseguinte, ele não tem o dinheiro que devia entregar a Cowen esta manhã. Jack responde com uma brincadeira de mau gosto: "*Call the police*". Meio aliviado, Curtis vai sentar-se no fundo da sala, enquanto DeeDee entrega a Cowen a soma correspondente à venda dos lugares que estavam sob a responsabilidade de seu pupilo. O *matchmaker* conta meticulosamente as notas, empilhando-as sobre a mesa, que fica longe do canto da pesagem propriamente dita – o que ocorre sem a menor cerimônia. Rapidamente, ele faz as suas contas numa folha de papel, multiplicando o número de notas pelo seu valor impresso. Total?... Surpresa! Faltam 300 dólares, o equivalente a quinze lugares. Ataque de pânico. DeeDee faz uma careta, Jack rapidamente faz a recontagem: é isso aí. Faltam 300 dólares. E, no entanto, Curtis tinha certeza de que o dinheiro estava certo. De repente, o rosto de DeeDee desanuvia. O enigma está resolvido: são os bilhetes que foram confiados a Jeb Garney, o empresário de Curtis. Jack suspira de alívio: "Ah! Está certo, então estamos de acordo." Ele conta quinhentos dólares, que estende a DeeDee: "Toma aí 500 para o Curtis, vamos acertar logo, logo. Mais tarde, quando a gente voltar, vamos ver qual é a comissão do Curtis."[6] O que fazer com os nove ingressos que ainda cabiam a Curtis? Jack encarrega DeeDee de guardá-los, nunca se sabe, talvez ele tenha condições de passá-los de agora até de noite... Informam-nos que Jeb Garney não irá comparecer à pesagem; ele irá encontrar-se com DeeDee e

(6) O fato de dar o cachê do boxeador adiantado para o treinador, e na frente de todo mundo, é triplamente insólito: em regra geral, os pagamentos, no universo pugilístico, efetuam-se apenas depois da performance, a portas fechadas e entre organizador e empresário. Pode-se ver aí um indício do fato de que essa reunião fora montada muito de última hora, com uma colaboração estreita entre Jack Cowen e o Woodlawn Boys Club, de modo a manter Curtis atento, na eventualidade de surgir uma luta mais bem remunerada em Atlantic City – por duas vezes, durante o mês anterior, Curtis deixara de ser chamado como adversário de um boxeador classificado mundialmente, para um encontro em um cassino, e que seria televisionado.

Curtis, às duas horas em ponto, no Daley's, o restaurante vizinho à academia, para o tradicional almoço antes da luta. Tudo indica que essa é uma cartada sem muito valor, um combate de rotina para a estrela do Woodlawn Boys Club:

DeeDee e Curtis, portanto, arrecadaram 1.120 dólares com os ingressos, o que representa uma bela soma. Jack anotou em um papel o número de lugares correspondentes a cada boxeador nas vendas por "comissão". Curtis Strong, 70; Keith Rush, 20; Windy City, 150 (sala rival de West Side, da qual dois membros estão programados para esta noite); e dois nomes que não reconheço, com 50 e 20 lugares, respectivamente. Um total de 310 ingressos na conta dos pugilistas e seus acompanhantes, ou seja, 6.200 dólares garantidos – o que deveria cobrir facilmente a metade dos custos de organização da reunião. Isso supondo-se que todos os boxeadores do programa atinjam suas quotas-partes, o que daria uma quantia espantosa.[7]

Vêm avisar a Cowen que o moço que deveria buscar os dois boxeadores de Milwaukee, e que chegarão de ônibus na estação da Greyhound dentro de dez minutos, não pôde ir: ficou engarrafado.[8] A contragosto, Jack decide mandar à estação Kitchen, um bebum crônico, habitual freqüentador dos *gyms* e das reuniões, onde ele oferece seus serviços de fotógrafo amador. Com um tom falsamente formal e abertamente paternalista, Jack dirige-se a ele, que, como sempre, está zanzando por ali, à espera de uma ocasião para descolar alguns dólares.

> Jack: Bom, eu vou mandar Kitchen – não vejo outra saída. Vou dar a ele um pouco de grana e colocá-lo dentro de um táxi, se estiver careta [*sober*]!... [Dirige-se a Kitchen, que perambula com

(7) De fato, eu iria saber, em seguida, que o total das entradas pagas nessa reunião chegou somente a 178 (das quais 104 ingressos vendidos por Curtis e sua roda) e que o empresário de Curtis teve de pagar de seu bolso o cachê do adversário, de modo a assegurar para seu boxeador a cabeça da programação e, assim, "dar trabalho a ele".

(8) A frota de ônibus Greyhound, que liga as principais cidades do país, é o meio de transporte de longa distância dos pobres, nos Estados Unidos. Ela é usada sobretudo pelas famílias do (sub)proletariado negro e latino que não possuem carro e não têm a menor condição de viajar de avião.

ar abobado, e puxa-o com autoridade pelo ombro.] Senhooor Kitchen, queira vir até aqui. O senhor está a ponto de encontrar a grande oportunidade de sua vida, ah, ah, ah...

KITCHEN [humildemente]: Alguém está me chamando?

JACK [condescendente]: Eu. O senhor já bebeu hoje?

KITCHEN [sacode vagarosamente a cabeça]: Eu? Não.

JACK: Você está em forma?

KITCHEN [com deferência]: Sim, senhor [*Yessir*].

JACK: Tudo bem! Então, aqui estão dez dólares. O senhor vai me pegar um táxi agora mesmo, para ir até a estação de ônibus da Greyhound, onde o senhor vai se encontrar com uma pessoa chamada Sherman Dixon. Ele deve ter chegado há cerca de cinco minutos.

KITCHEN: Está bem. Como é o nome dele?

JACK: Sherman Dixon, um carinha encorpado. Um carinha negro encorpado, com uma cara redonda. O outro menino se chama Zeb qualquer coisa, é... Eles são peso meio-pesado, os dois, e devem estar juntos.

Kitchen não sabe onde fica a nova estação da Greyhound, que se mudou do centro da cidade, e Cowen teve de rabiscar o endereço, com seus garranchos de canhoto, em um pedaço de papel – não se pode contar de jeito algum com os motoristas de táxi, porque, muitas vezes, eles são recém-imigrados que não conhecem a cidade. Em seguida, ele descreve-lhe minuciosamente o aspecto físico dos dois pugilistas de Milwaukee. (Por um instante, ele tenta convencer-me de ir no lugar de Kitchen, mas nem pensar: não quero perder a pesagem.)

Um porto-riquenho bigodudo (mais tarde, eu saberia que se trata de Ishmaël, um peso médio de Aurora que está debutando entre os profissionais) vem choramingar para Cowen, tentando que ele o inclua no programa. Despencou-se de seu subúrbio distante, na esperança de que Anthony também estivesse lá e que Jack os pusesse no cartaz desta noite. Mas a presença de Anthony só estava mesmo prevista para uma eventual substituição de última hora. Ishmaël faz uma cara catastrófica: "*Man*, eu treinei pra burro, estava com pressa pra lutar. Eu conheço o Anthony, a gente luta junto: é um desafio, *man*! Eu quero um desafio. Pra mim, saca só, é o supra-sumo do desafio. (Oh, droga, como eu ia adorar lutar!)" Mais do que um desafio, é de dinheiro que ele precisa... e deve ser uma necessidade premente para que ele tenha feito sessenta quilômetros na improvável esperança de lutar sem qualquer preparação. Jack não perde a oportunidade: em vez disso, ele propõe uma luta em Cleveland, no fim do mês que vem. Ele garante a Avandano, o treinador de Ishmaël, que está todo ouvidos, que essa luta vai ser vantajosa para ele: seu adversário será um novato que já conta com três derrotas e um empate, e só tem duas vitórias ("O tipo é evidentemente vencível"). Avandano relata a informação a Ishmaël com muitas sacudidas de cabeça. O jovem porto-riquenho parece ficar muito aborrecido, mas, por falta de alternativa, acaba por aceitar esse combate "no exterior" – é assim que Cowen desloca sua mercadoria de um mercado para outro, de forma a preencher os programas dos quais ele se encarrega pelo Midwest.

Um jovem fracote com a pele de cor amarelada, os cabelos finos encaracolados em volta de um rosto anguloso, vem, por sua vez, pedir a Jack que lhe marque uma luta. O *matchmaker* afasta-o sem poupar o sarcasmo: "Você nem sabe mais onde fica o salão de treinamento, anda, se manda." Diante da insistência lastimosa do suplicante ("Eu te imploro, me dá somente uma chancezinha, só uma, e eu vou te mostrar como sei lutar"), Jack aceita usá-lo para fazer propaganda, distribuição das luvas e outras tarefas subalternas. Fico perguntando-me em troca de que salário de fome... Tão miserável, certamente, como o da assistência que comparece à pesagem: duas dúzias de pessoas, contando com os funcionários da Comissão. DeeDee adora contar como, nas décadas após a guerra, a sala regurgitava de boxeadores atraídos pela perspectiva de serem recrutados de última hora: "Você sempre tinha cinqüenta, sessenta camaradas que ficavam esperando, dizendo que talvez um sujeito não aparecesse, ou alguém torceu uma articulação, ou que o médico não ia autorizar que ele lutasse, porque estava com um corte mal fechado, e, assim, iam precisar de um substituto. É, a sala ficava cheia, até nos anos 60." Além disso, os boxeadores de antigamente eram muito mais duros: "Êê, todo mundo sabia lutar, naquele tempo. Quer dizer, eles sabiam lutar pra valer. Os camaradas de agora não teriam a menor chance contra eles."

Enquanto isso, a pesagem continua. Little Keith, James Flowers e Danny Nieves passaram pela balança e voltaram a se sentar, calados, os semblantes fechados. A secretária da Comissão fala com uma voz fininha: "Não tem lutadores que estejam no programa e que ainda não passaram por aqui?" Chamam: "Curtis Strong!" Ele atravessa a pequena tropa, retira a jardineira e sobe na engenhoca sem maiores brincadeiras, vestido em sua bermuda branca. Expira. Exatamente 133 libras. Inspira. Nada de poses espetaculares nem de declarações intempestivas dirigidas ao adversário, que permanece quieto em seu canto, depois de ter pesado 129,7 libras. Está dentro do intervalo combinado de antemão pelas duas partes. Portanto, tudo em ordem. Os boxeadores vêm, um a um, assinar seu contrato, à medida que Cowen os chama – é na própria manhã do combate que se rubricam os contratos, o que permite trocar o pessoal do programa até o último instante, em caso de necessidade, ou modificar a margem de peso de dois combatentes, caso um dos dois não tenha respeitado o limite.(9)

A Curtis, caberão 500 dólares pelo seu desempenho, enquanto Little Keith assina um contrato de apenas 200 dólares – é o pagamento que, no outro dia, ele me dizia achar "justo": 50 dólares por *round*, ou seja, a tarifa em vigor há anos. Espio por cima do ombro de Jeff Hannah que ele vai receber um cachê de 600 dólares. Foi preciso remunerá-lo melhor que a seu adversário, para convencê-lo a vir se bater em Chicago. É que se tornou difícil encontrar adversários para Curtis, desde que ele começou a lutar em dez assaltos (e encabeçando o programa): há poucos boxeadores nesse nível, todos, além do mais, limitam-se a combater em seus locais de domicílio e evitam os "clientes sérios", para não correrem o risco de interromper seus cartéis de vitórias.

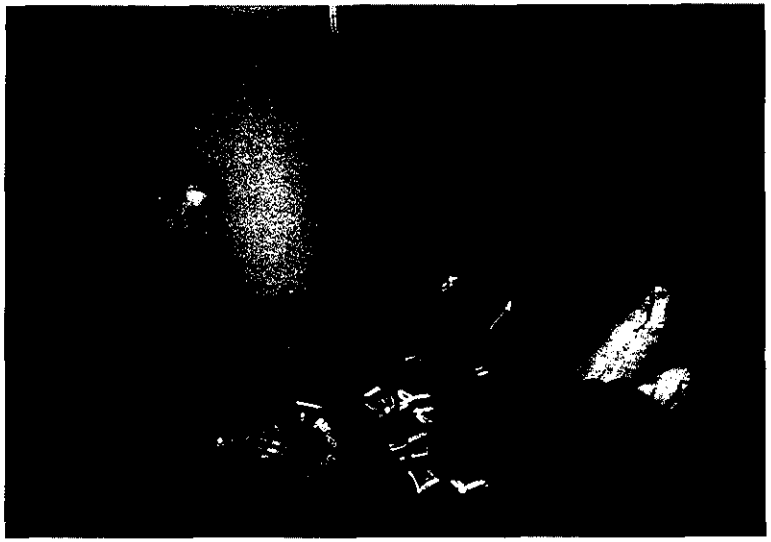
(9) Se não há um substituto de última hora, um pugilista pode exigir do organizador da reunião que ele aumente ligeiramente seu cachê, para enfrentar um adversário com um sobrepeso notável – excedente de grana que será garfado da remuneração do combatente que está com peso a mais. Um organizador pode modificar livremente o programa de combatentes até o último minuto, sem qualquer obrigação de reembolso. Assim, é comum que um ou vários pugilistas, cujos nomes figurem nos cartazes que anunciam a noitada (muitas vezes, com uma ortografia um tanto duvidosa), não estejam efetivamente no programa.



Curtis e DeeDee esperam a pesagem, sentados com Cliff e Eddie (em segundo plano).

Curtis e DeeDee vão sentar-se no fundo da sala, perto de Eddie, que se senta na fileira atrás deles. Depois, Curtis levanta-se para ir apresentar-se a Jeff Hannah, que espera, sozinho, com os ombros encostados na parede, do outro lado da sala. Ele aperta a mão do seu adversário desta noite e conversa com ele um pouco, com um tom amigável – de longe, pode-se julgar que são dois amigos que se encontraram e que estão à vontade. Curtis dá tapinhas no peito de Hannah, brincando. (Assinalemos de passagem o mito mediático segundo o qual os boxeadores devem ter "ódio" de seu rival para lutar bem, mito que tem o dom de irritar DeeDee, porque comprova a ignorância que o público tem da *Sweet Science*.)

Aproveito o interregno para dar a Jack a conta que o dentista de Ashante mandou para ele, cobrando o pagamento imediato do tratamento feito no maxilar do pugilista, que foi quebrado durante uma luta em Cleveland, em fevereiro passado, e que o promotor de Cleveland ainda não acertou. Jack finge estar surpreso de que seu grande amigo Larry ainda não tenha liqüidado essa conta. Quando DeeDee toma conhecimento, fica bem chateado: "*Man*, você não vai dar importância, isso aí não é nada. Contas como essa você deixa pra lá, não paga e ponto final." Eddie finge um ar descontraído, mas eu sei que ele está tenso como um arco, porque Keith luta hoje à noite.



Jack Cowen e seu assistente escolhem
as luvas para o combate da noite.

"Você nunca pode subestimar um boxeador"

Eddie, depois de uma reunião no International Amphitheater

Louie: Você fica nervoso quando teus boxistas sobem no ringue, por exemplo, quando Lorenzo ou Keith sobem no ringue?

Eddie: Com todos eles. Todos, sejam quantos forem. Não faz a menor diferença quem seja. Com todos eles. É um mal-estar que me dá nas tripas por todos os meus meninos, *man*. Tá entendendo? Você tem sempre um certo cagaço – não interessa quem é. Mesmo com o boxeador mais forte do mundo.

Louie: Você fica nervoso quando? Nos dias que antecedem, quando vocês treinam para o combate ou só no dia do combate?

Eddie: Exatamente quando chega a hora do combate. Antes, eu fico *relax*. Eu só quero que as coisas estejam bem, é só.

Louie: E você fica tenso quando?

Eddie: Às vezes, na pesagem. Isso depende. Às vezes, na noite do combate. Porque não existe luta fácil. Pelo menos, pra mim. Porque eu vi caras que o pessoal fazia vir como "valorizadores", e eles mandavam ver. Eu vi "aventureiros" [*journeyman*] pôr a nocaute postulantes a títulos [*top contender*]. Olha só, quando Larry Holmes [o campeão do mundo de pesos pesados] combateu Mike Weaver, Mike Weaver tinha nove derrotas, mas mandou Larry Holmes à lona três vezes, e quando Larry Holmes também mandou ele à lona, ele se levantou logo. E Holmes mal conseguia disparar suas combinações de golpes [ele imita as combinações em câmera lenta, simulando cansaço], e o árbitro parou a luta. Porque ele estava com medo de que Weaver tocasse Holmes de novo e fizesse realmente um arraso. Então, isso te mostra, tá entendendo, que você nunca pode subestimar um boxeador, em nenhum momento, em nenhum lugar. E é isso que eu digo aos caras, eu digo a eles, "mesmo que o teu adversário pareça fácil pra você, mesmo assim é preciso que você esteja bem preparado e atento", porque isso faz parte do boxe.

Louie: Porque, a cada vez que você sobe no ringue, você não sabe o que pode acontecer...

Eddie: É isso aí, é isso aí, é por isso que eu digo a eles, que eu insisto com eles o tempo todo: preparação, pre-pa-ra-ção.

Louie: Durante o combate, quando o adversário mete Lorenzo ou Keith em dificuldades, você fica ainda mais tenso?

Eddie: Não, bom, porque uma vez que eles estão no ringue, sei que estão preparados pra isso. Porque, conforme o jeito que eles fizeram no *sparring*, eles aprenderam a se sair dessas situações na academia. Porque quando você faz *sparring* com Curtis, quando ele faz com Lorenzo ou Keith, eles vão ter que dar duro, porque é assim que eles trabalham. Você vê, é por isso que tem tantos camaradas de outras academias que vêm pra nossa e que fazem *sparring* aqui. Porque eles sabem que se você pratica no Woodlawn, vai ter um *sparring* duro de verdade. Porque é assim que nós trabalhamos.

Voltamos para Woodlawn. DeeDee, Curtis, Eddie, Little Keith e eu. No ano passado, Curtis lutou com o "vagabundo" de Milwaukee, com quem Keith deve se bater hoje à noite. No elevador, Curtis dá uma força para seu companheiro de academia: "Não é um cara imbatível. Se você puser pressão sobre ele, ele vai cair, você não vai ter problema. Eu pus ele a nocaute no terceiro assalto, de modo que não sei dizer pra você se ele consegue se manter a distância." De todo modo, é uma luta apenas em quatro *rounds*...

Ao sair do Illinois Center, chamo a atenção de DeeDee para a exposição de arte, no *hall* de entrada. Será que ele ia gostar de ter na sua sala esse tipo de quadro abstrato azulado, com relevo granulado, que está exposto bem na entrada? "*Man*, não sei nem

mesmo te dizer o que é esse treco, Louie." Em compensação, ele conhece as mulheres, e Curtis também. Na rua, as piadinhas e as olhadelas maliciosas recomeçam com freqüência cada vez maior. Enquanto o empregado da garagem desce o carro do estacionamento, Curtis rói uma barra de amendoim com chocolate e esboça alguns passos de boxe no pequeno quartinho de concreto em que aguardamos. Aproxima-se um cara, dizendo que o reconheceu: "Eu vi o senhor na televisão, o senhor é lutador de boxe, não é?" Ele aperta a mão de Curtis e saúda DeeDee com ênfase, visivelmente impressionado de estar na presença de praticantes da Nobre Arte. No carro, discussão sobre boxe, sobre as lutas de ontem na televisão e sobre os respectivos adversários de Keith e de Curtis hoje à noite.

Uma tarde de ansiedade

De volta à rua 63, damos de cara com um velho caquético vestido espalhafatosamente com uma fantasia de carnaval inaudita, polainas brancas, colarinho e dragonas vermelhas, usando um chapéu extravagante que ostenta hélices espetadas com dezenas de bandeirinhas dos Estados Unidos. Ele, sozinho, é uma verdadeira feira humana ambulante! DeeDee e Eddie ficam surpresos, porque eu não o conheço – é um tipo do bairro – e sugerem que eu vá tirar uma foto dele, pois o cara adora isso. Pergunto ao velho treinador se o camarada é louco: "Se eu usasse um chapéu desses e ficasse andando pela rua, o que é que você ia achar?" Curtis vai ligar de novo para Lorenzo, para tentar saber o que aconteceu com os ingressos. "Se você quer a minha opinião, eu te digo que não se pode contar com Lorenzo. Ele não é confiável. Agora você já está sabendo."

Curtis e DeeDee ainda devem esperar mais umas duas horas, antes de ir almoçar no Daley's com Jeb Garney, que marcou um encontro com eles no restaurante. A hora do almoço é calculada em função da hora da luta, ou seja, cinco horas antes do combate, de tal modo que o boxeador já tenha feito a digestão, mas ainda conserve as calorias de sua última refeição. DeeDee não está com a menor vontade de esperar esse tempo todo – ele sempre fica com um humor massacrante à medida que as lutas aproximam-

se. Combinamos, então, que iremos nos encontrar para sairmos do *gym* juntos, às cinco e meia. Sherry, a mulher de Curtis, não vai à reunião, por causa da gravidez avançada, e Curtis também não irá carregar o pessoal da sua família, segundo ordem expressa de DeeDee. Os três iremos de jipe.

Levo Eddie em sua casa, na rua 55. Enquanto rodamos na Cottage Grove Avenue, ele observa: "Os jovens, nesse bairro, não têm muita opção: ou seja, ou você cai na droga, ou você pára na cadeia. [...] Você viu o blecaute no West Side?" Há três dias, um setor do gueto oeste da cidade está sem eletricidade, em conseqüência de uma pane na estação de distribuição.

LOUIE: É, eu ouvi falar nisso.

EDDIE: Bom, a maioria das lojas foi pilhada. A maior parte delas era de comerciantes árabes.[10] E eles tinham relações tão ruins com as pessoas do bairro que foram tungados.

LOUIE: E por que eles têm essas péssimas relações?

EDDIE: Bom, você sabe, os árabes não respeitam os negros, porque a maioria deles – você sabe, como eu já disse pra você, estamos num bairro urbano, em que a maioria das pessoas são bebuns, e então eles se comportam como idiotas, aí é por isso que eles não respeitam. Não existe tanto entendimento assim entre as pessoas.

LOUIE: Ah, sei, você acha que a culpa é mais dos negros do bairro do que...

EDDIE: É – a culpa é igual dos dois lados...

LOUIE: Árabes ou coreanos?

EDDIE: A culpa é dos dois. Pra começar, você já tem botecos em todas as esquinas, então, você sabe, é isso também. É culpa de um bocado de coisas.

LOUIE: Por que tem tantos botecos nesses bairros?

---

(10) A vasta maioria das lojas do gueto negro é mantida por microempresários com origem no Oriente Médio (libaneses, sírios, palestinos) e da Ásia (coreanos e chineses) que usam mão-de-obra familiar; suas normas culturais, em matéria de relações pessoais, estabelecem a distância e a reserva. Disso decorrem tensões vivazes com os moradores, que vêem os comerciantes como intrusos que, além de "dragar" o dinheiro da comunidade afro-americana sem qualquer retorno, tratam-na com frieza e até com desprezo.[4]



"Se eu usasse um chapéu desses, Louie, você ia achar o quê?"

EDDIE: Porque eles sabem muito bem [com um tom sombrio] que quando as pessoas são oprimidas, quando não têm emprego, elas vão dar um rolê e passar o tempo bebendo. A única diferença entre um boteco e uma *crack house*(11) é que o boteco é legalizado. Ele é autorizado pelo Estado, é por isso, fora isso, você não tem a menor diferença. Porque o mesmo tipo de nego que você encontra dando bobeira na *crack house*, na frente da *crack house*, você encontra na frente de qualquer boteco – não tem grande diferença. [...]

LOUIE: E você já deve ter visto montes e montes dessas coisas?

EDDIE: É, é, a gente acaba se habituando, é a rotina...

LOUIE: E você não fica chateado, quando você está andando por aí...

EDDIE: Não, pra falar a verdade, não. Só nas vezes que eu vou ao centro da cidade. Não sou o tipo de pessoa pra andar no centro da cidade. Porque todo mundo está o tempo todo com pressa, correndo.

(11) Uma *crack house* é um estabelecimento (freqüentemente uma construção abandonada) em que se pode comprar e consumir, ali mesmo, nas "galerias" reservadas para isso, a cocaína, vendida sob a forma de "pedra".[5]

De volta à minha casa, tento aproveitar o intervalo para fazer minhas anotações, mas estou de tal modo cansado pela noite de ontem e ansioso com as lutas iminentes que não consigo continuar. Ashante chega ao apê perto das cinco horas. Hoje foi treinar mais cedo, porque sabia que o *gym* vai fechar logo, por causa das lutas. Fez um bom treino, mas que o deixou um pouco arriado – ele está com dificuldades de se recuperar depois da interrupção de três meses, por causa da fratura feia no maxilar. Ontem, ele foi ver os jogos de basquete do torneio "3 contra 3", patrocinado pela cerveja Budweiser, no Grand Park, à beira do lago Michigan. Ashante acompanha-me em um giro de carro até o Yancee Boys Club, na Wabash Avenue, para levar a carta para a Soft Sheen Foundation (um pedido de financiamento para uma viagem de intercâmbio que estou tentando organizar junto com o clube de boxe de Vitry-sur-Seine).[6] Ao chegar a esse bairro ainda mais arruinado que Woodlawn, Ashante grita: "Oh, *boy*, minha antiga escola, meu bom e velho colégio!" Estamos diante do estabelecimento onde ele seguiu seus estudos, antes de abandoná-los, no ginásio, e ele está emocionado por lembrar-se desses momentos, porque é a primeira vez que volta a essa área do South Side desde a adolescência. O colégio é uma construção maciça, de tijolos, com o porte de um quartel, cercado de terrenos baldios e à sombra de dois grandes prédios de moradias populares, cujas paredes estão cobertas de pichações e cujas janelas do térreo são gradeadas.

ASHANTE: Não mudou nada, só que está tudo mais estragado, é claro... As pessoas mudaram, não são as mesmas pessoas. As gangues também mudaram. Há dez anos, não tinha tantas chacinas como agora. Saca só, antes, quando dois moleques da gangue queriam brigar, você deixava eles brigarem, mas era um contra um. Mas agora não é a mesma coisa: se você quer brigar comigo, eu vou procurar meu berro e descarrego ele em você, morou? E quando você tem um berro, ele é a primeira coisa em que você pensa – nada de fazer acordos de paz e deixar os dois moleques brigarem e resolverem seus problemas como homens de verdade. Hoje, a coisa mete medo, porque os caras, eles não têm [elevando a voz bruscamente], quer dizer, eles não dão o menor valor à vida, a vida não vale nada pra eles. Pode ser mulher, bebê, menino...

LOUIE: E não era assim, na época em que você fazia parte da gangue?

ASHANTE: Não, você tinha principalmente brigas de soco, na minha época. Agora, os moleques se matam a tiro por nada, agora eles apagam três ou quatro garotos num *drive-by shooting* – porra, claro que não era assim.

LOUIE: Antes não havia *drive-by shootings*?

ASHANTE [pausa para pensar]: Tinha, tinha, mas não como agora. Não tantos como agora.

LOUIE: E o tráfico de drogas, é verdade que ele está totalmente fora do controle?

ASHANTE: A droga, a droga... é uma encrenca [*it's a mess*]. É pior. Porra, a droga não era nada, comparada com o que é agora. Saca só, antes, tinha alguns caras que estavam no tráfico, enquanto agora, shit! Meu menino [o filho dele, de cinco anos], ele pode encontrar as drogas que ele quiser, se quiser. É pior, é pior, é mais grave do que nunca foi, por causa do governo e da CIA.(12)

O que aconteceu com os jovens do bairro com quem ele andava na época? "A maioria está *drogada, morta ou na cadeia...*" Definitivamente, não se sai desse tríptico macabro, porque a resposta é mais ou menos a mesma dada por todos os boxistas negros que interroguei a esse respeito (mas não a de seus colegas brancos, para os quais ter um trabalho operário estável é o destino modal). Em seguida, passamos na Coop, onde compro frutas e filme para tirar fotos das lutas, antes de voltar para casa.

O DESTINO MACABRO DOS COMPANHEIROS DE INFÂNCIA

LORENZO: A maioria está em cana ou então morta e enterrada, quer saber, outros ainda estão na rua, dando bobeira, ou melhor, a maioria daqueles que eram realmente meus amigos, neste momento, está em cana – tem os que se dão bem, outros, não. É uma coisa ou outra.

LOUIE: Você podia ter sido um daqueles que foi parar em cana?

LORENZO: Eu poderia, claro, bem que poderia.

LOUIE: O que impediu que isso acontecesse?

LORENZO: Eu não sei, não tenho cabeça pra isso, somente fui por um outro caminho.

TONY: Bom, agora tem caras que trabalham, tem os caras que estão drogados, os que vendem drogas, e tem os que casaram e ralam, mas tentam sobreviver – a mesma coisa comigo, você rala e tenta sobreviver.

ANTHONY: Eles só fazem merda – alguns estão foragidos, com a polícia no calcanhar, a maior parte se dá bem, mas com as drogas. E outros se viram bem direitinho, têm um emprego, mas, mesmo assim, eles passam droga.

LOUIE: Por que agora tem tantos caras que estão no tráfico?

ANTHONY: Todos eles querem – não, não é só o dinheiro fácil [*the quick money*], não é isso, eles querem, eles querem viver no sonho, sacou? [Com um tom calmo] Eles fazem um filme deles, é tudo o que eles querem: estar dentro desse filme.

CURTIS: Quando eu cheguei numa idade mais madura, e tudo isso, minha mãe falou pra mim, acho que foi quando eu tinha 14 ou 15 anos, ela me disse que ia vir um tempo em que você vai ver uma porrada de amigos seus, alguns deles vão morrer, outros vão parar na cadeia. E, como o previsto, eu vi isso acontecer, um monte deles, cerca da metade – bom, talvez não a metade, isso seria uma certa forçação de barra, mas uma boa parte dos meus amigos morreu, porque andava com as gangues [*gang banging*], ou um montão que vende drogas, tenho um bocado de amigos que só faz isso, só vende drogas, [sua voz eleva-se de indignação], eles passam drogas, vendem cocaína só pra comprar outro tipo de droga, ê – eles chamam essa coisa de Karachi, eu acho, é um *downer* [depressivo]. [A voz dele baixa, com um tom morno] E um bocado de amigos meus está em cana. Alguns dos meus melhores amigos, quer dizer, amigos que terminaram o colégio, eu posso contar nos dedos da mão os que fizeram uma carreira, que têm um emprego, que estão tentando se tornar alguém. Posso contar nos dedos de uma mão só. Mas isso não impede que eu veja eles, quer saber, de falar com eles.

(12) Alusão à teoria do "complô governamental" que circulou como boato e foi denunciada amplamente pela comunidade afro-americana, com o *slogan* de "The Plan", segundo a qual seria o Estado quem, por baixo do pano, forneceria drogas para os bairros negros, com a finalidade de minar a mobilização de seus moradores e de pôr fim à reivindicação de igualdade racial.[7]

Ashante evidentemente queria ir à reunião desta noite, ainda mais que Calhoun – um empresário e *gângster* do South Side, com o qual ele está tentando entrar em contato há várias semanas, na esperança de que se torne seu empresário – estará lá com toda certeza. Ele sonda-me desajeitadamente: "O que você vai fazer hoje à noite, Louie? Quem vai à reunião? DeeDee botou você na lista, não é verdade?" (a lista das pessoas autorizadas pelo organizador a entrar de graça). Pergunto-lhe se ele quer ir ao Studio 104 conosco. "Ah, é claro, mas estou sem grana no momento." Proponho-me a comprar um lugar, porque eu achara que ia ter de pagar o meu ingresso, mas vou entrar de graça. "Beleza, Louie, é claro." Charles, o antigo empresário-treinador de Ashante, antes de ser levado prematuramente por uma crise cardíaca, sempre tinha bilhetes gratuitos e dava um jeito para que Ashante não tivesse de pagar para assistir a uma reunião. Se fosse preciso, ele tinha uma crise de cólera e berrava feito um louco na bilheteria até que o organizador fizesse o que ele queria.

Mas Ashante não quer ir ao Studio 104, no final da tarde, comigo, com Curtis e DeeDee: é cedo demais para ele. Prefere esperar até as sete horas para ir com Liz, minha companheira, sua amiga Fanette e Olivier (chamado de Le Doc). Combinamos, então, que ele vai pegar o bilhete que era de Olivier. Liz tem o dela, e Fanette também. Quando Le Doc chegar ao Studio 104, ele só terá de pedir que me procurem, para eu comprar o ingresso dele daquela quota que sobrou de Curtis, em vez de comprá-lo na bilheteria, para aumentar as vendas de Curtis, e, portanto, sua remuneração. "O quê? Mas isso é uma piada, Louie?", ri Ashante. "Ele não vai ter comissão nenhuma sobre a venda dos ingressos. Uma vez Butch vendeu duzentos bilhetes para uma luta dele, para seus amigos bombeiros, duzentos, tá escutando? E pra ele não ficou *merda nenhuma.*"

Proponho a Ashante que ele fique no apê para esperar Liz, mas, depois de pensar um pouco, ele declina do oferecimento: tem muito medo de ficar sozinho, fechado com Titus, meu cachorro esquimó de cinqüenta quilos, mesmo que este fique trancado na cozinha. (Um outro dia, ele iria me confessar: "Não suporto ficar num quarto com um animal mais fedorento que eu.") Tenho apenas que abrir o carro, estacionado na frente do meu prédio, e ele vai esperar lá dentro. Já que ia ficar lá fora, por que não se sentar na sombra, sobre a grama, na frente do prédio, e não ficar fechado na minha velha Plymouth Valiant, sem rádio nem ar-condicionado, debaixo do sol? "Fala sério, Louie. Nem pensar em ficar na frente da porta, você sabe que a polícia ia me prender logo, logo." "Por quê?" "Por quê [irritado]? *Por nada, caramba.* Eles vão me deixar sentado, assim, tranqüilo. *Man*, eles não querem negros no bairro, Louie, você está farto de saber disso. Já falei pra você que eu estava acostumado a ir ao Hyde Park e toda vez dava tudo errado, eu era apanhado pelos canas simplesmente porque tinha atravessado a rua."[13] Insisto, mas nada a fazer: "Eles vão me prender por '*trespassing*', porra, você sabe como é que é, Louie", exaspera-se Ashante. Vou embora, finalmente, deixando-o no carro, sob um sol a pino, esperando a chegada das duas moças.

Desço a Ingleside Street a pé até o Boys Club para me encontrar com DeeDee e os outros. A porta de entrada está aberta, segurada por um calço de madeira. Eddie está no campo de visão, conversando com Anthony e Maurice, seu tímido primo gordo que faz *kick-boxing*. Keith está deitado na mesa de abdominais, perto do ringue, a cabeça virada para trás, de olhos fechados: ele tenta dormir antes do combate, como recomendam os boxeadores (para relaxar e preservar as energias), mas pode-se perceber a ansiedade em seu rosto sonolento. DeeDee chega da loja ao lado e aguarda pacientemente que Curtis apareça, sentado sobre uma outra mesa, em frente ao espelho de parede. Será que ele telefonou para a casa de Curtis, perguntando se este já estava a caminho? "Por que diabos você fica fazendo perguntas o tempo todo, Louie? Não tem o menor problema, não estou preocupado com isso."

---

[13] Meu prédio fica na fronteira entre o gueto negro de Woodlawn e o bairro branco e próspero de Hyde Park, abrigo fortificado da Universidade de Chicago. Assim, a rua em frente ao prédio deve ser patrulhada permanentemente pela polícia da cidade de Chicago e por uma viatura da segurança privada da universidade (a terceira mais importante do estado, em termos de efetivo). Tanto uma como a outra eram, e com razão, famosas por fazer o controle segundo a aparência física e por maltratar os jovens negros das redondezas.

Volta-se a falar do blecaute que atinge o gueto de West Side, assim como uma parte do rico bairro vizinho de Oak Park, desde sábado à tarde. Meia dúzia de lojas de produtos alimentícios foi roubada, mas nada de espetacular: "Foi merdinha, dessa vez. Não teve muita pilhagem. Nada como da outra vez. Se fosse, você ia ter caras, em toda parte desse bairro, vendendo televisões em cores por cinqüenta dólares e tudo o mais. Você ia ter caras dentro do *gym* agora mesmo, passando sua mercadoria." (Mais tarde, Eddie e Ashante concordariam que, se eles morassem no West Side, iriam fazer a festa no comércio local, quando caísse a noite: "Se eu vivesse nas condições em que essas pessoas vivem no West Side, como se fossem animais, na mais negra miséria, *man*, é isso aí, eu ia sair toda noite pra encher minha carroça de mercadorias.")

Ofereço-me para guiar, caso DeeDee queira que Curtis repouse até a última hora: "Tá bom, dessa vez Curtis pode dirigir. É um trajeto curto, de quinze minutos." Outro sinal de que este é um combatezinho presumivelmente sem dificuldades para Curtis, uma vez que, por ocasião da defesa de seu título de campeão de Illinois, em Aurora (é verdade que a uma hora de Chicago), DeeDee insistira para que eu tomasse o volante. É, portanto, mais crucial ainda para ele ganhar esse combate, e de maneira convincente. Conversa-se tranqüilamente na penumbra morna da sala dos fundos, sobre boxe e sobre histórias de crimes e da rua.

DeeDee sempre dá um jeito para sair muito tempo antes do horário das reuniões. "Eu adoro chegar antes da hora. Se eu vou a algum lugar, gosto de chegar cedo, sentar, tratar das minhas coisas, relaxar, tranqüilo, e depois fazer o que eu tenho pra fazer. Detesto chegar em cima da hora e me apressar, isso não. Sei que eu tenho que chegar cedo pra bandar as mãos de Keith, não tem outro jeito [*no-how*]. Strickland não vai estar lá no começo da noitada, e Eddie não sabe bandar as mãos de Keith. Então, sou eu que tenho que fazer isso." Ele odeia pessoas tagarelas: "Isso é uma coisa que eu gostava nos filipinos [ele morou nas Filipinas durante cinco anos, no início dos anos 70]: se um tipo falava muito e não sabia fechar a maldita matraca, levava uma porrada e ia a nocaute, vuuum! Lá eu vi coisas estranhas e costumes estranhos, é verdade, e eu dizia pra mim 'Caramba!'"

Curtis chega finalmente, exibindo a camiseta "Salem", que um representante de uma marca de cigarros ofereceu-lhe para vestir esta noite. Traz também, dobradas no braço, as novas túnicas saídas diretamente do alfaiate filipino de seus amigos. Elas são azul-marinho com um bordado em letras douradas, nas costas, "Curtis Strong". DeeDee faz uma careta: "Eles deviam ter posto um debrum dourado nas mangas." Já são mais de seis horas, quando levantamos âncora no jipe de Curtis, com DeeDee, Anthony, Maurice e eu.

Curtis pega ruazinhas transversais, parecendo enganar-se de direção várias vezes, como se estivesse com vontade de alongar o caminho – como resultado disso, levamos mais de meia hora para fazer um trajeto que normalmente leva a metade desse tempo. Ele passa, de propósito, diante de duas igrejas, diminuindo a velocidade para fazer o sinal-da-cruz em silêncio. Ao sul de South Shore, ele indica com o dedo um grande conjunto, no centro de um quarteirão verde e residencial, em que ele morara antes de se mudar para a Bennett Avenue e para a rua 72. Era evidentemente melhor do que sua vizinhança de agora, cheia de *dealers*, à beira da linha de estrada de ferro, mas, por seiscentos dólares por mês, ele não conseguira agüentar.

Bem-vindo ao Studio 104

Rodamos direto pela Dan Ryan Expressway até a rua 104, depois dobramos a leste em Torrence Avenue, para nos aproximarmos de dois conjuntos de casas que ficam mais adiante, no final da rua, em frente a uma comprida construção de tijolos vermelhos, espremida entre uma oficina de automóveis, "Bill's Used Auto Parts", uma fábrica de cerveja e um terreno baldio margeado por uma estrada de ferro desativada. Este é o Studio 104 (diz-se "*one-o-four*"), um restaurante-bar-discoteca situado há trinta anos nesse bairro operário em decadência, isolado do resto da cidade, no canto do South Side.

Descobri o lugar no mês passado, durante uma reunião ao ar livre montada pelo proprietário, o famoso Lowhouse, um notório larápio que aparentemente se serve das noitadas para lavar dinheiro proveniente dos diversos tráficos ilícitos que ele coman-

da.[14] DeeDee, aliás, dissera-me que eu fosse discreto com o meu gravador, porque os marginais que agem na área poderiam achar que eu sou um policial *undercover* ou um agente do FBI. Percebi que o técnico de Woodlawn não estava brincando alguns dias depois dessa reunião, quando Jack Cowen voltou ao assunto, numa conversa no *gym*: "Louie deve estar correndo altos riscos com esse gravador, com todos esses gatunos que andam por aí. Se ele continuar passeando assim com esse gravador, uma manhã dessas pode ser que a gente encontre um cadáver do outro lado da estrada de ferro." Eis a descrição do Studio feita em minha caderneta de campo, por ocasião de minha primeira visita:

O Studio 104 é um lugar de comércio, de distração e de sociabilidade particulares à classe popular afro-americana. Aí o ambiente é bem distintivo: jovial, quase familiar e furiosamente "*black*". As pessoas vêm a esse bar não somente para beber, comer e dançar, mas também e sobretudo para encontrar os amigos, conversar durante horas com os freqüentadores habituais.[8] Aí é possível acompanhar os campeonatos esportivos, festejar aniversários e despedidas de solteiro, aí afogam-se as mágoas e exteriorizam-se as alegrias, ao ritmo da música, dos números de dança e dos espetáculos de pretensões eróticas, concursos de garota com "a camiseta molhada", ou das "pernas mais sexy" e outras competições de *strip-tease*. O estabelecimento vive em osmose com o bairro e seus habitantes, como é comprovado pelas filas de picapes abertas que circulam em volta dele, no fim do dia. Na saída, garotos tímidos distribuem folhetos coloridos, anunciando piqueniques, organizados durante a festa nacional pelos políticos locais, e cartazes impressos pelo deputado negro da circunscrição (recentemente envolvido em um obscuro caso de assédio sexual por uma de suas auxiliares).

[14] Um informante bem posicionado a quem perguntei se seria interessante encontrar-me com Lowhouse, respondeu-me bruscamente: "Esse cara é um criminoso, um ignorante, você não vai tirar nada dele. Eu aconselho você a não entrevistá-lo, é perda de tempo. Ele é grosso, desconfiado... E os tipos que andam no bar dele são perigosos. Pra ele, essas lutas são apenas um *business*: ele dá grana a alguém para organizá-las, e isso é tudo, ele não está nem aí e não sabe nada de nada. Aliás, ele não ia aceitar ser entrevistado."

HEAR YOUR CONGRESSMAN: Gus Savage
10 TH ANNUAL REPORT, STATUS OF DEMOCRACY ON INDEPENDENCE DAY!
(PENDING LEGISLATION) JULY, 4 TH 1 P.M.,
KICKAPOO WOODS, 146 TH AND HALSTED.[15]

Pencas de moços perambulam, e jovens musculosos ficam espiando, sem participar, nos fundos do estacionamento, onde está montado o ringue, duros como estacas, arrogantes a ponto de exibir um toque ameaçador, com suas jaquetas estampadas, seus bonés com aba de pele de cobra e os pescoços carregados de pesados colares e medalhões dourados. As mulheres que os acompanham – são raras as espectadoras desacompanhadas – são hipersexuadas, maquiladas e vestidas de maneira provocante, quase sempre sedutoras e obrigatoriamente boazudas; os vestidos curtos, com decotes profundos, e os penteados glamourosos são de praxe. Jeb Gardney está todo animado e põe-se a lamentar em voz alta por não ter vinte anos a menos. Fica-se contente de estar aqui, de se ver e de se mostrar, de abordar e rir às gargalhadas. Na platéia, todos os freqüentadores habituais das reuniões, treinadores, velhos e apaixonados da Nobre Arte e inúmeros boxeadores profissionais da cidade, que vêm avaliar os possíveis rivais ou simplesmente para se fazer admirar, como "*Jazzy*" James Flowers, que passeia na platéia exibindo seu cinturão de campeão meio-pesado de Illinois (e os pontos de sutura que ganhou junto).

Todos andam para lá e para cá entre o estacionamento e o bar, onde vão beber com generosidade. A cerveja corre solta, apesar do preço da consumação: 1,50 dólar por um copinho de Old Style ou um cachorro-quente, um dólar a lata de refrigerante, 50 *cents* o pacote de batata frita e 25 *cents* por um copo de água. O bar, por si mesmo, vale uma visita, com sua bancada de quinze metros de comprimento, um magnífico espelho com moldura dourada, uma

[15] "Venham ouvir seu deputado: Gus Savage. Décimo Relatório Anual sobre o estatuto da nossa democracia no Dia da Independência (legislação em discussão), 4 de julho...



Um figurão e sua bela.

televisão colorida gigantesca no final, um banheiro de cada lado e oito mesas redondas rodeadas por cadeiras forradas de plástico imitando couro vermelho, no meio da sala, flanqueada, em um lado, por uma tabela de basquete na qual se joga atirando a bola na cesta, por 25 *cents*. Do lado de fora, seguem-se os combates com um olhar distraído, a não ser que se conheça pessoalmente o boxeador em ação; se é esse o caso, é uma explosão fanática: aplausos frenéticos, vociferações intempestivas, assobios estridentes, uiuis, risos desenfreados. Sejam eles iniciantes ou profissionais

aguerridos, apóiam-se ruidosamente os pugilistas do pedaço, o patriotismo local (e racial) obriga a isso. Os nocautes são sempre muito apreciados, assim como a coragem na adversidade – qualidade que os praticantes da Nobre Arte chamam de "coração". Nada além disso: não se trata de um monte de conhecedores, longe disso. A vasta maioria dos espectadores das reuniões não tem o menor conhecimento em matéria de boxe e, por isso, é incapaz de apreciar os combates nos planos técnico e tático. Os praticantes da Nobre Arte, e particularmente os treinadores, consideram-nos habitualmente como "otários" [*squares*] a quem se pode empurrar qualquer coisa – como os músicos de jazz fazem com o público das boates em que eles tocam.[9]

"São otários"

Gene [69 anos, treinador da academia de Fuller Park]: As pessoas que vêm às reuniões são otárias [*squares*], elas vêm aqui [com um tom impregnado de ironia] e não querem outra coisa, *só que um camarada quebre a cara de um outro camarada*, você está entendendo o que eu estou dizendo? Elas não vêm para – elas não sabem de nada, elas nem sabem direito o que estão vendo.

Louie: Não é um tanto desolador passar tanto tempo na academia aperfeiçoando sua arte para pessoas que não têm capacidade de apreciar isso?

Gene: A partir do momento em que eles pagam pela violência... Eles não sabem fazer a diferença, tudo o que eles vêem é um camarada levando uma surra, eles pagam a entrada [a voz se transforma em um assobio agudo, sob o efeito da incredulidade], *tem pessoas que adoram isso*, podes crer, tem gente que é assim. [...] A maioria *não saca nada*, porque eles nunca sacaram nada [de um combate], eles falam de boxe, mas é tudo o que eles sabem fazer, falar, e não passa de blá-blá-blá.

O fato de que os combates sejam ao ar livre aumenta o atrativo do cenário. As *card girls* que se pavoneiam no ringue, no intervalo dos *rounds*, para enorme delícia da platéia, duas grandes negras provocantes em micromaiôs que quase não deixam margem à imaginação, são excitantes, no limite da prostituição. Um serviço

de segurança privada, composto de três espadaúdos negros bonachões, controla para prevenir os incidentes e evitar os trambiques. Mas não tem nada a fazer com cerca de vinte mexicanos que espiam os combates aboletados sobre o muro de casa de madeira amarela, vizinha ao estacionamento.

Desembarcamos DeeDee na entrada do clube, diante do qual Jeb Garney está saltando de impaciência, porque já começava a se perguntar se não tínhamos nos perdido no caminho. (Como de hábito, ele está vestido como um mendigo, embora seja milionário, por causa da criação de cães de corrida e de suas fazendas.) Curtis, que se dirige a seu empresário com uma deferência de dar dó – "*Mister Garney*, queira fechar a porta, por obséquio, muito obrigado, senhor" –, entrega-lhe as três túnicas azuis "Curtis Strong". Garney também acha que está faltando alguma coisa: "Deviam ter posto um galão dourado para cada vitória."

Os empregados do restaurante estão estendendo uma lona azul para separar o estacionamento da rua, de forma a impedir que os transeuntes possam ver o ringue. Eles têm a maior dificuldade de içá-la ao poste, por causa do vento forte que infla a lona como uma vela logo que eles suspendem-na. Cruzamos com Kitchen e sua eterna máquina fotográfica a tiracolo. Ele pressiona Curtis para que o deixe tirar fotos do combate. Curtis diz para ele ver isso com Garney, porque é o empresário quem controla a caixa. Kitchen teria preferido obter o aval de Curtis, para em seguida fazer pressão moral sobre Garney no sentido de comprar o máximo de fotos, mas o boxeador de Woodlawn livra-se desta. Na frente da porta do clube, está estacionada uma enorme limusine preta, brilhando de luxo, com suas três fileiras de assentos instaladas nos dez metros de comprimento, atrás de vidros fumês. Curtis cochicha para mim, com um largo sorriso no rosto: "*Logo vai ser a minha vez de passear num troço desses*, Louie, você vai ver." Espero que ele não me esqueça no ponto quando chegar essa hora...

Dou uma olhada no programa oficial da noitada e descubro que o adversário de Little Keith, que teve quatro vitórias em cinco lutas, não é lá essas coisas, porque exibe um cartel de zero vitórias em treze combates. Jeff Hannah alinha 18 vitórias por 21 derrotas e um empate. Em outras palavras, é um sólido "guerreiro" destemido, mas em curva descendente, depois de passar por um bom momento, e serve agora como "trampolim" para os boxeadores em ascensão, como Curtis. (Esse tipo de disparidade, à primeira vista chocante, não tem nada de anormal: é chamando para parceiros adversários sensivelmente mais fracos que um organizador oferece aos pugilistas locais – e sobretudo àqueles aos quais ele esteja eventualmente ligado por um contrato exclusivo de patrocínio, como é o caso de Jack Cowen com Curtis – uma vantagem decisiva, por não poder assegurar-lhes a vitória – uma surpresa entre as cordas nunca está excluída, como se verá adiante.)[16]

Em vez de trocarem de roupa em um microônibus, no estacionamento, onde está o ringue, como por ocasião da reunião do mês passado, os lutadores, desta vez, dispõem de um vestiário dentro do clube. Se é que se pode chamar isso de vestiário: como Curtis encabeça o programa, os pugilistas de Woodlawn tiveram de usar um quartinho de guardados atrás da bilheteria, na entrada da boate. Uma peça de três por quatro, separada da bilheteria por uma cortina azul e apinhada de mesas e cadeiras de metal dobradas, cartazes de Baccardi, vários toldos, caixas cheias dos mais diversos objetos (cinzeiros, enfeites, filtros de café, guardanapos, utensílios de cozinha), um rolo de mangueira de jardim, dois minibares de madeira vermelha desmontados, duas máquinas de pipoca fora de uso e quatro grandes pilhas de cartazes anunciando as festas semanais organizadas pelo Studio 104: "*Sexy Legs Contests*", "*Happy Hours*" e outros "*Ladies Night*". Como mal conseguimos caber todos nesse espaço, DeeDee pede aos meninos que não irão lutar esta noite que não permaneçam ali nos atrapalhando. Mal e mal montamos três cadeiras de ferro, para Keith, Curtis e Jeb Garney. DeeDee senta-se em um alto banquinho de bar (é o ideal para seus joelhos, que reclamam quando se dobram) e começa logo a bandar as mãos de Keith, que vai lutar primeiro. Rolo de gaze, esparadrapo, tesoura. O olhar de Keith está velado de apreensão. Enquanto isso, os outros boxeadores

(16) É assim que um empresário ou promotor "empurra" [*to build*] um boxeador, "nutrindo-o" [*to feed*] de oponentes inferiores, até que ele disponha de um cartel que o permita postular combates mediatizados nos quais os cachês tornem-se vantajosos.[10]

trocam de roupa na sala de dança vizinha ao bar principal, na frente dos clientes, que conversam e bebem, encostados em um dos três balcões.

Curtis cochicha para mim, com uma cara misteriosa: "Vem, Louie, vem comigo." É simplesmente para acompanhá-lo ao final do corredor, até o banheiro, que não é nada reluzente, com seus vasos malcheirosos rodeados de pingos de urina. Ele desaparece em um dos compartimentos, de onde continua a conversar comigo, enquanto defeca ruidosamente: "Ah, como eu estava precisando descarregar. Ooooo [são peidos em cascata] todos esses gases!... Então, Louie, *isso tudo não te deixa excitado? Não te dá vontade de lutar entre os profissionais?*" Sim, é excitante, mas para lutar entre os profissionais seria necessário, primeiro, que eu tivesse as habilidades exigidas. É verdade que, com Curtis no programa, há eletricidade no ar. Ele está com um jeito sereno, nada de ansiedade e de fuga, como acontecera nos últimos dias, no *gym*, com suas pretensas contusões no braço.(17) Os dias mais penosos são os que precedem a luta; depois, quando se aproxima o momento do combate, Curtis retoma a confiança em si mesmo. Sabe que vai subir ao ringue, onde pode exercer seu talento de "artista de palco": uma vez entre as cordas, ele está em seu elemento, "no escritório" ou "*at home*", como os pugilistas adoram dizer.(18)

"Sempre quis ser um artista de palco"

Curtis: É importante à beça ser um *performer*. Antes, acho que quando eu tinha uns 13 anos, mais ou menos, queria ser *cantor*. Meus irmãos e meus amigos, eles não queriam cantar. Aí, eu pegava eles, pensa só, na cozinha, eles estavam na geladeira, e eu pegava eles [com um tom superexcitado]: "Venham! Venham ver esses passos que eu quero mostrar pra vocês." A gente ia pro quarto e repetíamos o passo juntos, a gente imitava os Jackson Five, mas eles estavam sempre *cansados*, eles ficavam logo cansados, eles não eram – eu acho que eles não queriam dar um show, como eu queria: sempre quis ser um artista de palco [*entertainer*], e isso teve um papel muito importante na minha vida, sacou.

Você vê, na televisão, o *Michael Jackson*: vê só [murmurando de admiração], vê como ele é bem preciso – como *ele desabrocha feito uma flor*, e tudo o mais, no meio das pessoas, no público. Eu quero ser exatamente um *entertainer* quando estou no ringue, eu sinto que preciso estar no meu máximo, para que eu dê o meu melhor espetáculo. Sei que estou dando o máximo e que ele [meu adversário] está dando o máximo dele também, *é preciso que alguém ganhe, não é verdade?* E a platéia vai ver o camarada que ganha, hein? Então, se estou dando o máximo, eu posso ter a atenção da platéia para mim, mais do que se eu dissesse [com uma voz abafada]: "Sentem-se e escutem! Olhem pra mim!" Então, quer dizer, eu só tenho que subir no ringue e fazer o meu serviço, e todo mundo vai virar um fã... [abaixando a voz para dramatizar melhor] de *Curtis Strong*.

De volta ao quartinho que se faz de vestiário por uma noite. Conversa de cozinha. Eddie dá a orientação tática a Little Keith: "Vamos ver o que ele tem nas tripas no primeiro *round*, vamos descer fundo [*downstairs*], ver o que ele tem. Então, de cara, você pressiona e trabalha no corpo." Os boxeadores de Woodlawn trocam conselhos, enquanto DeeDee e Eddie ausentam-se temporariamente.

Keith: A única coisa que me preocupa é que esse cara bate forte, porque hoje de manhã, na pesagem, ele tinha um jeitão bem pesado.

Curtis: Isso, e eu posso falar, porque ele não conseguiu me tocar de verdade quando lutei com ele.

E passa a explicar que os adversários que mais o preocupam são os "aventureiros" [*journeyman*] valentes, astutos e duros no combate, exatamente por suas trajetórias de perdedores.

(17) Nas duas semanas anteriores ao combate, Curtis queixara-se várias vezes de um misterioso mau funcionamento do ombro, que subitamente paralisava-lhe o braço, uma forma de chamar a atenção do treinador (e, indiretamente, do empresário) para sua situação financeira desastrosa, que a reunião no Studio 104 não seria suficiente para resolver.

(18) Essa atração pelo palco não é particular aos boxeadores: os ofícios do corpo e o sentido de *performance* ocupam um lugar de epicentro na sociedade urbana dos negros norte-americanos, da música à religião, passando pelo esporte, pela comédia e a política.[1]

CURTIS: Você se lembra daquele combate que você perdeu – você só perdeu um combate, não é isso? [Keith faz sinal que sim]. Você tirou algumas lições desse combate. Agora, pensa em todos os combates que esse cara perdeu e em todas as lições que ele tirou dessas derrotas, você está vendo onde eu quero chegar? Tudo isso é *experiência*, esses carinhas têm essa experiência. Agora, eu não me preocupo mais com esse tipo de cara, pra falar a verdade. Se ele tivesse um cartel – imagine que o cara seja *invencível*, isso queria dizer que ele nunca lutou com *alguém* além de uns malucos, você tá sacando o que eu quero dizer, e é assim que ele se tornou invencível: o empresário dele "empurra ele pra cima" [*builds him up*], assim, ele nunca lutou com um sujeito de classe mundial. Esses caras que *perdem* todos os combates é que me preocupam... É por isso que eu levo Hannah a sério.

No programa desta noite, figura um profissional iniciante de Tinley Park, o pedaço de Craig "Gator" Bodznianowski (um boxeador local muito popular, que luta a despeito de um pé amputado em conseqüência de um acidente de moto e que comprou uma sala de musculação nessa povoação branca operária com o dinheiro ganho no boxe). Um ônibus inteiro de meninos de sua sala está ali para apoiar o lutador. Isso deixa Curtis perplexo: "Mas como eles fazem *pra trazer todos esses brancos de tão longe pro South Side assim*, DeeDee?" Este último argumenta que a comunidade negra mal sustenta seus próprios boxeadores, sem dúvida por falta de renda. Ao que OB (apelido de O'Bannon, que se fala "ô-bi") objeta que, esta noite, é Curtis quem reúne a maior parte da platéia: "A atração é você, você *tem um nome* em Chicago." E, de repente, os três lançam-se em uma disputa verbal sobre o que diferencia negros e brancos. O carteiro dá a partida, saindo-se com essa: "Mas eu não sou de cor [*I ain't colored*], nunca fui à colheita de algodão, nunca fui uma besta de carga", e os outros também soltam a sua quota-parte.[12] Todos os estereótipos do negro entram aí, da escravidão ao gueto. "Era isso que você devia gravar, Louie", cacareja OB. Para minha maldição, não apanhei esse entrecho de bravura retórica em meu gravador, e não iria arriscar-me a transcrevê-lo de memória!

Os irmãos de Curtis vêm cumprimentá-lo, um a um: Derrick, o machão; Lamont, o falso tímido; Bernard, com sua cabeça rasPAGE_FOOTER_LEFT

pada e um ar aluado, seguidos por meia dúzia de amigos que lhe desejam boa sorte na luta. Curtis pergunta a OB se ele não tem medo de perder Steve Cokeley (uma jovem esperança do clube, que o carteiro patrocina) como já perdera, antes, Cliff, seu boxeador de estimação.

OB: Não estou nem aí. Quando ele está na academia, eu tenho pessoas que ficam de olho nele [com um olhar carregado em direção a DeeDee].
CURTIS: Mas é exatamente por isso que eu estou perguntando, porque Steve não fica muito na academia, agora... E você cuidava muito bem do Cliff, de verdade, a ponto de perguntar sempre se ele estava precisando de dinheiro e tudo o mais.
OB: Oh! Mas Cliff era como um filho meu. As coisas que fiz por ele, *meu Deus*! [Ele gira os olhos.] Eu ia buscar ele para ir à academia e levava ele de volta pra casa todas as noites. Arrumei um emprego pra ele e um emprego pra mulher dele...

O carteiro bigodudo insiste enfaticamente no fato de que, se Curtis se dá bem no ringue, "é porque você tem *uma mulher forte atrás de você*, é isso que faz a diferença." Eddie interrompe-os para dizer a Curtis: "Teu pai está aí, na porta, você quer ver ele?" Silêncio glacial – o pai de Curtis abandonou-o e aos sete irmãos quando ele era pequeno, e nunca manifestara o menor interesse por ele, até que sua carreira no ringue começara a deslanchar. Curtis, de repente, fica assombrado: "Não, diz pra ele que não, *não quero ver ninguém até o fim do combate.*" OB acha que Curtis deveria falar com ele, porque não se dispensa um pai assim. "E por que não? *Você* pode ir ver ele, se quiser." DeeDee intercede em favor de seu pupilo: "E por que ele iria ver o pai? O que eles vão fazer, hein, olhar um pra cada lado? Não estamos precisando disso agora." Curtis prontamente oculta-se por trás da autoridade de seu técnico: "Diz a ele que DeeDee não quer ninguém aqui, agora." Aliás, DeeDee pede que todos os recém-chegados evacuem o local, porque estamos literalmente uns em cima dos outros, Garney, Curtis, Keith, Eddie, Strickland (que vestiu a túnica "Curtis Strong" e será o terceiro assistente de córner, esta noite), Anthony e Maurice. Este último enfia-se no vestiário de modo que o serviço de segurança do clube não o encontre: ele entrou de penetra e

não tem dinheiro para pagar o ingresso; se barram ele na porta, não poderá assistir aos combates, e vai ter de ficar perambulando lá fora até o fim da noitada.

Ashante e Liz acabam de chegar. Peço a DeeDee uma entrada da quota de Curtis, é a última. Vou entregá-la ao Doc, que passeia na porta, com Fanette. Eles não perderam nada, porque as lutas previstas para as sete horas só vão começar às oito. Volto ao vestiário, onde Ashante está exortando Curtis e Keith à batalha. Curtis surpreende-me quando estou tomando notas em meu diário de campo – desta vez, decidi fazer notas manuscritas detalhadas, e não registros orais (para não correr o risco de levantar suspeitas do pessoal do bar, com meu gravador) – "Você está escrevendo o que, aí?" Ele me olha intensamente e eu fico quieto. Alguns segundos de espanto silencioso e, em seguida, uma grande gargalhada. Curtis descarrega: "Sabe de uma coisa? Um dia, *você vai se suicidar*, Louie, porque você *escreve demais*. Não é verdade, DeeDee? As pessoas vão perguntar [com uma vozinha inquieta]: 'O que aconteceu com o Louie?' Mas nós vamos saber por que, éééé, nós vamos saber por quê."

Que estranha profecia! Depois de dois anos entre eles, meus amigos do *gym* ainda ficam espantados de me ver agindo como um sociólogo. Essa é uma coisa que jamais cai com naturalidade, embora agora eles já estejam habituados a me ver passeando com o gravador na mão e já não se aborreçam mais com minhas perguntas, a não ser pela maneira com que as faço. Eddie inclina-se para me cochichar discretamente: "Quando é que você vai escrever teu livro, Louie, daqui a dez anos, eu vou ser seu conselheiro técnico, valeu?"

O jovem de cor amarelada que Jack não quis engajar em uma luta, esta manhã, vem nos distribuir as luvas – pares usados, o que contraria os regulamentos do Estado, que estipulam que se devam usar obrigatoriamente luvas virgens em todas as lutas oficiais. Procura-se, às apalpadelas, dentro da enorme mochila militar, um par que sirva em Curtis. A tensão aumenta imperceptivelmente, mas mesmo assim aumenta, no quartinho transformado em vestiário. Fala-se menos e mais baixo. Medem-se os gestos. Toma-se cuidado para não exigir nada dos dois boxeadores que se preparam.

O'Bannon está curioso para saber mais sobre a vinda de boxeadores franceses a Woodlawn, que foi noticiada no *Chicago Sun Times*, no último domingo. Explico o plano, a organização do intercâmbio com a municipalidade de Vitry, a viagem, os encontros esportivos e os debates públicos previstos. "E quem vai pra lá?" Curtis corta-o: "É DeeDee quem decide." De fato, isso vai depender sobretudo da quantia que vamos conseguir reunir para cobrir os custos das passagens de avião. E onde vão ficar os seis pugilistas de Vitry que devem chegar no mês que vem? Está previsto que eles vão dormir no Boys Club de Yancee, na esquina da 63 com Wabash Avenue. Anthony mostra-se incrédulo: "*O quêêê*? Em Yancee, bem perto do centro da cidade? *Man*, aquele é um lugar barra-pesada, vai ser uma tremenda roubada." Curtis acrescenta: "Êéé, dá medo, é exatamente pegado ao centro. E depois, eles não são *brothers* [quer dizer, negros]: eles não vão poder sair na rua como eu e você, *porque você nunca vê um branco na rua nesse bairro*." Os pugilistas franceses não têm a menor idéia do universo em que vão se meter. De todo modo, não há a menor chance de eles saírem seja para onde for no South Side sem uma escolta, caso contrário, podemos estar certos de que vamos enterrar uns dois cadáveres na mesma hora...[19]

Durante essa hora de espera, Curtis engana sua ansiedade crescente me enchendo o saco. Quando me vê puxar o gravador, ele cochicha, fingindo fazer uma confissão: "Xiii! Vamos, *todo mundo dizendo palavrão*, Louie está com o gravador ligado, ha-ha-ha!" DeeDee aproveita para ironizar de novo o fato de que os bandidos [*hoodlums*] da esquina vão arrancar meu couro se algum dia me surpreenderem gravando no bar. E eu respondo: "Mas antes vou fazer eles experimentarem meu devastador gancho de esquerda". DeeDee, com um tom bem sério: "E eles vão te espancar até a morte." Eu contraponho-lhe uma de suas tiradas favoritas: "Então, eu direi a eles: 'Cuidado, eu sou o *main man* de DeeDee Armour, vocês estão interessados em me machucar? *Ele comanda*

[19] De fato, os seis jovens franceses e seus três acompanhantes dormirão em camas de lona, nos vestiários do Boys Club de Yancee, com a porta do clube fechada à grade com cadeado *pelo lado de fora*, para evitar que um deles se arrisque a sair durante a noite pelo bairro.

matadores'." O velho técnico balança a cabeça e não diz palavra. Tantas brincadeiras e conversas fiadas servem para despistar o medo e cortar a tensão, que insensivelmente sobe.

"ELES ESTÃO TREMENDO DE MEDO"

Comentário de LeRoy Murphy, boxeador do Fuller Park, antigo portador do título mundial de meio-pesado:

Sei o que isso exige, subir no ringue, e, cada vez que passo entre as cordas, tenho medo, toda vez que subo no ringue, tenho medo. Só eu sabia disso, é uma coisa que você guarda em segredo, lá no fundo de você mesmo, e era assim que eu ficava. [...] Depois do meu *footing*, de manhã, eu volto pra casa, assisto a um canal a cabo, não saio do quarto. Começo a comer aos poucos, porque estou nervoso e o meu estômago fica enjoado, eu tento... Geralmente, depois da pesagem, eu me sinto melhor. [...] Eu nunca consegui dormir na tarde do combate, ah, não. Os carinhas não dormem antes das lutas, eles deitam, descansam, mas eles estão tremendo de medo [*full of butterflies*], todos os boxeadores, até [Mohammad] Ali reconheceu isso, ele tinha medo quando lutava, e eu gosto disso: se você não tem medo, é porque tem alguma coisa que não está rolando legal. Toda vez que subo no ringue, tenho medo".

Preliminares lastimáveis

Os adversários dos boxeadores de Chicago acabam de se preparar na sala-bar em que está a pista de dança. Eles trocam de roupa em silêncio, com gestos lentos e cuidadosos, jogando as roupas e os equipamentos (bandagens, luvas, coquilhas, calções, túnicas) sobre as costas de uma cadeira. Jeff Hannah está sentado sobre uma mesa, com as pernas balançando, o ar ausente; amarra as sapatilhas, enquanto conversa em voz baixa com o pai, de cabeça inclinada, como se estivesse querendo se destacar melhor de um ambiente que ele adivinha ser hostil. Sabe que é a vítima sacrificial oferecida à grande esperança local, diante de um público fiel a seu adversário e de juízes que não irão lhe dar nada de presente, e, portanto, sabe que tem todas as chances de perder a luta. Esse é o destino comum dos *opponents* que "atuam" no circuito: a única oportunidade que eles têm de ganhar, "no pedaço"

do rival, é pondo-o a nocaute. Devem-se passar coisas na cabeça e no corpo dele (eu não gostaria de estar na sua pele, nem hoje à noite, nem amanhã).

Ao sair do bar, dou de cara com Liz, que me beija avidamente. Eddie pega-me pelo ombro, rindo, como um policial que prende um malfeitor: "Vamos, agora já chega, Louie, pára com isso, *ela vai te amolecer de tanto te beijar assim*, eu já te avisei. Você nunca vai estar preparado para a próxima luta."[20] Os projetores improvisados, pendurados em postes metálicos, nos quatro cantos do ringue, são ligados. O espetáculo vai começar. Todos sentam-se onde dá – nada de cadeiras numeradas nem de "ala VIP" em torno do ringue para uma reunião desse naipe. Já que não é de hábito, pula-se o hino nacional, para passar direto à costumeira apresentação dos oficiantes, juízes, árbitros e cronometrista, feita por um locutor gordo e barbudo, de paletó negro:

> *Ladies and Gentlemen, welcome to Studio one-o-four, here, on Chicago's beautiful Southeast Side*! Os combates que figuram no programa de vocês foram organizados e ficaram sob a supervisão do Professional Boxing and Wrestling Board of Illinois, do Department of Professional Regulation, cujo presidente é o senhor Gordon Bookman, o secretário-executivo, o senhor Nick Kerasiotis, e o responsável de esporte, o senhor Frank Lira. A noite é produzida por Rising Star Promotions.[21] Os oficiantes são: os juízes Bill Lerch, Gino Rodriguez e Stanley Berg; cronometrista, Joe Mauricello; e os árbitros, Tim Adams e Pete Podgorski.

---

(20) Os treinadores nunca deixam escapar uma oportunidade de lembrar a seus pupilos, mesmo que sob o disfarce de uma brincadeira, o mandamento do catecismo profissional do "sacrifício", que reza que o boxeador limite estritamente qualquer contato erótico, de modo a não enfraquecer esse instrumento de luta viril que é seu corpo.[13]

(21) Rising Star Promotions não passa de um nome-fantasia local para Cédric Kushner (através de Jack Cowen), um dos quatro principais organizadores que dividem entre si o mercado nacional, junto com o Don King Promotions, Top Rank Inc. (a firma de Bob Arun) e Main Events (dirigidos pelo promotor de concertos de rock Shelly Finkel e pelo treinador-empresário Lou Duval).

O'Bannon está na primeira fila, com Michonne, atrás do córner vermelho. Liz, Fanette e Le Doc sentaram-se nos lugares vizinhos, com a família de Curtis, Anthony e Ashante. Jack está de pé, no corredor, e vela pelo seu gado. Laury não está por ali, sinal de que não conseguiu ser contratado para hoje. É Little Keith quem vai boxear na luta de abertura, quando a luz rasante do sol anuncia o fim do dia. Seu empresário, o elegante Elijah (proprietário de uma cadeia de tinturarias no gueto) forma um grupo com DeeDee e Eddie, no córner. O adversário é um pequeno negro troncudo de Milwaukee, de técnica rudimentar, que tem visivelmente uma única pressa: "deitar" logo e voltar para casa com seu "*paycheck*". Nem bem Keith toca nele com algumas direitas no corpo, e logo atira-se ao chão, uma primeira, depois uma segunda vez, sob os olhares frustrados de Keith e do árbitro, que o instiga a lutar. Mas nada feito: quando o boxeador de Woodlawn coloca uma série bem fraquinha, o saco de batatas de Milwaukee cai como uma jaca e simula um nocaute. O árbitro ajoelha-se perto dele, ralha, e depois, vendo que suas admoestações não têm efeito, retira o protetor bucal do lutador e manda-o para seu córner. Esse cara não é um simples "vagabundo" [*bum*], mas um autêntico "mergulhador" [*diver*], e pergunto-me se ele vai receber seu pagamento – os juízes têm autoridade para suspender a remuneração de um boxeador que se recusa a lutar, e a confraria dos pugilistas reprova seriamente aqueles que faltam assim publicamente com a moral dos combatentes. Elijah e Eddie aproximam-se de Keith e erguem-lhe os braços, em sinal de vitória, sob os assobios e os aplausos da multidão. Não é nada convincente, mas, mesmo assim, ficamos felizes por ele.

"Aventureiros, malandros e mergulhadores"

Um "aventureiro" [*journeyman*] é um carinha que, com toda probabilidade, nunca será um campeão, mas que é capaz de combater mais ou menos com qualquer um, e que, na maior parte das vezes, vai perder, mas que pode ganhar, em algumas noites. Porque eles levam uma luta de vez em quando e porque eles ganham dinheiro. E defendem-se bem, quando conseguem.







Rush *vs.* Dixon, a luta, a platéia.



Não estou falando de alguém que é um "mergulhador" [*diver*] e que vai subir no ringue aqui e se fazer nocautear no primeiro *round*, e depois a gente vai encontrar ele no programa em outro lugar, daqui a três dias, e ele vai de novo se fazer nocautear no primeiro assalto. Não falo desses – esses são os "vagabundos" [*bums*], é uma coisa que não tem lugar no boxe, mesmo quando parece que eles se dão bem.

LOUIE: Não tem lugar, mas eles existem, e não são poucos...

JACK: Bom, eu não devia dizer que eles não têm lugar, porque é evidente que sempre têm lugar. Você tem camaradas, iniciantes, que estão começando, e eles precisam de adversários medíocres para ir adiante e para ver que eles são capazes, para ganhar confiança e se testar: e, uma vez entre as cordas, às vezes, eles percebem que não são melhores que os próprios *bums* – nunca se sabe!

Começo a fazer uma contagem rápida da platéia, 80% masculina e etnicamente mista, com uma ligeira predominância de brancos e latinos: 300 pessoas no máximo, no início da reunião, e cerca de 450 no final, sem contar os cerca de quarenta mexicanos que estão apertados contra o muro da casa vizinha ao estacionamento (depois de uma tentativa infrutífera, o gerente do Studio 104 desistiu de estender uma lona na frente da casa para bloquear a visão deles, para grande aborrecimento de Ashante, que insiste que se deveria cobrar deles mesmo que estejam sentados no jardim de sua própria casa). Isso é a metade do número exigido para que os organizadores cubram suas despesas.(22) E há menos cores do que da última vez: muitos dos grandalhões que controlam o tráfico nesse setor do South Side não vieram esta noite, dia de semana, e o vento que sopra, ameaçando tempestade, esfria razoavelmente a atmosfera.

(22) O déficit da transação é absorvido pelos empresários que investiram o dinheiro inicial para montar a reunião, com a finalidade de manter seus boxeadores em atividade e fazer com que eles ampliem seus cartéis. Nesse nível do mercado pugilístico, o único que consegue retirar algum ganho financeiro nesse jogo é o *matchmaker*, uma vez que ele não investe nada de seu próprio bolso e leva uma comissão como intermediário, um percentual sobre os ganhos dos boxeadores (10%) e um fixo para se encarregar da coordenação.[14]

A luta de abertura não foi legal. O segundo combate é lamentável a ponto de se tornar cômico. Ele põe em confronto dois "vagabundos" de primeira categoria: um branco gordo e flácido de Tinley Park, coberto de banha (parece que ele está esperando neném, de tanto que sua barriga estica o calção), contra um velho negro de Milwaukee, usando um pompom vermelho que lhe dá um ar tremendamente efeminado. É evidente que este último jamais "sentira o contato de uma luva" antes dessa noite: incapaz de manter a guarda corretamente, ele joga os punhos com as costas das mãos para a frente (como se oferecesse flores) antes de fugir nas pontas dos pés, dando as costas ao adversário! Como defesa, tudo o que ele faz é aparar os golpes de seu oponente estendendo os longos braços para adiante e deslocando-os para a direita e para a esquerda, com o movimento de um pêndulo irregular que faz com que ele se pareça com um limpador de pára-brisas humano. Parecem dois retardados que brincam de boxe. Só que os dois estão aterrorizados por estarem no ringue. A cada *break* gritado pelo árbitro, eles levantam os punhos ao mesmo tempo, como se estivessem lançando um encantamento, e suspendem as hostilidades com um alívio tão flagrante que chega a ser embaraçoso... A platéia rola de rir e, por brincadeira, incita os dois combatentes com gritos de ânimo exagerados: "Dispara aquela bomba!", "Vai nessa, campeão!". Estima-se que o branco de Tinley Park, que é mais truculento e que, de vez em quando, consegue lançar alguns golpes mais ou menos corretos, vá ganhar – aliás, ele ganhou suas duas primeiras lutas, enquanto o adversário debuta entre os profissionais. Mas o velho com o pompom anima-se e seu tape-tape torna-se mais preciso, enquanto o outro se cansa. No terceiro assalto, a platéia toma francamente o partido do *bum* negro, porque é claro que ele foi servido "como repasto" a seu adversário, segundo uma expressão consagrada. A simpatia do público não é apenas racial: o carinha de Milwaukee simplesmente não está à vontade no ringue. Mas, por acidente, ele dispara no adversário uma direita seca no queixo, e acontece o imprevisto: o branco gordo e flácido cai de costas, tenta levantar-se, titubeia, exibe uma série de caretas contraídas de surpresa e dor ao mesmo tempo, antes de cair de joelhos, incapaz de controlar as próprias pernas. É o nocaute surpresa! Consternação no cór-

ner dos brancos de Tinley Park que vieram apoiar o amigo, gargalhadas entre o resto da platéia. Ashante e Eddie só faltam cair no chão de tanto rir. E Kitchen está radiante, porque conseguiu se meter na cena como segundo do vencedor, o que irá valer-lhe alguns tostões.

Interpelo Jack Cowen, do final da fila, morrendo de rir: "Espero que você tenha gravado essa luta em vídeo: é uma luta antológica, 'O Combate dos *superbums*!'". Ai de mim, antes não tivesse dito nada! Com a expressão congelada, sacudindo a cabeça de incredulidade, Jack está em pleno conciliábulo com os carinhas de Tinley Park, espremidos e ameaçadores em torno dele, que tenta explicar-lhes como foi que o cara feio de Milwaukee pôde derrotar seu herói, quando Jack prometera uma vitória em um assalto.[23] (Mais tarde, quando me desculpei por ter dado aquela mancada, Jack repreendeu-me: "Isso não me atrapalha, a mim, Louie, é por tua causa: é melhor que você não tenha que se explicar depois com esses carinhas, talvez você tivesse problemas.") Nisso, eis que surge Wylie, a jornalista do *Chicago Sun Times*, a quem eu sugerira vir assistir à luta de Curtis. Ela pede-me que lhe apresente a Jack Cowen, porque quer que seu namorado entre de graça, e os cérberos da porta estão barrando-o na entrada do clube. (Isso é típico da arrogância dos jornalistas: ela não quer pagar nem *um* ingresso para assistir à primeira luta que vê em sua vida?) Cowen não quer dispensar a ocasião de um eventual artigo na imprensa, e vai dar ordens para que liberem a entrada do moço.

"Sou como alguém que vende e compra ações na bolsa"

Filho único de uma família judia imigrada da Rússia nos anos 20, Jack está no meio pugilístico há cerca de meio século. Quando era pequeno, seu pai, que tem uma cadeia de lavanderias, leva-o para assistir às noitadas de boxe da Chicago da grande época, aquela em que os combatentes judeus, que fizeram legenda, lançavam suas últimas flamas sobre o ringue, e o Chicago Stadium disputava com o Madison Square Garden de Nova York o título de Meca da Nobre Arte. Foi assim que ele conheceu DeeDee e as principais figuras locais do pugilismo, quando ainda era garoto. "Meu pai me levou com ele pra uma reunião quando eu tinha onze anos, logo fiquei completamente *fascinado* e implorei a ele que me levasse de novo, e isso tornou-se um hábito. Depois, logo que cresci o bastante pra ir assistir às lutas por minha própria conta, ia a todas as reuniões que podia, e havia lutas de monte nesses anos." Jack logo iria calçar as luvas no YMCA do bairro e disputar alguns combates amadores, mas sem sucesso, nem continuidade. Nada de mal: sua exposição precoce à Nobre Arte valeu-lhe o desenvolvimento de um juízo pugilístico indubitável.

Depois de ter obtido seu diploma, Jack assumiu a direção da empresa familiar de lavanderias e lançou-se na fabricação de cosméticos. Para preencher o tempo livre, montou, com um amigo de infância, uma casa de produção de espetáculos de *music-hall*. "Era uma espécie de hobby. Era o tipo de coisa em que organizávamos algo em torno de oito a dez shows por ano. A coisa funcionava bem, em conjunto. Mas era difícil, e as tendências da música mudaram, e aquilo foi ficando cada vez mais brabo. [Ele faz uma careta.] Não dava mais grana. Então, desistimos, mas queríamos fazer alguma coisa juntos. E o meu amigo era um fanático por boxe, então eu disse a ele: 'E aí? E se a gente pegasse um boxeador?' E foi isso que fizemos. Foi aí que me vi como empresário de boxeadores, a partir de 1957." Durante três décadas, ele vai conduzir pessoalmente os negócios de lavagem a seco e a direção de um pequeno "curral" de combatentes. E quando as transformações econômicas do pugilismo – o encolhimento das vocações e o desaparecimento dos clubes de bairro, a desqualificação dos empresários, a contração do mercado local e a nacionalização dos circuitos de comercialização – fizeram surgir a necessidade premente de um intermediário capaz de suprir o desgaste das redes tradicionais, Jack estava bem situado para lançar-se no *matchmaking*: "Muitos empresários contentavam-se em ficar ali, esperando, com a bunda pregada na cadeira, pedindo que viesse alguém oferecer a eles um combate para seus bo-

[23] Ilustração concreta do dilema com o qual todo *matchmaker* se vê confrontado pela própria natureza de sua atividade: quando os combates dão certo, credita-se o resultado na conta dos boxeadores e de sua *entourage*, e o *matchmaker* desaparece no cenário; caso se dê o contrário, é ele quem concentra todos os descontentamentos e as recriminações, de modo que é, em toda parte, o "homem mais impopular da cidade", como observa o célebre *matchmaker* do Madison Square Garden, Teddy Brenner, em sua autobiografia *Only the ring was square*.[15]

xeadores. E eu era mais agressivo, e peguei os números de telefone e fiz os contatos, viajando sem parar com meus lutadores." No final de dois anos de tentativas, Jack decidiu, em 1977, liqüidar seus ativos no ramo de lavanderias e tornar-se *matchmaker* em tempo integral. Seu sucesso, desde então, valeu-lhe, hoje, exercer um quase monopólio das reservas de combatentes na Grande Chicago.

A atividade principal de Jack Cowen consiste em "completar o cartaz" das reuniões da região, recrutando oponentes para o boxeador-vedete e montando as lutas preliminares (que se chamam *undercard*). Por vezes, ele encarrega-se da organização material da noitada: ringue, administração, barracas de bebida e de cachorro-quente, bilheteria, publicidade. Jack produz, assim, cerca de trezentos combates por ano no Midwest, aos quais se juntam os encontros que ele arma, na qualidade de agente, para boxeadores a quem vende seus serviços nos mercados nacional e internacional (com seu colega da Flórida, Johnny Boz, ele exporta, a cada ano, várias dezenas de lutadores medíocres para a França e a Itália, onde eles servem de trampolim para as estrelas do Velho Continente). Também funciona como representante da Cédric Kushner Promotions, uma das *majors* da economia pugilística mundial, para a qual ele assina contratos com os boxeadores que são as grandes esperanças de Illinois. Finalmente, é co-proprietário da "*franchise*" das Chicago Golden Gloves, e sua mulher – que é afro-americana – empresaria, sob sua supervisão, dois boxeadores.

Concretamente, a jornada de trabalho de Jack divide-se em intermináveis transações telefônicas com empresários, promotores e outros agentes (várias dezenas de chamadas, das seis às onze da manhã), o giro pelas salas da cidade, à tarde, para se manter por dentro da forma e da disponibilidade dos pugilistas locais, e nova fornada de negociações por fax e telefone, à noite. Ele passa seis semanas do ano "na estrada", para assistir às noitadas que promove nos estados vizinhos e no exterior: é vital avaliar *de visu* a qualidade dos boxeadores, o lugar, o público e a confiabilidade dos organizadores e de outras partes interessadas.

A busca e o emparelhamento de boxeadores efetuam-se de acordo com um processo interativo em cascata, as transações são feitas consecutivamente umas às outras, em função das condições dos pugilistas: "*É como fazer a lista das corridas de cavalo*: eu estou procurando isso e alguém está procurando aquilo; e, de repente, me telefonam, e talvez eu procure outra coisa, ou, em vez disso, há necessidades que se combinam e, depois [ele franze levemente o supercílio], a luta se dá no plano econômico. Bom, porque não vamos trazer um boxeador da Ilha de Tonga para uma luta de quatro *rounds* em Gary, em Indiana. [...] Eu ligo para as pessoas, as pessoas me ligam. *É uma rede*. Há um certo número de pessoas que são agentes de boxeadores, além de serem *matchmakers* ou promotores, como eu. Isso não pára, você está sempre negociando alguma coisa com alguém. Às vezes, você pode passar a manhã inteira, e não acontece nada, nada. E depois, dois ou três telefonemas, e você fecha três combates em algum lugar e dá um tapa em mil dólares. [...] É isso que eu faço: estou sentado na minha sala, sou como alguém que vende e compra ações na bolsa, se você quiser assim, ou talvez como um *bookie* que anota as apostas das corridas de cavalo. Tenho pessoas que precisam de alguma coisa e você tem pessoas que precisam de outra coisa, e a gente tenta combinar isso, pra que essas pessoas se encontrem."

Um *matchmaker* tem de levar em conta três tipos de imposição, na montagem de um "*card*": primeiro, ele tem de cumprir as regras burocráticas estabelecidas pela Comissão do Estado em questão (o que não é nada difícil, pelo nível de tolerância). Depois, ele deve garantir que os encontros sejam economicamente viáveis, que sejam até mesmo rentáveis, respeitando o orçamento estabelecido pelo promotor que o contrata. Enfim, na medida do possível, ele deve "emparelhar" boxeadores de forma a produzir lutas que agradam a quem as assiste e que sejam relativamente equilibradas, dando uma certa vantagem aos boxeadores aos quais ele está ligado. As qualidades exigidas para tanto são um acentuado sentido de organização e boas noções de contabilidade, a capacidade de vencer, com sucesso, as barreiras sociais e raciais e um bom "olho pugilístico" para determinar, com precisão, o valor, o estilo e o profissionalismo dos boxeadores engajados, qualidades que Jack tem, oriundas, respectivamente, de sua experiência como empresário da lavanderia, de sua origem étnica e de seu contato precoce e prolongado com a Nobre Arte. "Eu entrei no boxe pelas beiradas, e depois você perde o controle da coisa: *você pode entrar facilmente no boxe, mas você*



DeeDee banda as mãos de Curtis
no mafuá-vestiário.

> *não consegue sair.* Depois que você está lá dentro, você está dentro de verdade. [Ele sorri, com calma.] Isso não é um problema, eu estou satisfeito. Eu gosto do que faço. Estou estabelecido. Depois de todos esses anos, ainda é bem divertido: vou fazer isso pra sempre."

Depois dos primeiros combates, volto para os vestiários. Com um curto "meias e sapatilhas", DeeDee ordena a Curtis que se apronte. Enquanto calça as meias, o lutador mostra ao empresário que irá precisar de novas meias de treino. "Nada de sapatilhas de boxe, sapatilhas de *gym*, está vendo, pra correr e tudo o mais. Porque esses aí [ele indica os tênis semi-esburacados], eles estão me fazendo um mal danado aos pés, eles estão me dando bolhas." Jeb Garney sugere que ele envolva a planta dos pés com fita adesiva. Curtis enfia o crucifixo e o cordão dentro da sapatilha (é seu amuleto), sem nada dizer.

DeeDee esmera-se ao bandar os punhos de seu pupilo. Pela primeira vez, nos dois anos que o acompanho, Curtis deixa que eu o fotografe em seu "camarim" exatamente antes de uma luta – nova prova de que ele está relativamente descontraído esta noite. Eddie aproxima-se do velho treinador e lhe faz um sinal discreto com a cabeça em direção a Keith, e desliza uma nota de vinte dólares em sua mão, como pagamento de seus serviços desta noite. "Toma, DeeDee." "*Awright.*" Ainda bandando os punhos de Curtis, DeeDee conversa sobre boxe com Strickland (que poderia facilmente passar por branco, porque tem a pele muito clara). No capítulo gastronomia, Curtis adquiriu o mau hábito de comer um *Mars* e beber um suco de laranja exatamente antes da luta, para se dopar rapidamente com açúcar, a despeito da interdição formal de seu treinador. Até o dia em que vomitou tudo no ringue, na hora de lutar, para satisfação de DeeDee. Este não cessa de lembrar a seus boxeadores as regras que se devem seguir, em termos de alimentação e de sexo, mas sem nunca lhes explicar as razões disso: cabe a cada um aceitar os "sacrifícios" necessários, tendo confiança nele, ou sofrer as conseqüências da falta de ética profissional. "As pessoas devem aprender por elas mesmas, na dureza, Louie." Quando um oficial da Comissão chega para verificar as bandagens das mãos de Curtis e rubricá-las, antes que ele calce as luvas, DeeDee anuncia que "Anthony vai começar a bandar as mãos no *gym*. Eu dei a ele bandagens de gaze e ele me fez um bom trabalho com elas, no outro dia. Aí, ele sabe bandar bem direitinho, *brother* Anthony. E *brother* Louie, inteligente como ele é, também deveria aprender a bandar." "Certo, se você me mostrar como é." Eddie acrescenta: "Agora você já esteve nos combates de Curtis e em três lutas de Ashante, nos vestiários e no córner, com a gente, você viu como se faz." DeeDee e Strickland lembram-se de um combate de Young Joe Louis, há alguns anos, cujas mãos foram mal bandadas pelo auxiliar de córner, e o lutador de Chicago teve de abandonar a luta no quinto assalto por causa de uma dor insuportável no pulso.

Fico num vaivém entre o vestiário e o estacionamento para seguir as lutas preliminares e, ao mesmo tempo, ficar perto de Curtis. Ashante viu Calhoun, mas este está muito ocupado para conversar com ele agora; combinaram de se encontrar amanhã, no *gym*, mas duvido muito que Calhoun vá pintar lá. Curtis quer *chewing-gum* e pede para eu ir buscar. (Nas horas que precedem o combate, a roda de um boxeador esforça-se por satisfazer seus caprichos, de modo a não contrariá-lo, para não correr o risco de prejudicar sua concentração.) Mas o bar não vende chicletes, e

também não encontro ninguém na platéia que tenha um. Quando volto ao vestiário com um pedaço tomado emprestado de um carinha de Tinley Park, já é muito tarde. Eddie passou a minha frente. Para me defender, observo que conheço menos gente do que Eddie. "Mas você conhece todo mundo aqui, Louie, e todo mundo te conhece!", gorgeia DeeDee, antes de acrescentar, com lástima: "É pena esses carinhas do Tiley Park, eles não têm dificuldade de subir ao ringue, porque têm sempre dois ou três ônibus cheios de camaradas para torcer por eles, toda vez, isso dá um montão de ingressos." E um organizador sempre tem um lugar, nos cartazes, para um boxeador que tem seu próprio público. Mas não conseguimos entender direito como o gordo branco de Tinley Park, que abriu a reunião desta noite, poderia elevar-se acima da posição de um reles trampolim, ou, no melhor dos casos, de um "aventureiro" dos ringues. Jack não tem, portanto, qualquer motivo para "protegê-lo", procurando adversários à sua altura.

"Eles mesmos se classificam"

Pegue um boxeador que passa para profissional. Você tem uma leve idéia de como ele vai se comportar examinando seu cartel entre os amadores. A primeira coisa é isso, seu cartel como amador. Depois, eu sempre tento, com cada tipo que passa para profissional, tento fazer ele começar com duas ou três vitórias – para dar confiança ao cara, está entendendo? Depois, com isso, é preciso avaliar o boxeador. Aqui comigo, na minha cabeça, preciso avaliar ele: será que esse cara pode se tornar um combatente de valor ou ele não passa de um boxeador entre muitos outros? E depois, eu penso que, afinal, os próprios boxeadores se dividem em categorias. Eles mesmos se classificam.

Alguém como, vamos pegar Rodney Wilson, como um Lorenzo Smith, como um Curtis Strong: esses são caras que *querem dar certo na profissão*, querem chegar a ser alguma coisa. Não estão interessados em "Aí, olha só, eu posso te pagar 300 dólares para lutar aqui, em Chicago, contra um sujeito que eu acho que você pode vencer. Mas oh! Espere: eu estou disposto a te dar 1.500 dólares se você for lutar em Seattle, no Estado de Washington, e lá eu acho que suas chances de vitória também são boas." Eles diriam: "Vamos pegar a luta de Chicago", porque eles estão construindo uma carreira.

E você tem outros boxeadores que têm qualidades, em diferentes níveis, e, em certos casos, eles são bons lutadores, mas se tornam "aventureiros" [*journeyman*]. A idéia deles é: "Bom, aí! Eu preciso arrumar com o que pagar meu aluguel: eu pego os 1.500 dólares, em vez do combate de 300 dólares." Ou, então, eu já vi caras que vão para a Europa, *porque eles querem ir para a Europa.* Eles nunca viajaram. *Eles iriam lutar com o King Kong* só para viajar e ver Paris.

O terceiro combate é um *mismatch* rude, porque põe em confronto Loren Ross, um jovem colosso negro do Tennessee em plena ascensão, invicto em treze lutas, e a velha raposa dos ringues Danny Blake, um negro quarentão corpulento, cujas quinze derrotas consecutivas indicam que sabe lutar, mas não representa perigo algum para seu oponente. (Smithie ganhou dele por pontos, em janeiro último, em Park West, quer dizer...) A tática de Blake, caricaturada por sua fisionomia e pela falta de flexibilidade, é sempre a mesma: durante os dois ou três primeiros assaltos, ele cobre o rosto com as luvas e avança em *crouch* (joelho flexionado e o corpo meio inclinado para a frente) para perto do adversário, para compensar seu tamanho pequeno e a falta de porte, e ataca no corpo. Depois, durante todo o resto do combate, ele se planta no chão, protegido por sua guarda, e deixa que lhe batam como a uma pasta, mas sem sofrer sérios desgastes – seu ofício permite-lhe bloquear e amortecer a maioria dos golpes com as luvas, os ombros e os cotovelos. A platéia torce por Blake, que, passivo, absorve uma chuva de socos, volta e meia interrompida por ele, que sai da casca para disparar uma direita no corpo, antes de voltar a se dobrar sobre si mesmo. Um grandalhão com camisa pólo, sentado ao meu lado, grita para ele: "Pula em cima dele, vovô!" Ross demonstra uma técnica clássica impecável: usando plenamente sua vantagem de altura e de envergadura, não encontra a menor dificuldade para arrematar todos os *rounds*, boxeando tranqüilamente a distância. Mas o combate é vil e triste. Blake "engole" uma enfiada de diretos com as duas mãos, seu rosto torna-se púrpura e deforma-se sob um ricto que dá a impressão de que ele está chorando. A luta parece mais um exercício com o saco de areia, só que com um ser humano no lugar da *punching-ball*, do que uma competição.

Quando resumo o combate para DeeDee, o velho *coach* comenta: "Blake, esse cara luta há um tempão. Ele era um bom boxeador no seu tempo, ele sabe lutar. Isso acontece até com os melhores dos melhores, Louie, quando eles ficam por muito tempo no ringue..." E insiste que nunca devemos debochar de um boxeador, por mais medíocre que ele seja, porque sempre é preciso uma dose mínima de coragem para calçar as luvas. É por isso que DeeDee jamais pronuncia palavras como "*bum*" e "*stiff*", "*trial horse*" ou "*tomato can*", com as quais geralmente designam-se os pugilistas ineptos. "Cada camarada que sobe ao ringue é um *boxeador*, Louie, nunca se esqueça disso... Você precisa ser um homem bom de verdade para ser um boxeador. Eu tiro o meu chapéu para qualquer um que suba no ringue, mesmo que seja um amador que lute três *rounds*. Quer ele perca, quer ele ganhe, se ele segura a onda, se dá o máximo e está preparado para isso, quer seja um profissional que luta dez ou doze *rounds*: se ele está preparado, *eu dou os meus cumprimentos*."

A quarta luta preliminar opõe ainda duas nulidades: Danny Nieves, um grandalhão de pele branca e gordurosa, e Tony Lins, um brancão totalmente sem técnica. Eles empurram-se, agarram-se, chocam-se e amassam-se de todos os jeitos possíveis. O pior é que Nieves faz bonito no ringue! Ele se balança como um pato dentro do seu calção azul, num esboço de passo de dança, uma espécie de *break*, andando desajeitadamente, com as costas viradas para o adversário, como que o desafiando, fingindo estar à beira do nocaute depois de se enfurecer. Logo procura agradar a galeria com suas palhaçadas – em detrimento do boxe. Mas a platéia não gosta nada do seu *showboating* e começa a torcer por Lins, que é visivelmente mais fraco, se é que isso é possível. De vez em quando, Nieves dispara-lhe um golpe em pleno rosto e podemos ver as gotas de suor voando sob as luzes dos refletores. Ao final de quatro assaltos, que parecem mais de luta livre do que de boxe, os dois adversários abraçam-se e dão a volta no ringue, sob as vaias da platéia.

Meses mais tarde, eu deveria fazer uma entrevista com Danny Nieves. Ele, que trabalha como monitor de esportes municipal, em meio expediente, como leão-de-chácara de uma boate e como eletricista, à noite, explica sua atração pelo ringue nesses termos:

Eu me sinto bem, principalmente quando você está no ringue e as pessoas gritam teu nome, e tudo isso, *é quase como se drogar*. E, aí, estar no ringue, pra mim, é como ser *ator*, como *estar no palco do teatro*: você dá um espetáculo para o teu público, e foi assim que eu sempre lutei. É preciso que eu mostre sempre alguma coisa pro meu público, sacou, pra provar que eu sou um bom boxeador, e é por isso que estar no ringue é como uma segunda natureza pra mim: eu fico à vontade entre as cordas – eu conheço muitos carinhas, mas isso não acontece com eles, mas, pra mim, é *fun* [...]

[A reação do público], é isso que te toca totalmente, quer dizer, *é a única coisa que faz com que valha a pena*. Você vai ouvir um bocado de gente que vai te dizer que é dinheiro, mas, sacou, mesmo quando esses carinhas ganham centenas de milhões, ainda falta pra eles os holofotes [*the limelight*]. Olha só o Sugar Ray [Leonard], o Larry Holmes e os outros – todos esses camaradas têm uma posição na vida, mas o boxe faz falta, é como um *high*, é por isso que você tem tantos boxeadores que fazem um *comeback*. [...]

[Depois de uma luta], se você ganhou, é como se sentisse um grande alívio, uma grande satisfação. Se você perdeu, é um bode, porque teus colegas estão perto de você, você ouve a voz deles, você vê eles, é tipo como se você decepcionasse eles. E você, eu, eu me sinto mal de verdade quando perco, eu me sinto mal durante *uma semana inteira*. É como... acho que eu prefiro ir a nocaute do que perder uma luta [por pontos], detesto perder, detesto quando você vai pro meio do ringue e o árbitro levanta o braço do outro cara [resmungando de raiva]. *Eu odeio isso com todas as minhas forças*. [...]

Se *divertir*, isso é *excitante*: você nunca sabe o que vai acontecer no ringue, e *eu adoro isso*. Detesto ficar me aborrecendo, fazendo a mesma coisa o tempo todo. E com o boxe, toda vez – eu poderia tocar as luvas com você dez vezes, toda vez ia ser um combate diferente. Aí, é isso que eu gosto no boxe: sempre acontece o imprevisto. É como Buster Douglas e Tyson: ninguém achava que Buster Douglas ia vencer o Tyson. E tinha uma chance de 50 contra uma. Mas ele ganhou. [...] Principalmente com os pesos pesados, você nunca sabe quem vai se sair com um golpe devastador. O cara pode te mandar pro espaço, você pode mandar ele, e acabou, num segundo, e essa excita-

ção que sobe te dá um *rush*, é como... "Uau, é isso que eu quero." Um pouco de perigo...

Anoto em meu diário de campo: essa reunião não valeu nada, hoje à noite. O que Cowen nos empurra não são nem produtos sem marca, mas mercadoria estragada. Não vai ser assim que ele irá criar um público cativo no South Side. E, desta vez, não há nem a desculpa de ter se deixado enganar por um "açougueiro"[24] que ele não conhece, como na última reunião, visto que a metade dos combatentes do programa é formada por caras do Windy City Gym. É vexaminoso para Curtis ligar-se à produção de um cartaz como esse, pois ele aspira legitimamente a combater em reuniões televisionadas em nível internacional. Mesmo Wanda, a irmã louquinha dele, que não entende nada de nada, grita: "Não consigo ver essa merda!" A platéia mais ri do que aplaude as lutas, que têm tanto de circo como de esporte – mas será que o boxe é um esporte? Mesmo o locutor, que atende pelo belo nome de Angelo Buscaglio (é um nome que não se inventa), é medíocre: ele precisa ler o texto, gagueja as palavras, não tem a menor dicção. E, para cúmulo de tudo, não há *card girls*. No início do quarto combate, uma das "dançarinas exóticas" do Studio 104 bem que tentou abocanhar a oportunidade: ela subiu ao ringue com o seu biquíni minúsculo, mas, como não havia cartaz para anunciar o assalto seguinte, ela só conseguiu se sacudir estupidamente, fazendo "dois" com os dedos em forma de "V"...

Volta ao quartinho. Enquanto esperamos ansiosamente o momento em que Curtis vai subir ao ringue, Jeb Garney chama a minha atenção para o enorme relógio tiquetaqueante que ele usa no pulso, com um enorme mostrador luminoso cor de violeta, rodeado de pedras.

---

(24) É assim que chamam a meia dúzia de salões e "campos de treinamento" espalhados no local e que fornecem, por encomenda e em quantidades industriais, valorizadores medíocres, "daqueles que se pode ter certeza de que vão perder para o boxeador da casa. Esses '*oponents*' não têm qualquer necessidade de encorajamento para perder. Faz tanto tempo que eles vão de derrota em derrota que isso já se tornou sua marca registrada. Com um monte de vitórias, o valor deles no mercado vai para o brejo: um organizador que procura carne às toneladas não vai cair numa de se arriscar."[16]

JEB GARNEY: Você está vendo isso? Sabe o que é? [Para os outros] Vocês sabem o que é? São diamantes de verdade, e o resto é de ouro.

CURTIS [com um tom que é um misto de admiração e riso, porque ele nunca ousaria pedir isso a sério]: Uau! Eu acho ele demais, você não quer dar ele pra mim, senhor Garney?

JEB GARNEY: Você não sabe o que é [com um tom cerimonioso], é um *Rollex Presidential*, ele vale cinco mil dólares, só isso.

CURTIS [ele estica o pescoço para admirar melhor a máquina]: Verdade, senhor Garney, por que o senhor não dá ele pra mim?

JEB GARNEY: Você está brincando? Não, vamos, eu vou te contar como é que eu consegui ele [rindo sozinho por ter nos enganado]: eu comprei ele em *Singapura por 29,95 dólares*. Eles fazem a imitação lá, e elas são mais verdadeiras do que os verdadeiros. Eles põem o mesmo logotipo no fundo do relógio, olha só...

[Digo a mim mesmo que é chato fazer uma brincadeira dessas nas barbas de Curtis, que está nervoso, no momento em que ele vai subir no ringue por 500 dólares. O cara é inconsciente, ou o quê?]

Pouco a pouco, as conversas de antes das lutas vão se extinguindo, e o silêncio instala-se no quartinho. A tensão sobe até se tornar quase palpável. Curtis fala: "Todo mundo aqui está *comigo*? Vocês estão comigo? Então, tudo bem, fiquem de joelhos para rezar, ha-ha-ha!" Risos amarelos.

Strong vence Hannah com nocaute técnico no quarto assalto

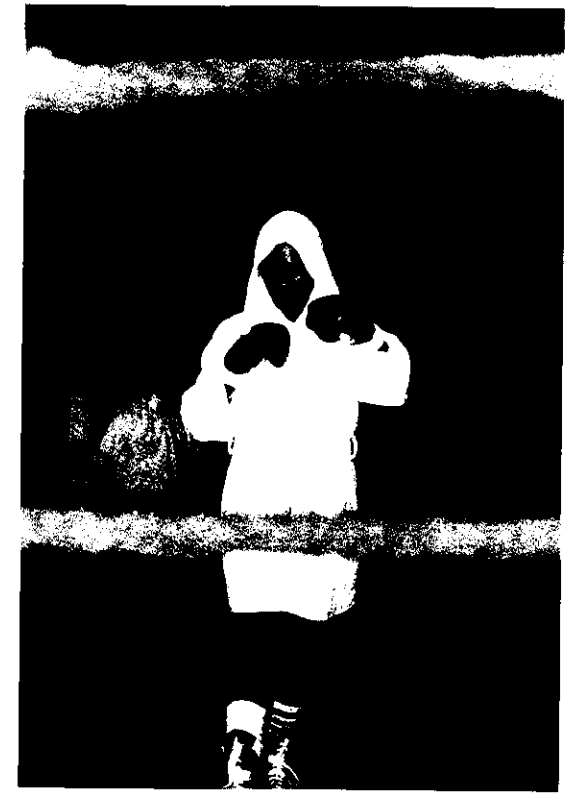
Estamos no intervalo. O locutor berra: "Depois do *show* de boxe, os que têm ingresso podem assistir ao grande espetáculo oferecido no Studio por nossas *exotic dancers*. Esta noite, temos para vocês um show extraordinário! Não percam! E para os que não têm ingresso, eles ainda podem ser comprados, dois pelo preço de um..." E lembra que os bilhetes de entrada para as lutas também dão direito a duas bebidas pelo preço de uma, no bar.

Volto ao quartinho onde Curtis, Garney, DeeDee e Eddie dissertam sobre as felicidades e infelicidades de William "The

Refrigerator" Perry, um gigante bonachão, membro da equipe de futebol dos Chicago Bears, que, depois de ter sido adulado, foi condenado pela incapacidade de controlar o apetite pantagruélico – ele será dispensado no ano que vem por excesso ponderável tenaz, antes de converter-se, lamentavelmente, à luta livre. O dinheiro, a glória deslustrada, as contusões, o divórcio e as desventuras imobiliárias fornecem assunto para a crônica local: The Refrigerator teve de interromper a construção de sua casa de 2,5 milhões de dólares, porque seu agente "segurou" um dinheiro mensal, para forçá-lo a economizar. DeeDee observa que é preciso ser idiota para construir uma casa assim tão cara, tendo em vista os impostos prediais que isso significa. Curtis filosofa: "Como todo dinheiro e glória que você tem podem te fazer cair mais fundo ainda." Mas não consegue deixar de mencionar, com uma admiração invejosa, o fato de que The Refrigerator dera uma BMW de presente ao pai...

Está na hora do aquecimento. Curtis sai para o corredor e começa a pular sem sair do lugar e depois a descontrair, lutando em *shadow*. Eddie põe os *pads* e estende-lhes como alvo. Jabe, jabe, direita, gancho, *uppercut*. Os golpes nervosos estalam sob o olhar interrogativo dos clientes do bar vizinho. O suor brilha nas têmporas do boxeador do Woodlawn, escorre pelo seu torso nu. Vêm nos avisar que dentro de cinco minutos é a nossa vez. Bato no punho fechado de Curtis e ele corresponde a essa saudação ritual pré-combate. Tensão. Apreensão. Excitação. DeeDee convida-nos a sair, para deixar Curtis orar com calma no vestiário, com os irmãos. Nós nos impacientamos na porta. O velho técnico murmura para Jeb Garney: "Vai dar uma olhada se acabou!" Acabou, a oração foi feita, a hora do "*main event*" soou. "*Eight rounds of boxing*!" Atravessamos o bar em fila indiana, Curtis saltando sobre os pés, a cabeça baixa sob o capuz, de roupão branco, com Jeb Garney a reboque, vestido com a túnica azul, DeeDee e eu atrás, e Strickland, que fecha a fileira. Nós desembocamos no estacionamento sob os aplausos da platéia. "*Let's Get Busy*!", a música fetiche de Curtis, faz os alto-falantes vibrarem.

O boxeador do Woodlawn sobe de quatro em quatro a escada e emerge entre as cordas. Delírio dos fãs, sobretudo dos irmãos e dos amigos, apertados no córner oposto, que fazem uma zona



Curtis sobe ao ringue sob os vivas da platéia e o olhar do árbitro.

incrível. Ele dá uma volta no ringue, pulando e batendo uma perna na outra, o rosto enrijecido de concentração, durante todo o tempo que demora o anúncio do combate. Hannah está se aquecendo, boxeando em *shadow* no outro canto, sem olhar para Curtis. Depois, os dois combatentes encaram-se no centro do ringue, para as últimas advertências do árbitro. Curtis volta ao seu córner, DeeDee destila suas instruções, Strickland massageia-lhe o pescoço e coloca-lhe protetor bucal. "Dingue!" A luta começa. Hannah joga a cabeça para adiante, imprensa Curtis até as cordas e, antes mesmo que os espectadores tenham tempo de se sentar, estupefação! Curtis leva uma direita seca no maxilar que o faz cair com um joelho ao chão. Um sopro de consternação misturada com incredulidade percorre a platéia. DeeDee endireita o corpo para ver como seu boxeador vai reagir. Curtis levanta-se e começa primeiro a dançar, depois finca-se no lugar, escondido atrás das luvas. Hannah começa a socá-lo.

DeeDee: Começa, *get off, man*!

Louie [gritando em eco]: Vamos, Curtis!!!

Eddie: Sai das cordas!

Louie [com uma voz histérica]: Sai das cordas!!! *Get of the ropes*!!! *Get of the ropes*!!!

Eddie: Vamos, Curtis, combata!

Louie: Combata-o, Curt!!! Combata-o!

[Horror! Mas que merda ele está fazendo? Fica encostado nas cordas e deixa que Hannah soque-o à vontade, quando já caiu uma vez.]

Eddie [urrando com uma voz rouca]: Vamos, ao trabalho! *Go to work*!

Louie [gritando em uníssono]: *Go to work*! *Go to work*, Curtis!!! Com as duas mãos!!

DeeDee [calma, mas firmemente]: Vamos, agora está bom...

Louie [berrando o máximo que consegue]: Saia das cordas! Vamos, agora está bom, saia das cordas!!!

[Merda, ele ainda está com o seu "*macho bag*" de ficar imóvel, a guarda cruzada no rosto, deixando o adversário bater, numa exibição, para ele, de que é capaz de absorver os melhores golpes sem sentir! Não quer ouvir o que estão dizendo a ele.]

Percebendo que agora tem uma oportunidade, Hannah força a barra e multiplica as séries no corpo e no rosto. Não se sabe se Curtis está sentindo ou não, porque ele deixa que o adversário esmurre-o de perto, contentando-se em bloquear os golpes, sem respondê-los. Finalmente, Curtis sai da casca e força Hannah a ir até o centro do ringue com uma série de diretos e ganchos, com as duas mãos. O outro faz um clinche e leva-o de novo às cordas. DeeDee vocifera: "*Get off the ropes.*" Eu passo, aos gritos, suas instruções para Curtis, que inexplicavelmente permanece impassivo e parece ter sentido o golpe. Estou com o coração na boca: será que ele está mal em pontos? (Estou prestes a atirar-me ao ringue para salvá-lo da derrota, pronto para criar um caso fenomenal.) A resposta chega fulgurante: Curtis contra-ataca com a velocidade de um raio e acua Hannah no canto oposto, onde uma tempestade de golpes no tórax e no rosto manda-o, por sua vez, à lona, exatamente quando soa o fim do *round*.

Strickland escorrega entre as cordas, coloca o banquinho do córner, no qual Curtis vem sentar-se. "Como é que você está se sentindo?", pergunta DeeDee, com uma calma que destoa da eletricidade da atmosfera. Curtis nos reconforta: "Estou ótimo." Strickland comete o erro de querer passar a esponja molhada no pescoço de Curtis, que o afasta sem qualquer delicadeza: água sobre ele, nunca, senão seu corpo pode esfriar de repente. Durante o minuto de intervalo, DeeDee aconselha-o, com um tom calmo: afastar-se do corpo a corpo, boxear a distância, bater primeiro.(25)

Segundo *round*. Hannah atira-se do córner como um touro de sua baia e cai em cima de Curtis, com a cabeça abaixada. Este fecha-se de novo atrás das luvas e deixa-se encurralar no canto (o refletor improvisado que está pendurado ao poste balança e ameaça se espatifar no ringue!) Vivas trocas em corpo a corpo, em que cada qual tenta encurralar o outro "de dentro". Gritamos para Curtis: "Afaste-se das cordas, trabalhe com as duas mãos, mande o direto, boxeie!" Mas ele só faz o que lhe passa na cabeça. Cowen escorrega para a minha direita e guincha suas frustrações: "Não sei o que está acontecendo com esse maldito Curtis, mas toda vez ele precisa fazer com que uma luta fácil fique difícil!" Aos poucos, o boxeador de Woodlawn passa à ofensiva com uma velocidade que põe o adversário em dificuldades, mas sem por isso ficar para trás. Hannah tem experiência e sabe como quebrar o ritmo do rival. Ele chega mesmo a baixar a guarda, fazendo para Curtis uma careta medonha, como convidando-o a lutar. Mas Curtis não se deixa desconcentrar.

Terceiro *round*: DeeDee implorou a Curtis para que ele retomasse o ritmo, para que se impusesse, deslocando-se lateralmente e, em seguida, encadeando golpes diretos. A luta fica animada.

(25) As instruções dadas pelo treinador, durante um combate, são sempre simples e repetitivas ao extremo. Elas invariavelmente consistem em lembrar os fundamentos (manter a guarda alta, avançar depois do direto, bater em séries etc.) e, se for o caso, atrair a atenção do pupilo para uma falha técnica ou para uma falha tática mais gritante do oponente. Isso tudo para concentrar a energia mental do boxeador, sem, com isso, conter os automatismos que foram pacientemente criados no treinamento.

Belas combinações de um lado e de outro. Curtis mistura ataques, bloqueios e recuos para atenuar ou anular as séries de Hannah. Torna-se evidente que Curtis é muito rápido e muito potente para o adversário. O boxeador de Woodlawn dá reviravoltas em torno de Hannah, atrai-o para si, fingindo abrir a guarda para melhor se esquivar e mandar diretos secos que atingem o alvo. Ele se dá bem nos corpo a corpo, girando para um lado e depois para o outro, e lança ótimos *uppercuts* com as duas mãos. Curtis começa a afirmar-se como o "dono" do ringue.

DeeDee: Avança depois do jabe.
Louie: Use o jabe, Curtis, depois do jabe!
[Ruídos da luta, rangidos das sapatilhas que deslizam no chão, sons surdos de golpes, gritos e suspiros da platéia.]
Eddie: Manda uma esquerda. Trabalha ele com jabes!
Louie [urrando]: Saia do canto!
Eddie: No meio não, no meio não!
DeeDee: Está bom, por baixo agora.
Louie: Por baixo!
DeeDee [insistindo]: Dá um passo pro lado. [Mais alto, com a voz rouca.] *Um passo pro lado*!
Eddie: É, é, é, é isso, mais perto, em série!
Kitchen: *Work*! *Work*!
DeeDee [aborrecido]: Vamos, *man*! Se aproxima dele! Com as duas mãaos.
Louie [urrando]: Mais perto, mais perto, com as duas mãos, vamos!!

Uma série cruzada de esquerdo-*uppercut* de direita manda o boxeador de Indiana à lona pela segunda vez. Mas ele sabe apanhar e levanta-se sem titubear. No final do assalto, Curtis sacode Hannah nas cordas com uma tempestade de golpes que terminam com uma direita curta na cabeça. No momento em que o boxeador de Indiana cai para a frente, Curtis pega-o com um gancho de esquerda em pleno pescoço. Um joelho em terra, e Hannah cospe um fio grosso de sangue sujo bem na minha frente. Com o rosto retorcido de agonia, ele indica o pescoço com a luva, sinalizando para o árbitro que fora atingido. Mas o gongo soa e ele é mandado para o seu córner. Desaba sobre o banquinho, com o rosto tumefacto, respirando com dificuldade.

Confusão. Acredita-se que Hannah irá se recusar a "sair do seu córner" ao chamado do quarto assalto. Mas não: ele faz o sinal-da-cruz e parte com valentia para a porrada. Sabe que está liqüidado e vai, portanto, botar para quebrar.(26) Curtis responde a essa última ofensiva desajeitada com uma enfiada de golpes de uma violência insuspeitada. Dança em volta do adversário, que, exausto, só consegue se proteger atrás das luvas e tentar um clinche. Parece um jogo de pega-pega. Curtis imprensa Hannah nas cordas e manda-o ao chão. O outro quase rola para fora do ringue. Agora, tudo não passa de formalidades: Hannah está tão mal que Curtis irá "liqüidá-lo" no próximo ataque. Mas o adversário, ajoelhado, chama o árbitro e mostra-lhe a mão direita, como para indicar que está contundido. (Jack Cowen iria confirmar, depois, que ele tinha sérios problemas no ligamento do ombro, antes mesmo de subir ao ringue.)

O árbitro abaixa-se para falar com Hannah, depois volta-se para a mesa dos juízes, indicando, com um gesto, que o combate está terminado. Curtis pula nas cordas, contra o poste do ringue, e levanta os braços para o alto, sob os vivas do público. Ele dá a volta ao ringue pulando de alegria, girando os punhos em sinal de vitória. Contentamento das primeiras filas, Le Doc, Liz, Ashante, os irmãos e irmãs de Curtis. Que alívio depois do susto do primeiro round... Hannah vem lhe dar um tapinha nas costas, a título de cumprimento: "Bom trabalho, você bate duro, cara". Curtis aperta-o entre os braços. (Não posso evitar de ficar comovido por causa de Hannah, nem de pensar na tristeza de seu caminho de volta, com uma derrota a mais em seu cartel, o que confirma seu estatuto de *opponent* perfeito.) Enquanto o médico da Comissão examina o boxeador de Indiana e aguarda-se o anúncio da decisão oficial, Curtis posa para os fotógrafos amadores de ocasião, com as pernas flexionadas, o punho esquerdo erguido para adiante, uma careta feroz. "Senhoras e senhores, o árbitro

(26) No jargão pugilístico, essa tática do desespero é conhecida como "*to go for broke*". Ela consiste em jogar todas as forças e arriscar tudo em um último assalto, visando ao nocaute.



Strong *vs.* Hannah.







Hannah aliviado, Curtis feliz, Jeb Garney orgulhoso.



Curtis em plano americano.

parou o combate aos dois minutos e dez segundos do quarto assalto, e o vencedor de vocês, no córner azul, por nocaute técnico [TKO, *technical knock-out*], é Cuuurtiiiis Strooong! Curtis Strong..."[27]

Depois desse epílogo arrasador, Curtis é assediado ao pé do ringue por seus amigos, parentes e fãs, que o felicitam. Jeb Garney enxuga-lhe o rosto e DeeDee apressa-se para voltar o mais rápido possível para o clube, para que Curtis não apanhe um resfriado. Mas as pessoas param-no para abraçá-lo, apertar suas luvas de passagem, e a platéia fervilha diante da única porta que dá acesso à boate. Sugiro que ele segure as minhas costas e forço passagem em meio à onda de espectadores. (Estou orgulhoso de trazer o campeão a reboque.) A platéia flui pelo bar, que se enche de festejadores. Nós manobramos assim, até o quartinho que faz as vezes de vestiário, seguidos por uma fotógrafa que metralha Curtis em *close* e pela jornalista Wylie, que se apressa em demonstrar toda a sua ignorância a respeito da Nobre Arte, fazendo perguntas infames.

Curtis está exuberante e loquaz como um pombinho volúvel. Ele agradece a Deus imediatamente e defende-se com vigor por ter sido mandado à lona logo no primeiro assalto, argumentando que não passara de uma "escorregadela". Jeb Garney ri às gargalhadas. "Tá bem, é isso, mas então o que é que a luva dele estava fazendo no teu queixo? Você nos deu o maior susto, sabia?" Um dos membros da Boxing Commission, que se encarrega de fazer reportagens esportivas para um jornaleco local, vem entrevistar o boxeador de Woodlawn com seu pequeno gravador; aproveito para gravar a conversa. Curtis explica que está pronto a combater com qualquer lutador, em qualquer lugar, a qualquer hora, seja em seis *rounds*, em Atlantic City, seja em dez *rounds*, em Aurora, contra Torres, para a revanche de defesa de seu título, se o empresário quiser: "Não interessa, contanto que eu me mantenha em

(27) Diz o uso que os locutores do ringue devem sempre pronunciar duas vezes o nome do vencedor, com entonação e ritmos codificados; a primeira vez alongando as vogais com um grito, a segunda, brevemente e com uma voz mais grave.

atividade, é tudo o que eu quero. Se eu não estou em atividade, então o *prazer* e a *determinação* de boxear vão embora."

Ajudo-o a tirar a coquilha protetora e seco seu tronco e seus braços com uma toalha. Ele está excitado como um piolho e saltita no lugar, de tanto contentamento. E tem motivo: vendeu cerca de mil dólares em ingressos, inscreveu uma vitória a mais em seu cartel e deu demonstrações de sangue-frio e de um excelente domínio tático diante de um adversário experimentado. Seu empresário não pára de repetir que Jeff Hannah enfrentou três ex-campeões do mundo – é verdade, mas isso já tem anos, e ele perdeu todas as três vezes.

GARNEY: Ele te pegou com uma esquerda, não foi um golpe terrível, mas você estava desequilibrado. Bom, isso deu um pouco de gás pra ele, durante um tempo, ha-ha-ha [sorriso de alívio]. Não foi a coisa mais bonita que eu vi na vida...

LOUIE: E talvez você tivesse preferido um outro tipo de excitação, hein?

GARNEY [rindo a valer]: Eu posso passar sem isso! Talvez você tenha gostado disso, você, Curtis, mas eu não achei os primeiros quinze ou vinte segundos nada engraçados. Aquele sujeito parecia um touro furioso na arena!

CURTIS: Bom, é por isso, eu segurei o meu tempo. Eu sabia que eu ia atingir ele, mais cedo ou mais tarde.

GARNEY: Ah! É claro, é claro.

CURTIS [com segurança]: Não estava com a menor pressa de ficar a descoberto e de correr o risco de ele me mandar um golpe que me atingisse de surpresa, não...

GARNEY: Não, você tem toda a razão.

CURTIS [satisfeito que seu empresário concordasse com seu argumento]: *Awright.*

GARNEY: Se você se deixasse levar numa troca golpe a golpe com um sujeito experimentado como aquele, que dá tudo o que tem...

STRICKLAND: Era a estratégia dele.

LOUIE: E, no quarto *round*, ele já não tinha recurso nenhum, não agüentava mais.

GARNEY: Oh, eu só estava falando que eu não gostei dos primeiros vinte segundos – isso não perturbou a *ele* [Curtis], mas *eu* fiquei perturbado. [Todo mundo ri às gargalhadas.]

LE DOC: [Ele passa a cabeça pela porta do quartinho e diz]: Foi o máximo, Curtis, *bravo pra você, mano*!

CURTIS: Está bem, obrigado.

KITCHEN: Ei, Curtis, quando você tiver trocado de roupa, me avisa, quando você quiser que eu tire uma foto sua com essa menina ali... [Apontando para uma gatinha que fazia caras e bocas perto da porta.]

CURTIS: Combinado. [Eu rio, e Curtis também, com a persistência com a qual Kitchen batalha para abocanhar alguns dólares.]

De repente, me dou conta de que há três mulheres no vestiário, o que acontece pela primeira vez depois de uma luta – percebe-se que DeeDee não está por perto. Curtis está radiante com a presença delas e tem enorme prazer em responder, com muitos detalhes e trejeitos – e, no entanto, com uma ingenuidade espantosa –, às perguntas que elas fazem. Depois, ele despe-se e veste suas roupas comuns (sem tomar banho, porque não há instalações para tanto). Logo que ele acaba de vestir as calças, a bilheteira empurra a cortina e atravessa o quartinho, sem a menor cerimônia. Curtis, envergonhado, exclama: "Oh, oh! Essa é a noite de todas as dores... e de todos os prazeres!" Risos. Eddie chega acompanhado por Ashante, e eles retomam os comentários técnicos e táticos. Cada um dos dois dá sua interpretação sobre a "escorregadela/*knock-down*" de Curtis no primeiro *round* e colabora para a redefinição coletiva de um incidente embaraçoso como um simples incidente.

EDDIE: Ele estava frio, é isso. Curtis ainda não estava aquecido quando ele... Depois, quando se levantou, já estava bem. Ele não estava aquecido, é isso aí. Ele estava frio.

CURTIS: Quando ele me mandou à lona [*sic*], eu sabia que estava imprensado. Porque não foi um *knock-down* de verdade. Mas como o árbitro contou oito pra mim, foi considerado um *knock-down.*

LOUIE: E você, que quase pôs ele a nocaute no mesmo *round*, no fim do primeiro *round.*

CURTIS: É, isso foi graças a Deus, *tudo isso foi graças a Deus.*

EDDIE: Depois esse palhaço veio se plantar na frente da tua direita, na cara do teu gancho de esquerda...

CURTIS: Foi ele mesmo que terminou o combate.

KITCHEN: É, é, é, ele jogou a toalha, ele tinha levado muito.

VOZ não identificada: Era demais.

CURTIS: Ele machucou a mão.

LOUIE: Ele se machucou no ombro.

KITCHEN: Ah, o quê? Ele estava machucado?

EDDIE: Mas foi principalmente porque ele começou a sentir os diretos do Curtis. Ele levou um monte de ganchos de direita também, hein?

LOUIE: Sabe o que foi? Foi o gancho de esquerda no pescoço que pôs fim à luta, porque, depois disso, ele voltou pro córner e fez um sinal. "Não, não, com isso chega."

CURTIS: Éé, ele levou a sua parte.

LOUIE: *Man*, você estourou ele de *bombas*!

CURTIS: Eu conseguia te ouvir gritando pra eu sair das cordas, mas DeeDee, ele sabia, ele não disse pra eu sair das cordas: ele sabe que o camarada manda golpes fortes, ele só disse pra eu fechar minha guarda e recuar direto, assim, pra eu girar.

O pai de Curtis está ali, calado, escondido. Curtis não presta a menor atenção a ele. Confesso a DeeDee que eu estava prestes a me atirar no ringue e mandar Hannah à lona para impedir que ele pusesse Curtis a nocaute no primeiro *round*. "O quê? Mas *o que é isso*? Você tem que ficar calmo no teu canto, Louie, senão você não vai mais vir às reuniões."

Abram alas para as "dançarinas exóticas"

Saímos para o bar, que agora está cheio de gente. Cada qual vem, por sua vez, felicitar Curtis pela vitória. Ele repete, para quem quer escutar, que o *knock-down* do primeiro *round* não passara de uma simples escorregadela, e que, apesar das aparências, ele dominara o combate do começo ao fim. Declara-se frustrado por Hannah ter abandonado a luta: teria preferido "terminar o serviço" quando este último estava à beira do nocaute, no quarto *round*, mas, bem, isso não dependia dele... Jeb Garney saboreia uma cerveja gelada em companhia da mulher e da esposa de Jack Cowen, na mesa que fica no meio do salão. DeeDee está sentado um pou-



co mais adiante, inclinado, conversando com os veteranos. Curtis circula de grupo em grupo, volúvel, afável, todo sorrisos.

No salão de danças vizinho, um *disc-jockey* toca *rap* à toda e, de sua divisória de vidro que fica ao alto, à esquerda da pista, convida os clientes a dançar, mas sem grande sucesso. Somente dois casais sacodem-se freneticamente ao som agressivo da música. No outro salão, grupinhos bebem no bar. DeeDee, discretamente, manda um uísque por debaixo do pano – um pano autenticamente verde: é a garrafa que lhe dei de Natal, comprada em Montpellier, de um chapeleiro de Saint-Jean-de-Luz. A tela da televisão exibe um jogo de beisebol. O fotógrafo da casa, "George Henderson Production, Video and Photography", que tira retratos coloridos com uma grande polaróide sofisticada sobre um fundo de jardim tropical (uma pintura cuidadosamente esticada, diante da qual os fregueses posam), não tem muito sucesso: por quinze dólares a foto montada em um quadro de papelão, não é de se espantar! Ele tira o retrato de uma moça gorda, de vestido azul, reclinada no meio de um mar de almofadas de náilon; depois, do trio formado por Ashante, DeeDee e um sujeito corpulento que eu não conheço, velho amigo de Charles. Foi ele quem insistiu para tirar um retrato com DeeDee, que se digna até mesmo a sorrir para a teleobjetiva, o que é raro. O velho treinador reina em uma poltrona de vime, com Ashante e o gordo rodeando-o, como dois cérberos. Enquanto isso, a equipe encarregada de desmontar o ringue já terminou o serviço, e o pessoal do Studio 104 dobrou as cadeiras, enrolou as lonas e rebobinou as cordas.

O bar agora está meio vazio, porque a sessão com as *exotic dancers* começou, na sala ao lado. Depois da exibição do capital corporal masculino, manifestado pela força e pela violência, começa a exibição de seu equivalente feminino, no registro do sexo. As assim chamadas dançarinas revelam-se as mesmas moças que atendem na bilheteria e que de hábito servem como *card girls*, durante os combates. Mergulhada em uma penumbra alaranjada, com uma luminosidade parcimoniosa (nem mesmo um estroboscópio ou uma bola espelhada girando), uma grande negra magra, com uma plástica de manequim já meio ultrapassada, dança langorosamente no palco, diante de umas sessenta pessoas, sobretudo homens (muitos boxeadores, antigos e atuais), com os

cotovelos apoiados sobre os dois bares que ficam na parede oposta. Ela está vestida com um biquíni fio dental prateado e com um sutiã combinando, do qual ela se desembaraça prontamente, antes de vir provocar os espectadores da primeira fila com os seios nus e rebolando o traseiro.

Em vez de "dançarinas exóticas", trata-se mais de "dançarinas pornográficas": a moça não hesita em sentar no colo dos clientes para esfregar neles todo o seu corpo, em ajoelhar-se entre suas pernas para simular uma felação e em montar a cavalo nos seus ombros (em volta dos quais ela passa delicadamente um guardanapo de limpeza duvidosa, que, em seguida, usa para abaná-los), mantendo ostensivamente o rosto deles entre as coxas. As manobras são de tal modo agressivas que vários espectadores que permanecem ao fundo ficam perturbados, e recuam, como que de comum acordo, quando a tentadora avança em sua direção. Nem bem ela esboça vir para nosso lado, e Eddie já se manda, grasnando de horror "*I don't want none of that*", e eu faço o mesmo. Vários carinhas saem, porque não querem ser provocados tão brutalmente assim, ou porque têm medo de serem atraídos à força para o palco, para um *strip-tease* mútuo. Anthony permanece com prudência à porta; mais tarde, ele iria se indignar em voz alta, porque esse espetáculo estava acontecendo na nossa presença. (É verdade que ele é muçulmano. Há pouco tempo, dizia-me que é "preciso resistir à tentação, resistir ao pecado. Por que eu deveria olhar para outras mulheres quando tenho minha mulher em casa?")

Passemos à fase da remuneração: os homens nos quais a dançarina vem se esfregar agora são convidados a escorregar notas de dinheiro em seu sutiã (que ela vestiu de novo, expressamente para essa finalidade) ou no biquíni, o que eles fazem de modo obediente. Ashante está com uma cara totalmente embaraçada diante desse espetáculo, mas quando a moça avança para ele, surpreendentemente permanece em seu lugar, estóico. Ela esfrega-se langorosamente em seu tronco e depois enrola-se em volta dele, de tal forma que literalmente o envolve com seu longo corpo quase nu (ela tem duas vezes a altura dele). Ashante fica assim, fechado nos braços tentaculares da dançarina, durante uns bons vinte segundos e, finalmente, quando ela o liberta, ele enfia uma nota de um

dólar no biquíni dela. Está vermelho como um pimentão, e eu não perco a oportunidade de brincar com ele: "Vimos os seus joelhos tremendo e seu rosto inchando" (é assim que se fala de um boxeador que se deixa esmurrar).

Saio do salão de dança e combino com Eddie de dizer a DeeDee que Curtis está no palco, fazendo *strip-tease* com a dançarina. "Uuu! Dá um tempo, eu não acredito! *Man*, Curtis está pelado com a gata." DeeDee levanta-se rapidamente do banquinho, com o copo de uísque na mão. "*O que*, deixa eu ver *isso*, *onde*?" Quando percebe que é uma brincadeira, começa a rir junto com a gente. "Estou ferrado! Eu punha o rabo dele a nocaute, *knock him cold as a milkshake*." Pergunto ao velho treinador por que *brother* Woods (o co-empresário de Curtis e antigo responsável pelo Boys Club de Woodlawn) não está aqui esta noite: "Eu não sei, ele devia ter vindo. Mas isso não tem a menor importância, de todo modo [*no-how*], era só uma lutazinha de aquecimento."

A segunda menina que faz um número de dança é mais "exótica" ainda que a primeira. Ela senta-se a cavalo sobre os clientes e imita evidentemente uma cópula, com muitas caretas e expressões de êxtase simuladas; chega a deixar que um dos felizes escolhidos a amasse e dê um beijo guloso no rosto. No Studio 104, não se atua com delicadeza artística, nem segundo o simulacro baudrilladiano.

Enquanto o espetáculo continua, assisto a uma provocação sexual entre a grande dançarina exótica (ela se sacode com um vestido de franjas desabotoado que deixa à mostra as nádegas nuas) e Tim Adams, o árbitro negro que oficiara a luta pelo título de Curtis, em Aurora. Ela berra que ele está com medo dela e que não é macho o bastante para uma mulher como ela. Ele responde com veemência, mas com um sorriso nos lábios, que já conheceu muitas outras mulheres e que é ela quem está negaceando. Visto que está tão segura assim de sua feminilidade, ela só tem de seguilo até o banheiro, onde ele terá o maior prazer de lhe mostrar o que sabe fazer. (Isso tudo é muito incoerente, já que Tim Adams está acompanhado pela sua namorada do momento.) A dançarina devolve-lhe a resposta, desafiando-o a abrir a braguilha ali mesmo, na frente dela e de todo mundo, "para mostrar o que você tem aí". Tim não se faz de rogado e imediatamente abre a



Depois da ansiedade e da dor da luta, a descontração e o prazer no bar do Studio 104; Eddie e DeeDee, um ri, o outro bebe.



Eddie, Liz e DeeDee posam para a tradicional foto depois da luta.



Liz, DeeDee e Louie.

braguilha, pronto a exibir seus atributos de macho. Ela excita-o verbalmente: "Tira, tira, deixa eu ver."

– Ah! Você quer ver, tem certeza? Você não vai ficar nem um pouco decepcionada, minha querida, eu posso garantir! Você quer?
– *Tira*, estou dizendo pra tirar, deixa eu ver o que você tem aí. Eu aposto que você não vai tirar, porque você não tem nada pra mostrar de verdade.
– *Okay!*
Tim finge que vai tirar o seu membro viril da calça entreaberta, com um gesto teatral que dá a impressão de que se trata de algo de um tamanho excepcional.
– Tira que eu faço um [inaudível].
Ela aproxima-se e mete-lhe a mão no baixo ventre.
– Ôpa, estou avisando pra não me tocar. *A última mulher que pôs a mão nele teve que ir buscar um* doggy bag *pra levar a sobra pra mamãe.*(28)
Risos unânimes dos amigos e curiosos que estão em volta dos dois. Tim, mais uma vez, desafia a dançarina a tocá-lo, o que ela prontifica-se a fazer, quando ele segura-a vigorosamente pelo braço.
– Vamos, vem pra esse quartinho aqui, vamos ver quem sai primeiro.
– Não estou com medo de nada que você tenha pra me mostrar. Você pode me mostrar, *que merda.*
– Combinado, então vem, entra aí, vamos ver quem vai sair *correndo.*

Os dois desaparecem no quartinho que, há duas horas apenas, servia-nos como vestiário, desencadeando a hilaridade irreprimível do amigo de Tim. Sua namorada, em contrapartida, está lívida! Dois longos minutos mais tarde, a dançarina seminua sai com um andar resoluto e felino, seguida de perto por um jovial Tim. Este lança para a geral: "Vocês viram quem saiu primeiro?" A moça

(28) Um *doggy bag* (literalmente, "sacola para cachorro") é uma sacola de papel na qual os comensais de um restaurante levam os restos de seus pratos, no fim da refeição, para comê-los mais tarde em casa.

replica, brincalhona: "Mas eu estou correndo? *Estou correndo*? Você disse que eles iam ver eu sair do quarto correndo. Não estou correndo."

DeeDee conversa um instante com um velho campeão de peso médio, membro da equipe olímpica norte-americana de 1960, junto com Ernie Terrel e Mohammad Ali. Apresenta-nos, a mim e a Liz, ao boxeador. Tiro fotos no bar e ensaio alguns passos de dança, para grande alegria de Ashante e de Lamar, que querem a todo preço que eu faça para eles o "*Running Man*" – minha já consagrada imitação do *rapper* M. C. Hammer – na pista.(29) DeeDee também começa a se balançar no lugar e, depois, dá um toque em Lamar, para roubar-lhe Wanda. Eles fazem umas reviravoltas sozinhos pelo salão – acho-a tocante com seu grande sorriso de coruja e seu longo vestido vermelho –, mas, eterno amante das mulheres bonitas, DeeDee cochicha para mim: "Ela é feia mesmo, essa coitada da Wanda." Já passa da meia-noite. Só restam ali o grupo do Woodlawn e a família de Curtis. Está na hora de levantar acampamento.

"Você derruba mais dois caras, e eu paro de beber"

Nós nos distribuímos em dois carros: Ashante vai para o North Side com Ernie Terrell e dois dos veteranos; Olivier, Fanette, Liz, Eddie e a moça gorda da rua 63, com os quadris de plástica, apertam-se na minha Plimouth Valiant; eu sigo com DeeDee e Curtis. Mas quando subo no jipe, descubro que temos companhia: uma pequena jovem negra, com os cabelos em tranças e vestida com um *collant* vinho muito *flashy*, está sentada no banco de trás, escondida no escuro. DeeDee subitamente toma consciência da presença imprevista dessa jovenzinha e pede explicações a Curtis,

(29) Por ocasião de uma noitada dançante em um clube do South Side, eu tinha, sem saber, feito esse passo de dança "patenteado" pelo *rapper* M. C. Hammer com tamanha perfeição que o D. J. pedira às pessoas que se afastassem para me liberar a pista. Isso valeu-me o codinome de "*The French Hammer*" ("O Martelo Francês"), carregado de ironia no contexto da academia de boxe, onde ele poderia designar minha potência de soco...

enquanto este se prepara para dar a partida. E eis que os dois começam uma longa disputa para saber se foi Curtis quem disse à garota para voltar com ele ou se ela subiu no carro antes ou depois do velho treinador. A pobre adolescente permanece imóvel, assustada por ser a causa de uma rixa verbal virulenta que vai durar boa parte do trajeto. DeeDee cobre-a de perguntas ("Quem é você? Você é namorada de quem? Quantos anos você tem? O que você está aprontando aqui? Quem disse pra você entrar nesse carro?") com um tom agressivo que, na verdade, é dirigido a Curtis, que finge cantar aos berros, acompanhando o CD de *soul music* que toca no rádio. Essa é uma forma de dizer a Curtis que DeeDee não aprova esse gentil convite de última hora. Durante todo o trajeto, DeeDee e Curtis brigam também para decidir onde e quando o boxeador deve deixar a menina. DeeDee insiste para que Curtis vá deixá-la em casa primeiro; subentendido: nada de fazer bobagem com ela depois que você me deixar em casa.

Os dois compadres brigam violentamente. O treinador chega mesmo a ameaçar descer do carro e voltar para casa por conta própria, quando cruzamos a South Chicago Avenue. Em voz baixa, eu consolo a pobre menina: "Não fique preocupada, eles discutem assim o tempo todo, é como um casal de velhos." Ela está bem intimidada com a implicância manifesta de DeeDee. Ele e Curtis voltam a falar brevemente sobre o combate. O boxeador de Woodlawn defende-se das críticas de seu treinador. (Creio que ele tem uma tendência a ficar cheio de si depois de uma luta: não enxerga seus erros.) Os dois riem juntos, lembrando-se da senhora Garney: "É um verdadeiro bicho, hein, DeeDee, ela tem até bigode." "Ééé, ela é feia, com certeza, *mas ela é bem servida também* [*loaded*]." "O que você quer dizer com isso?" "Ela é cheia da gaita. Nasceu rica. Herdou muita grana." Apesar do ruído infernal da música, consigo gravar a conversa. Trechos escolhidos:

DeeDee: Eu bem que gostaria de saber como é que ela entrou no carro, essa daí.

Curtis [fingindo surpresa]: Bom, você não sabe como ela entrou aqui dentro?

DeeDee [controlando o exaspero com dificuldade]: Não, eu não vi esta senhorita subir aí dentro!

Curtis: Bom, ela já estava aí quando o senhor entrou?

DeeDee: Estava.

Curtis [subindo de tom, encolerizado e tentando inverter os papéis]: Mas então como é que ela entrou?

DeeDee: Ela já estava aí dentro quando eu entrei, já falei pra você.

Curtis: *Man*, mas o senhor estava sozinho no carro, ninguém entrou no carro assim: ela entrou com o Louie...

DeeDee [calmamente]: *Claro que não.*

Curtis [virando-se para a moça]: Você entrou no carro com quem?

Garota [timidamente]: Sozinha.

DeeDee [incrédulo]: Sozinha?

Curtis [como se o caso estivesse encerrado]: Isso responde à tua pergunta, DeeDee, hein? Então, *não me faz pagar o pato*: eu estou nessa que nem você, é isso aí [subtexto: "Eu atraio as garotas, não posso fazer nada"].

DeeDee: É, é, é, essa não, você não está na mesma que eu...

Curtis: Não, não estou na mesma, é verdade, o senhor é selvagem [*heathen*], o senhor... [ele ri com gosto do xingamento, e eu rio com ele]. Eu deveria ter ficado de olho no senhor a noite toda. Tentando tomar o lugar de Derrick, e tudo o mais [quando DeeDee dançara com Wanda. Curtis ri mais ainda]!

DeeDee [indignado]: Tomar o lugar de Derrick?

Curtis: Éééé!

DeeDee: Ele e Wanda?

Curtis [jovial]: Éééé!

DeeDee: Estava me divertindo um pouco, só isso. Não estava [inaudível]. É por causa daquele copo [inaudível].

Curtis [com um tom de zanga]: Por que o senhor está sempre bebendo?

DeeDee [aborrecido]: Não tenho mais nada pra fazer.

Segue-se uma longa argumentação a respeito do direito de que DeeDee desfruta, de vez em quando, de permitir-se os prazeres da vida (os mesmos de que Curtis deve se privar) por causa da sua idade avançada, e depois uma discussão para saber se Curtis vai deixar a menina em casa antes ou depois de nos deixar, a DeeDee e a mim.

Curtis [interrompendo DeeDee aos gritos, para poder ser ouvido, por sobre a música, que urra nos alto-falantes do estéreo]: Me divertir? Me divertir? Mas isso não é divertido!

DeeDee: E depois você leva o Louie em casa. Você leva a senhorita primeiro, *depois* você me leva e depois vai deixar o Louie em casa: eu não estou *maluco*. [Como Curtis finge que não está escutando, ele vocifera.] Bom, pára aqui, vira aqui à esquerda e estaciona, estou dizendo, ali, ao lado do [inaudível].

Louie: Aqui não pode parar, DeeDee, estamos na South Chicago Avenue, a gente pode seguir nesse sentido.

Curtis: Saca só, DeeDee, eu já falei pro senhor parar com esses porres, *man*. Eu vou ter que pôr o senhor pra fora do carro!

DeeDee [ele está um bocado nervoso]: Merda, *eu posso saltar*! Merda! Eu sei como chegar em casa sozinho.

Curtis: O senhor tem certeza? Daquela vez, o senhor voltou...

DeeDee [interrompendo-o]: ... Pega a direita, está bem.

Curtis: Precisava de alguém que desse uns bons tapas nele [*somebody better slap him upside...*].

DeeDee [interrompendo-o de novo]: ... Ninguém vai me dar tapa nenhum.

Louie [para a garota, paralisada de medo no banco de trás]: Eles batem boca assim o tempo todo, não precisa se preocupar. [...]

A conversa acaba voltando para a luta desta noite.

Curtis: De repente, ele mandou uma saraivada de golpes pra todos os lados, ele estava totalmente desorientado, eu não conseguia desviar a guarda dele e passar por ela. Mas o golpe me pegou na hora que eu ia pegar ele. E eu queria – eu estava tentando alinhar meus pés. [Chateado com a atitude indiferente de DeeDee, que evidentemente não queria ouvir nada das suas explicações.] Ao mesmo tempo – não era um *knock-down*! Eu estou te falando, o árbitro computou como um *knock-down*, então precisava *que eu fizesse de conta* que era um *knock-down*. [Ele eleva a voz para impedir que DeeDee interrompa-o, mas em vão.]

DeeDee: Você foi à lona, e toda vez que alguém vai à lona, seja um *flash knock-down* [quando o boxeador reanima-se imediatamente] ou um *knock-down* de verdade, não interessa, não é uma escorregadela... [Breve pausa.] E é sempre a mesma coisa – toda vez, você se levanta da lona e põe o cara a nocaute no mesmo *round*. E isso não está com nada!

Curtis: O que é que não está com nada? [Erguendo a voz como forma de se defender, mas com um tom neutro.] *Os fãs adoram isso*!

DeeDee: É, eu sei, é como com o cara vermelhão que estava acima do peso... [Referência a uma luta do ano anterior, durante a qual Curtis foi levado à lona por um breve instante por um adversário dez libras mais pesado do que ele.]

Curtis: É, é, é.

DeeDee: Ele mandou você à lona, bum, bum! Você levantou e mandou o cara pro chão, você está entendendo o que eu estou dizendo pra você? [Pausa.] É, porque você precisa de muito tempo *pra meter uma coisa na tua cabeça* [*get your mind jacked up*].

Curtis: Mas o que é que é isso, quando eu caí, o árbitro começou a contar, como se fosse um *knock-down*, e foi aí que eu saquei que estava na hora de começar o serviço [*get busy*].

DeeDee: E você também precisa de muito tempo pra entrar no *corpo a corpo*. E você é, de longe, o *mais forte*, mas pra isso você tem que flexionar os joelhos. Quantas vezes você mandou o cara à lona?

Curtis [virando para mim, com seu orgulho recuperado]: Louie, quantas vezes eu mandei ele à lona?

Louie: Ih, três vezes, e uma vez o árbitro achou que era um escorregão. [Pausa.] E uma outra vez, você sacudiu ele e finalmente mandou ele pras cordas.

Curtis [interrompendo-me]: Ele me enfiou uma cabeçada no olho.

DeeDee: É, é, eu sei disso.

Louie: Só faltou ele passar pelas cordas pra se estabacar lá embaixo.

DeeDee [rindo devagar e sacudindo a cabeça]: Ha, ha, ha, e ele dava cotoveladas também. Não tem nada demais nisso... Ele é um cara *calejado*, ele tem bem uns quarenta combates pra trás. [...]

DeeDee anuncia que vai passar para tomar um último gole e terminar a noite em um bar perto de sua casa. Curtis imediatamente aproveita para lhe passar uma nova lição de moral.

Curtis: *Man*, pára com isso, o senhor não tem necessidade de beber! [Elevando a voz em um tom de cólera fingida.] O senhor é demais, o senhor é tão demais, demais, demais que está passando da conta.

DeeDee [rindo, como se ele tivesse sacado um grande lance]: Você ganha mais duas lutas, *você derruba mais dois caras, e eu paro de beber*.

CURTIS: É, é, é isso! Louie, você ouviu isso, você ouviu o que ele acabou de dizer, hein?
LOUIE: É, eu ouvi.
DEEDEE: Mais dois, você derruba mais dois sujeitos e eu paro de beber.
LOUIE: Eu sou testemunha.
DeeDee [triunfante]: *E de fumar!*
CURTIS [orgulhoso de constatar que DeeDee atribui tanta importância assim ao sucesso de sua carreira]: O senhor teve medo quando ele me derrubou?
DEEDEE [com um tom indiferente]: *Claro que não.*
CURTIS: Por que não?
DEEDEE [sacudindo a cabeça]: Uh, uh!
CURTIS [incrédulo]: Por que não? *Por que não?*
DEEDEE: Por quê? Porque eu vi como você se levantou. [Destacando as palavras.] Você não se levantou bamboleando *como James Brown* [*James Brownin'*] e tocado [*wobbly*].
CURTIS: Eu me levantei de uma vez só, assim, uulala!
DEEDEE [solta um grande arroto]: Se você se levantasse todo mole, como James Brown [resmungando entredentes], então eu teria logo sabido que a coisa estava acabada para nós. Mas eu sabia que você não estava tocado.



Uma rua de comércio típica do gueto.

Quando chegamos à Cottage Grove Avenue, Curtis avisa, todo satisfeito, que vai me levar primeiro, depois vai deixar a menina, deixando DeeDee por último. "E não vão ficar pensando que vocês vão me dizer onde é que eu tenho que ir: *o único lugar onde vocês me dizem o que eu tenho que fazer é no ringue!*" O jipe Comanche faz escala diante do meu prédio, salto para a calçada e dizemos até amanhã, no *gym.*

No dia seguinte, o telefone toca um pouco depois do meio-dia, quando estou datilografando minhas anotações. É DeeDee, que quer contar as novidades. Ainda está de ressaca do uísque de qualidade duvidosa que tomou ontem à noite – terminou a noitada em companhia de Curtis e da menina, no bar da esquina da rua 69 com a Indiana Avenue. "Não fiquei muito tempo, não tinha ninguém, só eu e o garçom. Apresentei pra ele esse animal do Curtis." Depois, este deixara-o em casa, antes de ir levar a menina que estava conosco. Quem diria...

DEEDEE: Eu vou cair de pau em cima dele e lhe dar uma boa por causa dessa menina. De toda forma [*no-how*], ela não tinha nada o que fazer lá dentro do carro. E ela é ainda mais nova do que estava dizendo, éé. É a namorada de Milkman, e como ele ainda não tem nem 16 anos... Disse que brigou com ele, e que foi por isso que se mandou.
LOUIE: De todo modo, você fez ela passar um mau pedaço, DeeDee, com certeza.
DEEDEE: Ah, é. Antes eu já *espantei um monte delas do gym, com medo de mim.* Tinha meninas que vinham à academia, e eu perguntava [com uma voz fria e dura]: "No que é que vocês estão se metendo aí?" Tinha uma menina que vinha para ver Curtis. Ela se sentava perto do ringue, e eu mandava bem alto: "Curtis, tua mulher está te chamando no telefone!" [Gargalhadas.] Ele ficava puto [*pissed*]... Hoje, não vou à academia, talvez pegue um dia de folga...

É verdade que estamos todos precisando de descanso: foi uma longa jornada, desde a pesagem até a volta do Studio 104, e mesmo que DeeDee afirme que não ficou preocupado com nada, a tensão nervosa que envolve um combate é sempre extenuante. "Oh! Não estou ansioso. *Shit,* não há nada que me faça ficar ansio-

so, Louie. *Nada com o que se assustar* [*nuthin's the matter*]. Não é nada demais. Essa luta não foi nada. Não esquento a cabeça com nada. [*I don't let nuthin' bother me.*] O que tiver que pintar pinta, de um jeito ou de outro [*no-how*]. Depois de cinqüenta anos dessa coisa, isso não me afeta em nada. Mesmo quando Curtis foi à lona, eu observei bem ele, a maneira como se levantou, sabia que ele não sentira o golpe. Ele mandou Hannah à lona no mesmo *round*, e a coisa quase parou por aí. Foi o mesmo que aconteceu em Harvey, quando ele lutou com esse sujeito grandalhão [*big boy*]: deixou-se levar à lona, levantou e meteu o rabo do cara na lona, e teria mandado ele a nocaute se tivesse mantido a pressão. Sei muito bem o que ele faz no ringue. Faz as mesmas palhaçadas habituais da academia [*pull that shit* – quer dizer, permanecer passivo nas cordas de modo a deixar o adversário se cansar de bater em suas luvas.] Se você faz isso muito tempo, depois você fica relaxado. Isso vira um hábito, quando você calça as luvas. Ele fazia isso com Keith na academia, se deitar nas cordas e, depois, quem vai se deitar é você, na luta. Eu sei que ele sabe o que faz. As pessoas não sabem, mas ele sabe o que faz, e eu sei que ele sabe. Mas isso, isso vem do *gym*: ele não pode esquentar a coisa como quiser na academia, quando treina com Keith, não pode trabalhar duro com ele. *Não há muitos caras com quem ele possa calçar as luvas* e trabalhar duro – Rodney e Tony não estão lá agora, e Ashante ainda não está pronto." DeeDee é da opinião de que Curtis não tem, no *gym*, alguém com quem possa treinar em seu próprio nível: ele bate muito seco, muito rápido, e não tem paciência com seus parceiros de *sparring*.

O velho treinador queixa-se novamente do velho Page, que telefonou para ele esta manhã outra vez: "Queria me dizer que Al Evans está na cidade [com uma voz falsamente excitada]: 'Al Evans está na cidade, DeeDee!' *Mas, porra,* quem é *Al Evans? Um nada de na-da, um nin-guém* [*no-thin', no-bo-dy*], ele não consegue fazer *nada*. Eu disse pra ele: '*Man*, por que você está me contando isso, não estou nem aí, nem quero saber. E você está aí todo excitado, por pouco eu não estava achando que era Jesus Cristo que estava na cidade'." Al é um boxeador local de segunda linha, cujo único título de glória foi ter posto Mike Tyson a nocaute há cerca de dez anos, por ocasião de um torneiozinho de amadores do qual



DeeDee, sentado em sua cama na cozinha, conversa sobre boxe ao telefone.

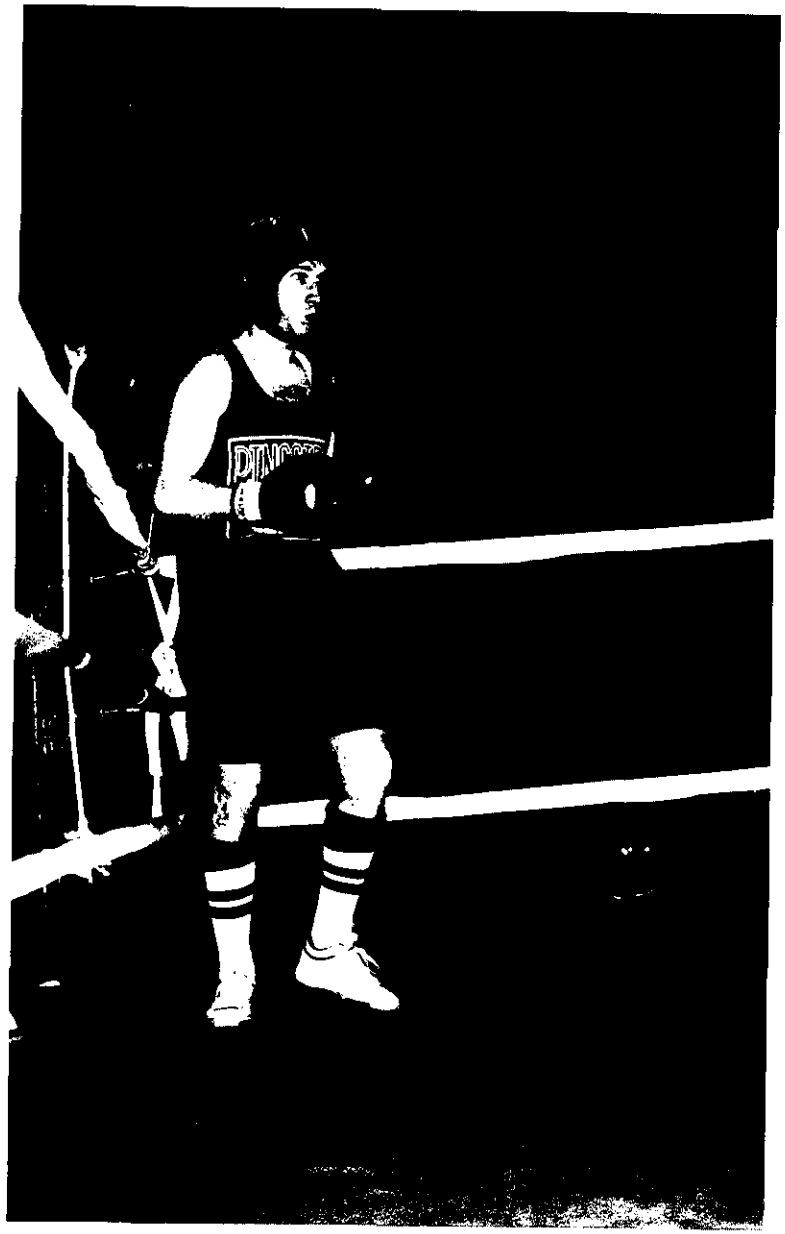
ele não deveria nem ter participado, porque já estava muito velho (ele tinha 24 anos, enquanto Mike Tyson estava apenas com 14). Depois disso, ele tornou-se profissional e colecionou cinco derrotas em seis combates; atualmente, "vende-se" como parceiro de *sparring* nos campos de treinamento dos grandes promotores nacionais – estes sempre têm necessidade de um peso pesado para servir como *punching-ball* para seus pupilos. Ele estava na reunião de ontem à noite, e o locutor do Studio 104 apresentou-o à platéia. "É um carinha simpático, ele é legal [*awright*]. Mas por que diabos eu iria ligar pra alguém de manhãzinha pra dizer que Al Evans está na cidade? Isso nunca me passaria pela cabeça."

Talvez DeeDee vá ficar descansando em casa e deixar o *gym* fechado hoje – o que vai acontecer pela primeira vez nos três anos que eu freqüento a academia. Mas depois, com muita reticência: "Não sei se Eddie vai estar lá, e depois que terminou

com Lorenzo e Keith, ele nunca trabalha com os outros rapazes, esse Eddie. E sempre há os garotos que vão se encontrar lá. Não gosto nem um pouco que eles entrem na academia e mexam no material. Já, mais de uma vez, sumiu um par de luvas. Perguntei a Anthony se tinha sido ele, e ele me disse que não. Talvez tenha sido um desses, que entrou lá e pegou as luvas." DeeDee está em seu elemento, em seu *gym*.

Notas

1. Pode-se encontrar uma análise desse ofício, assim como da organização econômica e financeira do boxe profissional nos Estados Unidos, em Loïc Wacquant. "A flesh peddler at work: power, pain and profit in the prizefighting economy". *Theory and Society*, v. 27, n. 1, fevereiro de 1998, p. 1-42.
2. Sobre essa ética do domínio corporal diante da qual o boxista deve curvar-se e sobre as privações que ela implica, em matéria de alimentação, de vida familiar e de comércio sexual, ler Loïc Wacquant. "Sacrifice". In: Gerald Early (org.). *Body Language*. Saint Paul, Minnesota: Graywolf Press, 1988, p. 47-59.
3. United States Senate. *Hearing on corruption in professional boxing before the permanent Committee on Governmental Affairs, One Hundred Second Congress, August 11-12, 1992*. Washington: Government Printing Office, 1993.
4. In-Jin Yoon. *On my own: Korean business and race relations in America*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997; Jennifer Lee. "Cultural brokers: race-based hiring in inner City Neighborhoods". *American Behavioral Scientist*, v. 41, n. 7, abril de 1998, p. 927-937.
5. Ver Terry Williams. *Crackhouse: notes from the end of the line*. Reading (Massachusetts: Addison-Wesley, 1992); Philippe Bourgois, *Searching for respect: selling crack in El Barrio*. Cambridge: Cambridge U. P., 1995.
6. Para um breve relato dessa experimentação sociológico-pugilística, ler "Bienvenue au ghetto". *L'Équipe Magazine*, n. 471, 27 de outubro de 1990, p. 68-71 e 75.
7. Patricia A. Turner. *I heard it through the grapevine: rumor in African-American culture*. Berkeley: University of California Press, 1993. Encontra-se também uma versão no relato que um "traficante de ruas" faz de sua vida no South Side (Loïc Wacquant. "'The zone': le métier de 'hustler' dans le ghetto noir américain". In: Pierre Bourdieu *et al. La misère du monde*. Paris: Seuil, 1993, p. 181-204 [trad. bras.: "A Zona". In Pierre Bourdieu *et al. A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997, pp 177-201].
8. Sobre o papel-chave desses estabelecimentos na reprodução da sociabilidade expressiva da comunidade negra norte-americana, ler o belo livro de Michael J. Bell. *The world from Brown's lounge: an ethnography of black middle-class play*. Urbana: University of Illinois Press, 1983.
9. Howard S. Becker. *Outsiders: studies in the sociology of deviance*. Nova York: The Free Press, 1963.
10. Cf. Loïc Wacquant. "A flesh peddler at work", art. cit., p. 6-14.
11. Loïc Wacquant. "La boxe et le blues". *Les Cahiers de l'IRSA*, Montpellier, n. 2, fevereiro de 1998, p. 223-233.
12. Sobre o local das disputas verbais e a importância da arte de bem falar na cultura e na sociabilidade afro-americana urbanas (da qual o *rap* é o recente avatar na esfera comercial), pode-se consultar Roger D. Abrahams. *Down the jungle. Negro narrative folklore from the streets of Philadelphia* (Nova York: Aldine de Gruyter, 1963); e Thomas Kochman. *Rapping' and stylin' out: communication in urban black America* (Urbana: University of Illinois Press, 1972).
13. Loïc Wacquant. "The prizefighter's three bodies". *Ethnos*, v. 63, n. 3, novembro de 1998, p. 325-352.
14. Loïc Wacquant. "A flesh peddler at work", art. cit., p. 23-30.
15. Teddy Brenner e Brian Nagler. *Only the ring was square*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1981, p. 22.
16. Steve Brunt. *Mean business: the rise and fall of Shawn O'Sullivan*. Harmondsworth: Penguin, 1987, p. 201.



"Busy Louie" em seu córner,
antes do combate.

"Busy Louie" nas Golden Gloves

Sete semanas de preparação. Cinqüenta dias de labuta e de suor, de caretas, de dúvida e de entusiasmo, tudo misturado, de "devoção monástica", como bem diz Joyce Carol Oates.[1] Dez quilômetros percorridos a cada manhã, no frio polar do inverno de Chicago, milhares de gestos, por vezes ínfimos, simples ou complicados, mas sempre caprichados, incansavelmente repetidos e apurados, e outro tanto de golpes dados, recebidos, encaixados e não encaixados. Esta noite, subo ao ringue. Hora da verdade. Chegaram as Chicago Golden Gloves, o mais prestigioso torneio amador da cidade. Orgulhoso de seus quase setenta anos, carregando em seu rastro a legenda das horas de glória da Nobre Arte, quando o Chicago Stadium e o Madison Square Garden de Nova York disputavam as luzes do palco pugilístico, Tony Zale, Ernie Terrell, Sonny Liston, Cassius Clay aí poliram suas primeiras armas e aí provocaram as primeiras devastações. Ansiedade, impaciência. Rápido, está chegando!

Tornar-se boxeador, preparar-se para um combate é como ingressar em uma religião. *Sacrifício!* A palavra retorna sem cessar à boca do velho treinador DeeDee, conhecido na matéria: meio século devorado nos bastidores dos ringues de Chicago, Los Angeles, Osaka e Manila, no curso de uma vida com o perfil de uma montanha-russa. Aprendeu seu ofício sob a batuta de Jack Blackburn, o treinador de Joe Louis, que fazia seu passeio diário no Parque Washington, exatamente onde vou correr toda manhã. DeeDee vagueou por todos os *gyms* do South Side antes de exilar-se durante vários anos na Ásia, para curar-se de um desgosto amoroso. De volta a Chicago, na miséria do gueto negro,

ou daquilo que resta dele, depois de ter conhecido sua hora de glória, breve e intensa: dois campeões do mundo, o filipino Roberto Cruz, o norte-americano Alphonzo Ratliff. Esquecidos antes mesmo de se terem tornado conhecidos do grande público. A academia do Woodlawn Boys Club será sua última escala. Atualmente, DeeDee sobrevive como pode, se virando. Todo dia, abre o *gym* em uma hora determinada e fecha as agressivas grades exatamente às sete horas. "Essa droga de *gym*, tem dias que não consigo suportá-lo." Mas nada poderia arredá-lo do *gym*. É aí que ele simplesmente *é*. Até mesmo nos domingos de véspera de combate, quando seus pupilos se apresentam no Park West, no International Amphitheater, no cruzamento de Halsted com a rua 43, ou num cinema de subúrbio. Sua vida não passa de um enorme sacrifício a essa ciência da luta, à qual ele se dedicou totalmente e que lhe rendeu tanto e tão pouco, ao mesmo tempo. "Minha vida não passou de uma gigantesca embrulhada, mas uma belíssima embrulhada!", diz-me ele, sorrindo. Não se arrepende de nada. Ele que o diga!

Sacrifício! A palavra destaca-se contra as paredes amareladas da academia, sobe ao longo do teto despencado, desliza sobre os sacos de bater, que oscilam na ponta de suas correntes, ressoa nos armários metálicos, onde os freqüentadores habituais arrumam seus instrumentos de trabalho ao fim do dia: luvas gastas, bandanas manchadas de suor, sapatos fechados, capacetes de *sparring*, roupões rasgados de cores outrora audaciosas. Preparar-se para um combate é submeter-se, dia após dia, a um verdadeiro ritual de mortificação. Hoje, compreendo melhor do que antes por que DeeDee sempre grunhe que "ser boxeador é uma profissão que toma vinte e quatro horas por dia. É preciso que você tenha isso na cabeça o tempo todo. Se você quer fazer a coisa direito, não pode fazer outra coisa." Na verdade, não é tanto a brutalidade das lutas que leva os profissionais no final de carreira a repor as luvas, mas sim os rigores intratáveis e incontornáveis do treinamento, a economia da vontade e do corpo que ele produz aos poucos. Nada escapa ao tempo, sobretudo os boxeadores, esses homens que sonham acordados com a imortalidade.

A vida do boxeador no ringue é essa existência "miserável, brutal e curta" de que falava Thomas Hobbes, quando evocava o estado da natureza. Por comparação, a vida que ele leva no *gym* parece feita de langores e de doçura.(1) Ela tem seu tempo próprio, estirado até o infinito, seus ritos impregnados de minúcia, seus ritmos que, paradoxalmente, visam tanto a fazê-los esquecer os combates como a prepará-los para eles. Ela alimenta-se não de uma violência sofrida, imprevisível e temida, mas de uma violência desejada, planejada, auto-inflingida, consentida, porque controlada. Domesticada. Esqueçam o ringue: é na penumbra anônima e banal do salão de treinamento, ao mesmo tempo refúgio e oficina, que se forja o combatente. O *gym*, é antes de mais nada, feito de sons, ou melhor, de uma sinfonia de ruídos específicos, imediatamente reconhecíveis entre milhares – assobios, sussurros, batidas de luvas no saco de areia, ranger de correntes, galope regular do pulo na corda, "ra-ta-ta-ta-ta" inimitável da pêra de velocidade – em um andamento sincopado e persistente. São também odores tenazes, ácidos. É um microclima, uma atmosfera espessa, quase sufocante, pesada pela sua própria monotonia. Que impregna o corpo por todos os poros, penetra-o e modela-o, alimenta-o e excita-o por todos os nervos, esculpe-o no combate.

"Você ganha seu combate no *gym*", repetem os veteranos até a saciedade. Porque *o gym é usina*. Cinzenta, fechada e rudimentar, onde se fabricam essas mecânicas de alta precisão que são os boxeadores, segundo métodos em aparência arcaicos, mas quão sábios e já comprovados. Trabalhar no saco de areia é fabricar uma peça com esses instrumentos grosseiros que são os punhos dentro de luvas. Instrumento e peça fundem-se nesse mesmo corpo que serve de arma, de escudo e de alvo para o pugilista.[3] Encontrar a distância certa, respirar, esgrimir (os olhos, os ombros, as mãos, os pés), deslizar um passo para um lado, para deixar o saco de bater passar, retomá-lo no vôo com um gancho de esquerda a meia altura. Não muito alto nem mais amplo, para não deixar que adivinhem o seu gesto. Redobrá-lo no rosto com um movimento curto e seco, depois segui-lo com um direto de direita,

(1) Freqüentemente destaca-se[2] – e com razão, segundo a minha experiência – que, fora do ringue, os pugilistas são pessoas cheias de doçura, como se estivessem ávidas de exteriorizar essa gentileza que lhes é proibida entre as cordas.

virando bem o punho à maneira de uma chave de fenda, de modo a alinhar a aresta do pulso horizontalmente, justo na hora do impacto. "O gancho de esquerda e o direto de direita caminham juntos, como marido e mulher", explica-me Eddie, o treinador assistente da academia. O pé de trás gira levemente, transfere-se o peso do corpo para a outra perna. Giro de quadris de novo, exatamente o necessário para dar ao corpo o ângulo que minimiza a superfície atingível oferecida ao adversário. Um passo para a esquerda, e encadeia-se um jabe, esse direto de esquerda em torno do qual tudo revoluciona, porque ele serve, ao mesmo tempo, como instrumento para afastar (defesa) e alvo (ataque). "Dispara esse jabe! Manda brasa! Faça o couro ressoar com tua esquerda! Redobre o jabe e manda uma direita depois."

É preciso não se enganar: o trabalho no saco de bater é tanto mental como físico. A própria distinção dissolve-se no suor acre que me escorre pelos olhos. "Mexa a cabeça, gente boa! Não é um saco de bater que está na tua frente, Louie, é um homem!", ressoa a voz de DeeDee. "Quantas vezes eu já disse a você que precisa pensar. *Pensar! É com a cabeça que a gente boxeia.*" E, no entanto, todo mundo sabe, no íntimo, por ter sofrido na carne, que não se tem tempo algum para recuar no ringue, onde tudo é mandado por reflexos, em algumas frações de segundos. É que a cabeça está no corpo e o corpo está na cabeça. Boxear é um pouco como jogar xadrez com as tripas.

O gym é também covil. Aí vem-se encontrar refúgio, descansar da luz e do olhar crus e cruéis que lhe lançam de fora – os brancos, os policiais, os negros "*bourzois*", como diz meu camarada Ashante, os patrões e os chefetes, todas as pessoas estabelecidas que se afastam com um arrepio quando você entra no ônibus. Na América, não é nada bom ser jovem, pobre e negro. Assim, no *gym*, é possível fechar-se sobre si mesmo, entre os seus. Fica-se protegido. Do exterior, de si mesmo. Coloca-se entre parênteses uma vida que nem mais se considera injusta, por força do hábito, do comodismo. Somente dura, como os punhos. Poucas palavras, poucos gestos inúteis na academia. "Isso aqui não é uma sala de visitas, você não está aqui para conversar, ao trabalho, *work*!" Todos esforçam-se para endurecer, para resumir-se ao máximo a um corpo fechado, encouraçado, tenso. Nunca se baixa a guarda de verdade, mesmo atrás das portas do vestiário, esse santuário último.[4] No estreito reduto de paredes de gesso gordurosas, pintadas de azul berrante, sentados sobre a única mesa de madeira que serve como banco, trocam-se, com uma parcimônia pudica, palavras, tapinhas, risos e, sobretudo, olhares. Conversa-se furtivamente – boxe, mulheres, brigas, boxe, prisão, futebol americano, *rap music*, boxe. E, ainda e mais, boxe, sempre, o assunto é inesgotável. Comenta-se o *sparring*: "Você me tocou com a direita, Cliff, ainda estou sentindo meu maxilar... Tente manter a mão esquerda mais alta, Keith, quando você sai do corpo a corpo. Você ainda leva muitos golpes." Depois que um ferimento na mão interrompeu sua carreira promissora, Butch assume o ofício de conselheiro técnico espontâneo: "Um batedor que cai em cima de você, como Torres, você deixa ele vir em cima e contra-ataca com jabes secos. Secos! Mira bem o pescoço e bata como se quisesse passar através dele." Aposta-se em Holyfield a três contra um: o jamaicano "Razor" Ruddock tem soco, com certeza, mas não sabe se defender. E depois, Holyfield subiu de categoria de peso com o limite mínimo, ele "tem muita fome".

O *gym* é o antídoto contra a rua. Cada hora passada entre as paredes da academia é sempre uma hora subtraída do asfalto da avenida 63. Depois de dez anos de ringue, 16 vitórias e um empate entre os profissionais, Lorenzo espera, em breve, estar se candidatando ao título mundial WBO entre os pesos meio-médios. "Se não fosse pelo boxe", confia-me ele, hesitante, "não sei onde eu estaria... Provavelmente em cana, ou certamente morto em algum lugar, nunca se sabe. Cresci num canto barra-pesada, então, para mim, pelo menos, é bom pensar no que vou fazer antes de fazer. Me proteger da rua, é isso aí. O *gym* é um lugar bacana para mim, um lugar em que vou todos os dias. Porque quando você está no *gym*, você sabe onde você está, não tem que se preocupar com as encrencas, nem de se defender dos tiros." E se o *gym* fechasse? Corre o boato, produzindo arrepios. A municipalidade prometeu derrubar o cinema Maryland, que ocupa o prédio ao lado, uma carcaça de tijolos e de pranchas condenada desde meados dos anos 1970, quando o bairro branco e próspero de Woodlawn foi brutalmente transformado em gueto negro. Sim, e se o *gym* fechasse? Curtis nem quer pensar nesse assunto. "É

como tirar a casa das crianças. Você tem um bocado de jovens no bairro, sacou, que ficam zanzando na rua e vêm ao *gym* exatamente para escapar da rua. E tem carinhas mais velhos que tentam parar com a bebida e com a droga, tudo o mais, e que vêm à academia tentar se desintoxicar. É como se estivessem tomando alguma coisa das pessoas daqui, do público. Isso não é possível. Tem um grande significado. Pra mim também... Você está falando de me tirarem minha razão de viver, de tirarem o presente de Natal dos meus filhos, o alimento de suas bocas."

O gym é também, e sobretudo, uma máquina de sonhos. De glória, de sucesso, de dinheiro, é claro. Ganhar um milhão de dólares em uma noite... Que importa se a bolsa dos pugilistas que são chamados de boxistas "de clube" não ultrapassa, a duras penas, as duzentas notas por uma luta de quatro *rounds*, mil dólares para um combate que encabeça um programa atraente, em dez *rounds*, e um pouco mais se o *Telemundo*, uma cadeia hispanófona da cidade, digna-se a deslocar suas câmeras. Quem sabe se, com força de vontade, perseverança, sacrifícios e com *conexões* bem-feitas, talvez um dia... Conta-se que Alphonso Ratliff ganhou esse famoso milhão, antes de se deixar demolir por Tyson em Las Vegas. A verdade é bem menos dourada: o maior cachê que recebeu não ultrapassou os trinta mil dólares, sem descontar a parte dos empresários, do treinador, do *cutman*, do promotor, esse areópago que fervilha e multiplica-se desde que se começa a pôr a cabeça um pouco para fora. Estamos longe dessa conta. Curtis fala em reconstruir esse corredor do desespero que é a avenida 63: "Você vê esses edifícios queimados, todos esses terrenos baldios, as pessoas sem trabalho e que se drogam. Quando eu for campeão do mundo, vou mudar tudo isso. Vou abrir lojas com grandes cartazes de néon, um centro de desintoxicação, um serviço de emergência e depois um clube para os jovens." Quando eu for campeão do mundo...

Nada impede! Enquanto espera, o *gym* é uma máquina de retirar da *in-diferença*, da *in-existência*, e que anda a pleno vapor. Lembramo-nos do solilóquio de Marlon Brando, ex-boxeador que diz a seu irmão, em uma famosa cena de *On the Waterfront*: "Você não entende? Eu poderia ter tido classe. Eu poderia ser um pretendente. Eu poderia ser alguém." *Ser alguém*, está tudo aí! Sair do anonimato, da má sorte, isso só dependeria do tempo de alguns poucos *rounds*.(2) Um boxeador, no ringue, é um ser que grita, com todo o seu coração e com todo o seu corpo: "Quero ser alguém. Eu existo." Que morre de vontade de ser visto, conhecido, reconhecido, nem que seja, em último caso, pelas pessoas da vizinhança, pelos amigos ou pelos garotos do bairro, como aqueles que brigam para carregar a mochila de Curtis e que seguem suas idas e vindas com olhares de admiração. Ser um *role model*, antítese e antídoto do *dealer* da droga que todo mundo conhece e inveja, ao mesmo tempo que o despreza, isso já é o bastante. Mas as Golden Gloves são muito mais que isso, elas são, por si mesmas, uma galáxia. "Saca só, esse torneio é um título que todos os homens sonham ter, percebeu? É o sonho de uma vida! Golden Gloves! Você não sabe que você vai aparecer na televisão e tudo o mais? *Man*!" Curtis dá tapas frenéticos no peito de Chears. "Essa camiseta das Golden Gloves, você sabe o que ela tem de especial? Eu vou dizer pra você: você não pode comprar ela numa loja, você precisa ganhar ela no ringue." E das Golden Glove ao Caesar's Palace, com certeza, é só um passo.

Mas o sacrifício não começa nem pára no limiar da academia. "O serviço no *gym* é a metade do trabalho. A outra metade é a disciplina: comer como é necessário, ir dormir cedo, levantar cedo para o *footing*, largar as mulheres de lado e tudo o mais – tomar cuidado com o teu corpo, é isso." Alimentação, sono, sexo: a santíssima trindade do culto pugilístico.[7] DeeDee prescreveu-me um regime de peixe branco, peito de frango e filé de peru, acompanhados por legumes cozidos e frutas, regados a chá e água natural. Evitar pão, açúcar, refrigerantes nem pensar. E se eu ainda tiver fome? Ele pragueja: "Ter fome, mas isso não quer dizer nada! Isso está na sua cabeça, não existe – é uma cisma, é só." Mas privar-se na alimentação não é nada, comparado com a privação na

(2) Segundo o paradigma dado por Tully, essa personagem pungente de Leonard Gardner, *Fat City*,[5] levado à tela por John Houston no filme de mesmo nome. Como escreve Jean-François Laé, "somente o fato de subir ao ringue é uma promoção. A derrota não marca o homem com um ferro em brasa, bem longe disso. Ela não é temida, ela não é evitada a qualquer preço".[6]

cama. A mulher é o objeto de todos os desejos e de todos os terrores. Afirma-se e acredita-se piamente que é preciso ficar sem sexo durante as longas semanas que precedem o combate, porque transar amolece, fragiliza, enfraquece. E com razão: "Quando você goza, você perde o sangue que vem da coluna vertebral." Ashante chama-me à ordem: "Agora você deixa a tua mulher em paz, Louie, só faltam três semanas para a luta." O pequeno Reese não é menos categórico: "Esse sexo é um monstro, *man*. Isso te mata, eu digo porque já experimentei." Fat Joe, que, no ano passado, gabava-se de transar todas as noites e, como conseqüência prevista por todos, deixou-se esmurrar belíssimamente por ocasião de sua primeira luta, agora prepara-se com a seriedade de um papa: "Disse pra minha namorada: nem pensar! Espera até depois do torneio. Deixei de pegar esse serviço de 300 dólares por semana pra treinar pra valer e ganhar o título, então, não vou agora botar tudo a perder pra ficar com uma gata, não é?" Deplora-se a falta de continência de Fred, um feixe de nervos e de ódio que se esfalfa irremediavelmente no segundo *round*. "É uma puta pena. O Fred, ele daria um bom boxeador. É espadaúdo, bate bem e sabe encaixar. Mas gosta demais de mulher..."

Esse é, de longe, o sacrifício mais penoso. Anthony está sentado atrás da mesa de DeeDee, o tronco nu, a cara sombria. "Quer saber, Louie? Estou cansado. Que saco. Todos os dias boxear-suar, boxear-suar, boxear-suar, todos os dias! Estou realmente de saco cheio. Todos os dias, a mesma história. Isso não é vida." Seu olhar fugidio pára no teto. Não sei o que dizer, nunca o vira nesse estado, ele, que, de hábito, é transbordante de energia e treina com um afinco que beira a histeria. É que vai fazer cinco semanas que ele não toca na noiva, e vai lutar novamente daqui a duas semanas. "Não vou agüentar, Louie, não vou agüentar." Pior de tudo, ele tem medo que Bonnie, a doce Bonnie, vá buscar consolo natural nos braços de um outro. Resumindo: "Nem me fale dessas mulheres. Eu poderia te dar uma lista de boxeadores que foram enterrados pra sempre pelas mulheres, uma lista tão longa que ia cortar o teu coração."(3)

(3) Declaração de Paddy Flood, treinador de Sugar Ray Leonard entre os amadores.[8]

Vinte e nove de janeiro, começo meu primeiro mês de treinamento intensivo com três frustrantes *rounds* com Ashante como *sparring*. Não consigo encontrar meu ritmo, nem conter seus ataques. Meus golpes são desajeitados, desordenados, precipitados, e Ashante não tem a menor dificuldade de atravessar minha guarda para me encher o tronco de ganchos curtos. Ele contra-ataca com um tape-tape-tape e me atinge a garganta com uma combinação em pleno rosto: pum-pum! A cabeça voa para trás. Termino um tanto zonzo, semigrogue nos vestiários e deixo o *gym* exaurido física e mentalmente. Digo a mim mesmo que nunca serei um boxeador, é melhor largar tudo agora mesmo.

Cinco de fevereiro: uma hora de corrida com o cachorro, hoje de manhã, sob uma fina chuva fria. É uma verdadeira tortura esse *roadwork*, mas sinto-me mais resistente. Meu corpo habitua-se, pouco a pouco, com esse regime draconiano. Perdi quatro quilos desde o Natal, metade do caminho já está percorrida. Os conselhos e as broncas de DeeDee fazem-se mais vivos e mais consistentes à medida que se aproxima a data fatídica – o que é um bom sinal. Estou furioso com Aaron, que tentou arrancar minha cabeça durante três *rounds*. Suas direitas na parte de baixo do crânio fizeram-me ver estrelas. Consegui mandar-lhe uma esquerda na têmpora, mas sem conseqüências. É preciso que eu seja mais esperto durante a luta com *sparring*, ou então não vou conseguir chegar lá. Debaixo do chuveiro, Ashante acalma-me e avisa-me de que vou entrar em pânico logo no começo: "No teu primeiro combate, você tem dois adversários: o cara que está na tua frente e o público. Às vezes, você fica tão impressionado que nem sabe o que fazer. Foi assim que perdi minhas duas primeiras lutas como amador. Eu estava tão deprimido depois que queria largar tudo."

Dia D menos dez. A academia está cheia e fervilha como uma colméia. O ringue não esvazia durante duas horas. Faz-se fila para vestir as luvas. Os profissionais, "*Machine Gun*" Ashante, Lorenzo "*The Stallion*" Smith, o velho Smithie, Big Earl e mesmo "*Rockin'*" Rodney Wilson vieram expressamente para fazer trabalhar os candidatos às Golden Gloves. A tensão aumenta a cada dia. "*Boxhead*" John ficou descontente; pode-se dizer que ele é um Marvin Hagler em miniatura, com sua cabeça raspada e seu famoso olhar. Faz dez anos que ele espera esse encontro, depois

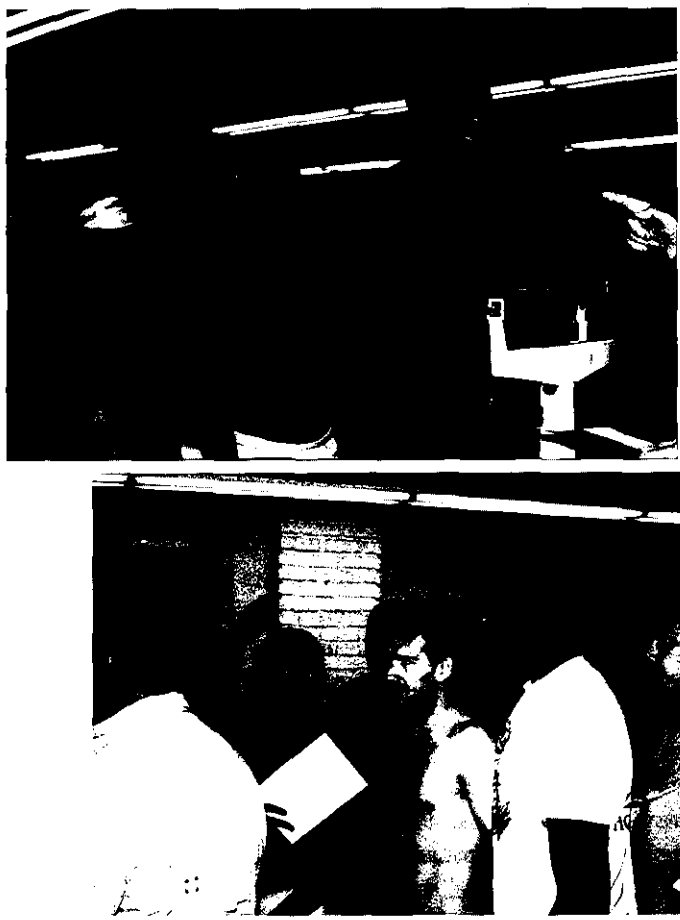
que deixou o seu Alabama natal e calçou suas primeiras luvas no Exército. "*Mighty*" Mark Chears empapa sob o capuz, cheio de concentração, Rico luta como um velho soldado no saco de *uppercut*. Há uma semana não se vê Fred, mau sinal. Certamente está treinando com seus companheiros da gangue dos Discípulos, em alguma parte na avenida 73. DeeDee pesa, com vagar, os emparelhamentos ótimos para o *sparring*. Primeiro, chama Rico, sonda Anthony, acalma Cliff, mede as diferentes combinações possíveis, antes de formar os pares mais harmoniosos. Eu "luto" quatro *rounds* no ringue, dois com Reese e dois com Ashante, vigorosos, pugnazes. Meus golpes saem certos, consigo melhorar a defesa. Completo a sessão com três *rounds* no saco de bater, três na *jab-bag*, três pulando corda e uma série mortal de abdominais. Com o corpo dolorido, tomo uma ducha em companhia de Smithie: "Na véspera da tua luta, não fique de pé, permaneça o máximo possível na cama ou alongado num sofá, para não cansar as pernas. Fique preguiçoso e relaxe. Isso é superimportante: agora você está cheio de energia, é preciso conservá-la até a luta. Não desperdice energia."

Dia D menos um. Tempestade no céu do *gym*. "Você ainda não ouviu a novidade, Louie?", interpela-me O'Bannon, o carteiro bonachão que nos acompanha à pesagem em seu microônibus. Que novidade? Tyson deixou-se esmurrar por "Buster" Douglas! O quê? "*Iron*" Mike Tyson, o invencível, esse Tyson que parecia tão pouco humano de tanto que aterrorizava os adversários antes mesmo que eles subissem ao ringue, esse cara, na lona, acabado, liqüidado? Mesmo os que assistiram ao combate, ontem, bem tarde, por uma cadeia paga, custavam a acreditar. No entanto, não houve nada de misterioso: "*Tyson got his ass whipped*. Isso vai dar uma boa lição nele: você não brinca com a ciência do boxe. Você viu a gordura que ele tem nas costas? Não estava preparado, não treinou com seriedade, freqüentava prostíbulos." Anthony aperta, com deleite, a minha mão com um desses *soul shakes* dos quais ele tem o segredo: "*Alright*, Louie vai lutar amanhã à noite!" Pode-se pensar que ele espera o meu combate com mais impaciência que os dele próprio. Alguns minutos mais tarde, Nelson Mandela emerge de 23 anos de cativeiro para todas as telas de televisão do mundo. Ereto, soberbo, explodindo de dignidade. O negativo de

Don King, que gesticula e espuma de Tóquio, tentando convencer uma imprensa incrédula de que Tyson, humilhado até a raiz dos cabelos, foi vítima de um erro de arbitragem.

A pesagem, em um ginásio do North Side, tem alguma coisa de irreal e cômico. A cena apresenta toda uma combinação de circo, de museu de anatomia e de matadouro: essa carne humana, imprensada em camadas moventes em um subsolo sem abertura para fora, tem algo que faz temer e rir ao mesmo tempo. Todos os tamanhos, todas as cores, todas as formas, todos os gabaritos estão representados. Há baixinhos massudos que só usam os óculos escuros e o calção, lançando olhares coléricos a seus adversários potenciais. Um porto-riquenho engordurado, com uma cara de leitão rodeada por longas suíças e cabelos oleosos, balança de um lado para o outro completamente nu, com seu minúsculo sexo ao ar livre, para grande prazer de seus companheiros, que explodem de rir, espremidos contra a parede. Um grande peso pesado da cor de ébano exercita seus músculos, impávido, enquanto espera para subir na balança de metal. Dois superligeiros da cor de café com leite conversam ao meu lado, com um jeito de contadores desgarrados, enquanto um branco com a barriga flácida exibe um enorme calção dentro do qual parece estar escondido um gordo esquadro. Rico, James e Mark já se pesaram e vestiram. Agora, estou na balança. Cento e trinta e sete libras. Foto. De volta, no carro, contam-me que os pais de Rico e de Reese passam tanta necessidade que, por vezes, não têm o que comer em casa. DeeDee inquieta-se para saber se Rico vai poder lutar de barriga vazia. Tenho vergonha de estar entre eles, de querer boxear por curiosidade instruída e por espírito de jogo.

É no domingo, depois do almoço, que fico cada vez mais nervoso, pensando na luta. Subitamente, sinto-me fraco; uma dor de barriga vaga me enlouquece. Aborreço Liz perguntando-lhe a todo instante que horas são. Tenho a impressão de que peguei um resfriado: dor no pescoço, nariz escorrendo, boca pastosa, estou mole e sem forças. Tomo um longo banho quente e tento acalmar-me atacando os chocolates recheados com menta, biscoitos Peperrideg Farm e um sorvete. Isso só faz agravar meu mal-estar, porque sei muito bem que tudo isso é péssimo para meu organismo. A glote parece dar um nó, uma angústia difusa invade-me.



Entre o circo, o museu de anatomia e o matadouro: Big James sobe na balança, seguido por Rico; "Busy Louie" faz fila para se pesar.

Acordo, no dia seguinte, às onze horas. Dormi como um leitão e mal posso crer que vou subir ao ringue hoje à noite. Eu? Esforço-me para engolir um peito de peru e uma laranja, cerca das quatro horas. Sinto-me, ao mesmo tempo, calmo e tenso, e regurgito energia. Encontro na academia para ir em grupo ao Saint Andrew's Gym. Cada qual me acolhe com uma palavra de encorajamento. Sóbria e sem brincadeiras. Estranhamente, longe de ficar arrasado e intimidado, a idéia de ser um dos portadores das esperanças do Boys Club acalma-me. "*Hey, Louie*, o Bombardeiro Francês,[4] você vai ganhar esta noite!" DeeDee não brinca com nada, como sempre. "Você está pronto, Louie, você tem tudo? Bandagens, coquilha, protetor bucal?" Ele remexe o fundo da sacola e retira uma pequena garrafinha amarronzada, antes de pegar dois cotonetes de uma bolsinha de couro. Com gestos de cirurgião, molha delicadamente um dos cotonetes no frasco e estende-o para mim: "Enfia isso nas narinas, bem fundo, e pincele toda a volta." O cheiro é forte, mas nada desagradável. A adrenalina refresca minhas cavidades nasais; essa pasta vai impedir que meu nariz sangre muito. Ao sair, recebo ainda os últimos encorajamentos, os de Alphonso, que termina de se vestir diante do armário, com gestos de carniceiro: "Você vai dar uma desenferrujada em alguém esta noite, *man*." Ou, então, levar uma desenferrujada.

Há muita gente circulando, por causa da tempestade de neve que caiu sobre a cidade, e levamos cerca de uma hora para chegar ao Saint Andrew's Gym. A onda de medo sobe à medida que chegamos perto. Uns acalmam os outros como podem, rindo ou exagerando o medo. Mas, uma vez chegados ao cruzamento de Addison com Paulina, começa o refluxo, e pinta uma irreprimível vontade de lutar. Entramos no grande *hall*. Quatro dólares a entrada, um dólar o cachorro-quente e o copo de cerveja. O vendedor de camisetas e flâmulas com a efígie de Tyson lamenta-se por trás da bancada: o valor de seu estoque afundou-se, depois da derrota de seu ídolo em Tóquio. O público familiar e bem-comportado (oitocentas pessoas, talvez, contando os pugilistas e sua *entourage* sempre numerosa, relativamente poucos negros, uma pletora de hispanófonos, mexicanos e porto-riquenhos, brancos com o ar miserável) veio para se distrair ou para ver um bom boxe. Porque os combates são vistos de modo diferente, segundo a divisão: os boxeadores "noviços", pela comédia, seus confrades da categoria "*open*", pela técnica e pelo "coração". E quando surge um "animal", ri-se às gargalhadas. Os profissionais são os mais

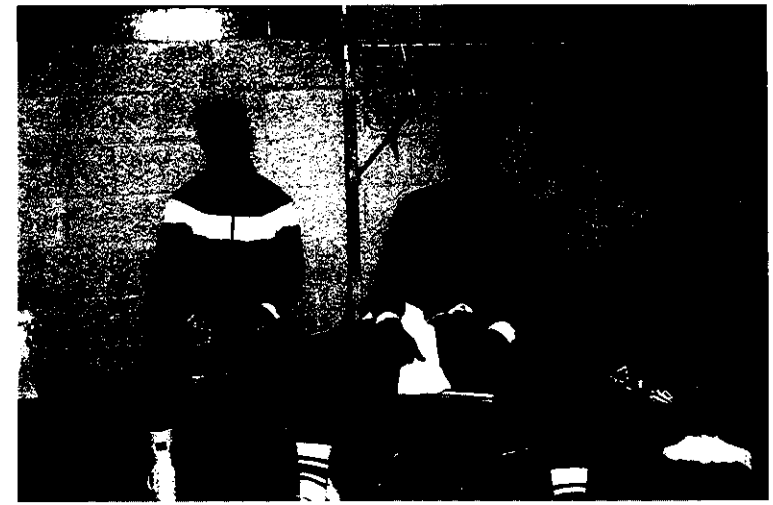
(4) Referência ao apelido de Joe Louis, nos anos 1930-1940, "O Bombardeiro de Ébano" [*The Brown Bomber*].

difíceis de se satisfazer. Dois combatentes medíocres assumem poses afetadas, e logo Ashante chama-os à fala, com sua voz grossa: "Vamos nessa, babacas! Vamos mexer aí em cima do ringue!"

Verificação da licença, simulacro de exame médico, chamamento à mesa dos oficiantes para receber um par de luvas novas, tudo acontece muito rapidamente, e não tenho o menor tempo de ficar preocupado. Vou lutar em oitavo lugar, depois de Fred e Chears e antes de Big James. Na sala nua que serve de vestiário improvisado, os boxeadores trocam de roupa em silêncio, exibindo uma máscara de ansiedade no rosto que eles tentam, por vezes, dissimular sob um fino verniz de bravura e de falsa segurança. Meto minha coquilha dura debaixo da bermuda preta, as longas meias vermelhas e as botinhas brancas e o casaco azul do "Ringside", que Ashante me deu. Smithie se oferece para bandar minhas mãos com os *handwraps* azuis com velcro que DeeDee entregou a ele. Ele executa os gestos com uma precisão de enfermeira maternal, assegurando-se, a cada passada, que o tecido está bem esticado, nem muito apertado, nem muito frouxo. Passa várias camadas sobre a aresta do pulso e envolve cada dedo separadamente. "Agora fecha a mão, está bom?"



O exame médico "de minuto".



A espera angustiada e angustiante nos vestiários.

Já está na vez de Fred. Curtis "levanta o astral" dele de uma vez por todas, antes da subida ao ringue: "*Don't forget you're from Woodlawn, nigger*!" Fred está assustadoramente nervoso, mas sobe, atabalhoado, na cola do adversário, um jovem mexicano atarracado, que ele castiga durante dois *rounds* como um selvagem. No terceiro *round*, ele parte velozmente com direitas e *uppercuts*, com o máximo de aproveitamento. Curtis está abraçado ao poste do ringue, de onde berra loucamente: "*Come on, fight, motherfucker, fight*!" Uma última enfiada de ganchos e diretos desordenados e Fred consegue uma vitória gritante. DeeDee e Eddie rejubilam-se discretamente, e todo o Woodlawn com eles.

Tive a péssima idéia de perguntar ao oficial que amarra minhas luvas se meu adversário está ali. "Cooper? Está, é aquele lá." Magro, ele é um grande negro com a musculatura felina. Deve ter bem um metro e oitenta e cinco, com longos braços moles como um cipó e pernas finas que saem retas de seu calção impecavelmente passado. Dois negros patibulares, cinqüentões atléticos, fazem massagem em seus ombros, murmurando em seus ouvidos sei lá que estratagema dissimulado. Logo digo a mim mesmo: "Merda, esse cara sabe boxear! As sapatilhas! As sapatilhas! Elas custam pelo menos 60 dólares, ele não teria essas sapatilhas se

não soubesse boxear pra valer. *Shit*, vou levar uma surra!" Mas recomponho-me em seguida, pensando nas horas de treino com *sparring* no *gym*: esse camarada não é mesmo melhor que o Ashante ou o Lorenzo, não? Aqueço-me fazendo *shadow* no fundo do ginásio, sob uma imensa bandeira estrelada, sempre rodeado de gente. Eddie fala para eu relaxar bem, Ashante e Smithie ficam perto de mim, soprando-me alguns conselhos. Estou com uma pressa danada de subir ao ringue para o momento tão esperado e tão temido durante todas essas semanas. Não decepcione!

A partir daí, tudo acelera-se e funde-se em minha memória. Só recordo-me de fragmentos que são difíceis de reunir. Estou muito concentrado, muito tenso. Eddie molha meu *mouthpiece* com o líquido de uma garrafinha e mete-o em minha boca, antes de esguichar água fria no fundo de minha garganta, que está terrivelmente ressecada. Terminou, agora é comigo, dessa vez é para valer! Babei tanto naquele maldito *gym* que só tenho uma vontade: lutar. Tropeço com DeeDee ao pé do ringue. Ele envolve-me com um olhar paternal, severo, mas cheio de afeição; nenhuma palavra escapa entre seus lábios apertados em um sorrizinho impassível. Com meu punho enluvado, bato no punho fechado que ele estende para mim, para cima e para baixo. Meu coração está tremendamente quente. Subo rapidamente a escada, enquanto Eddie dobra seu tórax roliço para separar as cordas, à minha passagem.

Os projetores suspensos sobre o ringue são cegantes. A voz do locutor, John Bollino, um oficial do Exército norte-americano aposentado, recita a identidade dos combatentes, com trêmulos dramáticos: "Busy Louie" contra Larry Cooper. Fico alucinado ao ouvir meu nome seguido por uma explosão de aplausos que avançam em minha direção, partindo das grades contra as quais se apertam meus colegas do *gym*. Saltito nervosamente, soprando o ar, com o olhar fixo sobre o córner oposto, onde meu inimigo de uma noite agita seus membros filiformes e gira os dois pulsos no ar. "Ao trabalho, Louie!" E eis-me *sozinho no ringue*. Passa, na minha cabeça, um filme dessas longas semanas de espera, de trabalho árduo para chegar até aqui. Talvez seja por inconsciência, mas o fato é que não estou sentindo o menor medo. Estou decidido e raivoso. Cus D'Amato, o legendário treinador e "inventor"



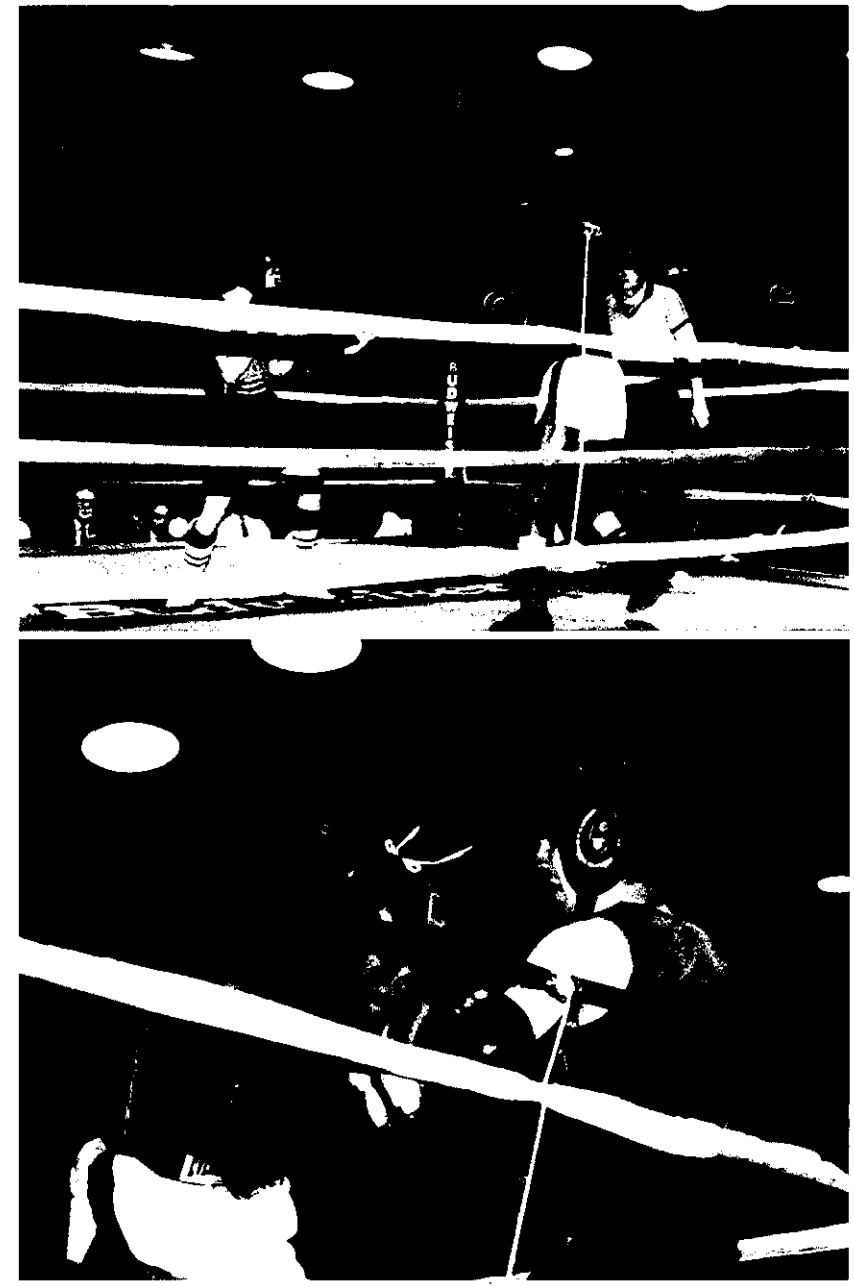
"Busy Louie" saudado por DeeDee e encorajado por Ashante e Le Doc, no momento de subir ao ringue.

de Mike Tyson, dizia que "o boxe é um esporte de *self-control*. Você tem de conhecer o medo para dominá-lo. O medo é feito o fogo. Você pode usá-lo a seu serviço."[9] O *referee*, um mexicano barrigudo com uma cabeleira vigorosamente emplastrada, chama-me para o centro do ringue, para as últimas instruções.

O gongo que marca o início do assalto bate. Avanço resolutamente para Cooper, que estende para mim os dois punhos juntos, os quais toco com as luvas, antes de atirar-me sobre ele. Jabe, jabe, jabe, direita. Cooper tem a vantagem da altura e responde-me com vivacidade, batendo. Levo um direto no meio da cara, o que não me impede de contra-atacar, "bombeando" meu jabe. Os gritos da platéia misturam-se com a tempestade de golpes lançados e recebidos, em uma rapsódia louca. Com as luvas de competição, mais leves e menos acolchoadas, os punhos fendem o ar e os golpes são mais fortes. São claramente mais fortes! E esse puto do Cooper bate duro. "Mãos no ar, mãos no ar, Louie, mãos para cima!", esgoela-se Smithie. Disparo uma bateria de diretos bem encadeados. Cooper prontamente recua e evita meu gancho de esquerda, antes de me atingir com uma marretada no meio do nariz que faz com que eu me sinta liqüefeito. Logo que nos aproximamos, ele fecha meus punhos com esses tentáculos que usa

como braços, frustrando minhas veleidades de trabalho no corpo. Ataco novamente com um jabe no tórax e, de repente, BUM! Está tudo girando, o ringue aderna, as luzes do teto ofuscam-me e... quando volto a mim, estou de bunda no chão. Tenho a impressão de que levei uma granada no meio da cara! Não vi nada acontecer. De pé, em um segundo. O árbitro pega meus punhos, que ele enxuga com seu suéter cinzento, e faz-me recuar para o córner neutro. Ele irrita-me, atirando-se sobre mim com sua grande boca mole que conta, com um inglês cantante: "Três, quatro, cinco..." Merda, ele continua contando, e eu já estou de pé, fui posto em *knock-down*. Estou terrivelmente envergonhado. "Está bem, está bem, estou *okay*, isso não foi nada!" Com o canto do olho, vigio Cooper, que está soprando no seu córner. Jogo-me de novo sobre ele, jabe contra jabe, e, por várias vezes, tento vencer sua guarda. Ele pendura-se em mim, maltrata minhas costas. Respondo com uma bela direita no plexo. "*Break*!" depois "Box!" Troca de jabes e de diretos. "Dingue!" O gongo interrompe nossos movimentos. Fartos aplausos.

Volto para meu córner, onde Eddie já colocou o banquinho. O mais assustador de tudo isso é que... não estou nem um pouco assustado! Estou com uma pinta de veterano dos ringues quando Eddie retira o protetor bucal avermelhado e lava-o em um instante. "Como é que você está?" "Bem." Nem ao menos perdi o fôlego. Distingo a cabeça de DeeDee à minha esquerda, na extremidade do ringue, com seus óculos grossos e sua boina preta enfiada na cabeça, falando-me com uma voz doce: "Você está muito longe, precisa dar dois passos pra frente. Bloqueia a direita e chega mais pra perto. Fecha bem o punho e não fica crispado, você está se virando bem." Gargarejo, antes de cuspir a água no balde de Budweiser que está entre as minhas pernas. Toca o gongo de advertência, os auxiliares de córner descem do ringue. Cooper está de novo na minha frente. "Dingue!" Segundo *round*. Retomamos nossas manobras, mais rápidas e mais fortes. Nada de tempo para pensar. Meu rosto tumefacto lateja e está molhado de suor. Boxeio "instintivamente" e acentuando a pressão, como em um filme acelerado, em que todas as sensações fossem exageradas. Os punhos de Cooper parecem ser de aço temperado quando me tocam. Tento vários ganchos de esquerda em seguida ao jabe,



"Busy Louie" *vs.* Larry Cooper.

sem muito sucesso: meus golpes fendem o ar, porque o alvo prontamente dera um passo atrás. Mas mantenho a ofensiva e mando três esquerdas que acertam o alvo. "Manda o primeiro! Não espera! Combinação!" Lembro-me, com clareza, de uma ampla esquerda no tórax que me corta a respiração quando eu estava saindo de um clinche. Então, deslizo ao longo das cordas, dançando, para recuperar o fôlego e evitar os diretos de Cooper. "Dingue!" Fim do segundo assalto, volta ao córner. Mesma manobra no banquinho, onde, desta vez, tento recompor minha respiração. Eddie puxa o elástico do meu calção, para desapertar meu ventre. "Respire fundo, mais uma vez, vamos, Louie, vá ganhar ele pra nós!"

É a reta de chegada: atiro-me sobre Cooper e ataco sem refresco. Levo muitos golpes, mas também mando meu bocado, e os gritos superexcitados da minha torcida aumentam essa excitação. Estamos os dois cansados, três minutos no ringue são uma eternidade! Jabe, jabe, direita, jabe duplo, estou bem "*busy*"– pelo menos terei feito por merecer meu nome de guerra! Quando Eddie urra "Trinta segundos!", estou batendo tantas vezes quantas meus punhos permitem. Cooper, surpreso, tenta manter a distância, esticando o braço esquerdo com a mão aberta como uma forquilha. Bruscamente revigorado, consigo, afinal, vencer a guarda dele e mando-o de costas às cordas, bem perto do meu córner. Jabe, ganchos com as duas mãos, no corpo e na cabeça, "*over and under*". Gol! Está correndo tudo bem. Woodlawn ulula de felicidade. Cooper tenta empurrar-me e depois refugia-se atrás das luvas. Bato o mais depressa possível: fazer pontos, depressa, fazer pontos! Quero mandá-lo a nocaute. Ele debate-se, pendura-se em mim e, por sua vez, bate-me no corpo. Eddie e Ashante quase pulam sobre o ringue, em delírio: "Com as duas mãos, com as duas mãos! Por baixo, mais uma vez, por baixo." Estou com falta de ar e desvio de um jabe raivoso, antes de cair de novo sobre o Cooper com uma direita que ele bloqueia com as luvas. "Dingue!" Fim do terceiro *round* e da luta. Li-qüi-da-do. Abraçamo-nos rapidamente, tronco contra tronco, e batemos os punhos, antes de voltarmos para os respectivos córneres.

Eddie aperta-me febrilmente os ombros e retira meu capacete com gestos excitados: "*You fought a helluva fight, Louie, a helluva fight*!" DeeDee está todo sorrisos, Ashante e Smithie proclamam a minha vitória. OOOba! Estou vazio, incrédulo, orgulhoso, arrasado, assustado, aliviado, feliz, é isso aí. Mil emoções agitam-se em mim. Terminei inteiro, o que não é tão mau assim – esse maldito Cooper batia como uma britadeira (mais tarde, eu iria saber que ele já contava com nove vitórias por uma única derrota). Tudo foi tão rápido, tão rápido. Estou, sobretudo, gratificado por ter honrado o *gym*, cuja reputação é tão invejada pelos outros clubes. O árbitro chama-me para o centro do ringue. Bollino lê o veredicto dos juízes, com sua voz cavernosa: "E nosso vencedor, por pontos, no córner vermelho, de Bessemer Park, Larry Coooopeeer! Larry Cooper..." As vaias do público abafam o anúncio, os assobios aumentam. "Uuuuu! Uuuu! *Bullshit*!" Smithie e Eddie vociferam para os juízes. Cumprimento Cooper, que está radiante de satisfação: "Boa luta, cara, boa luta, boa sorte da próxima vez." O árbitro faz sinal para que eu desça do ringue. Um oficial rapidamente desamarra minhas luvas e estende-me meu *passbook*, que traz a menção recém-escrita: "Derrota: Cooper, por decisão". Estou com uma enorme vontade de rir de tudo isso. Liz, Eddie,



O Woodlawn Boys Club vitorioso: Big James e "*Mighty*" Mark exibem orgulhosos suas copas, rodeados por Eddie e DeeDee.

Olivier, Ivan, Rico, Ashante, Aaron, Reese, Mark, o velho Scottie e seu hálito de vinho apertam-se à minha volta: "*Man*, você ganhou esse combate, esses babacas roubaram!" DeeDee está com uma calma olímpica: "Pra mim, você levou esse combate e com justiça, com essa saraivada do último *round*. Eles 'contaram você em pé', o cara não se defendia." (Acho que ele está mesmo é aliviado de que eu não tenha me machucado; Ashante iria me contar que ele hesitara até o último instante em deixar-me subir ao ringue: "Não quero que o Louie se mate.") Liz abraça-me, perdida de emoção: "Lo, Lo! Você lutou feito um leão, eu não estava acreditando no que eu estava vendo." Nem eu! Estou espantado como tudo aconteceu tão rápido. Olivier e Eddie insistem para que eu ponha gelo sobre o olho e o nariz, que incham de maneira inquietante. Liz vai colocar gelo em um saco, no bar. DeeDee finalmente desabafa: "*Boxing is never fun.* Subir ao ringue não é pra se divertir. É depois do combate que a gente se diverte."

No dia seguinte ao do combate, despertar doloroso. Dormi como um justo e não me lembro de mais nada da luta. Será que sonhei? Sinto-me doente, fisicamente esvaziado, como um limão espremido do qual só resta a casca amarelada e murcha. O espelho devolve-me a imagem de uma face tremendamente inchada. Meu olho esquerdo, parcialmente fechado pelo direto que me levou à lona no primeiro *round*, está ficando ocre e arroxeado. Nada bonito de se ver. A ponta rosada do meu nariz dobrou de volume: apalpo-a delicadamente para ter certeza de que não o quebrei de novo. Um corte rodeia o supercílio esquerdo. O lábio inferior também está inchado, roxo e com uma equimose na comissura, sempre do lado esquerdo. E sinto dificuldade de respirar fundo, por causa das costelas, que estão moídas. Não, não há dúvidas, eu não sonhei.

Mas todos esses males evaporam, na minha volta triunfal ao *gym*. Pareço um soldado que retorna à caserna depois de ter estado no *front*, pelo modo como sou brindado com apertos de mãos, sorrisos, piscadelas, tapas nas costas, cumprimentos e comentários indignados sobre a arbitragem. "Você foi muito gatunado, Louie!" Surpreendi todo mundo no ginásio – a começar por mim. De agora em diante, sou definitivamente um deles: "*Yep, Louie's soul brother.*" Ashante pergunta-me, com vivacidade, sobre minha próxima luta, quando DeeDee corta o barato: "Não vai ter próxima vez. Você teve a sua luta. Agora, você já tem material demais pra escrever esse maldito livro. Você não tem a menor necessidade de subir ao ringue, é isso aí."

Notas

1. Joyce Carol Oates. *On boxing*. Garden City: Doubleday, 1987; trad. franc. *De la boxe*. Paris: Stock, 1988.
2. Por exemplo, Pete Hammil. *Boxers*. Nova York: Bantam, 1977.
3. Esse trabalho de fabricação corporal do *habitus* pugilístico é destrinchado em Loïc Wacquant. "Pugs at work: bodily capital and bodily labor among professional boxers, *Body and Society*, v. 1, n. 1, março de 1995, p. 65-95.
4. Loïc Wacquant. "Protection, discipline et honneur: une salle de boxe dans le ghetto américain". *Sociologie et Societé*, v. 27, n. 1, primavera de 1995, p. 75-89.
5. Leonard Gardner. *Fat city*. Nova York: Vintage, 1969.
6. Jean-François Laé. "Chausser les gants pour s'en sortir". *Les Temps Modernes*, n. 521, dezembro de 1989, p. 129.
7. Loïc Wacquant. "Sacrifice". In Gerald Early (org.). *Body language: Graywolf Forum Two*. Saint Paul: Minnesota: Graywolf Press, 1998, p. 47-59.
8. Paddy Flood, citado por Sam Toperoff. *Sugar Ray Leonard and other noble warriors*. Nova York: McGraw-Hill, 1987, p. 32.
9. Citado por José Torres. *Fire and fear: the inside story of Mike Tyson*. Nova York: Warner Communication Books, 1989, p. 60.



"One of DeeDee boys".

Esta obra foi impressa pela gráfica Imprinta.
Primeira quinzena de junho de 2002.



"*Corpo e alma* é uma jóia, destinado a ser um clássico estudado muitas e muitas vezes, um modelo a ser seguido desafiando a habilidade, a imaginação e, verdadeiramente, a humanidade desses seguidores. Um feito impossível de ser igualado. Um poema em prosa, um trabalho de amor e sabedoria embrulhados no mesmo pacote. Assim é que a etnografia deveria ser escrita, se os etnógrafos fossem capazes de escrever dessa forma." **ZYGMUNT BAUMAN**



"Uma verdadeiramente excepcional, até mesmo histórica, obra de pesquisa. Brilhantemente concebido, maravilhosamente escrito, pessoalmente apaixonado e, em muitos níveis, um livro inspirador da teoria sociológica, política social e metodologia etnográfica." **JACK KATZ** (UCLA), autor de *Seductions of Crime* e *How Emotions Work*

"Eis um livro científico que pode ser lido como um romance." **LIVRES HEBDO**

ISBN 85-7316-281-3
9 788573 162813

